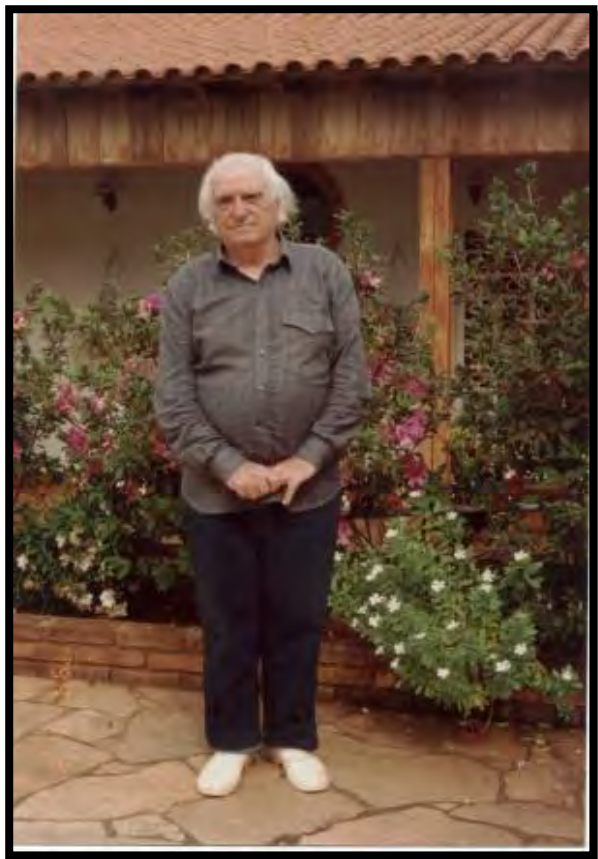


Vidas de OSVALDO POLIDORO

Entregador e Restaurador das Verdades
Divinas neste planeta



“Somos o que somos e provamos sendo”.

“Bendita a boca que conduz um irmão ao
caminho divino”.

“Quem não sabe, aprende,
Quem sabe, aperfeiçoa”.

“A maior das virtudes é a gratidão. O
pior dos defeitos é a ingratidão”.

“Não existe Misericórdia Divina, mas
sim, Justiça Divina”.

“Deus não tenta, TESTA”.

“A encarnação é o banco escolar do
espírito”.

“De Deus eu quero tudo e quero ter
forças para usar tudo o que recebo de
Deus, bem”.

Frases que o nosso Grande Irmão costumava dizer e
ainda diz em comunicações.



COMPILAÇÃO DE DADOS BIOGRÁFICOS DE VÁRIOS TIPOS DE FONTES: INTERNET, BIBLIOTECAS.

Revisado em 2013

AS VIDAS DO ENTREGADOR E RESTAURADOR DAS VERDADES DIVINAS

OSVALDO POLIDORO

YAMA (YIMA ou YIMIR)
MANU
KRISHNA
VEDA VYASA
ENOQUE
RAMA
HERMES TRISMEGISTROS
ZOROASTRO
ORFEU
MOISÉS
ELIAS
EZEQUIEL
LAO-TSÉ
PITÁGORAS
PLATÃO
APOLÔNIO DE TIANA
KARDEC, o CHEFE DRUIDA
JOÃO BATISTA
FRANCISCO DE ASSIS
JOÃO HUSS
JOSÉ DE ANCHIETA
VOLTAIRE
ALLAN KARDEC
OSVALDO POLIDORO

"Nenhum dos Grandes Reveladores, ou Precursores do Cristo, deixou de ensinar a LEI FUNDAMENTAL DE UNIDADE; não estamos falando em monoteísmo e sim na VERDADE UNITÁRIA. Não basta ser Monoteísta; é preciso saber que somos emanções da UNIDADE, que na UNIDADE nos movimentamos, evoluímos e viremos a ser plenamente conscientes."

(livro *Confissões de um Corruptor*, escrito por OSVALDO POLIDORO)

-o0o-

Meus irmãos divinistas,

Fiz esta compilação de textos sobre as vidas de nosso Pai Divino, que nesta última vida teve o nome de Oswaldo Polidoro, a fim de que todos nós pudéssemos saber um pouquinho dos fatos acontecidos durante os passos que ele deu na carne, quando esteve entre nós cumprindo sua missão de Entregador das Verdades Divinas Fundamentais.

Encontrei muita dificuldade em compilar as biografias, porque tudo o que existe disponível traz muita diferença de um texto para outro (principalmente quanto às datas), ou mesmo dá para dizer que em certos casos não há mais nada, porque passou muito tempo...

Compartilho com vocês este apanhado que fiz, mas gostaria de deixar claro que são cópias de muitas fontes, muitos autores, - eles relativos, eu também. Minha intenção é que, sabendo um pouquinho, sintam vontade de ir mais a fundo, buscando mais informação.

Não posso deixar de convidá-los a que busquem a essência de tudo e percebam que há um eixo central na razão de ser de cada vida por ele vivida. Mais ainda, quem o conheceu de perto perceberá traços da personalidade que não mudaram e foram característicos de suas várias personalidades.

Mara D. S. Castro

YAMA (YIMA ou YIMIR)

Dharmapala Tibetano, Museu de Campo, Chicago

Yama é o senhor hindu da morte, cujo primeiro registro está nos **Vedas**. Ele é um dos seres mitológicos mais antigos do mundo, e formas paralelas de um tipo ou outro foram encontradas por toda a Eurásia. Ele é conhecido como **Yima pelos seguidores de Zoroastro**, e é considerado **cognato a Ymir, da lenda escandinava**. Ele também parece compartilhar as mesmas raízes mitológicas com **Abel**, e é conhecido como **Enma**, numa lenda japonesa.

Os espíritos dos mortos, ao serem julgados por Yama, tanto podem por alegrias numa região entre a terra e o céu dos deuses, quanto buscarem suas punições em Naraka, o mundo inferior situado em algum lugar na região mais ao sul. Depois deste tempo, voltam a Terra para animar novos corpos.

Considerava-se que Yama tenha sido o primeiro mortal que, na mitologia Védica, morreu e espiou o caminho para os domicílios celestiais e, em virtude desta precedência, ele se tornou o governador dos mortos. Em algumas passagens, porém, ele é considerado já como o deus da morte.

Características de Yama

Ele é um Lokapala e um Aditya. Na arte, é descrito como tendo a pele verde ou vermelha, roupas vermelhas, e montando um búfalo. Ele segura uma volta de corda na sua mão esquerda, com a qual puxa a alma do corpo. Ele é o filho de Surya (Sol) e irmão gêmeo de Yami, tradicionalmente o primeiro par humano na mitologia hindu. Depois, ele foi divinizado e adorado como filho de Vivasvat e Saranya. Ele é um do Ashta-Dikpalas e representa o sul. Ele se reporta ao Deus Shiva, o Destruidor, um aspecto de Trimurti (o triunvirato de deuses do Hinduísmo). Três hinos (10, 14, e 35) no Rig Veda -Livro 10- são endereçados a ele.

Ele é pai de Yudhisthira, o irmão mais velho dos Pandavas, e se diz que encarnou como Vidura, em alguma época do período do Mahabharata.

No Hinduísmo, Yama é também o senhor da Justiça. Ele às vezes é chamado Dharma, em referência à sua dedicação firme em manter a ordem e organizar a harmonia. Diz-se que ele também é um dos mais sábios dos devas. No Katha Upanishad, entre os Upanishads mais famosos, Yama é retratado como um professor.

No Budismo, a mandala Roda da Vida é descrita frequentemente como estando entre as mandíbulas de Yama.

Yama foi venerado no Tibet como guardião da prática espiritual.

Subordinação a Shiva e Vishnu

Yama, embora regente, é ainda subordinado aos maiores regentes, Shiva e Vishnu.

Uma história da subordinação de Yama a Shiva é bem-ilustrada na história de Markandeya.

Yama é chamado Kala (" tempo "), enquanto Shiva é chamado Mahakala (" tempo maior ").

Outra história, encontrada no Bhagavata Purana, mostra a subordinação de Yama a Vishnu. O homem Ajamila cometera muitos males durante sua vida , como roubar, abandonar a sua esposa e crianças, e se casar com uma prostituta. No momento da sua morte, invocou o nome de Narayana involuntariamente (o nome sânscrito de Vishnu) e alcançou *moksha*, sendo salvo pelos mensageiros de Yama. Embora Ajamila estivesse pensando no nome do seu filho mais jovem, o nome de Narayana tem efeitos poderosos, e assim Ajamila foi libertado dos seus grandes pecados dele.

Yama como código de conduta

Num uso relatado, um yama é uma "restrição" ou regência para uma vivência virtuosa. São codificados dez yamas em numerosas escrituras, inclusive os upanishads Shandilya e Varuha, a Ioga de Hatha Pradipika por Gorakshanatha, e o Tirumantiram de Tirumalar. Patanjali enumera cinco yamas nas Sutas Iogues de Patanjali.

Os **dez yamas** tradicionais são:

Ahimsa: abstinência de cometer danos, ferir, não causar jamais dor a qualquer criatura viva, em pensamento, palavra, ou ação. Este é o "Yama principal". O outro nove existem em defesa de sua realização.

Satya: veracidade; palavras e pensamentos em conformidade com os fatos.

Asteya: não roubar, não cobiçar, não entrar em dívida.

Brahmacharya: conduta divina, continência, celibatário enquanto solteiro, fiel quando casado.

Kshama: paciência, libertar-se do tempo, viver no agora.

Dhriti: firmeza, superar a não perseverança, o medo, e a indecisão; cumprir cada tarefa até a conclusão.

Daya: compaixão; dominar sentimentos brutos, cruéis e insensíveis a todos os seres.

Arjava: honestidade, franqueza, renunciar à decepção e ao mal.

Mitahara: apetite moderado, não comendo nem muito nem pouco; nem consumindo carne, peixe, molusco, ave ou ovos.

Shaucha: pureza, evitar impurezas no corpo, na mente e na fala.

Nas Sutras Ioga de Patanjali, Yama é o primeiro membro dos oito membros da Raja Ioga. Eles são encontrados Sadhana Pada, Verso 30:

Ahimsa, Satya, Asteya, Brahmacharya, Aparigraha: abstenção da avareza, a não-apropriação de coisas que não lhe sejam próprias.

YMIR

Na mitologia **escandinava**, Ymir (também chamado Aurgelmir entre os gigantes) foi o fundador da raça de gigantes de congelção e uma figura importante na cosmologia escandinava. De acordo com Vafþrúðnismál e outros poemas, Ymir foi concebido em Ginnungagap quando o gelo de Niflheim se encontrou com o calor de Muspelheim e derreteu, libertando "ondas de eli" e gotas de eitr. As gotas de eitr se juntaram e formaram um gigante de gelo (um rímturs) entre os dois mundos e as faíscas de Muspelheim lhe deram vida. Gigantes vieram diante do corpo de Ymir enquanto ele dormia. Das axilas dele pularam um homem e uma mulher, enquanto dos pés esquerdo e direito saiu um filho de seis cabeças.

Ymir alimentou-se da vaca Audumla que, em troca, alimentava-se da neve branca e sal. As lamidas de gelo eventualmente formaram Buri, que gerou Bor, o pai de Odin, Vili e Ve.

Odin e os irmãos dele mataram Ymir. Só dois gigantes sobreviveram à inundação do sangue de Ymir: o neto de Ymir, Bergelmir (o filho de Thrudgelmir), e a esposa dele. Odin e os seus irmãos usaram o corpo de Ymir para criar Midgard, ao centro de Ginnungagap. A carne dele se tornou terra. Os ossos dele se tornaram montanhas. Os dentes dele e fragmentos de osso se tornaram pedras. Do cabelo dele, árvores e larvas de inseto cresceram da sua carne, dele veio a raça de dwarves. Os deuses fixaram o crânio de Ymir no céu, apoiado por quatro dwarves, e o cérebro dele se tornou nuvens. O sangue de Ymir encheu os lagos e mares.

O nome dele é cognato a Yama, do Hinduísmo. (Também veja: Purusha e Cipactli)

AVESTA: VENDIDAD (o inglês): Fargard 2. Yima (Jamshed) e o dilúvio. [Esta edição digital © 1995 é protegida por direitos autorais por Joseph H. o Peterson. - todos os direitos reservados.](#) Traduzido por James Darmesteter (De Livros Sagrados do Leste, Edição americana, 1898.) Compare este capítulo com a descrição antiga dada disto no Denkard, Dk Book 8, Capítulo 44. Também, compare esta tradução com a determinado em Malandra, Introdução para Religião Iraniana Antiga (pág. 178 ff.), e Boyce Fontes Textuais para o Estudo de Zoroastrianism (pp. 94 ff.)

Para uma comparação do documento anexo de Yima com o Indic/Sanskrit Yama como governador da subcrosta, veja Bruce Lincoln Death, Guerra, e Sacrificio (Chicago, Universidade de Imprensa de Chicago, 1991, pág., 28). Também veja Mary Boyce, História de Zoroastrianism I (Leiden, Brill, 1975 segunda impressão com correções, pp. 92 ff.) **História dos Antigos Árias** Tirado das escrituras Zoroastrianas. <http://members.ozemail.com.au>

YIMA

Local:

O Irã é o nome antigo de Persia, e é derivado da raiz "Arya" ou aryan, o ramo Indo-europeu que se instalou naquela terra. Os arianos do Irã antigo eram Mazdayasni Zarathushtris, ie. Adoradores de Ahura Mazda (o nome de Deus em Avestan) como foi revelado pelo profeta antigo Zarathushtra, milhares de anos antes de Cristo. Porém, todos os escritos dos antigos Zoroastrianos antigos falam de uma **pátria mais antiga donde viemos**, o Airyane Vaejahi "perdido" ou terra-mãe dos arianos. Desta pátria, os Indo-europeus ou arianos se mudaram para a Índia superior, Irã, Rússia e nações da Europa como a Grécia, Itália, Alemanha, França, Escandinávia, Inglaterra, Escócia e Irlanda.

Sânscrito, latim, avesta são todos idiomas irmãos, e hoje em dia o hindu superior, o persa e idiomas europeus são aparentados. *Baradar* em persa=*Brata* em Sanskrit = *Brother* em inglês. A "Pérsia" é de fato um termo europeu recente para a terra de "idioma Farsi", i.e. Irã. A fase árabe no Irã só começou 1300 anos atrás, e os que seguiam Zoroastro tiveram que escapar para a Índia, para preservar a religião.

Escrituras:

O "**Vendidad**" é uma das antigas escrituras dos Zoroastrianos, de fato chamava-se "Vi-daevo-dat" ou *lei para lutar contra mal*. No primeiro "Fargad" ou capítulo, a Idade Dourada dos arianos antigos é esboçada com o seu maior rei, "Yima Kshaeta" (Inhame Raj no Vedas hindu) que baniu a velhice e a morte. Então, a **idade de gelo** rompeu na antiga pátria e os arianos foram forçados a migrar para o sul, para o sudeste e o sudoeste.

Sr. Bal Gangadhar Tilak, um grande Brahmin (ariano hindu) estudante da Índia no último século, estudou os Vedas e o Vendidad para achar a pátria antiga dos arianos.

Os Vedas são escrituras escritas pelos indo-europeus ou arianos, depois que migraram para a Índia. Das descrições dos padrões do tempo mencionadas no Vedas, concluiu Tilak que a pátria antiga deve estar nas regiões do Ártico, i.e. na atual Rússia.

Os arianos migraram da pátria antiga para o Irã e de lá para a Índia e Grécia e Europa. Tilak também diz que as escrituras históricas mais antigas eram o Vendidad Iraniano que, de fato, descreve a pátria antiga dos arianos, o Rei ariano **Yima** Kshaeta que foi seu regente (**Yama** Raja, senhor do mundo inferior no Hinduísmo moderno) e o líder do inverno, enviado por Ahriman (o diabo) que causou a grande migração. Isto é o famoso primeiro "Fargad" do Vendidad que fascinou muitos estudantes europeus no último século.

O **Manava Dharma Shastra** é bastante distinto de numerosos outros textos de dharma ao prover uma mitologia de **origem cosmogônica** no começo do texto. Há vários conceitos cosmogônicos vistos nos textos Védicos juntamente no MDS. Um destes pode ser chamado *purusha*, mito da origem que parece ser muito primitivo, de interesse considerável neste contexto. O mito de origem de *purusha* é exposto claramente no suktam de *purusha* (RV 10.90), que em seu âmago consiste no ser primitivo - *purusha* dá origem à ordem social no plano da terra e ordem cósmica no plano universal. Esta visão é refletida notavelmente em MDS.31-32.

"Por causa do crescimento dos povos, ele fez o brâmane, o kshatriya, o vaishya e o shudra emergirem respectivamente da sua face, mãos, coxas e pés. Dividindo o seu corpo em metade masculina e metade feminina; assim gerou virAj."

No suktam de *purusha* falam-nos que *virAj* é o *purusha* primitivo (*virAjo adhi pUrushaH*). Assim o Manava Dharma Shastra reproduz diretamente a mitologia de *purusha*; expressa, além disso no RV, introduzindo o conceito do *virAj* que emerge de uma forma gêmea hermafrodita (*divdhA kR^itva*) formando o ser primitivo.

Isto nos dá uma conexão com Yima - a contraparte Iraniana de **Manu**. Yima é derivado da antiga palavra **yema*, significando o gêmeo como é atestado em palavras como Jemini (gêmeo, em grego – pela transformação comum de y->j). Até mesmo no R^igveda, há um hino inteiro onde **Yama** é colocado lado a lado o com YamI, seu gêmeo feminino (RV 10.10). Semelhantemente, na mitologia nórdica, contam-nos que o macho primeiro - o par feminino - "reino do gelo" (Niflheimr) e "reino do fogo" (Muspellheimr) deram origem à grandiosa figura primitiva **Ymir**. Ymir é derivado diretamente do **Yuminaz* proto-germânico e é equivalente a Yama ou Yima. O observador romano, Tacitus, no livro dele Germania (capítulo 2) descrevendo a mitologia dos alemães primitivos menciona que o gêmeo primitivo deu origem ao homem primitivo Mannus (equivalente de Manu). Mannus gerou, em troca, os progenitores dos 3 estratos da sociedade alemã antiga - o Ingaevones, Herminones e Istaevones, como os brâmanes, kshatriyas e vaishyas. Assim nós podemos concluir que o Manava Dharma Shastra traz material de um estrato muito antigo da existência.

Comparando a cosmogonia:

O Manava Dharma Shastra contém material cosmogônico adicional que também tem fortes paralelos na 10ª mandala do R^igveda, e são bem conhecidos só entre os Indo-arianos. O primeiro destes é o conceito da origem do universo de hiraNyagarbha (MDS-9).

Os arianos antigos acreditavam que o **mundo como fora criado por Ahura Mazda** era perfeito, sem mal. O primeiro homem Gayo Maretan não tinha nenhuma doença, nenhum mal, nenhuma fome ou sede. Só a criação boa de Deus existia, a saber, o Cachorro, Vaca e Touro, Cavalo, Galo, Pássaros, etc. Então Ahriman, o mau, atacou o mundo e fez o mal aparecer, doenças e males, e velhice, e os animais e o primeiro homem começaram a morrer. A noite começou a cair (antes o sol estava fixo à posição de meio-dia, assim não havia nenhum tempo).

A ninhada de animais maus apareceu, isto é: cobras, insetos, e a raça de gatos. Então, o mal na fé antiga é uma introdução externa, que um dia será purgado, quando o mundo terá sido lavado com a purificação de fogo – o que também é encontrado na antiga mitologia alemã. O Paraíso será estabelecido na terra, na forma do Reino de Ahura Mazda. A própria palavra "paradise" em inglês vem do Avestan "PairiDaize", significando o mesmo. Também, a palavra "garden" provavelmente vem do Avestan "Garod-man" significando a Casa de canções - o nome antigo do céu para os arianos.

Os Reis do Irã antigo ficavam muito orgulhosos de se chamarem arianos, as suas lápides de pedra realmente dizem assim. "Eu sou um ariano, o filho (Puthra) de um ariano". Este era um orgulho íntegro, porque a palavra o ariano tem seu peso e novamente nas escrituras antigas dos arianos - como o **Yashts** (orações aos elementos divinos) e o **Vendidad** (a lei contra mal).

Quando:

Sobre o lapso de tempo - hoje, muitos estudantes tendem a colocar Zarathushtra muito atrasado de seu tempo (ao redor 1500 AC).

Os historiadores gregos no tempo de Cyrus colocaram o primeiro profeta ao redor de **8000 a.C.**, o que parece ser mais possível que tempo o anterior. Porém, os arianos antigos eram muito mais antigos que isso. Note que, pelo Vendidad, Yima Kshaeta (o Rei Yima) é o rei antigo dos arianos na pátria antiga Airyanam Vaejahi (a terra-mãe dos arianos), e a sua memória ficou guardada até mesmo no antigo Vedas hindu como Yama Raja (o Rei de Yama) porque os arianos hindus ainda se lembravam do seu antigo rei, depois da sua divisão pela migração, mas eles o fizeram, mais tarde, o "Deus do mundo inferior". Ao contrário dos hindus, os arianos Iranianos ainda retiveram uma memória perfeita dos dias passados por - tempos perfeitos na pátria antiga, quando Yima banuiu a doença, a morte e a fome da pátria. Esta realmente fora a verdadeira "era Dourada" da humanidade.

Então, o que aconteceu com o tempo? A migração na verdade começou antes da idade do gelo começar. Quando o gelo e o inverno começaram (enviados pelo malvado), a pátria antiga foi destruída. Se a pátria era no Polo Norte, busque o tempo quando o Polo Norte não estava coberto de gelo - isso seria milhares e milhares de anos antes. Calcularam aquele tempo em que a idade de gelo chegou em 20.000 anos atrás, mas poderia ser muito antes.

Arianos:

Houve reis também antes de Yima, governando os arianos. Também note que as civilizações de Mohenjo-Daro e Harappa na Índia Antiga eram realmente arianas, e começaram a decair em torno de 4000 a.C., o qu significa que existiam milhares de anos antes (os estudantes admitem isto). Eles teriam sido formados pelos Indo-arianos muito depois da sua separação inicial dos arianos do Irã.

Um amigo americano disse: "Observe: há uma linha incrível aqui, entre algo que vi mencionado sobre uma "Idade Dourada" da humanidade, quando os humanos estavam mais perto do seu Criador e não precisaram de escrituras ou falas ou ferramentas para se sustentar, a eles e a história dos Zoroastrianos.

Está certo, Zarathushtra foi enviado por Ahura Mazda para reafirmar a fé antiga (que foi ensinada a Yima Kshaeta e antes dele, o primeiro homem em Gayo-Maretan). A ele também foi dado o "AGUSTO-VACHO ", i.e. as revelações desconhecidas anteriores. Ele foi, assim, o primeiro profeta, a ser seguido por três Sábios.

Um novo céu, uma nova terra

Quando o Sábio final vier, o mundo será purgado pelo fogo e o mal será destruído em uma grande batalha final. Então Ahura Mazda regerá. As palavras mais poderosas na religião estão no Ahunavar, uma grande oração. As palavras finais desta oração em Avestan são *Kshrethamchai* (O Reino) *Ahurai* (de Deus) *Ayim* (virá).

Ahura Mazda ensinou Yima como salvar todos os melhores e os mais justos no mundo ('VIVAVDAT,' FARGARD II)

"O Vendidad teria fixado os princípios gerais em um lugar, como a Bíblia no Velho Testamento, ou é necessário ler todo ele?"

O **Vendidad** é, todo ele, a Lei antiga contra o mal. Ao longo do livro, há Fargads (capítulos) que explicam os males vários aos olhos de Ahura Mazda. Por exemplo, são detestadas a prostituição e a homossexualidade, assim também os maus tratos a cachorros. Ahura Mazda elogia o Cachorro como a Criação Gloriosa dele, que Ele criou como guardião da casa ariana e da fazenda. Um Fargad detalha a história antiga de Yima Kshaeta, e a pátria antiga. –

- **A Migração dos arianos da Antiga Pátria** -traduzido do Vi-Daevo-Dat, escritura antiga Avestan dos arianos do Irã (Avestan é irmã do Sânscrito Védico)

De acordo com Lokmanya Tilak, um dos grandes da Índia Independente e estudante Védico que também fez um estudo detalhado de outras culturas arianas, o Vi-Daevo-Dat continha **a história mais antiga do gênero humano**, já que explica apropriadamente as origens e as migrações dos arianos.

Em uma tradução de "A Saga dos arianos", a história da migração é explicada na forma de uma conversa entre o antigo profeta ariano, Zarathushtra, e Ahura Mazda (nome Avestano de Deus, no Vi-Daevo-Dat.):

Sinopse:

Este Fargard pode ser dividido em duas partes.

No Zoroastrismo temos que Yima, filho de Vivanghat, foi o primeiro homem mortal a conversar com o grande deus Ahura Mazda.

Primeira parte (1-20). Ahura Mazda propõe a Yima, o filho de Vivanghat, receber a lei dele e trazê-la aos homens. Na recusa dele, pede que cuide das criaturas dele e as faça prosperar. Yima os faz prosperar adequadamente e os aumenta em quantidade, mantém a morte e a doença longe deles, e três vezes aumenta a terra que tinha ficado muito pequena para seus habitantes.

Segunda parte (21 para o fim). Na aproximação de um inverno medonho que vem para destruir toda criatura viva, Yima, sendo avisado por Ahura, constrói um *Vara*, um castelo subterrâneo, para manter os melhores representantes de todo tipo de animais e plantas ali, e eles vivem uma vida de perfeita felicidade perfeita ali. Tornou-se um rei capaz que ensinou seu povo a fiar e a tecer, e apresentou-lhes o ferro.

Zarathushtra perguntou para Ahura Mazda:

Ó Ahura Mazda, Espírito mais beneficente, Fabricante do mundo material, tu és Santo!

Quem foi o primeiro mortal, antes de mim, Zarathushtra, com quem tu, Ahura Mazda, conversaste, a quem tu ensinaste a Religião de Ahura, a Religião de Zarathushtra?

2. Ahura Mazda respondeu: Ó Yima justo, bom pastor, Ó Zarathushtra santo! Foi ele o primeiro mortal, antes de ti, Zarathushtra, com quem conversei eu, Ahura Mazda, a quem ensinei a Religião de Ahura, a Religião de Zarathushtra.

3. Até ele, Ó Zarathushtra, eu, Ahura Mazda, dizia: 'Bom, Yima justo, filho de Vivanghat, és tu o pastor e o portador de minha Religião!' E o Yima justo, Ó Zarathushtra, respondia a mim, dizendo: 'Eu não nasci, não fui ensinado a ser o pastor e o portador de Tua Religião.'

4. Então eu, Ahura Mazda, disse assim a ele, Ó Zarathushtra: 'Desde que tu não consentes em ser o pastor e o portador de minha Religião, então faz tu o aumento mundial, faça meu mundo crescer: consinto a ti o nutrir, o reger, e o assistir todo o meu mundo.'

5. E Yima justo respondeu a mim, Ó Zarathushtra, dizendo: 'Sim! Eu farei Teu mundo aumentar, farei Teu mundo crescer. Sim! Eu o nutrirei, e regerei, e o assistirei Teu mundo. Não haverá, enquanto eu for o rei, nem vento frio, nem vento quente, infecção ou morte.'

6.3 então eu, Ahura Mazda, trouxe dois instrumentos até ele: um selo dourado e um punhal enfeitado de ouro. Veja, aqui Yima suporta a ordem real!

. * * (Vd2.6 é composto de citações do Avesta inconexas que não são parte do texto e são introduzidas pelo comentarista com a finalidade de mostrar que 'embora Yima não ensinasse a lei nem treinasse seguidores, não obstante era crente e homem santo, e fez os homens também santos.' Veja "Fragmentos do Vendidad").

4. Como o símbolo e instrumento de soberania. 'Ele reinou supremo pela força do anel e do punhal. Assim Faridoon dá investidura real a Iraj 'com a espada e o selo, o anel e a coroa' (Firdausi). --O rei é o mestre 'da espada, do trono, e do anel.'

7. [Obscuro.]

8. Assim, debaixo do julgar de Yima, passaram trezentos invernos, e a terra se encheu com bandos e rebanhos, com os homens e cachorros e pássaros e com fogos ardentes vermelhos, e havia mais nenhum espaço para bandos, rebanhos, e homens.

9. Então adverti Yima, o justo, dizendo: 'Ó Yima justo, filho de Vivanghat, a terra se tornou cheia de bandos e rebanhos, de homens e cachorros e pássaros e de fogos ardentes vermelhos, e não há espaço nenhum mais para bandos, rebanhos, e homens.'

10. Então Yima andou adiante, para o nascente, para o sul, no poente, e (depois) marcou a terra com o selo dourado, e enfiou nela seu punhal, falando assim: 'Ó Spenta Armaiti, abra-se gentilmente e estenda-se para longe, para morarem bandos e rebanhos e homens.'

**[5. o corpo dele resplandecente com luz. 6. O Sul morno é a região de Paraíso: o Norte é o assento dos ventos frios, dos demônios e inferno]

11. E Yima fez a terra crescer um terço a mais de antes, e lá vieram bandos, rebanhos e homens, por sua vontade e desejo, tanto quanto ele desejou.

12. Assim, sob a justiça de Yima, passaram seiscentos invernos, e a terra se encheu de bandos e rebanhos, com os homens e cachorros e pássaros e com fogueiras ardentes vermelhas, e não havia mais nenhum espaço para bandos, rebanhos, e homens.

13. E eu adverti o justo Yima, dizendo: 'Ó Yima justo, filho de Vivanghat, a terra se tornou cheio de bandos e rebanhos, de homens e cachorros e pássaros e de fogueiras ardentes vermelhas, e não há nenhum espaço mais para bandos, rebanhos, e homens.'

14. Então Yima caminhou para o sul, em luz, do mesmo modo que o sol, e (depois) apertou a terra com o selo dourado, e enfiou ali seu punhal, falando assim: 'Ó Spenta Armaiti, amavelmente abra-se à parte e expanda-se para longe, para suportar bandos, rebanhos e homens.'

15. E Yima fez a terra crescer, dois terços maior do que estava antes, e lá vieram bandos e rebanhos e homens, pela sua vontade e desejo, tantos quantos ele desejou.

16. Assim, sob o julgar de Yima, novecentos invernos passaram, e a terra se encheu com bandos e rebanhos, com os homens e cachorros e pássaros e com fogueiras ardentes vermelhas, e não havia mais espaço nenhum para bandos, rebanhos e homens.

17. E eu adverti o justo Yima, dizendo: 'Ó Yima justo, filho de Vivanghat, a terra se tornou cheia de bandos e rebanhos, de homens e cachorros e pássaros e de fogueiras ardentes vermelhas, e não há espaço nenhum mais para bandos, rebanhos e homens.'

18. Então Yima caminhou, em luz, para o sul, como o sol, e (depois) apertou a terra com o selo dourado, e enfiou nela seu punhal, falando assim: 'Ó Spenta Armaiti, amavelmente abra-se à parte e extenda-se para longe, para suportar bandos e rebanhos e homens.'

19. E Yima fez a terra crescer maior, dois terços mais que antes, e para lá vieram bandos e rebanhos e homens, segundo sua vontade e desejo, tantos quantos ele desejou.

II.

20. O Criador, Ahura Mazda, chamou a uma reunião os Yazatas celestiais, no famoso Airyana Vaejo, pelo Vanguhi Daitya.

Yima, o justo, o bom pastor, chamou para uma reunião os melhores dos mortais, no famoso Airyana Vaejo, pelo Vanguhi Daitya.

21. Para aquela reunião veio Ahura Mazda, no famoso Airyana Vaejo, pelo Vanguhi Daitya; vieram junto os Yazatas celestiais.

Para aquela reunião veio o justo Yima, o bom pastor, no famoso Airyana Vaejo, pelo Vanguhi Daitya; veio junto com os melhores dos mortais.

22. E Ahura Mazda falou a Yima, dizendo: 'Ó justo Yima, filho de Vivanghat! No mundo material os invernos estão a ponto de chegar, isso trará um resfriamento feroz, mortal; no mundo material o mau inverno está a ponto de chegar, isso fará neve cair abundantemente, até mesmo no fundo das caves nos topos mais altos das montanhas.

23. 'E as bestas que vivem na selvageria, e esses que vivem nos topos das montanhas, e esses que vivem no seio dos vales, você os levará a abrigos subterrâneos.

24. 'Antes daquele inverno, o campo dará bastante grama para gado, antes de as águas inundarem tudo isto. Agora, depois do derretimento da neve, Ó Yima, o lugar em que a pegada de uma ovelha pode ser vista será uma maravilha no mundo.

25. 'Então faça para ti um *Vara*, (abrigo subterrâneo), longo(*) como um campo de equitação em seus lados, e para lá traga as sementes(**) de ovelhas e bois, de homens, de cachorros, de pássaros, e de fogueiras ardentes vermelhas. Então faça para ti um *Vara*, longo como um campo de equitação em todos os lados do quadrado, para ser um domicílio para homem; um *Vara*, longo como um campo de equitação em todos os lados do quadrado, para bois e ovelhas.

(*) dois hathras de lado: um hathra é quase uma milha inglesa.

(**) Quer dizer, espécimes de cada espécies.]

26. 'Lá farás um fluxo de águas em um leito adequado; lá soltarás os pássaros, no verde que nunca perde o vigor, com comida que nunca faltará. Lá estabelecerás habitações, consistindo de uma casa com uma sacada, um pátio, e corredor.

27. 'Para lá trará as sementes de homens e mulheres, dos maiores, melhores, e mais refinados nesta terra; para lá trará as sementes de todo tipo de gado, do maior, melhor, e mais refinado desta terra.

28. 'Para lá trará as sementes de todo tipo de árvore, das mais altas de tamanho e mais doces em seu perfume desta terra; para lá trará as sementes de todo tipo de fruta, do melhor sabor e as mais docemente olorosas. Todos essas sementes trará, duas de cada tipo, a ser mantido inesgotável lá, todo o tempo que esses homens ficarem no *Vara*.

(29) 'não haverá nenhum corcunda, ninguém inchado por lá; nenhum impotente, nenhum lunático; ninguém malicioso, nenhum mentiroso; ninguém rancoroso, nenhum ciumento; ninguém com dente deteriorado, nenhum leproso a ser confinado, nem qualquer um que tenha marcas de Angra Mainyu estampadas nos corpos mortais.

30. 'Na parte maior do lugar, farás nove ruas, seis na parte mediana, três na menor. Para as ruas da parte maior tu trará mil sementes de homens e mulheres; para as ruas da parte mediana, seiscentas; para as ruas da parte menor, trezentas. Aquele *Vara*, tu lacrarás com teu selo dourado, e farás uma porta, e uma janela lustrada.'

31. Então Yima disse a si mesmo: 'Como eu conseguirei fazer esse Vara que Ahura Mazda mandou que eu fizesse?' E Ahura Mazda disse a Yima: 'Ó Yima justo, filho de Vivanghat! Esmague a terra com a marca do salto do teu sapato, e então misture-a com as tuas mãos, como faz o oleiro ao misturar o barro oleiro.'

32. [E Yima fez como Ahura Mazda desejou; esmagou a terra com a marca do salto do sapato dele, misturou com as mãos dele, como faz o oleiro ao misturar o barro do oleiro.

33. E Yima fez um Vara, longo com o comprimento de um campo de equitação em seus lados quadrados. Lá ele trouxe as sementes de ovelhas e bois, de homens, de cachorros, de pássaros, e de fogos ardentes vermelhos. Ele fez um Vara, longo com o comprimento de um campo de equitação em seus lados quadrados para ser um domicílio para homens; um Vara, longo com o comprimento de um campo de equitação em seus lados quadrados para bois e ovelhas.

34. Lá ele fez águas fluírem em um leito da forma adequada; lá soltou pássaros, no eterno verde, com comida que nunca falta. Lá ele estabeleceu habitações consistindo de casas com uma sacada, um pátio, e um corredor.

35. Lá ele trouxe as sementes de homens e mulheres, dos maiores, melhores, e mais refinados desta terra; lá ele trouxe as sementes de todo tipo de gado, do maior, melhor, e mais refinado desta terra.

36. Lá ele trouxe as sementes de todo tipo de árvore, das mais altas em tamanho e as mais docemente olorosas desta terra; lá ele trouxe as sementes de todo tipo de fruta, as melhores de sabor e as mais docemente olorosas. Todas essas sementes que ele trouxe, duas de todo tipo, a ser mantido inesgotável por lá, tão longo esses homens ficassem no Vara.

37. E não havia nenhum corcunda, nenhum inchado por lá; nenhum impotente, nenhum lunático; ninguém malicioso, nenhum mentiroso; ninguém rancoroso, nenhum ciumento; ninguém com dente estragado, nenhum leproso para ser confinado, nem alguém que tivesse marcas de Angra Mainyu estampadas nos corpos mortais.

38. Na parte maior do lugar ele fez nove ruas, seis na parte mediana, três na menor. Às ruas da parte maior ele trouxe mil sementes de homens e mulheres; para as ruas da parte mediana, seiscentas; para as ruas da parte menor, trezentas. Aquele Vara, lacrou-o com o anel dourado e fez uma porta e uma janela lustrada.

39. Ó Criador do mundo material, tu és Santo! O que são as luzes que dão luz no Vara que Yima fez?

40. Ahura Mazda respondeu: 'Há luzes não-criadas e luzes criadas. O que fica faltando ali é a visão das estrelas, da lua, e do sol, e um ano parece um dia.

41. 'Em cada quadragésimo ano, a cada par dois nasceram, um macho e uma fêmea. E assim foi para todo tipo de gado. E os homens viveram a mais feliz das vidas no Vara que Yima fez.'

42. Ó Criador do mundo material, tu és Santo! Quem foi que trouxe a Religião de Mazda no Vara que Yima fez? Ahura Mazda respondeu: 'Foi o pássaro Karshipta(*), Ó Zarathushtra santo!'

(*) 'O pássaro Karshipta mora nos céus: era ele que se mantém na terra, ele seria o rei dos pássaros. Ele trouxe a Religião no Vara de Vima, e recita o Avesta no idioma de pássaros (Bund. 19 e Bund. 24)

43. Ó Criador do mundo material, tu és Santo! Quem são Deus e o Mestre? Ahura Mazda respondeu: 'Urvatat-nara, Ó Zarathushtra!', e tu mesmo, Zarathushtra.'

[35. Zarathushtra teve três filhos durante a vida dele, Isat-vastra, Hvare-chithra, e Urvatat-nara que eram respectivamente os pais e chefes das três classes, padres, guerreiros, e agricultores. Urvatat-nara, como um agricultor, foi escolhido ser o ahu ou Deus temporal do Var, por ser o Var subterrâneo. Zarathushtra, como um enviado divino, era, por direito, o ratu ou Deus Espiritual em Airyana Vaejah, onde ele fundou a Religião por um sacrifício (Bund. 33 e Introd. III, 15).]

É difícil não reconhecer nesta lenda uma adaptação de Zoroastro do dilúvio, se foi tirada da **Bíblia** ou da mitologia dos **caldeus**. A similitude é tão forte que não escapou aos muçulmanos, e Macoudi declara que certos autores colocam a data do dilúvio pelo tempo de Jamshed. Há diferenças essenciais e necessárias entre as duas lendas: o ser principal na narração do monoteísmo, o dilúvio, é enviado como um castigo de Deus; na versão do dualismo é uma pestilência do Daevas: mas o cerne das duas lendas é o mesmo: o herói em ambos é um homem íntegro que, prevenido por Deus, constrói um refúgio para receber espécimes escolhidos de gênero humano, planejado para, algum dia, substituir uma humanidade imperfeita, destruída por uma calamidade universal.

E assim a antiga escritura continua. Pelo assim dito, fica bastante claro que a migração aconteceu ao Sul e Oeste, isto é, da pátria antiga (que Tilak disse que era o Ártico) para o Sul, i.e. Irã, Índia e para o Sudoeste, i.e para a Grécia e todos os países da Europa. As cidades de Mohenjo-Daro e Harappa foram construídas pelos arianos que migraram para a Índia, quando os Vedas foram escritos.

Eles floresceram por milhares de anos, antes de sucumbirem por alguma outra catástrofe da natureza, ou talvez uma invasão de tribos não-arianas. O livro escrito pelo autor, intitulado "A Saga dos arianos" é uma história semi-fictícia e histórica, baseado nas escrituras dos arianos e a pesquisa anterior da pré-história.

oOo –

Capítulo XXXIII

1. JEHOVIH disse a Yima: Tu separarás os espíritos, os em parte claros dos completamente escuros. Então, construirás um trono e um planalto suficiente para três mil milhões de almas; e porque há mais fêmeas que machos, tu

chamarás o lugar de teu trono de Astoreth. E quando tiveres providenciado uma casa para teu Conselho, enviarás seletores que trarão até ti os muitos que escolherem vir; e esta será a fundação de teu reino.

2. Yima procedeu como comandado pelo Pai, e agora tinha congregado ao redor de Astoreth um número suficiente para estabelecer lugares de diversão, lugares de adoração e lugares de aprender. Novamente a Voz veio a Yima, dizendo:

3. Porque teu reino é atraente, tua arte se inundou com preguiçosos que não são de nenhum lucro a qualquer pessoa no céu ou terra. Para mantê-los distante, murarás teu reino, todo o redor, com pilares de fogo. Pois desta forma Eu criei os homens, a quem ponho fora, que voltem com zelo. Por causa disto, faze teu trabalho de separação, eles correrão para ti.

4. E quando vierem a ti, cobrarás deles comportamento íntegro e então os alimentarás. E quando tu recolheres todos os que vêm deste modo, tu não contarás mais que a metade.

5. Mas esses que serão deixados ficarão sem julgamento, e tu tomarás posse deles, e os colocarás em colônias. E tu os classificarás. Os mais baixos de todos serão do primeiro grau; esses que vêm depois que sejam construídos os pilares de fogo formarão o segundo grau; e esses que vêm com os seletores serão chamados o terceiro grau.

6. E tu dividirás teus próprios anfitriões; esses que vão com teus Senhores até os mortais como **espíritos guardiões** serão chamados *ashars*, e eles trarão os espíritos dos recentemente mortos e os entregarão a teus **anfitriões no céu**, que serão chamados os anfitriões *asaphs*.

7. E os ashars dirigirão todos os espíritos para longe dos mortais, salvando os designados por ti ou teus Senhores. Pois acima de todas as coisas, busque tornar-te o controlador dos mortais, até o fim, até que eles se tornem crentes em Mim e no Meu domínio.

8. Yima dividiu os espíritos do céu então, de acordo com as ordens do Criador. Depois disso tomou posse dos espíritos que vagam na escuridão, tanto os da terra como os do céu, e os levou a lugares preparados para eles. E lhes proporcionou os médicos, enfermeiras e professores, e fizeram que com entendessem que estavam mortos como seus corpos na terra, e que eles tinham de deixar a terra.

9. Depois disto, Yima estabeleceu no céu lugares de aprender e lugares de trabalho, ensinando para os anjos a se vestir e se alimentar pelo seu próprio fabrico.

10. Novamente a Voz de Jehovih veio a Yima, dizendo: “Veja, Meu Filho, o céu mais baixo alcançou Scpe’oke. Então, é o tempo no qual anjos do primeiro grau sejam ensinados a construir mansões divinas”.

11. Yima comandou os professores e os superintendentes das fábricas a proibirem os espíritos de voltarem a ser mortais, salvo através de permissão. Yima disse:

12. É mais sábio inspirar os mortais a subir ao céu depois da morte que forçar os anjos a irem até a terra. E meus Senhores na terra também trabalharão para este fim. Assim Yima ensinou novas inspirações, no céu e na terra, que era para que os anjos dos mortos construíssem casas no céu para a família deles, e que deveria ser ensinado aos mortais que havia mansões no céu, prontas para as suas almas depois da morte.

13. Yima disse: os Mortais fundados nesta convicção não se tornarão espíritos que vagam logo depois de sua morte.

14. Enquanto Yima estava construindo assim no céu, os Senhores dele, com os seus espíritos auxiliares, estavam se manifestando na terra, como nunca tinham feito antes, desde a fundação deste mundo.

15. Os templos das estrelas foram quebrados e jogados ao chão pelos espíritos; os portões de ferro das cidades se foram, levados para as florestas; os palácios de reis e rainhas ficaram sem teto, e as pedras das paredes dos palácios foram lançadas dos seus lugares; até mesmo as da fundação, não ficou pedra sobre pedra; e estas coisas foram feitas pelos espíritos do céu.

16. E os homens, mulheres e crianças foram levadas no ar pelos anjos, e incólumes. Os bens domésticos foram levados, e a comida das mesas jogadas fora, até mesmo quando os mortais se sentaram no banquete, e fizeram com que eles vissem a comida indo embora; com os seus próprios olhos eles viram estas coisas.

17. E fizeram com que os mortais tivessem visões e sonhassem sonhos de profecia, e tivessem poderes incomuns. E em muitos lugares os espíritos assumiram corpos, e caminharam entre mortais, sendo vistos e sentidos; e falaram audivelmente, explicando aos mortais o domínio de Yima e os seus Senhores.

18. Em todas as mansões que Yima e seus anfitriões fizeram no céu, os seus Senhores trabalharam em harmonia com ele no seu trabalho na terra. Não obstante, também havia espíritos vagando na terra que não pertenciam aos reinos do céu, mas que fizeram manifestações por sua própria conta; e lhes foi dado que mentissem, lisonjeassem, que fossem maldosos em geral. Yima, pouco a pouco, cortou estes espíritos maus, e os levou embora às suas colônias, e os disciplinou.

19. Tal, então, era o trabalho de Yima quando Fragapatti veio vê-lo, a fim de honrá-lo, em cuja ocasião Yima proclamou feriado em Astoreth, e convidou os seus Senhores e capitães e outros para estarem presente e participarem desta festividade prazerosa.

desde os vedas...

Todas as Escolas Iniciáticas, ou aquele Espiritismo de portas fechadas ao vulgo, repousavam no conhecimento da Verdade Profética; e por isso viviam em comunhão com as grandes leis, sabendo perfeitamente as coisas da reencarnação e a função dos espíritos artistas, cientistas e videntes ou profetas no mundo. Jamais um iniciado poderia ser um bruto ou animalizado, porque ele era na Terra um representante das excelsas verdades do mundo espiritual. (Bíblia dos Espíritos)

“Depois de ler e historiar as primeiras etapas do homem sobre a Terra, expondo os possíveis conceitos sobre DEUS, o AMOR e a CIÊNCIA, em conformidade com a sua natural inferioridade, encaminhou as atenções para os Vedas, que o autor do livro dizia serem os primeiros reveladores com radicais caracteres de organização. Antes, afirmou, tudo eram verdades bisonhas, medíocres, isentas de caráter universal, sem o mais leve resquício de organização doutrinária. Segundo narrativas antiqüíssimas, empolgavam as primeiras mulheres sacerdotisas e os primeiros feiticeiros ou fanáticos, crentes em pedras, em árvores, em animais, em astros, em espíritos familiares de baixíssimo teor espiritual, etc.”

“Com os Vedas, segundo o autor do livro, vieram os primeiros iluminados e fizeram obra de acendrada organização doutrinária. Em linhas gerais ressaltou as lições védicas, observando a grandeza doutrinária, o DIVINO MONISMO exposto, mas em sentido esotérico, de portas fechadas. A VERDADE era para poucos... O grande número ficava entregue aos desmandos da idolatria, do paganismo e das explorações de variada ordem.”(trecho do livro Lei, Graça e Verdade)

A palavra Veda significa “O Saber”, e é o corpo de escrituras sagradas redigidas em sânscrito arcaico, em uma época estimada como sendo entre 1800 e 800 aC, do conhecimento oral que remonta à noite dos tempos. Famílias sacerdotais memorizavam o conteúdo e o transmitiam nas escolas em que se formavam os futuros sacerdotes.

A Vedanta (conhecimento total) é uma filosofia transmitida pelos Vedas (conjuntos de conhecimentos). Tais conhecimentos foram compilados de uma antiga tradição oral, formando as escrituras sagradas mais antigas da Índia. Ensinam que nossa real natureza é divina. Deus é nosso mais íntimo Ser, uma realidade subjacente a tudo o que existe. A Verdade é universal e a religião é a busca do Ser, a busca de Deus dentro de nós. A Vedanta não nos pede que abandonemos a razão: encoraja uma abordagem científica e racional da religião.

Escritura básica, no hinduísmo, da soma total do conhecimento, a Verdade descoberta (Vedanta) é apresentada pelos Richis (clarividentes que descobrem o que sempre existiu: não há nada de novo no universo; novas são as descobertas), e contém as Upanishades (de onde partem todas as escolas filosóficas hindus) que são a base do conhecimento espiritual dos Vedas. A essência dos Upanishades está em Bhagavad Gita.

“Para a ciência antiga, o universo sem limites não era uma matéria morta, regida por leis mecânicas, mas um todo vivo, dotado duma inteligência, duma alma e duma vontade.” - G. I.

Cumpra saber que a Teoria do Divino Monismo é antiqüíssima, remonta ao vedismo iniciático. Certos autores modernos, indo buscar lá para trás os informes, nada mais têm feito que saturá-los de teorias e termos técnicos em profusão, e até em profusão de confusão, querendo passar por inovadores. Quem quiser saber disto pelas fontes primitivas, procure conhecer Crisna, Moisés (fora da Bíblia) e Pitágoras. (Bíblia dos Espíritos)

Além dos Vedas codificados por **Vyasa***, há os Códigos da Lei (Smritis), codificadas por **Manu***. Os Smirti (o corpo) mudam, são flexíveis, pois regulam as necessidades do gênero humano. O Sruti (a alma), não, está além do tempo.

O Veda popular contém histórias e lendas que ilustram os princípios da Vedanta: Ramayana (de Valmiki, escrito entre 200 aC e 200 dC, conta a história de **Rama***) e Mahabharata (de Viasa, escrito em torno de 500 aC, com 200 mil versos, relata as guerras das tribos da região do Ganges – contém o Bhagavad Gita, poema sobre o diálogo entre o Eu divino (**Krishna***), e o ego humano (Arjuna).

*** Vidas do nosso irmão Osvaldo Polidoro**

Quem, dentre as gerações que se estenderam pelos milhões de anos, ensinou o mais certo, sobre o Princípio ou Deus? Quantos foram os Grandes Iniciados, Patriarcas, Profetas, Mestres ou Cristos, que realmente falaram a LINGUAGEM DA VERDADE?

Os cinco maiores foram Hermes, Crisna, Moisés, Pitágoras e Jesus, pois em todos eles fulgurou a CONSCIÊNCIA DA UNIDADE, O PRINCÍPIO ÚNICO, O DIVINO MONISMO, UMA ÚNICA CAUSA DETERMINANTE, COMO CHAVE DE TODOS OS EFEITOS, CONHECIDOS OU POR CONHECER. Falaram da VERDADE ESSENCIAL, DAS LEIS ETERNAS, PERFEITAS E IMUTÁVEIS, e, portanto, convém ressaltar, eles não têm idade, não passam, não mudam naquilo que representaram, O PRINCÍPIO ÚNICO E SUAS LEIS REGENTES OU FUNDAMENTAIS.

Hinduísmo (resumo):

1. **Sruti** (tradição oral, = foram ouvidos, revelados diretamente)

1.a Rig-Veda (hinos e rituais, oferendas, data de 1200 aC)

1.b Sama-Veda (melodias e cânticos)

1.c Yajur-Veda (fórmulas para os rituais Rig)

1.d Atharva-Veda (saber de acordo com uma classe particular de sacerdotes – Atharvan, são fórmulas e encantamentos – data de 900 aC)

1.e Vedanta (tradição de ensinamento transmitido de mestre a discípulo, num fluxo *perene*, desde tempos imemoriais – contém as Upanishades, essência do conhecimento espiritual)

2. **Smirti** (aquilo que é lembrado, compostos por autores humanos, mas derivados de revelação), Veda popular

2.a Shastras – textos sobre leis, política, ética

2.b Puranas - mitologia hindu

2.c Itihasas – dois épicos: Ramayana e Mahabharata

2.d Ágamas – textos que comentam um aspecto do Criador

2.e Darshanas – pontos de vista da realidade

Através da vedanta aprende-se que o Veda já é existente, sendo que cada um o atingirá pelo Conhecimento. Ex: Tu és aquilo! (não se diz: Tu te tornarás aquilo). O mestre de vedanta é o que elimina a ignorância que impede alguém de conhecer a si mesmo. A raiz da palavra Upanishade significa “sentar-se próximo”, diante do mestre que passará os capítulos que são, cada um deles, completos em si mesmos: um êxtase instantâneo da Realidade transcendental. Os Puranas são histórias que ilustram a Verdade, histórias da criação e das vidas dos deuses.

As verdades são eternas, a identidade dos que teceram as palavras é irrelevante.

No séc VI e VII dC, influenciado pelo budismo, o vedanta tornou-se elaborado como filosofia de salvação, mas a escritura tem mais de 5000 anos.

Com a decadência da antiga religião védica, inicia-se a segunda fase do hinduísmo, onde Brahma (da tríade Brahma, Vishnu e Shiva) torna-se o deus principal, sendo a manifestação antropomórfica do brahman, “a alma universal”.

Cresce o cerimonialismo, os sacerdotes instituem cerimônias mágicas. O sistema de castas converte-se na principal instituição da sociedade indiana (a brâmane é a mais elevada).

O Código de **Manu** dá a visão bramânica do mundo, e sua aplicação à vida – foi elaborado em forma escrita entre os anos de 200 aC e 200 dC.

VEDA E VEDANTA

Quando se lê cada shakha dos Vedas, primeiro vem o **Samhita**, então o **Brahmana** e, por último, o **Aranyaka**. Os **Upanishads** vêm na porção final do Aranyaka. Considerando que os Upanishads acontecem ao término dos Vedas, são chamados de **Vedanta**, o que literalmente quer dizer 'o final dos Vedas'. A última meta dos Vedas está contida nos Upanishads. Também por serem o produto final dos Vedas, são chamados Vedanta adequadamente. A parte de um Veda onde haja modos de rituais e sacrifícios é o **Karmakanda**, e a parte onde se trata do conhecimento supremo do Vedanta é o **Jnanakanda**.

Os estudantes ocidentais pesquisam mais nos Vedas que os estudantes da Índia. Eles tentaram estabelecer a época em que foram escritos os Vedas e os Upanishads. A estimativa varia entre 1500 A.C. e 3000 A.C.

De acordo com Bal Gangadhar Tilak, **os Vedas vieram ao redor em existência 6000 A.C.** Porém, de acordo com uma escola védica tradicional, os Vedas são considerados *anadi*, ou sem começo. Declara-se no Vedas que eles são vastos e infinitos (*ananta vai Vedah*). Eles também não têm autoria humana (*apaurusheya*). O que nós temos é uma porção pequena daquilo que Deus criou como os Vedas. Uma parte do que foi revelado aos Rishis está disponível a nós, hoje em dia. Então, um Rishi que escreveu um Upanishad - ou um shakha - de um Veda, não é seu criador - ou karta - mas é seu profeta, vidente - ou drishta.

Foi o sábio **Vyas** (Vyasa) que organizou os Vedas e escreveu o Bhagvadgita e o Brahmasutra, o que os tornou acessíveis aos estudiosos, para saberem o quão profunda é a filosofia dos Upanishads. No Bhagvadgita, Vyas pôs a essência dos Upanishads na forma de uma conversação entre Arjuna, o discípulo, e Deus Krishna, o professor. Quando o conhecimento Védico esteve em perigo de extinção, Adi Shankaracharya (788-8 D.C.) veio como professor daquela era (yuga pravartaka). Ele escreveu comentários ao Bhagvadgita, Brahmasutra e alguns dos principais Upanishads. Só então o conhecimento místico do Vedanta ficou mais fácil de ser compreendido pelos outros.

Porém, o mero estudo dos Upanishads não é o bastante para se sondar a profundidade da filosofia ou alcançar o conhecimento supremo, que é o seu tema principal. No Chhandogya Upanishad há uma história de Narada, que chegou a Sanatkumara e disse-lhe que tinha estudado todas as escrituras e todas as ciências e artes. Ele apenas sabia os mantras, mas não tinha nenhum conhecimento do Atman (Mantravideva asmi na atmavid). Os Upanishads têm que ser estudados aos pés de um professor Brahmajnani (um professor que alcançou Brahma). Por isso é que são chamados de Upanishads, o que literalmente quer dizer 'sentar próximo (com devoção)' [Também significa 'ensinos secretos']. Quando um aluno estuda em um Gurukul, o conhecimento místico penetra na sua mente de maneira sutil, enquanto o professor explica o

assunto, apenas observando o seu sadhana diário e o seu modo de vida. O professor só dá o conhecimento secreto de Brahma aos estudantes que estejam espiritualmente prontos. É por isso que o Katha Upanishad diz, "Muitos ouvem falar, entretanto não entendem. Maravilhoso é o que fala disto. Abençoado é aquele que, ensinado por um professor bom, pôde compreender tudo isto". Os Upanishads mencionam que a meditação em 'Om' é a meditação sobre o Atman ou o Brahma que reside no homem. O Upanishad Chhandogya diz que todos os sacrifícios prescritos no Vedas não podem trazer salvação. É a meditação em Om que conduz, passo por passo, ao objetivo mais alto do Upanishads, isto é, a infusão em Brahma.

Os **Upanishads** formam o Jnanakanda, ou a porção que lida com o conhecimento supremo, do Vedas. Eles contêm as últimas mensagens dos Vedas. Eles nos falam que um ser humano não é só composto de um corpo que está sujeito à velhice, decadência e morte, mas também de Atman dentro dele, o qual é divino, eterno e feliz. Uma pessoa pode perceber o Atman ao meditar em Om, o símbolo do Deus Supremo, e tornar-se imortal e feliz nesta mesma vida.

Vishnu

Vishnu quer dizer o doador e o provedor das coisas. Os Vedas o descrevem como o deus dos três passos largos, mantenedor da lei e doador de benefícios. No curso dos tempos, ele se tornou Narayana, o que literalmente quer dizer o morador das águas e morador dos seres humanos. A palavra *nara* tanto significa água (*naram*) quanto humano (*nara*).

Vishnu reside nas águas lácteas de Vaikunth em uma cama feita das mil voltas do rolo da grande serpente, Adishesha, de dimensões infinitas. A deusa Lakshmi, sua cônjuge, serve-lhe. Simbolicamente, o oceano representa felicidades e consciência; a serpente, o tempo, a diversidade, desejo e ilusão; e a deusa Lakshmi, as coisas materiais e poderes criativos.

A cor de Vishnu é a cor de uma nuvem azul escura. É a cor do céu, denotando as suas dimensões cósmicas, a sua conexão com os deuses Védicos da chuva e do trovão, e a sua relação com a terra. Normalmente é descrito com uma face, quatro braços, em uma postura parada ou em uma postura de descanso. Ele usa um colar feito da famosa pedra preciosa Kaustubha que recai sobre o lado esquerdo de seu tórax e outra guirlanda de flores e pedras preciosas, chamada Vaijayanti.

Os seus quatro braços seguram sankha (uma concha), chakra (disco), gada (bastão) e padma (flor de lótus) respectivamente. A concha representa os cinco elementos, o som de AUM, salagrama, deusa Lakshmi, as águas, pureza e perfeição. O disco é a arma terrível de Vishnu, o qual ele usou para destruir o mal e proteger o íntegro. Isto simbolicamente representa a claridade do sol que ilumina e derruba a escuridão. Também representa uma consciência mais elevada que destrói todas as ilusões. O bastão representa o poder do conhecimento enquanto a flor de lótus simboliza a beleza, a harmonia, a pureza, o elemento água, a criação e a realização do ego.

Suas Encarnações:

Como foi declarado no Bhagavad Gita, sempre que há o predomínio do mal, Deus encarna na terra para restabelecer o dharma, castigar o mal e proteger o fraco e o íntegro. Geralmente todas as encarnações de Deus são associadas com o Deus Vishnu, porque Vishnu é aquele que preserva os mundos e o propósito da encarnação é esse também. A lista das encarnações de Vishnu varia. O número de encarnações que geralmente são aceitas é dez, das quais nove já aconteceram, enquanto a décima ainda deve acontecer. Em algumas versões, encontramos uma lista de 23 encarnações de Vishnu que inclui os nomes de Dattatreya, Satvata e Vedavyasa.

As nove encarnações geralmente aceitas são: a encarnação de um peixe (*matsyavatara*), a encarnação de uma tartaruga (*kurmavatara*), a encarnação de um javali (*varahavatara*), a encarnação do homem leão (*narasimhavatara*), a encarnação de um pigmeu (*vamanavatara*), a encarnação de Parasurama (*parasuramavatara*), a encarnação de Rama (*ramavatara*), a encarnação de Balarama (*balaramavatara*), e a encarnação de Sri Krishna (*krishnavatara*). A décima encarnação, a encarnação de Kalki, um deus feroz, ainda há de vir. A lista de encarnações algumas vezes inclui a encarnação de Buda no lugar de Balarama.

A verdade sobre encarnações de Vishnu:

O fato é que há muito mito tecido ao redor da teoria das encarnações. Como já notamos, algumas das encarnações designadas a Vishnu previamente eram designadas a Brahma. Secundariamente, em nenhuma das encarnações se declarou como encarnação de Vishnu. Foram feitas tentativas de se fazer o Buda como uma encarnação de Vishnu. Isto, provavelmente, era para trazer o Budismo como desdobramento do Vaishnavism, com respeito à popularidade crescente do Saivism, já que os seguidores encaravam tanto o Vaishnavismo quanto o Budismo com o mesmo desdém.

Enquanto nós não tivermos certeza sobre a autenticidade da lista de encarnações ou os eventos associados a muitas das encarnações, a idéia da encarnação é uma idéia plausível e logicamente aceitável. Ajusta-se perfeitamente no conceito de Deus como o criador e sustentador do *dharma* e *rta* (ordem e equilíbrio) no universo.

A versão mais iluminada da teoria de encarnação é aquela em que Deus escolhe **modos diferentes** para restabelecer a ordem e equilibrar o universo. Estando na descida direta, com todos os poderes latentes em forma de humanos e com todas as divindades auxiliares ou associadas que também os unem ao plano terrestre para dar assistência a Ele em Seu trabalho. Esta é propriamente uma encarnação (*purnavatara*) como a encarnação de Rama ou Krishna. Ele

só assume esta forma quando um mal de dimensões gigantescas eleva sua cabeça e começa a fomentar dificuldades a todos.

Segunda, só um aspecto (amsa) d'Ele manifesta-se na terra na forma de uma **grande alma** para um propósito específico, geralmente como um vidente, um guru, um governador, ou um artista. A encarnação de **Vedavyasa** ou Dattatreya vem sob esta categoria chamada manifestação parcial ou amsavatara.

Terceira, Ele, afinal de contas, não desce, mas escolhe um **ser humano particular** como o seu veículo e envia a ele conhecimento ou mensagens, respostas e soluções. Muitos profetas, inventores, e santos profetas que puderam abrir canais específicos de comunicação com Deus ou quem Deus escolheria para falar, entram nesta categoria.

Quarta, Ele encarnaria em outro lugar com um dos três modos supracitados, mas **incorpóreo**, e ajudaria a terra de um modo geral. Não temos idéia sobre estas encarnações. Mas falando estritamente sobre todas as manifestações de Brahma como vários deuses e deusas em mundos vários, somente as Suas encarnações poderiam ser incluídas nesta categoria.

Encarnações secundárias de Vishnu:

Estes são deuses que desceram a este mundo para uma tarefa específica e com um aspecto de Deus Vishnu. Menção pode ser feita a Dattatreya, Kapila, Dhanvantari, Mohini, Hayagriva, Naranarayana, Vedavyasa e Yajna.

Dattatreya: Filho de Atri e Anasuya que alcançou domínio completo dos Vedas, Dattatreya aperfeiçoou os ritos associados com suco de soma, invocações de poderes mais elevados por magia e uma espécie de tantra. Ajudou quem não era da religião Védica, ensinando-lhes os Vedas e ajudou na sua assimilação na sociedade Védica. Provavelmente por isto, foi-lhe determinado o selo de impureza e negadas as honras devidas. Porém, parece que depois o status de divindade foi reconhecido e restabelecido. Ele é descrito como tendo três cabeças, quatro mãos e sempre seguido por quatro cachorros fiéis. As três cabeças denotam a sua conexão com a Trindade, não só com Vishnu. As suas quatro mãos significam a sua divindade e sobrenaturalidade, e os quatro cachorros simbolicamente representam os quatro Vedas e o seu domínio sobre eles.

Kapila: Kapila era o fundador da escola de filosofia Sankhya, autor das Kapilasutras. Sua filosofia ganhou imensa popularidade na Índia antiga e inspirou muitos estudantes nas especulações sobre as convicções religiosas existentes. Provavelmente a inclusão de Kapila como uma encarnação secundária de Vishnu foi uma tentativa para fazer alguma aproximação entre a filosofia de Sankhya e o Brahmanismo, da mesma maneira que houve uma tentativa para se considerar Buda como uma encarnação de Vishnu para aproximação entre o Budismo e o Vaishnavism. O sábio Kapila disse ter amaldiçoado os sessenta mil filhos de Sagara e reduzido-os a cinzas, o que depois incitou Bhagirath a sofrer penitências severas e fazer descer o Ganges que estava fluindo nos céus. Nem se tem a segurança de que Kapila foi o fundador da filosofia de Sankhya.

Dhanvantari: Ele provavelmente era um médico famoso na Índia antiga, dotado de um conhecimento excelente sobre a medicina herbária e de poderes curativos milagrosos. Na história mitológica de Sagarmanthan (o agitador dos oceanos), encontramos o nome de Dhanvantari. Depois que os deuses e demônios começaram agitar o oceano à procura de imortalidade, Dhanvantari disse que apareceu diante deles com um recipiente que continha ambrosia nas suas mãos dele. Não sabemos então se Dhanvantari é um título dado a um médico especialista ou o nome de um indivíduo. Sendo a verdade, Vishnu também é um grande curandeiro, porque curar é uma parte do seu trabalho de preservação. Já que Dhanvantari foi um grande médico, provavelmente foi aceito como uma encarnação secundária de Vishnu.

Hayagriva: Reintroduziu o conhecimento perdido de Yajurveda ao gênero humano, por Yajnavalkya e provavelmente no período pós-Rigveda. Acredita-se que é um aspecto de Vishnu como o deus do sol e é descrito como uma deidade com a cabeça de um cavalo. Nas imagens é descrito como tendo oito braços que levam os vários emblemas de Vishnu

Mohini: Mohini iludiu os demônios e impediu que se servissem da ambrosia. Mohini é considerado como uma encarnação de Vishnu porque a ilusão é uma arma importante no arsenal de Vishnu, por isso também é chamado mayavi, o criador de ilusão. Mohini iludiu Siva, resultando disso o nascimento do sábio Maya Machchindra.

Nara-Narayana: Nara quer dizer o humano e Narayana quer dizer o Ser Supremo. Popularmente refere-se a Arjuna e Sri Krishna como Nara e Narayana. Há histórias mitológicas que explicam a origem e as façanhas de Nara e Narayana, que também são creditadas na história da criação de Urvashi, a ninfa celestial, e o assassinio de um demônio com mil armaduras (tipos de ignorância). Crê-se que qualquer ser humano com a divindade despertada e que trabalhe para o bem-estar de humanidade é um Nara-Narayana, uma encarnação de Vishnu na terra, trabalhando para a preservação do dharma ou retidão. Nas imagens são mostrados Nara e Narayana juntos ou separadamente. Quando são mostrados separadamente, Nara tem duas cabeças e usa um couro de cervo, enquanto Narayana é mostrado à esquerda, com quatro braços que levam os emblemas habituais de Vishnu

Yajna: Vishnu é considerado como Purusha que nasceu fora de sacrifício e foi sacrificado em troca. No Bhagavad Gita, diz Sri Krishna que Brahma está presente no Yajna (brahma nityam yajne pratisthitam) e que Deus é o recebedor (bhokta) como também o senhor (prabhu) de todos os sacrifícios. Na encarnação dele como Yajna, Vishnu é chamado Yajneswara, ou Deus do Sacrifício. Assim, é descrito normalmente com duas cabeças, sete mãos, três pernas e quatro chifres. As suas sete mãos levam objetos diferentes que são geralmente usados no desempenho do Yajna.

Ved Vyasa: Ved vyasa é o autor do Mahâbhârata, épico famoso, as Puranas e os Brahmasutras. Credita-se a ele também a divisão dos hinos védicos na forma presente de quatro Vedas. Vedavyasa é o codificador e preservador da memória humana e do conhecimento na forma de escritos imortais e, conseqüentemente, temos a sua identificação com Deus Vishnu. Ved Vyasa geralmente é descrito como um vidente, com cabelo nodoso, esbelto em sua forma e bem moreno na aparência, na companhia dos quatro discípulos dele, isto é, Jaimini, Paila, Vaisampayana e Sumantu.

Outros aspectos de Vishnu:

Outros deuses também são considerados encarnações ou manifestações de Vishnu. Estes deuses são muito populares e são adorados regularmente por milhões de devotos. Eles são realmente responsáveis pela popularidade do Vaishnavism. Vishnu geralmente é adorado em vários aspectos, e raramente em sua forma.

MANU

Manu é conhecido como o pai dos Árias, pai original da espécie humana. No capítulo IV do Bhagavad Gita, Krishna menciona: “Já na mais remota Antigüidade dei esta doutrina da união com o Eu Divino a Vivasvat (Mente Divina, no princípio do mundo). Ele a ensinou a Manu (palavra que deriva da raiz sânscrita *man*, pensar. = Filho do Sol, Pai da Raça Atual)”.

“Manu fez uma sinopse deveras interessante, uma codificação valiosa, pois fez um extrato daquilo que havia de melhor sido revelado, até então. Seu espírito de síntese foi genial, como soem ser todos os codificadores. Atrás deles funcionam as Legiões do Senhor, o chamado Espírito da Verdade, e eles apresentam as linhas mestras, as chaves doutrinárias”.(Bíblia dos Espíritos)

(Artigo publicado no Diário de S. Paulo/Autor: Eng. Hernani M. Portella/Data: 02/04/1961)

Se de Colombo, o redescobridor da velha Atlântida (América), que viveu há quatro séculos e meio, ignora-se até hoje o verdadeiro nome, o berço de sua origem e muitas outras passagens de sua vida, que dizer do continente Atlante, que sofreu várias catástrofes entre um milhão de anos e nove mil quinhentos e sessenta e quatro anos antes de Cristo?

Cingir-se à ciência oficial ou mesmo à Bíblia com as suas vinte e duas mil emendas, da Vulgata, afora "enxerto" ou passagens apócrifas?

Preferimos no caso em apreço, apelarmos para a tradição esotérica, a única talvez que ainda debaixo da letra que mata poderá fazer luz sobre tão delicado tema.

Diz essa tradição que o Kusha-Dwipa onde habitavam os RUTAS ou os vermelhos, o País de MU, compreendia a China, o Japão, a Índia, o Ceilão, a Birmânia e a Malásia; a oeste, a Pérsia, a Arábia, a Síria, a Abissínia, a bacia do Mediterrâneo, a Itália meridional e a Espanha.

Da Escócia e da Irlanda, então emersas, estendia-se a oeste sobre o que atualmente se denomina de oceano Atlântico incluindo-se a maior parte das duas Américas.

Durante sua existência multimilenar, os atlantes emigraram para todas as direções, levando sua poderosa civilização às várias regiões do Globo, onde facilmente dominavam os povos das raças anteriores.

Ao contrário do que aconteceu à Lemúria, vasto continente destruído por um único cataclismo, sofreu a Atlântida quatro catástrofes sucessivas e espaçadas por muitos milhares de anos.

Deu-se a primeira há cerca de 800.000 anos, durante o período mioceno, quando o continente se estendia da Islândia ao Brasil, compreendendo o Texas, Yucatan, o Golfo do México, o Lavadador e toda a região que fica entre este país e a Irlanda, a Escócia e o norte da Inglaterra. Após o cataclismo que fez submergir grande parte das terras setentrionais, a Atlântida ficou constituída pelas que ocupavam o Oceano Atlântico, desde 50 graus de latitude norte até o sul do Equador.

Avisado dos acontecimentos, o Manu Vaivasvata dirigiu-se para a Meseta do Pamir conduzindo as vergôntes da raça atlante que ficaram fiéis à Lei. Iniciou Vaivasvata o ciclo ariano dando ao povo **os dez mandamentos originais**, e o **Manava Dharma Shashtra (Código do Manu)**.

O segundo cataclismo, ocorrido há 200.000 anos, de menores proporções do que o primeiro, reduziu a Atlântida propriamente dita a duas grandes ilhas uma setentrional denominada Ruta e outra meridional chamada Daitia. A América do Norte e do Sul ficaram separadas, o Egito submergido e a ilha escandinava ligada à futura Europa.

O terceiro cataclismo eclodiu há 75.034 anos reduzindo a ilha de Ruta à pequena ilha Posseidonis fazendo desaparecer completamente Daitia.

Durante o evoluir deste ultimo cataclismo, Osiris, dirigente atlante e depois deus egípcio, esposou uma princesa egípcia dando origem à dinastia dos reis divinos pós-atlantes daquela região banhada pelo rio Nilo.

Chegou finalmente o ano 9.564 antes de Cristo, "o ano 6 do Kan, e 11 Muluk do mês de Zac" segundo as expressões do Codex Troanus escrito há 3.500 anos pelos Mayas do Yucatan, e que se acha arquivado no museu de Londres, quando tremendos tremores de terra que se prolongaram "até ao 13 Chuen", a ilha de Posseidonis, "o país onde Mu foi sacrificado" desaparecendo para sempre no seio das águas, com seus 64.000.000 de habitantes. Dez países separaram-se e desapareceram, levando consigo os arquivos da origem da humanidade. Depois de duas tremendas convulsões, ela desapareceu durante a noite, sendo constantemente sacudida pelos fogos subterrâneos que fizeram anos assim relata o mesmo acontecimento:

“Quando a estrela Baal caiu no lugar onde hoje só existe mar e céu, as dez cidades, com suas portas de Ouro e templos transparentes, tremeram e estremeceram como se fossem as folhas de uma árvore sacudidas pela tormenta. Eis que uma nuvem de fogo e de fumo se elevou dos palácios. Os gritos de horror, lançados pela multidão, enchiam o ar.

Todos buscavam refugio nos templos, nas cidadelas e o **sábio MU** (o sacerdote de Rá-UM, outra vida do Pai), apresentando-se, lhes falou”:

- "Não vos predisse eu todas essas coisas?"

Os homens e as mulheres cobertos de pedras preciosas e custosas vestes, clamaram:

- "Mú, salva-nos!"

Ao que replicou Mú:

- "Morrereis com vossos escravos, vossas riquezas, e de vossas cinzas surgirão outros povos. Se eles, porém, vos imitarem, esquecendo-se de que devem ser superiores, não pelo que adquirirem, mas pelo que oferecerem, a mesma sorte lhes caberá. O mais que posso fazer é morrer juntamente convosco"...

"As chamas e o fumo, afogaram as últimas palavras de Mú, que, de braço estendido para o Ocidente, desapareceu nas profundezas do oceano com os 64 milhões de habitantes do imenso continente.

Essas são as provas que apresentamos da existência da Atlântida. A ciência oficial e as religiões exotéricas apenas poderão negar o fato, citando o mito Platônico da existência da Atlântida. Mas a ciência e a religião param onde começa a Teosofia, na perquirição do passado da humanidade.

Rasgando o véu das lendas maravilhosas, pode o teósofo descobrir a historia real desses povos. Traduzindo e interpretando as variadas inscrições gravadas nas rochas ou abertas no interior dos hipogeus, torna-se passível ao investigador criterioso conhecer o grau de adiantamento, o sistema social e político, o progresso industrial e artístico, a religião e até os costumes desses povos cujo passado se perde na noite dos tempos.

O planalto que se estende pelos confins do Amazonas e Mato Grosso e se liga ao platô de Goiás, foi a sede de uma dessas ramas atlantes salvas do cataclismo que há 200.000 anos dividiu o continente nas ilhas de Daitia e Ruta. Os indígenas de toda essa imensa região, cuja superfície é calculada em 4.000.000 de quilômetros quadrados, conservam envolta na poesia de suas lendas, a história do poderoso Império que alongava seus domínios até as margens do Oceano Pacífico.

As palavras desses remanescentes atlantes, caídos em estado de selvagismo, são confirmadas pelas inscrições misteriosas abertas nos rochedos, das quais, só no Brasil, se encontram até hoje mais de 3.000, pelos restos de colossais cidades afogadas na espessura das florestas, pelos discos de pedra, semelhante ao celebre "relógio de Montezuma" do Museu Nacional do México, e por uma infinita variedade de objetos de cobre, bronze, prata e ouro artisticamente trabalhados que, aqui e além, vão aparecendo e cuja origem os sábios com muito afã investigam, destacando-se dentre eles o famoso Champollion brasileiro, Bernardo Ramos.

Dharma-shastras e o Manava Dharma Shastra (O Código de Manu)

Doutrinas

Dharma-shastra é a "ciência de dharma" e é uma coletânea de textos que ensinam o dharma imutável eterno encontrado nos Vedas. O Dharma-shastras se expandiu e foi reescrito em forma de versos, Dharmasutras. Estes grupos de textos geralmente são traduzidos como "Os Livros da Lei", mas nisto há erro. Dharma quer dizer bem mais que "Lei" (veja Sva-dharma) e no pensamento hindu clássico não havia nenhuma distinção entre religião e lei. Em termos sócio-religiosos, dharma sustenta a vida privada e a pública, estabelece a ordem social, moral, e religiosa. Como base de sistema legal, dharma é um sistema de leis naturais com regras específicas derivadas de um ideal, moral, e da ordem eterna do universo. Encontramos as declarações mais sucintas sobre dharma nos Dharma-shastras e Dharmasutras, que podem ser divididos em três categorias: regras para uma boa conduta, regras para procedimento legal, e regras para penitência.

O Dharma-shastras prescrevem regras para toda sociedade, de forma que cada pessoa pode viver de acordo com o dharma. Estes textos são atribuídos aos rishis antigos, videntes ou sábios. Manu era o mais importante destes, e seu Manava Dharma-shastra (Leis de Manu) é o mais famoso dos seus textos. Também é chamado o Manusmṛti dos smṛti, assim é lembrado. Está na forma do dharma revelado por Brahma a Manu, o primeiro homem, e passado à frente por Bhrigu, um dos dez grandes sábios. Uma origem divina é reivindicada para todos os Dharma-shastras para facilitar a sua aceitação.

O Manusmṛti descreve a criação do mundo por Brahma, o próprio nascimento de Manu, as fontes de dharma, e as cerimônias principais das quatro fases de vida. Tudo isto é para a evolução nas fases sucessivas da vida. Para alcançar a quarta fase de renúncia se faz necessário atravessar as outras três fases. Outros capítulos tratam dos deveres de um rei, as diversas castas, as regras de ocupação em relação à casta, ocupações em tempos de angústia, expiações de pecados, e as regras que governam formas específicas de reencarnação. Embora seja um livro de ensino teórico, o Manusmṛti trata da parte prática da vida e é, em grande parte, um livro de ensino sobre a conduta humana.

MANUSMRITI, um Dharma Shastra: Manusmṛiti é um tratado de dharma. Foi o primeiro livro de leis, com normas geralmente aceitas e praticadas na conduta social. Smritis tratam somente este aspecto do dharma. O objetivo principal de Manu em formular suas leis era o caminho suave na vida social, partindo de um espaço muito pequeno para qualquer tipo de contato social.

Manu percebeu que todos os seres são parte do Atman único, e que atingir a unidade a Ele é o dharma maior. Dharma não seria dharma se falhasse em atingir esta unidade final que une o universo inteiro e mais além.

Depois de Manu, vieram Dharma-shastras atribuídos a Yajnavalkya, Vishnu, Narada, Brhaspati, Katyayana, e outros. O Dharma-shastras posteriores são praticamente puros livros de ensino legal. O Manusmṛiti é considerado superior ao outros Dharma-shastras.

História

Quem foi Manu? Considera-se que Manu foi uma figura humana real e o iniciador da história humana. Intitulado Swayambhu, ou nascido por si mesmo, acredita-se que foi a primeira progênie do Criador, ou Brahma. É Brahma que diz ter ensinado o dharma a Manu. Isto significaria que no Manusmṛiti veio a existir bilhões e bilhões de anos atrás. Entretanto, diz-se que o manuscrito em sua forma atual não é mais velho do que Cristo.

Desde que Manu propagou primeiramente suas leis, seu smṛiti foi passado pelos rishis de uma geração a outra, por longa data. No processo, deve ter-se submetido a mudanças, a emendas e a incontáveis adições, adaptando-se e moldando-se às necessidades e condições de uma sociedade sempre mutante, vibrante.

Os Dharma-shastras proclamam serem divinos em sua origem e terem sido entregues por antigos rishis que não podem ser identificados como figuras históricas. **Manu é encontrado já no Rg Veda (1200 AC), onde ele é descrito como Pai Manu, progenitor da raça humana.** No Satapatha Brahmana, por volta de 900 AC, Manu é claramente o pai de gênero humano, quando ele seguiu o conselho de um peixe e constrói um navio no qual só ele, entre os homens, sobrevive à grande inundação. Depois pratica sua adoração e executa penitências e uma mulher, Ida ou Ila, é produzida e então ele inicia com ela o humano. Manu também foi o primeiro rei e o primeiro a acender o fogo sacrificial. Como o causador da união social e da ordem moral, ele é o rishi que revela o mais autorizado dos Dharma-shastras. O texto de Manu, o Manusmṛiti ou Manava Dharma-shastra é o primeiro dos Dharma-shastras. Sua data é incerta, situado entre 200 AC e 100 DC. Alcançou sua forma presente provavelmente ao redor do segundo século DC. Na seção do texto do rajadharma, o dharma do rei, há passagens da lei hindu. Estas passagens foram as que primeiramente chamaram à atenção dos estudantes Ocidentais, e assim o texto ficou conhecido como as **Leis de Manu**.

O Manusmṛiti permite aos grupos governantes invadirem povos como os Sakas, Pahlavas, e os gregos que foram chamados de Yavanas. Nisto, o Manusmṛiti estava acomodando as novas realidades sociais ao padrão teórico. Yavanas, Sakas, Pahlavas e outros invasores estrangeiros são descritos por Manu como ksatriyas caducados, da classe dos guerreiros. Estes guerreiros tinham perdido o seu estado por não terem seguido seu dharma, mas executando sacrifícios expiatórios apropriados e reconhecendo os brahmanas como líderes religiosos, eles poderiam entrar na comunidade ortodoxa. Lá pelo quarto século DC estava completamente colocada a escritura madura dos Dharma-shastras. A este período, as regras das castas estavam sendo aplicadas sistematicamente pela primeira vez, através das dinastias brahmanicas, depois de séculos de domínio estrangeiro.

Havia outros aspectos do texto de Manu que trouxe teoria alinhada com a prática atual e a realidade social. Na sua teoria de castas misturadas, há um sistema elaborado de matrimônios entre as quatro classes (varnas), produzindo as muitas castas (jati). Grupos profissionais ou guildas já tinham montado padrões fechados com características endogâmicas de um jati, assim Manu estava ajustando a teoria dele aos fatos.

Discute-se se os Dharma-shastras pintaram um quadro ideal que não correspondeu com a vida real. Porém, é mais provável que os Dharma-shastras, apesar de estilizados e sistematizados, foram compêndios dos costumes existentes e práticas que proveram o vigamento teórico global para que todo o mundo praticasse o seu comportamento tradicionalmente reconhecido de vida.

Logo no décimo sexto século houve várias ondas de criatividade religio-cultural entre hindus bengali. Um deles foi Raghunandan Siromani, no campo do Dharma-shastra. Ele pode ter sido contemporâneo de Caitanya, em Mayapur.

Bases

A sociedade Védica antiga teve a ordem social estruturada onde os Brâmanes foram estimados como os mais elevados e o a maioria venerava a seita e determinava ser tarefa santa adquirir o conhecimento antigo e aprender. Os professores de cada escola Védica compuseram manuais em sânscrito, conhecidos como 'sutras', pertencendo às suas respectivas escolas, para a orientação dos seus alunos; eram venerados pelos Brâmanes e lembrados por cada estudante de Brâmane.

Os mais comuns eram os 'Grihya-sutras', falando sobre cerimônias domésticas, e os 'Dharma-sutras', tratando dos costumes e leis sagrados. Esta compilação enorme e complicada de regras e regulamentos antigos, costumes, leis e ritos gradualmente se expandiram em seu escopo, aforisticamente escritos e apresentados em cadência musical e sistematicamente organizados para constituir o 'Dharma-shastras'. Destes, o mais antigo e mais famoso é o 'Leis de Manu', o 'Manava Dharma-shastra', um 'Dharma-sutra' pertencendo ao Manava antigo, escola Védica.

A base do pensamento de Manu eram os Vedas. Nas palavras de R.P. Dwivedi, "Manu fez exame e considerou todo o material disponível dos Vedas e de outras fontes. Interpretou-os e usou-os de tal maneira que permite cada membro da sociedade se conduzir a uma vida feliz ao fazer seu trabalho social, alcançando assim o objetivo estimado - o moksha." E Manu era de opinião firme que o moksha só era possível quando há fundamentos sadios numa sociedade calma e pacífica.

Os postulados principais do Manusmriti vêm do Sanatan Dharma que, sendo totalmente além de tempo e espaço, nunca poderá ser irrelevante ou fora de moda, mesmo que a ênfase possa mudar e se adaptar, de acordo com as necessidades da pessoa e as circunstâncias sociais prevalecentes.

Gênese

Geralmente acredita-se que Manu, o antigo professor de ritos sagrados e leis, é o autor de 'Manava Dharma-shastra'. O canto inicial do trabalho narra como dez grandes sábios atraíram Manu para que pronunciasse as leis sagradas a eles e como Manu cumpriu os seus desejos pedindo ao instruído sábio Bhrigu, a quem tinha sido ensinada a métrica da doutrina da lei sagrada, que transmitisse seus ensinamentos. Porém, igualmente popular é a convicção de que Manu aprendera as leis com o Deus Brahma, o Criador, e assim é dito que a sua autoria é divina.

Para Definir o o Hinduísmo Claramente (de Dr. Frank Morales)

A origem Védica tem a Chave

Filósofos hindus tradicionais enfatizam a importância crucial de se entender o que é Hinduísmo propriamente e o que são caminhos religiosos não-hindus. Você não pode reivindicar ser um hindu, afinal de contas, se não entender o que é que reivindica acreditar, e o que é que outros acreditam.

Visões declaradas no "Manava-dharma-shastra"

Manu, um dos antigos grandes entregadores da lei da tradição hindu, declara o seguinte no seu Manava-dharma-shastra:

"Todas essas tradições e todos esses sistemas desacreditados de filosofia que não são baseados no Veda não produzem nenhum resultado positivo depois da morte; porque se declaram serem baseadas na escuridão. Todas essas doutrinas que diferem do Veda que surgem e logo perecem são ineficazes e enganosas, porque elas são de data moderna". (XII, 95)

Colocadas em termos os mais simples, "vaidika" especificamente se refere a essas pessoas que aceitam o Veda como sua Escritura sagrada e, assim, como a sua fonte de conhecimento válido sobre os assuntos espirituais.

Visões declaradas no "Sarva-darshana-samgraha"

No seu famoso compêndio de todas as escolas filosóficas hindus conhecidas, o Sarva-darshana-samgraha, Madhava Acharya (o filósofo do XIV século, Advaita) sem ambiguidade declara que os Charvakins (ateísta empírico), "Baudhdhas" (os budistas) e "Arhats" (Jainistas) estão entre os não-védicos e, assim, são escolas não-hindus. Reciprocamente, ele lista Paniniya, Vaishnava, Shaiva e outros, entre as tradições Védicas, ou hindus. Igualmente, no seu Prasthanabheda, o famoso Madhusudana Sarasvati (XVII séc) contrasta todos os *mleccha* (ou "selvagens") pontos de vista com as visões hindus e diz que os anteriores nem mesmo são merecedores de consideração, considerando que as visões budistas devem ser pelo menos consideradas, e devem ser debatidas.

A diferenciação entre "ortodoxo" e "heterodoxo", sob uma perspectiva hindu clássica, está na aceitação da revelação Védica, contrapondo-se ao rejeitar a santidade do Veda.

A presença de pensamento atômico no manu-smR^iti

Um das realizações filosóficas mais profundas dos hindus antigos era o desenvolvimento do vaisheShika, ou a teoria da estrutura das partículas de toda a matéria. Sendo o texto dos princípios do vaisheShikas o trabalho de kaNAda, há evidência clara de que a filosofia teve uma raiz mais antiga nos hinos especulativos dos védicos saMhitas (por exemplo, Atharva Veda [shAkha de shaunaka] 12.1.26, e RV 10.72.6). É interessante notar que junto com outras construções védico-filosófico e de origem mitológica o MDS também apresenta um plano para a construção em partículas da matéria particular (MDS1.15-20):

"O Maior era a única entidade existente, sustentando os três gunas que habilitam os cinco órgãos, em sua ordem, a perceberem a existência. Esta entidade diferenciou 6 tipos de partículas diminutas que possuem propriedades sem exceção, e combinou com partículas diminutas daquela entidade original, dando origem aos elementos de tudo existente. Os iluminados conhecem o corpo da entidade primitiva que constitui toda a existência como sendo moldado por esses seis tipos de partículas minúsculas. Abragendo estas partículas indestrutíveis básicas, as partículas dos elementos primários que constituem a existência combinam-se com suas forças e propriedades. As partículas minúsculas dos elementos primários, em número de sete, conhecidas como o purushas de grande potencial, dão origem a várias combinações impermanentes que incluem o universo, sendo elas indestrutíveis. As propriedades das partículas originais em uma combinação, e o modo pelo qual se combinaram, influenciam as propriedades das partículas emergentes."

KRISHNA

Conhecido como Deus encarnado, o chefe do clã Yâdava viveu na Índia há aproximadamente 5000 anos, e deixou-nos o “Sublime Cântico da Imortalidade”, o Bhagavad Gita (episódio da grande e antiga epopéia hindu, Mahâbhârata, essência dos Upanishades). Desde esse tempo vem sendo trazida a nós o conhecer da Sagrada Finalidade de tudo e todos: “... a unificação com Deus, que é a etapa suprema da realização”. (Gita, XVIII, 50).

Nasceu numa prisão, simbolizando que nascemos na prisão do “eu”. Escapa dali para enfrentar forças malignas e as vence, - o poder da Verdade vence sempre.

Andava triste porque o povo não compreendia que Ele viera em forma humana: “Aqueles que estão iludidos Me desprezam porque Me apresento como um corpo humano, desconhecendo Minha natureza divina como Senhor de toda a existência”. (Gita IX, 11).

Krishna chamava a todos para Si mesmo, para Sua Paz: “Abandona todos os teus deveres, busca-Me para teu abrigo, não te preocupes, pois Eu te livrarei de todos os males”. (Gita, XVIII, 66).

O Bhagavad Gita é uma conversação em campo de batalha entre o Senhor Sri-Krsna e Arjuna, Seu amigo íntimo e devoto, a quem ele instrui na ciência da auto-realização. Este livro é apenas uma parte da biblioteca sagrada hindu.

“Sempre que houver declínio da retidão e a injustiça triunfar, ó Barta, então Eu Me manifestarei para proteger o Bem, destruir o Mal e para restabelecer a Justiça. Eu Me manifesto de tempos em tempos.” (Gita, IV, 7)

Muita gente pensa, lendo ao pé da letra, que Crisna foi um matador de gentes e de feras. Tudo ali é simbólico, é figurado, tendo sido ele um matador de vícios e de erros...

...o Excelso Espírito que soube e pôde repetir o Sermão da Montanha, de modos diferentes. Sempre, porém, com o mesmo celestial sentido de Renúncia. (Bíblia dos Espíritos)

“Compreender Crisna é começar a conhecer Jesus-Cristo.” - Um historiador.

Diremos nós: sem conhecer os Grandes Iniciados, as Grandes Revelações anteriores, difícil se torna penetrar a Excelsa Doutrina, vivida e plasmada com o Sangue inocente de Jesus. Porque Jesus resumiu tudo em Sua Vida, em Sua Obra, ao executar a Lei de Deus, ao Batizar em Revelação e ao não escrever.

Pedimos um favor, se não é muito: vivam a Moral, o Amor, a Revelação, o Saber e a Virtude. E depois respondam se Aquele que foi o Divino Molde de tudo isso, por acaso, precisaria de escrever. (Bíblia dos Espíritos)

BIOGRAFIA

Quando a Índia é conquistada pelos Árias, nascem grandes impérios. Os épicos de Mahabharata e as populares Puranas relatam tal época opulenta e heróica, onde os árias deparam-se com as raças amarela, vermelha e negra, mescladas, e mesmo assim, suas idéias sobrepujaram todas.

A história religiosa da Índia tem, por um lado, o gênio da raça branca com seu senso moral e aspirações metafísicas e, de outro, a energia passional da raça negra, com sua força dissolvente. Surgem na linguagem simbólica, as dinastias do sol e da lua.

O deus do universo, no culto solar, é masculino. Aparece o fogo sagrado, a prece, a realza eletiva e patriarcal. É o contraste do que se vê no culto lunar, feminino, tendendo para a magia negra e a idolatria, entre poligâmicos e tirânicos.

Na epopéia de Mahabharata (250000 versos) está a luta entre esses dois polos, recheada de combates violentos e aventuras. Na metade desta epopéia, os vencedores são os Curavas (lunares) sobre os Pandavas (solares), os quais se ocultam com os anacoretas dentro das florestas. Tais ascetas eram considerados os reis espirituais da Índia, com seus poderes transcendentais.

O homem que traz a vitória do poder espiritual sobre o temporal, do anacoreta sobre o rei, conciliando o solar e o lunar, o branco e o negro, esse é **Crisna**, divindade encarnada.

Sua história inicia-se em Madura, norte da Índia, onde reinava Cansa, insaciável. Para conquistar toda a Índia, aliou-se a Calaieni, de face amarela, dedicado à magia negra, e que morava numa encosta no fundo da floresta, junto ao templo de Cali e suas serpentes monstruosas. Em troca de apoio, Calaieni exige que ele, Cansa, case-se com sua belíssima filha Nisumba.

Cumprido o acordo, Cansa, apaixonado, fazia todas as suas vontades, mas o filho desejado por ela não vinha. Em ritual aos Devas sabe-se então que Devac, irmã querida de Cansa, será a mãe do imperador do mundo.

Nisumba exige sua morte, mas o chefe do sacrifício coloca-a junto aos anacoretas. Ela entra na floresta e caminha até chegar num lugar paradisíaco e, levada num barco, é conduzida até Vasista, o rei dos anacoretas.

Todos prestam homenagens à mãe “daquele que há de nos regenerar”. Um dia, em êxtase, ela concebe o filho divino e recebe ordens para fugir de seu irmão, permanecendo então nas faldas do Monte Meru, reino de Nanda, patriarca dos pastores.

O maravilhoso filho, alegre e destemido, cresce ali, amando sua mãe que lhe conta dos céus dos Devas. Ao completar os 15 anos, Devac desaparece e Crisna, abatido, absorto em seus pensamentos, foi viver errante no Monte Meru.

No pico, aparece-lhe um velho quase centenário que lhe diz: “Sua mãe está junto d’Aquele que não muda jamais. Procura-O! Quando a filha da serpente impelir o filho do Touro ao crime, você vai me rever, envolto em aurora purpurina. Então, degolarás o Touro e esmagarás a cabeça da Serpente. Tu e eu somos um com Ele. Procura-O sempre!”.

Crisna desce então do Monte, disposto à luta: guerreou reis, libertou tribos. Finalmente vai à frente de Calaieni para lutar contra uma enorme serpente. Ao decepá-la, a cabeça da serpente ainda lhe diz que tema a filha da serpente e o sangue derramado.

Horrorizado, retorna ao Monte Meru. Um dia, cantando um hino de gratidão a Mahadeva, atraiu a atenção das mulheres, principalmente Nichidali e Sarasvati, filhas de Nanda. Ensina-lhes canto, dança e mímica, ao toque de alguns instrumentos.

Cansa é avisado de que o filho de Devac está vivo e que tomará seu trono. Como castigo, Cansa viverá inquieto e tomado de medo.

Ele já escutara sobre as proezas de Crisna (mas não sabia que ele era seu temido sobrinho). Mandou um recado a Nanda, para que o enviasse a fim de ser seu conselheiro e condutor de seu carro... e Crisna aceita a incumbência, conjecturando quando seria o dia em que saberia de sua mãe. Nisumba, por feitiçaria, aparece na frente de Crisna aparentando juventude, e o envolveu tentando fasciná-lo por sua beleza. No olhar dela ele vê os abismos do inferno e crava seu olhar no dela, que tomba desmascarada.

Cansa revela a Crisna que quer matar Vasista que, em sua opinião, é feiticeiro infernal. Convida-o a irem para dentro da floresta escura e ele aceita, pois talvez ali pudesse perguntar por Devac.

O cenário vai ficando cada vez mais tenebroso à medida que adentram no coração da densa floresta, até que encontram a cabana do anacoreta centenário, cego, porém vendo com os olhos do espírito, alimentado por um discípulo fiel.

Quando Crisna encara o velho sublime – Vasista! –, ajoelha-se e adora-o. Ao entrar na cabana, o impaciente Cansa fica petrificado pela cena. Maior ainda é o seu temor quando ouve de Vasista que Crisna é aquele que vai destroná-lo. Dispara então uma flecha que, pelo estado de tensão, desvia e pega o velho, que já a esperava e diz a Crisna:

- “Por que gritaste? O dardo não pode atingir a alma, e a vítima é a vencedora do assassino! Sê triunfante, cumpriu-se seu destino. Eu volto Àquele que é Imutável, mas tu, Seu eleito, salvador do mundo, ergue-te!”

Crisna cai ao solo para, em espírito, subir ao céu dos Devas com o velho, onde então viram, no centro de uma esfera radiosa, Devac, que os abraça em luz. Quando retorna ao corpo, já compreende sua missão.

Os anacoretas saúdam Crisna como o sucessor de Vasista e entregam-lhe o bastão de sete nós, emblema do poder. Por sete anos, em retiro no Monte Meru, em meditações, Crisna trabalha para dominar a natureza terrena, sobrepondo à divina. Ao descer, não perde a força do leão, mas adquire a doçura das pombas, transfigura-se. Entre os anacoretas que acorreram ao seu encontro e dedicaram-se a ele estava Arjuna, descendente dos reis solares.

É neste momento de sua vida que Crisna fala das verdades divinas aos homens, discorrendo sobre a alma imortal, renascimentos, reintegração a Deus. Explica sobre a sabedoria que se atinge pela inteligência, a necessidade do domínio da paixão para escapar da loucura, ignorância e morte transitória.

A pedido de Arjuna, ele se mostra em sua forma divina, e os discípulos não suportaram o brilho e prosternaram-se a seus pés.

Sua doutrina pode ser lida no Bhagavad Gita, mas a resposta que Crisna dá aos seus discípulos fica atual até hoje:

- “Como é que não o tínhamos visto antes?”

- “Os vossos olhos não estavam abertos. Entreguei-vos o grande segredo. Transmitam-no apenas a quem puder entendê-lo. Vós, escolhidos por mim, vedes o fim. A multidão vê apenas um trecho do caminho. Vamos pregar ao povo o caminho da salvação”.

Retornaram à sua presença as duas filhas de Nanda, já desencarnado, e o acompanharam, instruindo outras mulheres.

Cansa ainda manda lanceiros para prenderem Crisna, mas ele os converte.

Um dia, Crisna entra em triunfo na cidade de Madura. Convida Cansa ao arrependimento para que não prejudique futuras encarnações, assim como Nisumba, com suas idéias venenosas. Coloca ambos em lugar de penitência.

Arjuna sobe ao posto de rei de Madura, sendo seus conselheiros os brâmanes.

Crisna continua ainda chefe dos anacoretas, que formavam o conselho superior dos brâmanes, morando em um templo dentro de fortaleza em Duarca (que submergiu quando Crisna desencarnou, sobrando apenas o templo. Simbólico?)

Os reis do culto lunar formaram aliança para destronarem este rei solar. Inicia-se então o diálogo a respeito da superação das ilusões de natureza inferior, que está no Bhagavad Gita.

Crisna sentiu que chegara sua hora de passar pela suprema prova do sacrifício. Sobe ao Monte Meru, seguido pelas duas filhas de Nanda, e por sete dias oraram e fizeram abluções. Quando chegaram os arqueiros de Cansa, as mulheres desmaiaram. Eles amarraram-no a um cedro e dispararam as suas setas.

À primeira, ele diz: “Vasista, os filhos do sol estão vitoriosos!”. À segunda: “Mãe radiosa! Entram comigo no céu aqueles que me amam”. À terceira: “Mahadeva!”... e murmurando - “*Brahma*”, expirou.

Seu corpo foi cremado; as duas filhas de Nanda atiraram-se à fogueira e a multidão viu os corpos luminosos, Crisna subindo com as duas discípulas...

-----o0o-----

Do livro “O Pentecoste”:

Grande lição exala da sentença de Crisna:

“ENTRETANTO, IDE, IDE PREGAR AO POVO A VIA SALVADORA”

Tal como Jesus Cristo, tal como todos os Grandes Mestres. E qual era a Doutrina de Crisna? Notai bem, dizemos de Crisna, mas Ele e os Seus discípulos sabiam que através Dele falava Mahadeva, que quer dizer Deus. Neste caso, tendes a comprovante de que, se Jesus Cristo não veio muitas vezes ao plano carnal, e é isto o que não quero discutir agora, embora o pudesse e muito bem, dado os saberes de que me fiz senhor, pelo menos podeis deduzir de quem falava através de Crisna. É interessante estudar estes textos; eles exalam monismo e verdades simples, não paganismo, não clerezias exploradoras e mentirosas, não teologismos errados e corruptores; eles falam de Verdades Fundamentais, eles dizem respeito às virtudes que se acham na intimidade da criatura, onde como **FUNDAMENTO** está Deus. Ouçamo-lo:

“Para se chegar à perfeição, é mister conquistar a ciência da unidade, que está acima da sabedoria; é mister elevarmo-nos até o Ser Divino, que está acima da alma, mais alto mesmo que a inteligência. Ora, esse Ser Divino, esse Amigo Sublime, existe em nós próprios, está dentro de cada um de nós. Porque Deus reside no interior de cada homem, mas poucas pessoas sabem encontrá-Lo.

Ora, eis aí o verdadeiro caminho da salvação. Uma vez que hajais te apercebido do Ser Supremo, que está acima do mundo e que está em ti mesmo, decide-te a abandonar o inimigo que se disfarça sob a forma do desejo. Dominai as vossas paixões. Os gozos que os sentidos procuram são como que a fonte dos desgostos futuros. Não basta fazer simplesmente o bem; é preciso ser bom. Etc.”

Veja-se, em poucas linhas, toda a síntese deísta e toda a regra evolutiva. A Origem, a Natureza e o Programa. A chave capaz de abrir todas as portas, porque suficiente para mostrar ao espírito que todos os valores lhe estão no íntimo e que apenas devem ser desdobrados. Tudo quanto Crisna fez, tudo o que disse, nessas palavras se resume, inclusive a lei reencarnacionista, à qual tantos foros endereçou, e tão magistralmente considerou, por ser a válvula redentora e evolutiva das criaturas. Apesar de seu Evangelho ser apelidado o Livro das Sete Interpretações, é simples e alegórico, nada mais. Afinal, todas as verdades estão no âmago de cada centelha, e convém saber isto — os conceitos misteriosos fizeram o grande número de recalçados, de traumáticos, de cismáticos que peregrinam pelos aranzéis do religiosismo universal. Tais conceitos fazem os caracteres presumidos, que arrastam os complexos de superioridade, muito piores do que os de inferioridade. Geram orgulhos mal disfarçados, vaidades, apegos a graus e a títulos que se não sustentam em face da Justiça Divina. É conveniente dar término ao culto dos chamados segredos iniciáticos, dos mistérios, para que tenham fim falsos apanágios, enganosas ou aparentes virtudes. Essas concepções custaram muito caro à Humanidade, porque engendraram orgulhos nefastos para poucos e cegueiras embrutecedoras para milhões ou bilhões. Concebamos, de uma vez por todas, que não há mistério algum, nem em Deus nem em Seus filhos; tudo é simples, por mais profundo e divino que seja.

O Verbo Solar irradiou-se pela Ásia, África, Europa:

Na Pérsia, reconciliam-se Ormuz e Arimã.

No Egito, Hórus é filho de Osíris e Ísis, na Grécia, Apolo e deus do Sol e da Lua.

A história da civilização milenar que floresceu originalmente na Índia divide-se em ciclos cronológicos de quatro grandes eras: Era dourada (Satya-yuga), Era de prata (Treta-yuga), Era de bronze (Dvapara-yuga) e a Era do ferro (Kali-yuga). Devido ao fator tempo, à medida que essas eras se sucedem, a virtude, a abedoria e a espiritualidade são suplantadas pelo vício, pela ignorância e pelo ateísmo – três atributos negativos que se destacam na sociedade humana na era de Kali (palavra que também significa desavença, hipocrisia, cegueira espiritual). Embora tenha transmitido o conhecimento do Bhagavad-gita pela primeira vez na era dourada, o Senhor Krishna viu a necessidade de voltar a transmiti-lo na aurora da era de ferro, cinco mil anos atrás, uma hora antes de começar a Guerra de Kuruksetra.

VEDA VYASA

'Coordenador', este título é comum a muitos autores e compiladores antigos, mas especialmente é aplicado a Vedavyasa, o coordenador dos Vedas que, pela natureza imperecível do seu trabalho, também é chamado de Saswatas, 'o imortal'. Seu nome também é visto como compilador do Mahabharata, o fundador da filosofia da Vedanta, e o coordenador das Puranas; todas estas pessoas são, seguramente, idênticas a Vedavyasa. Mas isto é impossível, e a atribuição de todos estes trabalhos a uma pessoa só ou surgiu de um desejo de levantar a sua antigüidade e autoridade, ou da identidade assumida de vários coordenadores "diferentes". Fonte: Dowson's Classical Dictionary of Hindu Mythology

Os sábios hindus

Foram os sábios que enriqueceram e trouxeram glória à cultura e filosofia índia desde tempos imemoriais. Eles moraram nas florestas, longe da influência de áreas urbanas, e levaram uma vida severa e austera. Contribuíram para a glória e prosperidade da nação fazendo penitências e yagas que exaltavam Deus.

Vedavyasa, o grande sábio da Índia

VedaVyasa é um desses sábios que tiveram um papel muito predominante para o crescimento da herança da Índia. Seu pai foi outro grande sábio. Fora o autor de Parasarasmrithi, um desse Smrithis que entregam regras de conduta humana.

Nascimento de Vyasa

O Maharshi Parasara, um dia, estava entrando em um barco no rio Sarayu. Satyavathi, a jovem filha virgem de Dasaraju, o rei dos pescadores, estava remando o barco. Parasara, por vontade divina, ficou cativo pela beleza de Satyavathi e tiveram relações amorosas. Ele lhe deu o benefício da retenção da sua virgindade. Então, Sathyavathi deu à luz uma criança masculina, que era de cor escura, em uma ilha (dwipa) no rio Yamuna. Aquela criança foi chamada Vyasa, por causa do nome da ilha. Sendo ilegítimo, foi chamado Kanina, (o 'bastardo'); por sua aparência recebeu o nome Krishna (moreno), e pelo local de nascimento foi chamado Dwaipayana (insular).

Depois que Vyasa cresceu, o sábio Parasara o levou para o seu convento, localizado no meio das florestas, e lhe ensinou todos os Vedas e assuntos afins.

Vedavyasa era o filho ilegítimo do Rishi Parasara e Satyavati, e sua mãe casou depois com o Rei Santanu, de quem teve dois filhos. O mais velho, Chitrangada, foi morto em batalha, e o mais jovem chamou-se Vichitravirya.

Conta-se que Vedavyasa, que nasceu de uma mulher de pescador, é considerado um Brahmin porque seu pai também era. A mesma mulher do pescador, depois de casar com o rei Shantanu, foi considerada desde aquele tempo em diante como pertencente à casta de Kshatriya. Foi considerado que os seus filhos, Chitrangada e Vichitravirya, eram Kshatriyas. Infelizmente ambos príncipes morreram sem terem tido herdeiros. Por causa da continuação da linhagem real, pediram às rainhas deles que tivessem filhos com o sábio Vedavyasa. O grande sábio consentiu em empreender esta tarefa a fim de que a dinastia continuasse. Pandu e Dhritarashtra nasceram desta forma, e foram considerados Kshatriyas. Vidura, que foi gerado na mesma época por Vedavyasa, é um Shudra, porque a mãe dele era uma criada. São cinco, os irmãos de Pandava, nascidos de deuses. Ainda consideram que sejam Kshatriyas. Assim, como pode o nascimento determinar a casta? Como um filho nascido de um sábio ser um Kshatriya, e outro um Shudra? O nascimento só pode determinar a casta se não houver nenhuma confusão entre as castas. Quando as castas estão misturadas, como tem acontecido por tão longo tempo, só nascimento não pode decidir a casta de uma pessoa. Dhritarashtra e Pandu, dentre seus descendentes é que teve lugar a grande guerra do Mahabharata.

Krsna Dwaipayana veio a ser chamado "Vedavyasa" por ter dividido os Vedas em quatro e tê-los subdividido então em 1.180 recensões. "Vyasa" literalmente significa uma "composição" ou um "ensaio". Classificar objetos também é conhecido como "vyasa".

As Puranas mencionam nada menos que vinte e oito Vyasas, encarnações de Vishnu ou Brahma, que desceram para a terra em épocas diferentes para organizar e promulgar os Vedas.

Vyasa, o grande Autor

Vyasa era um grande autor voraz. Ele tinha uma grande visão da cultura da Índia. Tinha poderes sobrenaturais extraordinários. Os Vedas originalmente eram misturados e pareciam uma única unidade. Era um trabalho tenaz para qualquer um estudá-los. Então, Vyasa tomou a si a grande tarefa de dividi-los e coordená-los. De-lhes, então, a forma presente de quatro Vedas. Ele também foi o autor de dezoito Puranas, os grandes BrahmaSutras surpreendentes e muitos outros. Diz-se que no total escreveu vinte quatro lakhs de slokas; um trabalho estupendo jamais realizado antes.

Veda Vyasa é uma alma poderosa que revelou o conhecimento Védico ao mundo, sua sabedoria e história, em uma forma escrita.

Krsna -Dvaipayana Vyasa revelou muita literatura Védica. Primeiro ele dividiu o único Veda em quatro, então ele os explicou nas Puranas, contou o Mahabharata para Ganesa, que o escreveu pela primeira vez. No Mahabharata foi revelado o Bhagavad Gita. Então, toda a literatura Védica foi resumida no sutra do Vedanta e, para orientação futura, ele deixou um comentário natural no sutra da Vedanta, chamado Srimad-Bhagavatam. Com isto buscou expressar o desejo de revelar de modo mais direto os tempos passados do Senhor Supremo e os seus devotos. Sukadeva Goswami, o filho de Vyasadeva, por sua vez entregou o Bhagavatam ao grande Imperador Pariksit, o qual estava rodeado de sábios nas margens do Ganges, esperando a morte sem ter comida ou bebida durante sete dias.

Sukadeva Said; este Bhagavata Purana, é tão brilhante quanto o sol, e surgiu logo após a partida de Deus Krsna para o seu próprio domicílio, levando sua religião, conhecimento, etc. Pessoas sinceras que perderam a sua visão devido à escuridão densa da ignorância na idade de Kali, obterão ilustração neste Purana. Este discurso aconteceu 25/36 anos depois da guerra do Mahabharat.

O dia Purnima (lua cheia), no mês de Ashadha (julho-agosto), é conhecido como "Guru Purnima". Este é um dia muito sagrado, cuja adoração especial é executada aos Acharyas que, pela sua Compaixão Infinita e Graça Suprema, dão Conhecimento do Absoluto (Brahma Vidya), por uma linha longa e contínua dos Acharyas (o Guru Parampara), para todos os que buscam sinceros. Um Acharya é uma pessoa que vive e ensina pelo próprio exemplo.

Entre o Acharyas, Sri Veda Vyasa foi o pioneiro, e o dia do seu aparecimento é honrado por todos os seguidores da tradição Védica.

Sua obra:

Enquanto, de acordo com um estudioso, o Visnu Purana menciona o número de sakhas como sendo de 1180, outra versão é que havia 1133 - o Rgveda 21, o Yajurveda 101, o Samaveda 1000 e o Atharvaveda, 11.

Considerando que as pessoas na época de Kali seriam inferiores aos seus antepassados, Krsna Dvaipayana pensou que deveria ser suficiente que aprendessem um sakha de qualquer um dos quatro Vedas. Foi Deus que pôs esta idéia em sua cabeça. Vyasa determinou o sakhas do Rgveda a Paila, o sakhas do Yajurveda para Vaisampayana, o sakhas do Samaveda para Jaimini e o sakhas de Atharvanaveda para Sumantu. No rgveda temos os hinos de invocação a várias deidades; no Yajurveda a condução de sacrifícios; o Samavedas contém as canções que agradam às deidades e no Atharvavedas, apesar de lidar com sacrifícios, contém mantras recitadas para evitar calamidades e para destruir os inimigos.

De acordo com o arranjo de Krsna Dvaipayana, apesar de ser obrigatório para uma pessoa [isto é, um Brahmin] aprender só uma, não significa que há barreiras em se aprender mais. A intenção é que pelo menos uma sadha deve ser estudada. Até mesmo depois do tempo de Vyasa, houve exemplos de panditas que dominaram mais de um sakha dos quatro Vedas. Vyasa dividiu os Vedas há uns 5000 anos atrás. Isto é, até certo ponto, historicamente estabelecido. Em vez de aceitar esta data chegando a um acordo com os sastras, os historiadores modernos mantêm que a data do Mahabarata deva ser 1500 A. C., mas ultimamente esta opinião está mudando, voltando à visão das datas épicas de 5000 anos atrás.

Foi dito que não havia nenhuma barreira em se aprender mais de um sakha. Até mesmo atualmente, encontramos no Norte da Índia gente com títulos de "Caturvedi", "Trivedi" e "Dvivedi". Tiveram um "Trivedi" que foi o governador de um dos estados. São derivados 'Duve' e 'Dave' são derivados de "Dvivedi". Descendentes de uma família bem versada nos quatro Vedas são chamados de "Caturvedin". Em Bengala, ele é chamado "Catterji". Os que dominaram três Vedas são "Trivedins". Hoje é raro se ver um homem que aprendeu até mesmo um Veda, mas o fato é que os membros de algumas famílias ainda se chamam 'Trivedins' ou 'Caturvedins', o que mostra que em seu passado deveria ter havido indivíduos que conheceram mais de um Veda. Jnanasambandhar se chama a si mesmo 'Nanmarai Jnanasambandhar'. Considerando que ele foi amamentado pelo próprio Amba, deve ter sido fácil dominar os quatro Vedas.

Durante estes 5000 anos e mais, desde que Vedavyasa dividiu os Vedas, muitos sakhas foram perdidos. Fora dos 1180, estamos na posição infeliz de termos só seis ou sete. Dos 21 sakhas do Rgveda, há só um existente - é chamado o Sakala Sakha, ou o Aitareya Sakha, desde o Aitareya Upanishade acontece isto. Do 15 capítulos do Sukla - Yajurveda só dois ainda são existentes, o Kanva Sakha que tem muitos partidários em Maharashtra, e o Madhyandina Sakha no Norte da Índia. Do 94 sakhas do Krsna - Yajurveda, o Taittiriya tem muitos seguidores, particularmente no Sul. Foram perdidos 997 dos 1000 sakhas do Samaveda. Em Tamil Nadu, os que seguem o Kauthuma Sakha são em maior número que esses que seguem o Talavakara Sakha, enquanto que em Maharastra há menos partidários do Ranayaniya. Certa vez temia-se que dos 50 capítulos do Atharvaveda nenhum ainda existia. Mas, em investigação recente, foi descoberto que havia um Brahmin em Sinor, Gujarat que conhecia o Saunaka Sakha deste Veda. Foram enviados estudiosos de Tamil Nadu para aprender com ele.

O Aitareya Brahmana e o Kausitaki Brahmana (também chamado Sankhayana Brahmana) do Rgveda ainda nos está disponível. O Aitareya Upanishad e o Kausitaki Upanishad que fazem parte do Aranyakas que pertencem a estes ainda são existentes.

Do Sukla - Yajurveda temos o Satapatha Brahmana. Também acontece isso - com diferenças mínimas - para o Madhyandina e Kanva Sakhas. É um trabalho volumoso que serve como explicação para todos os Vedas. Só um Aranyaka

é existente deste Veda e constitui o Brhadaranyaka Upanishad. Já foi mencionado que o Isavasya Upanishad pertence à parte de Samhita do Veda.

Do Krsna – Yajurveda, só o Taittiriya Brahmana ainda existe. Entre o Aranyakas deste Veda, temos o Taittiriya; o Taittiriya Upanishad e o Mahanarayana Upanishad fazem parte dele. Este último contém vários mantras usados geralmente. O Maitrayani Aranyaka e o Upanishad do mesmo nome também pertencem ao Krsna - Yajurveda. Como foi mencionado antes, do Katha Sakha só o Upanishad (Kathopanishad) está disponível, não o Samhita, Brahmana e Aranyaka.

(Semelhantemente, o Svetasvatoparanishad do Krsna - Yajurveda ainda é existente, mas nenhuma parte relevante do sakha.)

Novecentos e noventa e sete sakhas do Samaveda estão perdidos, e só sobreviveram uns sete ou oito de seus Brahmanas - Tandya, Arseya, Devatadhyaya, Samhitopanishad, Vamsa, (Sadvimsa, Chandogya, Jaiminiya). O Talavakara Aranyaka deste Veda também é chamado o Talavakara Brahmana. O Kenopanishad vem no fim dele: assim, também é conhecido como o Talavakara Upanishad. O Chandogya Brahmana tem o Chandogya Upanishad.

Repetindo o que foi mencionado antes, temos ainda três Upanishads importantes do Atharvaveda - Prasna, Mundaka e Mandukya. (O Nrsimha Tapini Upanishad também pertence a este Veda.) O único Brahmana deste Veda que sobreviveu foi o Gopatha.

Deveríamos ser culpados de ofensa séria se os sete ou oito sakhas dos 1180 que ainda sobrevivem se tornarem extintos por causa de nossa negligência: não haverá nenhuma expiação para o fato.

Ainda é mantida a aprendizagem Védica ao vivo pelos Namputiris em Kerala, no Sul, que é chamado "Dravidadesa"; e foi mantido até bem recentemente em Andhra Pradesh. Um grande encorajamento para isto era o festival anual de Navrathri, em Vijayavada, quando todos os anos se faziam exames para os estudantes Védicos diante de uma assembléia de estudantes Védicos. Para esses que faziam parte da assembléia, eram dados prêmios em dinheiro, e também certificados. Brahmacarins e pandits vinham de todas as partes do país, para tomarem parte, respectivamente, do exame e da assembléia. O certificado era altamente avaliado. Um estudante que voltava para casa com o certificado era, desde o princípio, honrado pelos donos da casa. Havia um costume em Andhra Pradesh de pôr de lado uma soma a ser apresentada aos estudantes Védicos nos casamentos. A aprendizagem Védica floresceu naquele estado por causa de tais incentivos.

Um Brahmin deve não correr atrás de dinheiro; se ele o fizer, deixará de ser um Brahmin. Porém, temos que considerar o fato de que hoje qualquer ocupação ou profissão diferente de ser estudante Védico é lucrativo. Versados nos Vedas não podem fazer fins lucrativos. Sendo o caso, fica-se encarregado alguém inventar um sistema pelo qual o estudante Védico também possa viver sem qualquer sustento. É porque foram satisfeitas as necessidades mínimas dos estudantes Védicos e versados no país de Telugu que a aprendizagem bíblica floresceu por lá.

São feitos esforços para promover a aprendizagem Védica por toda parte na Índia, e em particular em Tamil Nadu - e um esquema foi elaborado para levantar fundos para pathasalsas (escolas Védicas). Em Tamil Nadu havia patronato para a aprendizagem Védica até o reinado de governadores hindus como os Nayakas. Depois, receberam encorajamento dos principados. Um Brahmin que domine um sakha de Veda inteiro é chamado "srotriya", sendo que "Sruti" significa os Vedas. Era habitual aos rajás de Tamil doarem terras a Brahmins, e às vezes uma aldeia inteira, determinava-se que ficava isenta de impostos. Isto é descrito como "iraiyili" em velhas inscrições. "Brahmadesam" é o nome dado para as terras dadas para Brahmins como presente. Nos éditos reais, a palavra usada é "Brahmadeyam". Caturvedimangalam era o nome dado para uma aldeia doada pela realeza a Brahmins proficientes em todos os quatro Vedas. Esses que gastam todo o seu tempo aprendendo e ensinando as escrituras não tinham nenhuma outra fonte de renda. Assim, ficavam isentos de kisti. Esta isenção estava em vigor até mesmo durante o governo do Nawabs, a Companhia de Índia Oriental e seu sucessor, o governo britânico. Embora os britânicos não fizessem nada que promover os estudos Védicos, isentaram aldeias dos impostos. Porém, os Brahmins durante aquele tempo venderam as terras deles, convertendo-as em certificados, e abandonado as aldeias dos seus antepassados para se instalarem nas cidades. Isto também significou algo mais infeliz, já que cortou a conexão deles com a antiga tradição Védica.

Os Vedas

Vyasa classificou os Vedas em quatro divisões (1131 Sakhas ou Revisões) divididas em Rig (21 sakhas), Yajur(101 sakhas), Sama (1000 sakhas) e Atharva Veda (9 sakhas);

Ele escreveu as BrahmaSutras (555 Sutras ou Provérbios, que integram as mensagens dos Upanishades relativos a Jiva, o Universo e os brâmanes). Ele escreveu 18 Maha Purânas (Brahma Purana, Padma Purana, Bhagavata Purana, Siva Purana, Skanda Purana, Garuda Purana, Brahmanda Purana etc. Destas 18, Vishnu Purana foi compilada pelo pai de Vysacharya, Parasaracharya, mas foi editado e apresentado por Vyasa).

De todos os puranas, o Bhagavata Purana (ou Srimad-Bhagavatam) é o mais lido. Os puranas comentam, em histórias, as atividades sobre-humanas de Deus e de Suas várias encarnações em diferente eras, bem como as atividades de Seus devotos e dos sábios. Para se ter uma idéia do Srimad-Bhagavadtam à luz da filosofia védica, é bom saber antes um pouco do que é o Vedanta-Sutra. Trata-se de uma escritura que explica a Verdade Absoluta através de lógica e argumentos impecáveis. O Srimad-Bhagavadtam é seu melhor comentário e o mais direto, já que Vyasadeva é o autor de ambos.

Diz-se que o Srimad-Bhagavadtam começa onde o Bhagavad-Gita termina. Segundo o Gita, quem conhece o aparecimento e as atividades de Krishna pode se liberar do ciclo de nascimentos e mortes. E o Srimad-Bhagavadtam,

partindo do ponto em que Krishna é a causa de todas as causas, narra histórias transcendentais do aparecimento de Krishna na Terra, até seu desaparecimento. Srimad-Bhagavadtam apresenta Krishna como a conclusão védica final. Sob o argumento de que só Krishna manifesta todos os aspectos do Supremo, o Bhagavadtam confirma que Ele é a fonte de toda a existência, a Verdade Absoluta. O Srimad-Bhagavadtam é também chamado de estudo pós-graduado do Bhagavad-Gita, definindo o mais elevado caminho para a auto-realização: “A melhor religião é aquela que faz com que seus seguidores fiquem em êxtase de amor a Deus; tal amor é imotivado e livre de impedimentos materiais, pois é só o que satisfaz o eu”. (SB 1.2.6)

Vyasa testemunhou e narrou os vários incidentes do Mahâbhârata (com Maha Ganapati como escritor) que contém a jóia da coroa do Dharma, o Bhagavad Gita. Sri Vyasa também é um Chirajeevin (Imortal). Ele é muito justamente tido como alguém de imensa intelectualidade e um sábio eterno.

Entre os sábios ele é o mais respeitado autor pelas penitências severas. Quando ele quis registrar o grande épico Mahabharata, épico para o bem-estar de todos na era de Kali, sentiu a necessidade de encontrar um escritor poderoso a quem pudesse ditar. Pela ordem de Brahmaji, Sri Ganeshji se encarregou da escritura, com a condição de que Vyasadeva não parasse de ditar em nenhum momento. O Mahabharata foi assim compilado, pelo empenho comum de Vyasa e Ganesha, na caverna-habitação de Vyasa. (Viveu nas florestas em torno das áreas urbanas, levando uma vida severa).

ENOQUE

Pelas escrituras, no pré-dilúvio, sendo ele a sétima geração depois de Adão (Gen, 5, 23), Enoque teve um filho, Matusalém aos 65 anos, e andou com Deus durante mais 300 anos. Ouviu de Adão a narrativa da triste queda (Adão = raça primitiva advinda a este planeta, expulsa de outra constelação).

Ao ver-se pai, compreendeu as obrigações de um filho de Deus e meditou profundamente sobre o infinito amor de Deus. Foi dentro da família, como esposo, pai, amigo, cidadão que se mostrou servo do Senhor inabalável. De extenso saber, fazia revelações de Deus, seu estado de comunhão era perene. Angustiado pela crescente iniquidade dos ímpios, temendo que a deslealdade deles pudesse diminuir sua reverência para com Deus, apartava-se, ficando em meditação e oração.

Através de anjos, foi-lhe revelado que Deus tinha o propósito de um dilúvio e um plano de redenção. Pela Profecia, as gerações que viveriam após o dilúvio conheceram-no.

Enoque foi pregador da justiça, sendo procurado por todos os que temiam a Deus para que partilhasse os conhecimentos. Seus labores não se restringiam aos setitas. Na terra em que Caim procurara fugir da presença divina, Enoque tornou conhecidas as maravilhosas cenas (nos dias de hoje, podemos lê-lo nos manuscritos do Mar Morto) que passavam diante de sua visão: “Eis”, declara, “que é vindo o Senhor com milhares de Seus santos, para fazer juízo contra todos, e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade”, (Jud 14 e 15).

O poder de Deus fazia-se sentir. Muitos atendiam às advertências, outros zombavam. Enoque instruíra e advertia o povo durante um período, depois passava tempos em solidão, em sua comunhão com Deus e, quando destes períodos saía, mesmo os ímpios contemplavam com admiração a impressão celestial em seu rosto.

Batalhou fielmente contra o mal prevalecente até que Deus o removeu do mundo. Enoque “foi trasladado para não ver a morte,... visto como antes da sua trasladação alcançou testemunho de que agradara a Deus”. (Heb 11, 5)

Esta foi uma das vidas em que o Pai Divino não deixou corpo.

“A Raiz do Profetismo está nos Vedas, pois foi lá que o foi buscar Henoch, o Grande Patriarca de antes do dilúvio, antes do desaparecimento da Atlântida. O que chamavam de poderes ocultos e transcendentais, nada mais era do que o Mediunismo ou culto das faculdades mediúnicas.

Ainda que fosse por mero respeito às nossas mesmas encarnações remotíssimas, muitos dos que ora se julgam espíritas, pelo simples fato de conhecerem quatro ou cinco sentenças de última hora, deviam lembrar o Profetismo Histórico, e deixar na mente atacanhada um lugarzinho para esse preto de gratidão.”(Bíblia dos Espíritas)

O Livro de Enoch

O Livro de Enoch foi retirado do *corpus* bíblico por ser apócrifo, e isto comporta duas acepções, tanto a de oculto, quanto a de ser pouco confiável. É preciso lembrar que os sucessivos concílios mudaram muito a estrutura dos textos que figuram na Bíblia, e que inclusive cerca de três mil alterações foram introduzidas quando da publicação da Vulgata. Embora este livro tenha sido retirado da oficialidade canônica, não deixa de ser citado muitas vezes (Lucas 3, 37; Hebreus 11, 5; Eclesiástico 44, 16 e em 49, 14). Foi no século XVIII que um viajante inglês reencontrou esse Livro, numa versão etíope de boa qualidade. Quanto à redação original, os exegetas estão de acordo quanto à possibilidade de ter ocorrido por volta do século III antes de Cristo.

Alguns trechos:

“Esses anjos me revelarão todas as coisas e me darão a inteligência daquilo que jamais vi, que não deve ocorrer nesta geração, mas numa geração afastada, para o bem dos eleitos. Foi por eles que pude falar e conversar com aquele que deve deixar um dia sua celeste morada, o santo e todo-poderoso, o Senhor deste mundo. Que um dia deve pôr em convulsão o pico do Monte Sinai, aparecer em seu tabernáculo e se manifestar com toda a força de sua celeste potência. Todos os vigilantes serão surpreendidos, todos ficarão consternados. Todos serão tomados pelo medo e pelo espanto, mesmo nas extremidades da terra. As altas montanhas serão sacudidas, as colinas elevadas serão deprimidas, escoar-se-ão diante de sua face como o círio diante da chama. A terra será submersa e tudo aquilo que a habitar perecerá, ora, todos os seres serão julgados, mesmo os justos. Mas os justos obterão a paz, Ele conservará os eleitos e sobre eles exercerá sua clemência. Então tornar-se-ão propriedade do Senhor Deus, e serão por Ele cumulados de felicidade e bênçãos; e o esplendor da Divindade os iluminará.” (1, 2-8)

“Então os eleitos receberão a sabedoria, e não mais haverá transgressão, nem impiedade, nem orgulho; mas conduzir-se-ão com prudência, humilhar-se-ão e não mais violarão os santos mandamentos” (6, 11). “A terra será liberada de toda corrupção, de todo crime, de toda punição, de todo sofrimento e não mais terá a temer de mim um dilúvio exterminador” (10, 27).

“E eu, Enoch, apenas eu, vi o fim de todas as coisas, e não foi permitido a ninguém vê-lo como eu”. (18, 3)

“Eis os nomes dos anjos que velam. Uriel, um dos santos anjos, que preside aos gritos e ao terror. Rafael, um dos santos anjos, que preside ao espírito dos homens. Raguel, um dos santos anjos, que pune o mundo e os luminares. Miguel, um dos santos anjos que preside à virtude dos homens e comanda as nações. Sarakiel, um dos santos anjos que preside aos filhos dos homens que pecam. Gabriel, um dos santos anjos que preside Ikisat, ao paraíso e aos querubins”. (19, 1-7)

“Então interroguei-o acerca do juízo universal e disse-lhe: Por que uns são separados dos outros? Respondeu-me ele: Há três classes distintas para os espíritos dos mortos, três classes entre os espíritos dos justos. Essas classes distinguem-se por um abismo, pela água e pela lua acima da água. Os pecadores são igualmente classificados, após sua morte são depostos na terra, se o julgamento não os preveniu enquanto vivos”. (21, 9-11)

“...Era semelhante ao tamarineiro, e seus frutos de uma beleza notável, à bagos de uva; seu perfume rescendia pelos arredores. E gritei: Que bela árvore! Que espetáculo delicioso! Então o anjo Rafael, que estava comigo, respondeu-me: Esta é a árvore da ciência, de que comeram teu avô e tua avó; seus frutos os iluminaram, seus olhos foram abertos e após terem percebido que estavam nus, foram expulsos do Paraíso terrestre”. (30, 5)

“Lá, vi então o Ancião dos Dias, cuja cabeça estava como que coberta de lã branca e com ele, um outro, que tinha a figura de um homem. Esta figura era plena de graça, como a de um dos santos anjos. Então interroguei a um dos anjos que estava comigo e que me explicou todos os mistérios relativos ao Filho do homem. Perguntei-lhe quem era ele, de onde vinha e porque acompanhava o Ancião dos Dias.

Respondeu-me nestas palavras: ‘Este é o Filho do homem a quem toda justiça se refere, com quem ela habita, e que tem a chave de todos os tesouros ocultos; pois o Senhor dos espíritos o escolheu preferencialmente e deu-lhe glória acima de todas as criaturas.

Esse Filho do homem que viste arrancará reis e poderosos de seu sono voluptuoso, fã-los-á sair de suas terras inamovíveis, colocará freio nos poderosos, quebrará os dentes dos pecadores.

Expulsará os reis de seus tronos e de seus reinos, porque recusam a honrá-lo, de tornarem públicos seus louvores e de se humilharem diante daquele a quem todo reino foi dado. Colocará tormentos na raça dos poderosos; forçá-los-á a se deitarem diante dele. As trevas serão sua morada e os vermes serão os companheiros de sua cama; nenhuma esperança para eles de sair desse leito imundo, pois não consultaram o nome do Senhor dos espíritos.” (44, 1-4)

“Nesse dia, as preces dos santos subirão da terra até o pé do trono do Senhor dos espíritos”. (45, 1)

“Nesse tempo vi o Ancião dos Dias sentado no trono de sua glória. O livro da vida estava aberto diante dele e todas as potências do céu se mantinham curvadas diante dele e ao seu redor. Então o coração dos santos estavam inundados de alegria, porque o tempo da justiça era chegando, a prece dos santos havia sido ouvida e o sangue dos justos havia sido apreciado pelo Senhor dos espíritos.” (45, 3-4)

“Nesse tempo, percebi a fonte de justiça que jamais se esgota e donde emanam u’ a multitude de pequenos riachos que são os ribeiros da sabedoria. Ali, tudo que tem sede vem beber e se encontra subitamente pleno de sabedoria e estabelece sua morada com os justos, os eleitos e os santos” (46, 1)

“Nesses dias, o Eleito sentar-se-á em seu trono, e todos os segredos da sabedoria e da inteligência escapar-se-ão de sua bica; pois o Senhor dos espíritos dotou-o de uma glória eterna”. (49, 3)

“Agora escutai o mistério que vos concerne; muitos pecadores corromperão e falsearão a palavra da verdade. Pronunciarão más palavras, mentirão, comporão livros nos quais depositarão os pensamentos de sua vaidade. Mas se aí depuserem as minhas palavras, não as mudarão, nem as alterarão, mas escreverão com exatidão que disse a respeito deles, desde o princípio. Vou revelar-vos ainda um outro mistério: Livros de alegria serão dados aos justos e sábios, e acreditarão nesses livros que conterão as regras da sabedoria. E rejubilar-se-ão, e todos os justos serão recompensados porque aprenderam a conhecer todas as vias da eqüidade”. (102, 7-12).

RAMA

Segundo Edouard Schouré:

“Quando, um dia, os gênios opostos eram unidos em inocência primitiva, na época ariana primitiva, surgiram os hinos védicos, onde transparecem o sentimento do divino, na unidade que penetra o todo. Como nasceu tal civilização?... A primeira concentração do núcleo ariano, no Irã, fez-se por meio de uma seleção no seio da raça branca, sob a direção de um conquistador legislador, que deu ao seu povo uma religião e uma lei conformes ao gênio da raça branca”.

Já Zoroastro menciona seu legislador: Yima. Na epopéia hindu, Ramayana, ele aparece com o nome de Rama. Segundo as tradições egípcias, tal época é o reinado de Osíris. Orfeu denominou-o Dionisos, na Grécia.

Rama, sábio jovem druida, com sua dupla tiara de conquistador e iniciado, tendo na mão o fogo místico iluminador das raças, foi conhecedor das virtudes das plantas, astrônomo, profeta. A autoridade emana dele sobre os druidas mais velhos da antiga Cítia. Curou com visco (depois de aconselhado através de uma visão de um Gênio) seu povo castigado pela peste, por causa das práticas de sacrifícios humanos*, colocando o carneiro como estandarte de seus partidários.

Em outra visão esplendorosa, recebe deste Gênio, a Inteligência Divina, a incumbência de espalhar seu fulgor pela terra, orientado para o Oriente, liderando a raça boreal. Transformou a mulher em sacerdotisa do lar, desenvolveu e organizou os superiores de sua raça. Promove festas que uniam os dois planos da vida em saudações recíprocas.

A seu comando, a raça branca estabeleceu-se no Irã, às portas do Himalaia, mas deveria entrar na Índia, centro principal da raça dos Negros (feito que consta do Zend-Avesta).

Toda esta epopéia é recheada de fenômenos e manifestações divinas (fontes de água no deserto, alimentos, curas), até a chegada ao Ceilão, sua meta final. Depois de nova e fulgurante visão, renuncia a todos os bens mundanos e afasta-se dos seus, ensinando seus discípulos, que levam ao Egito o símbolo da unidade das coisas, o fogo sagrado.

Até o desencarne, o patriarca dos iniciados dedica-se a ensinar, e deixa o calendário dos Árias, que deu origem aos signos do zodíaco através dos emblemas secretos dos graus de iniciação.

*[origem de Esculápio, gênio da medicina que empunha a vareta sob a forma de caduceu. Em Números, 21, está: “Então o Senhor mandou entre o povo serpentes abrasadoras, que mordiam o povo; e morreram muitos do povo de Israel. Veio o povo a Moisés e disse: havemos pecado, porque temos falado contra o Senhor e contra ti”].

“Ao mesmo tempo, o templo alarga-se; as suas colunas sobem até ao céu; a sua abóbada perde-se no firmamento. Então, Rama, arrebatado pelo seu sonho, viu-se transportado ao cimo de uma montanha, sob o céu todo estrelado. De pé, junto a si, o seu Gênio explicava-lhe as constelações e fazia-o ler, nos sinais acesos do Zodíaco, os destinos da humanidade.” - G. I.

Rama foi o fundador da Astrologia. Seja qual for o grau de influência do magnetismo cósmico sobre as criaturas, o certo, que temos obrigação de respeitar, é que todas as grandes verdades de caráter espiritualista, que foram transmitidas aos homens comuns, vieram por meio de alguns homens excepcionais. Neste caso temos, uma vez mais, o fenômeno mediúnico ou espírita a servir de alicerce. Rama fora arrebatado em espírito e instruído pelo seu Guia ou Gênio. (A Bíblia dos Espíritas)

“Na sua guerra contra os povos e os reis djambus, como então se chamavam, Ram, ou Rama segundo os orientais, emprega meios aparentemente miraculosos, porque estão fora do alcance das faculdades ordinárias da humanidade, mas que os grandes iniciados devem ao conhecimento e aperfeiçoamento das forças ocultas na natureza.” - G. I.

Em primeiro lugar, entre fenômenos mediúnicos e milagres há uma só diferença - é que os fenômenos mediúnicos sempre existiram e os milagres jamais. Ao que os ignoros chamam milagre, fenômeno sem causa própria, a Verdade proclama como ação de espíritos, através de criaturas dotadas de certas faculdades.

Estas certas faculdades são da natureza do espírito, em combinação com certas influências fisioenergéticas dessas pessoas. Entre os desencarnados, os encarnados, as faculdades mediúnicas e as influências fisioenergéticas é que se processam os fenômenos.

Os grandes iniciados não se fizeram na carne, em uma vida; eles vieram de outras vidas, de realizações antanhas. Os Cristos não se fazem na Terra, de uma feita. No Espaço e no Tempo, nos Mundos e nas Formas, enfrentando Condições e Situações é que eles se forjam. É o destino de todos os filhos de Deus. (A Bíblia dos Espíritas)

“Os reis e os enviados dos povos ofereceram-lhe o poder supremo: ele pede um ano para refletir, e de novo tem um sonho. O Gênio que o inspirava fala-lhe durante o sono.” - G. I.

Na grande visão de última hora, ao contrário de Jesus e de outros que a tiveram nas primeiras horas, Rama foi advertido sobre os perigos do Reino do Mundo. É muito bom recomendar tais leituras aos espíritas em geral, mormente aos dirigentes de Casas Espíritas, pois reina entre eles o gosto pelo Espiritismo Tabelado, tipo engarrafado ou feito em pílulas, comportando apenas meia dúzia de sentenças doutrinárias. O que passar disso, dizem que não é Espiritismo.

Entretanto, os textos todos, de todas as Bíblias da Humanidade, provam o fenômeno mediúnico como base de todas as Grandes Revelações. E quem mais sabe, sobre a Restauração do Cristianismo, pode afirmar que atrás de Elias, ou Kardec, o Codificador, estiveram as Legiões do Senhor, os Grandes Iniciados em ação, para que o Espiritismo viesse a constituir a Síntese das Revelações.

Se uma lei tem o direito de reivindicar o Alicerce da Verdade, essa lei é o Mediunismo ou Profetismo. E se alguém quiser apelar para o mesmo Alicerce, ele se mostrará vivo e presente, pronto a dar sempre o seu eterno testemunho. (A Bíblia dos Espíritas)

“O meu reino não é deste mundo.” - Jesus

O Diretor Planetário assim afirmou, depois de todos os Grandes Reveladores terem dito e feito, pouco mais ou menos, a mesma coisa. O Reino da Plenitude Espiritual é o Averso do Mundo.

Todas as Escolas Iniciáticas ensinavam assim, fazendo ver que o curso das vidas devia normalmente conduzir as almas à Sagrada Finalidade. Esta implicava e implica na vitória sobre a lei dos renascimentos e das mortes.

Conseqüentemente, quem ganha num Reino perde no outro e vice-versa. Logo, é de bom alvitre fazer da matéria bom uso, nunca porém adorando-a. Quem se curva diante da matéria ou do mundo, ao invés de apenas usá-los bem, a si mesmo se desmerece. Lede e comparai Rama com Jesus, na Grande Visão da Tentação. .(A Bíblia dos Espíritos)

RAMAYANA - a história

O Ramayana é um dos dois grandes épicos hindus; conta sobre a vida na Índia, em torno de 1000 aC, e oferece exemplos de comportamento. O herói, Rama, viveu sua vida inteira exemplificando; de fato, por isso o hindu o considera herói.

Quando Rama era um menino novo, era o filho perfeito. Mais tarde era um marido ideal de sua esposa fiel, Sita, um exemplo de responsabilidade no reino de Aydhya. "Seja como Rama," foi o que ensinaram aos jovens hindus por 2.000 anos; "seja como Sita."

Dasharatha, rei de Aydhya, tem três esposas e quatro filhos. Rama é o mais velho. Sua mãe é Kaushalya. Bharata é o segundo filho de sua esposa favorita, rainha Kaikeyi. Os outros dois são gêmeos, Lakshman e Shatrughna. Um sábio educa os meninos, treinando-os no manejo do arco. Rama pode acertar uma maçã que foi pendurada em uma corda.

Nos arredores, a filha da rainha chama-se Sita. Quando era hora de Sita escolher seu noivo, em uma cerimônia chamada swayamvara, aos príncipes foi pedido para armarem um arco gigante. Ninguém pode nem mesmo levantar o arco, mas Rama curvou-o, não somente armou-o, mas também quebrou-o em dois. Sita indica que escolheu Rama como seu marido enrolando uma guirlanda em seu pescoço.

O rei Dasharatha, pai de Rama, decide-se que é hora de passar seu trono a seu filho mais velho, Rama, e de se aposentar. Todos parecem satisfeitos. Este plano cumpre as regras do dharma porque o filho mais velho deve governar e, se um filho já puder responsabilizar-se, os últimos anos do rei podem ser gastos em uma busca de descanso. Além disso, todos amam Rama.

Entretanto, a madrasta de Rama, segunda esposa do rei, não se satisfaz. Quer que seu filho, Bharata, governe. Por causa de um juramento que Dasharatha tinha feito a ela anos antes, de que lhe satisfaria dois desejos, o rei concorda com o banimento de Rama por quatorze anos, e coroa Bharata, mesmo tendo o rei, de joelhos, implorado a ela a não exigir tais coisas. Com o coração partido, o entristecido rei não pode enfrentar Rama com a notícia; Kaikeyi foi dizer-lhe a novidade.

Rama aceitou inquestionavelmente o decreto. "Eu obedeco fielmente ao comando do pai", disse para sua madrasta, "mesmo porque, eu iria mesmo se você o requisitasse". Quando Sita, esposa de Rama, ouviu que ele seria banido, implorou para acompanhá-lo em seu exílio na floresta. "Como a sombra segue a matéria, assim a esposa deve fazer com o marido", lembrou ela a Rama. "Não é o dharma da esposa estar ao lado do marido? Deixe-me andar diante de você de modo que eu possa alisar o trajeto para seus pés", clamou-lhe ela. Rama concorda, e então ele, Sita e seu irmão Lakshmana rumaram à floresta.

Bharata, que pela maldade da mãe subira ao trono, revolta-se muito quando soube o que aconteceu. Nem por um momento considerara quebrar as regras do dharma, tornando-se rei no lugar de Rama. Procurou por Rama na floresta: "Pela regra da hierarquia, o trono é do mais velho", lembrou ele a Rama. "Por favor, volte e reivindique seu lugar como o rei; é seu por direito!"

Tendo Rama se recusado a ir substituir o comando do seu pai, Bharata tomou as sandálias do seu irmão e disse: "Eu colocarei estas sandálias no trono, como símbolo de sua autoridade. Eu governarei somente como regente em seu lugar e, a cada dia, porei minhas oferendas nos pés de meu senhor. Quando terminarem os quatorze anos do banimento, retornar-lhe-ei alegremente o reino". Rama ficou muito impressionado com a abnegação de Bharata. Quando ele se retirava, Rama disse-lhe: "Devia ter sabido que você renunciaria feliz; isso é o que a maioria de homens trabalha vidas para alcançar".

Os anos passam e Rama, Sita e Lakshman são muito felizes na floresta. Rama e Lakshman destroem os rakshasas (criaturas maldosas) que perturbam suas meditações. Um dia, uma princesa dos rakshasas tenta seduzir Rama, e Lakshmana fere-a, mantendo-a afastada. Ela retorna a seu irmão Ravana, rei de Lanka (Sri Lanka, anteriormente Ceilão), e conta a seu irmão (que tem uma fraqueza por mulheres bonitas) sobre a encantadora Sita.

Ravana planeja seqüestrar Sita. Manda um cervo dourado, mágico, para que Sita o deseje. Rama e Lakshman vão caçar os cervos, mas primeiro desenham um círculo protetor em torno de Sita e avisam-na de que estará segura enquanto não pisar fora do círculo. Enquanto caçam, Ravana (que pode mudar sua forma) aparece como um asceta que lhe pede esmolas. No momento em que Sita pisa fora do círculo para dar-lhe o alimento, os de Ravana agarram-na e carregam-na para fora de seu reino em Lanka.

Rama desespera-se quando retorna à cabana vazia e não encontra Sita. Ravana levou-a a seu palácio em Lanka, mas não pode forçá-la a ser sua esposa. Então, instala-a em um bosque e, alternadamente, conversa mansamente e ameaça-a, numa tentativa de forçá-la a concordar com um casamento entre eles. Sita nem mesmo olha para ele, pensa somente em seu amado Rama.

Um exército dos macacos oferece-se para ajudá-lo a encontrar Sita. Hanuman, o general do grupo dos macacos, pode voar, já que seu pai é o vento. Ele voa a Lanka e, encontrando Sita no bosque, mostra o anel que levava para a

identificação, conforta-a e diz que seu Rama virá logo para salva-la. Os homens de Ravana capturam Hanuman, e Ravana manda que embrulhem a cauda de Hanuman num pano e ateiem no fogo. Com sua cauda queimando, salta de monte em monte, ateando fogo em Lanka. Voa então em direção a Rama para dizer-lhe onde Sita está

Rama, Lakshmana e o exército dos macacos constroem uma ponte da costa da Índia a Lanka, cruzando sobre Lanka. A batalha pode seguir. Rama mata diversos de irmãos de Ravana e então Rama confronta Ravana. (Ravana é conhecido por sua sabedoria, como também por sua fraqueza por mulheres). Rama mata, finalmente, Ravana.

Rama livra Sita. Sita, entretanto, não é imediatamente recebida por Rama; ele questiona sua castidade por ter vivido na casa de um outro homem. Quando pede a ela que se submeta ao teste pelo fogo, ela concorda. Posta à prova sua inocência, ela torna a se reunir a Rama. Ele sobe ao trono, mas mais tarde Rama abandona-a para dar prioridade à opinião pública, e ela vai viver em outra parte.

Valmiki, um eremita, acolhe-a. Nascem os gêmeos Kusa e Lava. Ele levou 12 anos compondo os versos de Ramayana e ensinando-os aos meninos, que os cantavam acompanhados de tambores e alaúde. Neste ano, Rama, governador de Ayodhya, promove um festival de ação de graças e coloca uma estátua de ouro de Sita no lugar que seria dela. Todos os dias, os gêmeos cantaram trechos do longo poema, encantando todo o povo.

Sauti, o contador de histórias, conta o que aconteceu a partir dali:

Pela fabulosa história de Ramayana, Rama descobre que os gêmeos são seus filhos e pediu para que se buscasse Sita, a fim de reatarem sua vida em comum. Sentado no trono na clareira onde foi o festival, aguarda a adorada e linda esposa.

Quando ela chega à sua frente, Janaka, pai de Sita e marido da Mãe Terra, diz: “Não há censuras”. Rama responde: “Perdoa-me, e perdoa a todos nós”. Ela olha o povo que se agrupa em torno deles, sorri, e pede permissão a Rama para provar sua inocência, o que lhe foi concedido. Clama, então: “Mãe Terra, se fui fiel a Rama, leva-me para casa, esconde-me!”

O chão fende-se num tremor e Mãe Terra toma-a no colo, acariciando-a. Fecha-se a fenda, suavemente, para sempre. Rama lamenta que não mais poderá vê-la.

Passam-se os anos, e o Tempo, enviado de Brama, vem até Rama. Conversam. Chega o dia da partida de Rama. Mergulhará no rio... ele e todos os seus seguidores que lhe entregaram o fogo de seus nascimentos, os quais foram apagados por Rama naquelas águas.

“Confia na Verdade!... e foi o primeiro a mergulhar e continuou mergulhando até o outro lado, vencendo todo o tempo passado e todo o tempo por vir...”

Kusa e Lava cantaram: “Isto encerra o caminho de nosso Pai; a narrativa, afinal, acabou”.

HERMES TRISMEGISTROS

Hermes foi o Grande Iniciado que mais conseguiu saber sobre a Divina Essência Criadora, Sustentadora e Destinadora de tudo e de todos.(Evangelho Eterno)

Do livro “Lei, Graça e Verdade”

“Foram estudados Hermes Trimegisto e Pitágoras. Suas respectivas teologias brilharam celestialmente na palavra do verboso e lúcido expositor. Verdadeiramente, não haveria avalanches de falhas religiosas se todos os homens procurassem conhecer a torrente de verdades que aqueles dois Grandes Mestres derramaram sobre a Humanidade.

Pena foi, sentenciou o expositor, que seus continuadores tenham posteriormente descambiado para outros rumos, engendrando clerezias corruptoras, até mesmo adulterando os textos, colocando na boca dos Grandes Mestres aquilo que eles nunca disseram e, por outro lado, tirando aquilo que eles de fatos ensinaram.

Todavia, brilhou nas alturas da abóbada religiosa, mais uma vez, a grandeza e a glória daqueles dois luminares da VERDADE, daqueles dois notáveis precursores do CRISTO.

Falando aos encarnados ali presentes, salientou o expositor:

— Acrescentando a essas duas teologias a GRAÇA da REVELAÇÃO trazida mais tarde por Jesus Cristo, para toda a carne, teremos a medida religiosa perfeita. As verdades básicas foram bem expostas, ficando entretanto adstritas aos poucos que entravam para o Grande Cenáculo. Não era ainda hora de serem abertas as portas do Templo da Sabedoria. Tudo ficaria em caráter esotérico, até que viesse AQUELE, o CRISTO, cuja função missionária seria rasgar o VÉU DE ÍSIS, ou como foi feito no devido tempo — batizar em Espírito! Tornar a carne toda herdeira da GRAÇA que é a REVELAÇÃO”

Do livro “A Bíblia dos Espíritos”:

“Ó alma cega! Arma-te com o facho dos Mistérios e tu descobrirás, na noite terrena o teu Duplo Luminoso, a tua Alma Celeste. Segue esse Guia Divino e que ele seja o teu Gênio - Porque ele contém a chave das tuas existências passadas e futuras.” - G. I.

Hermes fala, no Livro dos Mortos, à inteligência bruta do homem neófito, para que reconheça em si mesmo, no seu fundamento, uma Centelha Divina. Esta Centelha, avisa o Instrutor, é a mesma de sempre; é aquela que, um dia, por evolução, brilhará como jamais sol algum poderá brilhar.

Guia Celeste, Alma Divina, Centelha Divina, tudo é a mesma coisa.

Facho dos Mistérios é o mesmo que Excelsa Doutrina.

No Caminho do Senhor, nome da Doutrina do Senhor até Constantino corrompê-la, para inventar o catolicismo, a Ciência dos Mistérios passou a se chamar Doutrina da Verdade.

Quando Kardec foi fazer a Codificação, a Restauração Doutrinária, por ter sido a função missionária de Jesus o Batismo de Espírito, disseram os Espíritos Reveladores que o nome devia ser ESPIRITISMO.

Isto fica bem saliente, para ser anti-sectário, apenas verdadeiro, acima de religiosismos e conchavismos de homens.

O Espiritismo é Escola de Espiritualidade, nada tendo que ver com sectarismos quaisquer. Ensinará a amar a Deus em Espírito e Verdade, porque isso Deus é e deseja que Seus filhos venham a ser. Ensinará a usar tudo quanto seja mundos, formas e transições, sem os adorar, porque tudo quanto é matéria é apenas ferramenta de uso, nada mais. De modo geral e definitivo, a Doutrina que se fundamenta na Moral, no Amor e na Revelação, aponta ao filho de Deus o seu Templo Interior, onde as luzes do Amor e da Sabedoria, somente elas, realmente poderão iluminar para a eternidade.

Hermes também quer dizer Cristo ou Verbo Divino. Foram quatro os Hermes.

Do livro “O Pentecostes”;

Hermes Trimegisto, o verdadeiro criador do conceito ocultista, de par com as felizes verdades que proclamou, também trancou o caminho a muitos, se é que dele partiram certas disposições doutrinárias. Vejamos alguns luminosos textos:

“Ser-me-á um dia permitido ver a Luz de Osíris?

Respondem-lhe: Isso não depende de nós. A Verdade não se dá. Ou nós a encontramos em nós mesmos, ou nunca a encontramos. Nós não podemos fazer de ti um adepto; é necessário que tu o consigas por ti mesmo. O lótus pousa longo tempo sobre o rio, antes de desabrochar. Não apresses a eclosão da flor divina. Se ela tem de vir, ela virá na hora própria. Trabalha e ora”.

Trabalhar e orar é desabrochar a flor divina. É, no dizer do Cristo, acender a Luz interior, fazer brilhar o olho interno, sem o que tudo serão trevas. Não é admissível que Hermes tenha caído em tão vasta contradição. Demais, sabemos

muito bem que nenhum espírito será jamais desfeito, como afirma, e sim que todos, mais tarde ou mais cedo, ressarcindo faltas e evoluindo, atingirão a chamada Luz de Osíris — Deus! A irretorquível verdade, essa fica saliente — cada qual deve realizar em si o problema do Reino de Deus, ou da Luz de Osíris.

Notemos a grandeza deste texto; é completo em sua infinita simplicidade; é monismo integral:

“Não existem verdades interiores e nem verdades exteriores, porque tudo é UM. O que está em cima é como o que está em baixo, e vice-versa, porque tudo partiu de só UM”.

Vejamos como tratou da lei das reencarnações; por ele fala Ísis ao neófito:

“Eu sou a tua irmã invisível, eu sou a tua alma divina e este é o livro da tua vida. Ele encerra as páginas cheias das tuas vidas pretéritas e as páginas brancas das tuas vidas futuras. Desenrola-las-ei todas, um dia, diante de ti. Ficas-me, entretanto, conhecendo. Chama-me e eu virei”.

Em dois simples textos a síntese da mais pura e simples verdade — referência ao **CENTRO GERADOR** ou Deus, à centelha emanada e ao processo evolutivo através da lei reencarnacionista! Sem segredos, sem mistérios, sem empalhações tolas e presumidas, que a uns fizeram orgulhosos e a outros ignaros e tardos, acima de tudo obrigando a julgamentos temerários, pois para se julgar alguém desmerecedor é preciso qualificá-lo indigno

Segundo Schuré:

Na Grécia, somente os templos masculinos e dóricos possuíam o segredo da ordem descendente das encarnações (que é simultânea à ordem ascendente das vidas: a involução produz e explica a evolução). Os templos jônios só a conheciam imperfeitamente. Toda a civilização grega era jônia, ficando tais conhecimentos obnubilados. Os seus grandes iniciados, de Orfeu a Pitágoras, de Pitágoras a Platão, todos pertencentes a essa ordem, reconhecem Hermes por seu mestre.

Procurar conhecer a vida de Hermes leva à dificuldade de levantar-se dados, já que muitos chegam a duvidar de sua existência, outros lhe dão caráter divino. Hermes Trismegisto é o nome de Hermes ou Thot em seu aspecto humano; Hermes, o aspecto divino, é mais que isso. Hermes Thot, misterioso e primeiro iniciador do Egito, tem seu nome relacionado com a primitiva miscigenação das raças branca e negra na Etiópia e Alto Egito.

Hermes é personagem da tradição grega, que tem em Thot o seu correspondente egípcio e, em Roma, Mercúrio. Hermes Thot-Aah, a Lua, tem como símbolo o lado brilhante da Lua, a que contém a sabedoria criadora. Outro símbolo para Hermes Thot, Sabedoria, é a serpente. Segundo Platão, foi Hermes quem descobriu os números, a geometria, a astronomia e as letras. Para os egípcios, foi ele quem revelou os hieróglifos.

Hermes Trismegisto significa três vezes grande, pois o tinham como rei, legislador e sacerdote. Sua época denomina-se “reino dos deuses”. São cerca de 42 os livros sobre ciências ocultas que lhe atribuem a autoria: o Caiballion, o Livro dos Mortos e a Tábua de Esmeralda são exemplos. (Existe uma versão dentro da tentativa do conhecimento do hermetismo que atribui a Hermes apenas a função sacerdotal e ritualística, não sendo uma pessoa, portanto, mas um papel desempenhado por homens).

A referência mais antiga à Tábua de Esmeralda data do século VIII (por Dyâbir Ibn Hayyan), mas sabe-se que Alberto Magno já a conhecia em versão latina, mas pelo estilo é datada como sendo anterior ao séc VII, e como o seu conteúdo está em perfeita harmonia com a tradição alquímica (ou hermética), os próprios alquimistas admitem que ela está realmente vinculada à origem daquela tradição.

O hermetismo em sentido estrito surgiu no final da época helenística, revivescendo um legado egípcio, compondo-se de um complexo de conhecimentos (astrologia, alquimia, magia) trazidos por Thot, sendo que ali a natureza é sempre encarada como manifestação do espírito.

No esoterismo, o hermetismo volta-se à esfera cósmica, por oposição à esfera divina (ou puramente espiritual), aonde ela conduz. Os aspectos espirituais da natureza, cosmos e matéria são considerados pontes que o homem deve atravessar para espiritualizar-se.

Seu campo de atuação é duplo: de um lado, busca elevar o homem ao conhecimento do divino por meio do conhecimento das leis naturais em que se expressa sutilmente uma intencionalidade divina. O preceito alquímico *lege, lege, relege et invenies* (“lê, lê, relê e encontrarás”) refere-se menos aos livros do que à natureza mesma, considerada como uma criptografia divina. Decifrar essa criptografia permite “refazer” o homem, tanto na alma como no corpo. De outro lado, a tradição hermética crê que, assim fazendo, não beneficia apenas o homem, mas enobrece a natureza e a própria matéria, espiritualização do cosmos. (a transformação do chumbo em ouro designa esse enobrecimento da matéria e do homem).

Em publicações sobre Hermes, temos a seu respeito: “Hermes viu a totalidade das coisas, compreendeu-a e pôde revelá-la”; sempre falando de sua morte como a partida de um Deus.

O início da doutrina hermética é-nos dado pela descrição da visão de Hermes:

“Um dia, após haver meditado sobre a origem das coisas, Hermes adormeceu. Um pesado torpor apoderou-se-lhe do corpo, mas à medida que aumentava o entorpecimento, o espírito subia nos espaços. Pareceu-lhe então que um ser imenso, sem forma definida, chamava-o pelo seu nome. Atemorizado, pergunta-lhe: “Quem és tu?”, e ouviu a resposta: “Osíris, a Inteligência Soberana. Posso revelar-lhe tudo. O que desejas?”; ao que respondeu: “Contemplar a origem dos seres, ó divino Osíris, e conhecer Deus.”

Foi, então, mostrado em visão tudo o que pedira: luzes, trevas, caos, rumores, o grito da luz, a eternidade. Abriu-se a visão espiritual, o fogo sagrado da palavra criadora e desfilaram diante dele os mundos e humanidades, a origem e o destino das centelhas divinas, e assim Hermes deixa para seus sucessores o legado do conhecimento do céu invisível, da luz de Osíris, do Deus oculto no universo, respirando nos seres, animando os globos, os corpos.

Existem várias versões para a maneira pela qual **A Tábua de Esmeralda** teria sido descoberta. Uma delas, certamente uma lenda, diz que A Tábua de Esmeralda teria sido encontrada após o dilúvio em uma gruta rochosa, e que seu texto estaria gravado em caracteres fenícios em uma tábua de esmeralda; observemos que o próprio dilúvio tem lugar no simbolismo alquímico, como um símbolo para a fase da alquimia chamada *Solutio*, em que predomina o elemento água e tudo se dissolve nela. A água aparece também em outros sistemas como um símbolo para as emoções, que, quando em desarmonia, "dissolvem", por assim dizer, as estruturas psíquicas do ser; dentro deste contexto, sendo A Tábua de Esmeralda um texto que propõe, ainda que de forma velada, um caminho para a integração das partes em um todo, podemos ler isto como um indicativo para reintegrar as partes que foram alagadas e desintegradas, seja pelas águas, pelas emoções ou por qualquer outro fator de desintegração; isto é também válido para a própria reunificação do universo em uma coisa una;

Uma outra versão, provavelmente uma lenda também, diz que a Tábua de Esmeralda teria sido encontrada pelos soldados de Alexandre, o Grande, no interior da Grande Pirâmide de Gizé, e que esta seria o túmulo de seu autor, Hermes Trismegisto. Esta mesma lenda diz que o texto da Tábua de Esmeralda teria sido gravado pelo próprio Hermes com uma ponta de diamante sobre uma tábua de esmeralda, vindo, daí, o seu nome;

O Glossário Teosófico de Helena P. Blavatsky (Editora Ground) explica que A Tábua de Esmeralda "foi encontrada por Sarai (!), esposa de Abraão, no corpo morto de Hermes, e que assim o dizem os cabalistas cristãos e os maçons". Destaca que, "na Teosofia, considera-se isto uma alegoria" e indaga se "poderia significar que Sarai-Swati, esposa de Brahma, ou deusa da ciência e sabedoria secreta, encontrando ainda muito da sabedoria antiga latente no corpo morto da Humanidade fez reviver tal sabedoria, o que poderia ter levado ao renascimento das Ciências Ocultas, durante tanto tempo esquecidas em todo o mundo".

TRECHOS DE “A TÁBUA DE ESMERALDA”

"É verdade, sem engano, certo e muito verdadeiro; o que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo; por tais coisas se fazem os milagres de uma coisa só;"

"Assim como todas as coisas são e procedem do Uno, pela mediação do Uno, assim todas as coisas nasceram desta coisa única, por adaptação";

"O Sol é seu pai, a Lua sua mãe. O Vento trouxe-a em seu ventre. A Terra o alimenta e é o seu receptáculo";

"O Pai de tudo, o Telesma universal está aqui";

"A sua força permanece inteira quando se converte em terra";

"Separarás a terra do fogo, o sutil do espesso, suavemente, com grande habilidade";

"Sobe da Terra ao Céu e desce novamente à Terra e recebe a força das coisas superiores e das coisas inferiores;

"Por este meio obterás a glória do mundo e toda obscuridade se afastará de ti";

"É a força forte de toda força, pois vencerá toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida";

"Assim o mundo foi criado; disso sairão adaptações admiráveis cujo meio é dado aqui";

"Por isso me chamam Hermes Trismegisto, porque possuo as três partes da sabedoria do mundo inteiro";

"O que eu disse sobre a operação do Sol está completo."

ZOROASTRO

Há controvérsia quanto à época em que viveu este grande profeta iraniano: segundo Plínio, 1000 anos antes de Moisés; segundo Hermipo, 4000 antes da guerra de Tróia; para Eudóxio, 6000 antes do desencarne de Platão. Não é nada improvável que tenha sido 5000 antes de Cristo, porque Hermipo tinha em mãos documentos que hoje são desaparecidos.

Doutrina nascida da revelação de Zoroastro em Sogdiana no reino de Bactriana ou Karezmia (região que corresponde ao leste do Irã, Afeganistão e Turquemenistão) que reformou a proto-religião conhecida como Mazdeísmo (religião dos adoradores de Mazda). A origem étnica e cultural de Zoroastro está ligada ao povo ária, povo que se estabeleceu ao norte da península Indostânica e Planalto Persa.

Chamava-se Ardjasp, mas seu nome muda para **Zaratustra** (Esplendor do Sol) depois de ser convertido em apóstolo de Ahura-Mazda (Auréola do Onisciente, Vivente Espírito do Universo), recebendo conhecimentos que remontam à Atlântida através de um patriarca sacerdote do Sol: “Há inúmeros espíritos entre o céu e a terra. O céu é ilimitado, o inferno é graduado em hierarquias. Os caídos conservam a lembrança divina e algum dia encontrarão sua coroa, rogando para que o Senhor do Sol Se manifeste em si mesmos”.

Passou anos nos confins de um grande bosque de cedros, até que ouviu a voz de Ormuz e contemplou sua glória.

O pai dele, por nome Porushaspa, é mencionado no Avesta; o nome da mãe, Dughdôvâ, nos é dado em um fragmento do livro. Sabemos que foi casado e que teve três filhos. Antepassados seus aparecem em livros persas do período médio, mas, evidentemente, a estirpe remonta a um passado mítico e épico.

Assim como em relação à vida e à doutrina de Zaratustra, o Avesta constitui nossa única fonte para o conhecimento do seu ambiente religioso. Desse famoso livro sagrado, compilado e lançado por escrito no período dos Sassânidas (224-651 dC), conservou-se apenas cerca de uma quarta parte do seu texto original. Pequena porção desse texto remanescente distingue-se tanto pelo seu conteúdo como pela antiguidade da sua linguagem. São os breves textos métricos, os gathas.

Desde tenra idade, mostrava Zoroastro uma sabedoria extraordinária, manifestada em Sua conversação e em Sua maneira de ser. Sua vida foi salva muitas vezes dos inimigos que queriam martirizá-lo, para que não chegasse à maturidade e cumprisse Sua missão divina.

Aos quinze anos de idade, Zoroastro realizava valiosas obras religiosas e chegou a ser conhecido por sua grande bondade para com os pobres e animais. Aos 20 anos, deixou o lar e passou sete anos em solidão, em uma caverna numa montanha e depois regressou a seu povo. Com a idade de 30 anos recebeu a Revelação Divina, que se iniciou por uma série de sete visões. De acordo com a posterior tradição persa, isso ocorreu às margens de um rio, enquanto ele se dirigia para a Grande Festa da Primavera. Antes do cumprimento de sua missão, passou longo tempo em jejuns, orações, meditação, até que veio a iluminação sobre sua missão.

Para se falar na vocação de Zaratustra, há que se ter conhecimento do Gatha do Touro, levando-se em consideração a crueldade dos ritos brutais do abate sacrificial: O criador da rês aconselhava-se junto a Ahura Mazda (o senhor supremo dos Céus) sobre como poderia socorrer a criatura e suspender o massacre. Ahura Mazda acena para a possibilidade de um sacrifício cruento vicário, e como o melhor promotor da nova prática sacrificial é escolhido Zaratustra. Por meio desta sua vocação, Zaratustra passou a ser o defensor dos sacrifícios incruentos, e, com isso, o protetor dos animais.

Em uma segunda visão em sonho, Zaratustra recebeu a revelação religiosa fundamental de duas potências originais e opostas, uma do Espírito Santo e a outra do Espírito Mau, os quais regem a vida. Esta visão será o fundamento decisivo da sua doutrina. Ao homem, ao qual se atribui um livre arbítrio, deve decidir entre o bem e o mal, e o profeta procura adeptos para Ahura Mazda, enganando os seus fiéis no zelo pelas plantas, animais e pelos homens.

Escreveu o **Zend-Avesta** (Palavra da Vida), a Bíblia dos Persas, ditado a ele por Ahura-Mazda, o Senhor dos espíritos, o rei dos reis (...“Aquele que te criou e escolheu...”). O Verbo Solar apareceu-lhe em forma humana e mostrou-lhe a criação do mundo, a sua própria origem (ou seja, a manifestação da Palavra viva no Universo), as hierarquias e potestades cósmicas, a necessária luta contra Arimã (inimigo do trabalho construtivo). Instruiu-o no amor pela terra e pelo homem e sua família.

Zoroastro encontrou muita dificuldade em converter as pessoas. Foi perseguido e hostilizado pelos sacerdotes, não tinha apoio dos príncipes, chegou a ser encarcerado, mas continuou firme em sua missão efetuando curas e milagres, ensinando sem parar as suas leis novas e científicas para a guia e instrução do povo. Finalmente consegue que o rei Vishtaspa o siga, iniciando a difusão dos conhecimentos e uma grande reforma, chegando o zoroastrismo a ser a religião oficial da nação persa.

Zoroastro fundou uma civilização de caráter essencialmente agrícola, impregnada da idéia prática da vida destinada a educar os homens em uma crença nobre e de moral sublime. Zoroastro designou o esforço e o trabalho como

atos santos: "O que vale mais num trabalho é a dedicação do trabalhador," ou ainda "O que lavra a terra com dedicação tem mais mérito religioso do que poderia obter com mil orações sem nada fazer."

A Regra de Ouro do Zoroastrianismo é: "Age como gostarias que agissem contigo."

Aos 77 anos de idade, Zoroastro foi martirizado por um homem, enquanto ele se encontrava orando em frente ao fogo sagrado no Templo.

Zoroastro foi o primeiro grande cultivador da Revelação, tendo estribado sua Doutrina sobre a diferença entre BEM e MAL e as vantagens do cultivo mediúnico sadio.(Evangelho Eterno)

“Parlapatões metidos a filósofos criticam Zoroastro pelo fato de criar os conceitos de BEM e MAL; alegam que isso não existe, que em Deus não existe o dualismo; entretanto, asseveram que Deus é INOMINÁVEL ou INDEFINÍVEL, para afirmar que está acima de cogitações ou paralelos, e não gostam de ser maltratados e sim de serem festejados. Quem quiser saber considerar entre o BEM e o MAL, que pergunte a si mesmo sobre o BOM e o RUIM”.(Evangelho Eterno)

O Avesta tardio, segundo BREUIL (1988), possui a seguinte **estrutura**:

- a) Gathas (canto): parte mais antiga e santa do Yasna (sacrifício), composto de 72 hinos rituais. Os Gathas são 17 desses hinos atribuídos a Zoroastro e redigidos pelo seu discípulo Jamaspa. Os mesmos são divididos em cinco partes: Gatha Ahunavaiti, Gatha Ushtavaiti, Gatha Spente Mainiu, Gatha Vohukhshatra e Gatha Vahishtoishiti.
- b) Yasht (adoração): hinos de louvor a diversas divindades, de língua arcaica, com alusões a história do Irã Oriental pré-Zoroástrico. Destacam-se o Farvadin Yasht e Ard Yasht, hinos de divinização de Zoroastro.
- c) Vendidad (lei contra os demônios), único livro completo que restou - possui código religioso, dogmas e leis provavelmente de época parta (Arsácidas 250-208 a.C.).
- d) Vispered (todos os senhores) são textos litúrgicos antigos.
- e) Niranganstan (código ritual e liturgia dos mortos) escritos parte em avéstico, porém diferente dos Gathas, em pálvavi da época Sassânida (212 - 642) e época da invasão islâmica no século IX.
- f) Bahman Yasht (adoração do bom pensamento) apocalipse em pálvavi, com diversas profecias atribuídas a Zoroastro.
- g) Arta Viraf Namak, livro da descida de Arta Viraf ao inferno.
- h) Mainyo i-Khard (espírito de sabedoria), livro de questões e respostas doutrinárias.
- i) Bundahism (livro da criação), quase um manual de cosmologia religiosa, publicado por PERRON (1771) na sua versão do Zend-Avesta e no original por ANCLESÁRIA (1908) conhecido por Grande Bundahishn.
- j) Vicitakiha i Zatspram, texto de acentuada influência zervanita.
- k) Denkart (obra da religião), constitui uma análise do Avesta, data do século IX.
- l) Dadistan i Denik, também do século IX, que corresponde a respostas de Mihr Xvarset, estudioso da doutrina, sobre liturgia e dogmas da religião.
- m) Srand Gumanik Vîcar (Solução Decisiva dos Doutos), tratado sacerdotal de crítica às religiões estrangeiras (maniqueísmo (4), cristianismo, judaísmo e islamismo) e heresias.
- n) Sayast Ne Sayast (do que é permitido e não permitido), regras de oração e ritual.
- o) Saddar, regras de como ser um crente perfeito.
- p) Rivayats, coleção de correspondências em persa entre os parses da Índia e os zartoshtis do Irã, mantidas o século XV ao século XVIII sobre costumes, cerimônias, prescrições usos e cultos.
- q) Textos Épicos como: Shah-Na-Meh de Firdousi, Wis e Ramin de Gorgani (século X e XI) e Zarathusht Nama de Zarathushti Bahram i-Pazdu antigas narrativas da época pálvavi ou parta.

Trecho do Yasna 28, dos Gathas:

“Amparado por essa proteção do Espírito Santo, eu suplico, implorando de mãos erguidas, ó sapientíssimo, um princípio de comportamento para todos segundo Vosso direito divino, através do qual eu possa satisfazer os ditames da Reta Intenção e a alma da rês. Pois eu, ó Sapientíssimo, Senhor, desejo converter-me a Vós, com reta intenção: Concedei-me as bênçãos de ambos os mundos – o material bem como o espiritual – por direito divino, através das quais ele transfira os (seus) adversários ao paraíso!

Cumprindo o divino direito, vos quero celebrar: a Vós, Reta Intenção, sempiterno e sapientíssimo Senhor; Reino imortal, cuja adoração engrandece: Atendei aos meus clamores, vinde em meu auxílio. Eu, que permaneço no zelo do pensamento, identificado com a Reta Intenção, para despertar as almas, e para reconhecer as recompensas dos atos do Sapientíssimo Senhor. Enquanto eu puder e me permitir, ensinarei com todo o empenho, segundo a justa Ordem”.

Ao longo de toda a história, a sua religião acolheu esta característica dualista; contudo, segundo a Doutrina, o Bem finalmente triunfa sobre o Mal. Após um julgamento que haverá, segundo o Yasna 30, verso 10, conseqüentemente ocorrerá a queda da esfera da mentira, enquanto que os corredores mais velozes se aprestam – na direção do paraíso da Reta Intenção (Vohu Manah), do Sapiientíssimo, do Divino Direito: “são os que fizeram por merecer isso, obedecendo ao chamado bom”. Ao longo de todo o Avesta, encontra-se a recomendação ao Dever, à prática do asha (em sânscrito rta) – “Justiça”- ; de modo geral, a ética é o fio condutor da mensagem de Zaratustra.

Esta doutrina foi transmitida oralmente e recolhida nos **gathas**, cânticos do Avesta que foram redigidos na época de Dario I, sendo que o próprio Zoroastro codificou a religião: A fé em um Deus único, Ahura Mazda, dá forças na luta contra o princípio do mal, Angra Mainyu, - o mau pensamento, a mentira, o mau governo, a doença e a morte, a fim de manter-se puro e merecer a luz eterna. Este dualismo influenciou religiões, produzindo diversas formas do maniqueísmo.

O culto do sol é a chave de ouro dos mistérios chamados mágicos. Desde a origem da civilização, os homens conceberam, por trás do fogo sensível, um fogo imaterial, (que identificaram com o princípio masculino, a essência intelectual do universo), e uma luz inteligente (com o princípio feminino, sua alma formadora). Na religião de Zoroastro, o culto de Mitras representa a parte esotérica, o fogo masculino. Mitra é a luz feminina. Diz Zoroastro, formalmente, que o Eterno criou, mediante o Verbo vivo a luz celeste, semente de Ormuz, princípio da luz material e do fogo material. Para o iniciado de Mitras, o sol é apenas o grosseiro reflexo dessa luz. Na sua gruta escura, com a abóbada pintada de estrelas, ele invoca o sol da graça, o fogo do amor, vencedor do mal, reconciliador de Ormuz e Arimã, purificador e mediador, que habita a alma dos santos profetas.

Em torno da figura de Zaratustra perpegam-se tantas lendas, a ponto de entre os gregos ter sido designado como “Poço de sabedoria” – veja Platão e outros -, ou mesmo como mestre de Pitágoras. Todos esses predicados demonstram sua personalidade incomum, imprimindo sua marca na história.

”Uma só é a Verdade, e só com ela triunfareis”

ORFEU

“Assim sendo, a quarta lição versou em torno de Orfeu, o fundador do esoterismo grego, que tantos vultos fizera surgir, como Sócrates, Platão e muitos outros, culminando na figura extraordinária de Apolônio de Tiana, cujos exemplos de caráter e poderes mediúnicos tanta LUZ DIVINA fizera verter sobre miríades de criaturas”.(do livro “Lei, Graça e Verdade”)

Poeta trácio de grande habilidade musical, conhecido como semideus pelo carisma, Orfeu deixa sua influência na Grécia expressa em traços da filosofia de Platão, Aristóteles e outros. Foi de forte influência no séc. VI a.C. O orfismo é particularmente importante porque introduz na civilização grega uma nova interpretação da existência humana, proclamando sua imortalidade enquanto alma, sendo esta a que dá a personalidade do homem, herdeira de uma história e de um trajeto evolutivo, sempre se aperfeiçoando nesta e em inúmeras vidas, até que consiga se assemelhar ao máximo a Deus.

Orfismo

Denominação da forma grega de religião desenvolvida por influência persa, a partir **do 6-o. século a.C.**, por pregação do sacerdote tessálio de nome **Orfeu**. Trata-se de uma figura lendária, de poeta, de músico, de sacerdote, e que teria nascido por obra de uma Deusa. Nesta condição teria sido filho de Oedagro, rei da Trácia, e da musa Calíope. Segundo outra versão teria sido filho da musa Clio com o Deus Apolo.

Na voz melodiosa, que tinha estranho enanto, ele falava dos deuses em ritmo novo. Parecia inspirado. A cabeleira loura, que era o orgulho dos dóricos, caía-lhe em ondas sobre os ombros; a música que corria de seus lábios prestava um triste e suave contorno aos encantos de sua boca; seus olhos azuis profundos resplandeciam cheios de força, de magia e doçura. Invejosos, os trácios evitavam contemplá-lo, mas as bacantes o rodeavam.

Repentinamente, desapareceu. Uns diziam que morrera, outros que fora ao inferno. Fugira secretamente para a Samotrácia, depois Egito, pediu asilo aos sacerdotes de Menfis. Depois de 20 anos, tendo atravessado os Mistérios, regressou com um nome de iniciação conquistado pelas provas... chamava-se agora Orfeu: Aquele que cura pela luz.

Foi recolhido pelos sacerdotes do Templo da Trácia como um salvador e soube, pela sua ciência e entusiasmo, arrastar a maior parte dos trácios, transformando completamente o culto de Baco.

Bem depressa sua influência foi tamanha que penetrou em todos os santuários da Grécia. Consagrou a realeza de Zeus na Trácia e de Apolo em Delfos, onde também lançou as bases do tribunal dos Anfictiões, de que provém a unidade social da Grécia. Finalmente, pela criação dos Mistérios, formou a alma religiosa de sua pátria, fundindo, no ápice da iniciação, a religião de Zeus com a de Dionísio em um pensamento universal. Os iniciados recebiam, pelo seu ensino, a pura luz das verdades sublimes, e esta luz chegava ao povo mais tamizada, mas não menos benéfica, sob o véu da poesia e das festas encantadoras.

Foi desta forma que Orfeu se tornou o pontífice da Trácia, grande sacerdote de Zeus Olímpico e, para os iniciados, o revelador de Dionísio Celeste.

(*) O Baco com cara de touro encontra-se no XXIX hino órfico. É uma recordação do antigo culto que de modo algum pertence à pura tradição de Orfeu, visto que este depurou e transfigurou inteiramente o Baco popular no Dionísio celeste, símbolo do espírito divino que evolui através de todos os reinos da natureza. Coisa curiosa: vamos encontrar o Baco Infernal das bacantes no Satã com caa de touro dos noturnos sabates das feiticeiras da Idade Média. É o amoso Baphomet, do qual a Igreja acusou os templários de serem sequazes com o fim de os desacreditar.

Iniciou-se no mistério de Baco, com seu pai, vindo a ser um pontífice inspirado pelos deuses. Viajou muito, também pelo Egito, razão porque conheceu cultos diversos, sendo o introdutor na Grécia dos cultos de Baco, de Hecateu, Ctônia e Ceres.

A ele se atribuem os assim chamados mistérios órficos. Os poemas órficos são hinos de iniciação aos mistérios, que datam do 6º. século. Pelo aspecto, não são, entretanto, de autoria pessoal de Orfeu. O mesmo se diga de um poema sobre os argonautas e sobre um tratado das forças mágicas. Mas o espírito dos mencionados textos reproduz o que se entende por orfismo.

Atribui-se a Orfeu ter levado a nova religião até Atenas. Efetivamente, as idéias órficas estão presentes nas doutrinas dualistas de Platão (427-347 a.C.), que considera má a matéria e puro o espírito, o qual passa pelo corpo com vistas a purificar-se de algum delito

Mais cedo ainda que a Platão, e por vias diversas, as doutrinas órficas haviam chegado ao conhecimento de Pitágoras de Samos (c. 570- c. 496 a. C.). Dirigindo-se depois às colônias gregas do Sul da Itália, estruturou ali a Escola que levou seu nome. Como se sabe, Platão visitou por duas vezes e longamente as sociedades pitagóricas da Itália.

Deus da música.

Ainda segundo a lenda, Orfeu teria sido hábil músico, dizendo-se que a sua cítara um presente de Apolo, ou de Mercúrio.

Teria sido Orfeu taumaturgo maravilhoso e poético, fazendo lembrar episódios, como os que de futuro se atribuirão ao cristão Antônio de Pádua. Diz a respeito a versão, que ao poder encantador da música de Orfeu, as feras se tornavam mansas, as aves silenciosas, os rios paravam e as árvores dançavam.

Assevera-se que foi com a música, que Orfeu transformou os hábitos selvagens dos trácios.

Tomou parte da expedição dos argonautas, chefiada pelo herói grego Jasão, e que fora em busca do Velocino de ouro (pele áurea de um carneiro).

Sua noiva Eurídice morreu no dia da lua-de-mel, o que o fez descer ao Inferno, onde a reencontrou. Mas, devendo voltar sem olhá-la, não cumpriu a condição até o último momento. Em consequência Eurídice rolou de retorno, pela escarpa abaixo, ao abismo.

Havendo rejeitado o amor das trácias, foi Orfeu por elas esartejado.

Os gregos erigiram um templo a Orfeu. Nele foi vedada a entrada das mulheres.

A cosmogonia órfica

É o dualismo persa, que assumiu formas peculiares no Ocidente, - influenciou não somente as religiões ocidentais, como até as filosofias de Pitágoras, Sócrates e Platão. Ocorreu um retorno ao pensamento grego homérico nas filosofias de Aristóteles (384-322 a.C.), do estoicismo e do epicurismo

No início da cosmogonia órfica estão os seres ingêntos: o *caos* (vácuo abissal), a noite, o *negro érebo*, o *profundo tártaro*.

Neste instante inicial, não havia ainda as formações chamadas terra, céu, mar, ar. Ocorrem então as gerações cosmogônicas: gera a noite o Ovo cósmico, dando-se início à teogonia dos deuses. A série das gerações se dá da seguinte maneira:

1) Ovo cósmico e Eros, 2) Urano (ou céu) e Gea, 3) Oceano e tetis; 4) Cronos, Rea e irmãos; 5) Zeus, Era e irmãos; 6) Dionísios...

"Na sexta geração disse Orfeu – interrompei a ordem do vosso canto (texto citado por Platão, *Filebo*, 66 c).

Nesta teogonia, "a Noite é a geradora universal, como dizem os teólogos, que fazem gerar tudo da Noite" (Aristóteles, *Metaf*, 1071b).

"A teologia de Orfeu, como repete Eudemo, estabelece o começo pela noite" (Damascio, *De primis principiis*, 124).

Versos órficos: "Ó mãe, nutriz, suprema entre os deuses, Noite imortal, como, dize-me, como devo estabelecer o princípio magnânimo dos imortais?" (Proclo, *In Tim.*, B., pr.; fr. 164. Kern, *Orphicorum fragmenta*).

"Feliz e bem-aventurado, serás Deus ao invés de mero mortal! De homem, nascerás Deus, pois és filho do Divino!"... a mensagem órfica é a de que todos somos deuses, por herança divina, e deveremos voltar a estar junto a Ele.

Na Trácia dava-se preferência aos cultos em que ocorriam abusos terríveis, de caráter sangrento e temível, dominados pelas bacantes, sedutoras sacrificadoras de humanos em santuários ocultos em vales selvagens; porém, ainda restava quem se mantivesse fiel aos antigos cultos masculinos, tornando aquela região dividida em campos inimigos.

Nesta época nasce o filho da musa Calíope e de Apolo, ou de Eagro, rei da Trácia. Loiro e de olhos azuis, irradiava doçura ao cantar ao som da lira. Vai à Samotrácia e ao Egito, onde iniciou-se, e retorna com o nome que recebera dos mestres como sinal de sua missão: Orfeu, (ou Arpha), significando "Aquele que cura pela luz". Converteu a maioria dos trácios pela sua sabedoria e entusiasmo, transformando o culto de Baco e dominando as bacantes, lançando as bases da unidade social grega (tribunal dos Anfictiões) e molda a alma religiosa de seu povo.

Naquela época, os iniciados (do Egito, Judéia, Fenícia e Ásia Menor) davam um grito: "Evoé!" que representava Deus em sua fusão com a natureza, com as letras Iod, Hê, Vô, He. Orfeu reserva a primeira para os de mais alta iniciação, com a idéia da unidade de Deus, deixando as demais – as outras ciências - para os iniciantes, glorificando a natureza, em nome de Deus que a penetra.

É diálogo de uma cerimônia de iniciação, Orfeu a seu discípulo:

- "Deus é uno, sempre semelhante e Ele mesmo. Reina em toda parte. Mas, os deuses são inúmeros e diversos, pois a divindade é eterna e infinita. Os maiores são as almas dos astros. Sóis, estrelas, terras, luas, cada astro tem a sua alma e todos nasceram do fogo celeste de Zeus e da luz primitiva. Semiconscientes, inacessíveis, imutáveis, elas dirigem com seus movimentos regulares o grande todo. Cada astro, em seu giro, arrasta em sua esfera eterizada falanges de semideuses ou de almas resplandecentes, que foram outrora almas humanas. Estas, depois de terem descido a escala dos reinos, subiram, novamente, gloriosas, os ciclos para afinal se libertarem da roda das gerações. É por esses espíritos divinos que Deus respira, age, aparece. São o sopro da Sua alma viva, os raios da sua consciência eterna. Comandam os exércitos dos espíritos inferiores, que atuam nos elementos e dirigem os mundos. De longe, ou de perto, eles nos cercam e, embora de essência imortal, revestem-se de formas sempre mutáveis, conforme os povos, os tempos, as regiões. O ímpio nega-os, mas teme-os. O homem piedoso adora-os, sem conhecê-los. Somente o iniciado conhece-os, atrai-os e os vê. Se eu lutei para encontrá-los, se afrontei a morte, se, como dizem, desci aos infernos, foi para dominar os demônios do abismo, para chamar os deuses das alturas sobre a minha Grécia, a fim de o céu profundo casar-se com a terra"

Orfeu foi filho de uma sacerdotisa de Apolo e, jovem ainda, ficou órfão. Em sua juventude acompanhou o temor que infundiam as bacantes, dirigidas por Aglaonice. Apaixonou-se por Eurídice, linda jovem que já tinha atraído as atenções de Aglaonice e, enganada, acaba envenenada por ela. Desesperado, Orfeu busca-a por toda parte, pelas entranhas da terra. Um dia ela mesma aparece-lhe em êxtase: "... Estou no Érebo, cone sombrio entre a Lua e a Terra. Estou no limbo, girando, chorando como tu. Se queres libertar-me, salva a Grécia, concedendo-lhe a luz..."

Ao despertar, disse: -"Se estivesse viva Eurídice, eu gozaria da embriaguez da felicidade. Mas estava morta e assim me fez encontrar a Verdade..."

E Orfeu deu seu testemunho da Verdade, provocando a ira das bacantes e seus soldados, que acabam atravessando seu corpo à espada.

Segundo André Boulanger, o orfismo foi uma religião revelada, com profetas e livros sagrados, um modo ascético de vida religiosa.

Dentre os muitos livros perdidos, que os escritores órficos da Grécia atribuíam a Orfeu, havia as *Argonáuticas* (cosmogonia), *Os cantos sagrados de Baco ou Espírito Puro* (teologia), *O Vêu ou a trama das almas* (mistérios e ritos), *O livro das mutações químicas e alquimia*, *As coribantes* (terremotos), *Anemoscopia* (ciência da atmosfera), *Botânica natural e mágica*.

Orfeu e o orfismo

(Carlos Antonio Fragoso Guimarães)

Ao que tudo indica, Orfeu foi um poeta trácio de grande habilidade musical e um místico de grande carisma, mas cujos traços históricos estão para nós completamente perdidos, a não ser pelas lendas e mitos que nos chegaram a seu respeito, transformando-o num semideus. Já no século VI a. C. o poeta Ibico falava de "Orfeu de nome famoso", testemunhando a grande notoriedade que Orfeu usufruía em toda a cultura helênica, e que só se explica pela existência de um fundador carismático e pela difusão do seu movimento religioso. Eurípedes, Platão, Heródoto, Aristófanes e Aristóteles nos deixaram escritos sobre o orfismo, e sabemos o quanto Platão deve aos mistérios órficos em sua filosofia, especialmente no que concerne à doutrina da reencarnação. É bem provável que o homem Orfeu tenha tido uma forte influência mística na cultura grega no início do século VI a.C.

A religião pública na Grécia e os Mistérios Órficos

A religião exerceu uma profunda influência na gênese da filosofia grega, e, por conseqüência, na filosofia ocidental. Mas quando se fala da religião helênica, se faz necessário distinguir entre a religião pública, que teve seu modelo na representação dos deuses e do culto que foi legado por Homero, e adotada pela maioria da população pela sua simplicidade explicativa dos fenômenos naturais e humanos, antropomorfizando-os, e a chamada religião dos mistérios. Apesar de serem religiões com pontos em comum, há importantes diferenças entre estas duas formas de religiosidade (como, por exemplo, a concepção de homem, do sentido da vida e o destino último da alma humana). Ambas as formas de religiosidade são fundamentais para a gênese da filosofia grega, mas a segunda forma se destaca muito mais nesta gênese que a primeira.

Nem todos os gregos consideravam críveis ou aceitáveis os pressupostos da religião pública, recheada de deuses bastante humanos. Por isso, em círculos restritos, desenvolveram-se os chamados "mistérios", com elementos da religiosidade oriental, tendo suas crenças mais logicamente enlaçadas e seus próprios rituais reconhecidamente simbólicos e com forte conteúdo arquetípico-psicológico. O orfismo é particularmente importante porque introduz na civilização grega uma nova interpretação da existência humana (Reale & Antiseri, 1990). Enquanto a concepção tradicional, desde Homero, considerava o homem com uma alma desconhecida, que se perdia na região do Hades após a morte, quase como um fim total da existência humana, o orfismo proclama a imortalidade da alma, sendo esta o que dá a personalidade do homem, herdeira de uma história e de um trajeto evolutivo, sempre se aperfeiçoando nesta e em inúmeras outras vidas, até que consiga se assemelhar ao máximo a Deus.

Os principais **elementos da doutrina** órfica são:

- a) No homem há um princípio divino, uma alma que caiu em um corpo para corrigir uma imperfeição.
- b)Essa alma não só preexiste ao corpo como também sobrevive a ele, estando destinada a reencarnar em corpos sucessivos até que consiga depurar-se das imperfeições e dos erros que a fazem voltar ao mundo.
- c)Com suas práticas e ritos simbólicos, o orfismo buscava despertar no homem a compreensão destas verdades, ajudando-o a tomar consciência do que e quem ele é, e motivando-o a tomar ânimo para ter o total controle de sua vida, aperfeiçoando-se e pondo fim ao ciclo das reencarnações - temos aqui, de alguma forma, um eco dos ensinamentos budistas.

Conhecemos algumas máximas órficas, que nos chegaram através de fragmentos encontrados em tabuinhas e em tumbas pertencentes a seguidores da doutrina. Algumas dessas máximas resumem muito bem o núcleo central de sua doutrina:

Alegra-te, tu que sofreste a paixão: antes, desconhecias o que era o sofrimento. De homem, nasceste Deus!"

"Feliz e bem-aventurado, serás Deus ao invés de um mero mortal! De homem, nascerás Deus, pois és filho do Divino!"

De um modo geral, a mensagem órfica é a de que todos somos deuses, por herança divina, e deveremos voltar a estar junto de Deus.

Sem o orfismo não se explicaria a filosofia e a doutrina de Pitágoras, nem a de Empédocles e, sobretudo, não se explicaria Sócrates e boa parte do pensamento de Platão, bem como de toda a tradição que deriva de ambos.

“Chamava-se agora Orfeu, que significa - Aquele que cura pela luz.” - G. I.

Sempre as mesmas bases iniciáticas, sempre os Emissários do Senhor, sempre o encaminhamento aos Sagrados Páramos da Essência Divina.

Sem dúvida que os gregos estavam preparados para receber as Epístolas de Paulo, sobre como cultivar a Revelação; e se de Roma não tivesse saído a traição contra o Batismo de Revelação, quanto não teria feito a Grécia pelo desenvolvimento da espiritualidade no seio da Humanidade?

Palavras dele próprio, Pai Divino:

“Como Orfeu, eu simbolizei EURÍDICE... (Quer dizer, todos vocês)”.

“Como Orfeu, eu disse : “Faze, Senhor, com que tuas filhas tornem ao teu seio o quanto antes.” 16-05-1978

Orfeu foi, na Grécia, o assessor do Cristo. (do livro *A Bíblia dos Espíritos*)

Descoberto livro que pode desvendar origem das religiões

Uma coleção de retalhos chamuscados, mantida no depósito de um museu grego é tudo o que resta do que, segundo arqueólogos, seria o livro mais antigo da Europa - e que pode guardar a chave para a compreensão das primeiras crenças monoteístas.

(...) "Provavelmente foi escrito por alguém do círculo de Anaxágoras, na segunda metade do quinto século antes de Cristo", diz Pierris. Acredita-se, que Anaxágoras, um ateniense, foi professor de Sócrates. Ele foi acusado de ateísmo.

O pergaminho contém um tratado filosófico a respeito de um poema, hoje perdido, que descrevia o nascimento dos deuses e outras crenças pela visão de Orfeu, o músico mitológico que visitou o inferno para resgatar a alma de sua amada. O culto de Orfeu levantou a noção de um criador único - em oposição às multidões de deuses das crenças antigas - e influenciou muitas das fés monoteístas que vieram depois.

"De certa forma, foi um precursor do cristianismo", disse Pierris. "O orfismo acreditava que a salvação do homem dependia do seu conhecimento da verdade."

A cova de Derveni, cerca de oito quilômetros a leste de Thessaloniki, era parte de um cemitério rico que pertencia à cidade de Lete.

"Pertencia a um homem muito rico, um nobre Macedônio, guerreiro e atleta que tinha pertences muito importantes na sua cova", disse Veleni. Outros objetos encontrados incluem vasos de metal, uma coroa de ouro e armas.

MOISÉS

De “A Bíblia dos Espíritos”:

O segundo grande codificador foi Moisés [*Manu foi o primeiro*], que inclusive tornou a transmitir o Código Divino, tendo sido também o primeiro batizador coletivo da Revelação. Os Dez Mandamentos datam de mais de duzentos mil anos. E o primeiro batismo de Espírito está relatado no capítulo onze do Livro de Números.

Todos os ensinamentos contidos nas demais Bíblias, nos demais chamados Livros Sagrados, partem daqueles dois. O Védico-Budismo deu o primeiro, tendo a Raça Atlante contribuído fundamentalmente para isso; os continentes eram ligados e os primeiros Grandes Reveladores nela viveram, não sendo a Índia mais do que continuação, assim também como o Egito de eras posteriores.

Moisés foi o primeiro a realizar um batismo coletivo de espírito ou Revelação, como se acha contido no Livro de Números.

Moisés iniciou a crença no Monoteísmo, no Deus que é Espírito e Verdade, e que em Espírito e Verdade quer ser adorado, porque assim quer que venham seus filhos a ser.

“Alma de aço, vontade de ferro, zombou das provas. Espírito matemático e universal, desenvolveu uma força de gigante na compreensão e no manejo dos números sagrados, cujo simbolismo fecundo e cujas aplicações eram então quase infinitas.

O seu espírito, desdenhoso das coisas que não passam de aparência, e dos homens que passam como sombras, não respirava à vontade senão dentro dos princípios imutáveis. Lá do alto, tranqüila e seguramente dominava tudo, sem manifestar nem desejo, nem revolta, nem curiosidade.” - G. I.

A realidade é que, para aquele que cresce no interior de si mesmo, que se desabrocha para as Verdades Eternas, Perfeitas e Imutáveis, uma só termina sendo a razão de ser da vida - é viver para as Verdades Eternas, Perfeitas e Imutáveis.

Moisés tinha de ser assim, para colocar o Povo de Israel naquele local onde Jesus teria, mais tarde, de se apresentar à Humanidade. Marcaria o Povo com a marca do Monoteísmo, do Deus Único e Onipotente, em torno de cuja realidade viva, os Profetas iriam sustentando a tocha da Revelação, até que Jesus viesse para torná-la universal ou pública.

Quase três mil e quinhentos anos depois, podemos dizer que os altos e baixos do Povo não fizeram fracassar os santos desígnios do Senhor. Basta que tenhamos o direito de assinalar o seguinte: “A Moral, o Amor e a Revelação marcaram a obra de Moisés; isso mesmo Jesus-Cristo viveu, tornando público no grandioso fenômeno do Pentecostes, longe de simulações, clerezias e comercialismos pagãos; e isso mesmo revive no Espiritismo, na Restauração encabeçada por Elias, que foi Kardec, agindo sob o comando das Falanges da Verdade.”

Existem verdades, sobre isso tudo e em torno disso tudo, que feliz ou infelizmente, não podemos, por ora, cogitar em público. (A Bíblia dos Espíritos)

Trecho de “Lei, Graça e Verdade”

O expositor iniciou a palestra, dizendo que falaria sobre Moisés, o discípulo da Cabala Egípcia, o missionário que muito trabalhou e sofreu, para radicar a grande família espiritual, de cujo seio resultaria, mais tarde, AQUELE que viria trazer a GRAÇA da REVELAÇÃO para toda a carne, a fim de que a LUZ da VERDADE brilhasse para todas as inteligências e consolasse todos os corações.

De Moisés, falou o expositor, nenhuma palavra direta existe; os Livros foram queimados, assim como perseguidos e mortos os Profetas, ao tempo de Saul. E a restauração, ordenada por Esdra, foi feita sobre lendas e contos do povo, havendo homens que de memória relataram algumas verdades. Quanto ao mais, símbolos e parábolas foram tomados ao pé da letra, caindo os grandes ensinamentos em tremendas falhas e contradições repelentes.

Salientou, entretanto, quatro feitos grandiosos na vida de Moisés, sem contar os muitos outros de menor significação:

O de “Trasladar o Povo de Israel para o local devido, da maneira que melhor pôde, contando com os recursos mediúnicos de que dispunha, assim como DEUS lhe permitiu”.

O de “Uma vez mais transmitir a LEI que fora diversas vezes transmitida, no curso dos tempos aos povos”.

O de “Profetizar sobre a vinda de CRISTO, fazendo ciente o Povo de que não estavam completas as Escrituras”.

O de “Lavar o primeiro batismo coletivo de Espírito, ensejando a setenta homens escolhidos entrarem para o cultivo da REVELAÇÃO, a fim de o auxiliarem a guiar o Povo”.

De “Um Médium de Transportes”:

Moisés assombrava e convencia pelas obras fenomenais que provocava, vindo a ser o primeiro a Batizar em Espírito. Deixou um lastro de setenta homens, com mediunidade manifesta, como ponto de partida do primeiro batismo coletivo havido na história religiosa do Planeta.

Numa época onde o monoteísmo está no interior dos santuários egípcios, Israel desempenhará o papel de elo entre Oriente e Ocidente, unificando a Humanidade sob o Deus Único, seu papel inicial, tendo Moisés como seu organizador.

Irradiaria de Israel a religião universal da Humanidade pelo trabalho de Hosarsife, primeiro nome egípcio de Moisés.

Segundo Stefan Schreiner, em “Moisés, nosso Mestre”:

“Qualquer esforço no sentido de traçar um retrato de Moisés enfrenta uma série de problemas até hoje insolúveis, a começar pelo da questão das fontes. Pois tudo o que dispomos da tradição antiga sobre ele está contido unicamente na Bíblia hebraica, e nela quase exclusivamente no Pentateuco, que enfeixa os livros bíblicos particularmente ligados ao seu nome. Na realidade, Moisés é citado também com relativa frequência em outros passos da Bíblia, fora do Pentateuco (por exemplo: Jz, 1, 16; 4, 11; Is 63, 11; Jr 15, 1; Mq 6, 4; Sl 90, 1; 103, 7; cf a respeito Os 6, 5 e outros), todavia todas estas menções pouco ou nada acrescentam para a biografia. Nas fontes extrabíblicas, contemporâneas dos textos bíblicos, mas delas dependentes, não encontramos uma palavra sequer sobre a pessoa, a vida e a obra de Moisés, pelo menos segundo até hoje se conhece. Os dados na Bíblia, por sua vez, em relação ao que nos relatam sobre Moisés, estão longe de serem coerentes. Oferecem muito mais uma multiplicidade confusa de “imagens de Moisés”, devidas em parte às histórias narradas sobre ele, e em parte aos títulos que lhe foram atribuídos:

Ele é designado como “Servo de Deus” (Nm 12, 7-8; Dt 34, 5; Js 1,1), como “Homem de Deus” (Dt 33, 1; Js 14, 6; Sl 90, 1; Esd 3, 2; 1Cr 23, 14; 2Cr 30, 16), como “Sacerdote” (Sl 99, 6; 1 Cr 23, 14), “Profeta” (Dt 18, 18; 34, 10), como “Eleito de Deus” (Sl 106, 23), como “Enviado a seu povo” e “como intercessor do seu povo junto a Ele” (Ex 3, 13s; 5, 22s; 33, 13.19; 14, 15; 16, 1s; 17, 4 e 11; Nm 14, 1s; 21, 4s; Ez 22, 30; Sl 103, 7 e *passim*); aparece inclusive como “representante de Deus” (Ex 7, 1) e age como líder carismático, autor de milagres e libertador da opressão, como “Sacerdote” (Ex 23, 14s; 34, 18s), como “Legislador” (Ex 20, 18-21; 24, 12; 32, 15s; Dt 5, 20-28; 9, 9s; 109, 1s; 31, 9 2 24s) e como “Juiz” e “Profeta” (Nm 12).

Com certeza, seria anacrônico, ou, como diz H. Küng, “aventuroso”, admitir que “o Moisés histórico tenha sido, desde o princípio, tudo o que a tradição posterior lhe atribuiu”. Neste sentido, de fato, ao longo da história da pesquisa tentou-se sempre de novo, com sucesso maior ou menor, ordenar as diversas “imagens de Moisés” segundo os escritos básicos (do Pentateuco), caracterizados e delimitados entre si desde J. Wellhausen, e bem assim situá-las de acordo com as diferentes redações daqueles escritos em épocas posteriores. Mas os resultados diversos a que chegaram essas tentativas mostram por si o quanto elas são pouco convincentes e, além disso, todo esforço no sentido de discernir o Moisés histórico em sua função original e deslindar as “funções anexas”, segundo o seu surgimento cronológico ao longo da tradição, se afigura uma tarefa impossível. Assim, com R. Martin-Achard, resta-nos designar Moisés como uma “figure polysémique”.

De acordo com a tradição, Moisés nasceu e cresceu no Egito; e egípcia também é a conotação de seu nome. Ao final da conhecida legenda do nascimento de Moisés, sua exposição e resgate no Nilo (Ex 2, 1-10), o nome *Mosheh* vem relacionado com o verbo hebraico *mashah* (=retirar da água), significando “aquele que foi retirado da água”. Todavia, como tantas outras explicações de nomes bíblicos, trata-se também aqui de uma etimologia popular que, apesar de ser esclarecedora da história relatada, não se sustenta face à crítica filológica. Pela forma como pronuncia, Mosheh vem do egípcio, derivado do verbo egípcio *msj* (=criar, gerar); neste sentido, pode ser justificado o nome como sendo uma composição e procedência egípcias (como por exemplo, Tutmósis). Mas mesmo que Moisés tenha tido um nome egípcio, e além do mais, fosse versado em todas as ciências egípcias (At 7, 22), nem por isso seria lícito concluir que ele era um egípcio. O fato de ter nome egípcio nada explica sobre sua verdadeira origem; como narrado alhures, no Egito podiam-se dar nomes nativos também a estrangeiros (cf. Gn 41, 45). Para a tradição posterior também seria insuportável o pensamento de que Moisés pudesse ter sido egípcio. Não é sem fundamento que o Midrash, antigo comentário rabínico, ao referir-se a Ex 2, 19, diz: Mesmo que Moisés tenha vestido “roupas egípcias”, e que por isso tenha aparecido às filhas de Jetro, seu antigo sogro, como um egípcio, mesmo assim ele foi um ‘ivri’, um hebreu (Shemot Rabba I, 32).

Por sua linhagem, Moisés foi um levita. Seu pai e sua mãe são expressamente apontados como pertencentes à tribo de Levi (Ex 2, 1). E segundo Ex 6, 16-20, Moisés e seu irmão mais velho, Aarão, e segundo Nm 26, 59, também em 1Cr 5, 29, igualmente sua irmã mais velha, Miriam, eram bisnetos de Levi, por parte de pai, e netos por parte de mãe. Mas não se poderia simplesmente descartar a pergunta se essa menção expressa da pertença de Moisés, de seus irmãos, pais e avós à estirpe não deveria ser considerada como suficiente indicação de efetiva procedência levítica, ou se estamos apenas em face de uma alusão ao título de Moisés, correspondente a uma das funções por ele exercidas, e que como tal se transmitiu aos pósteros detentores desse mesmo título. Moisés – assim como seu filho Gérson e seu neto Jônatas – é chamado levita por profissão (Ex 32, 26s; Jz 18, 30s; Mq 6, 4), portanto sacerdote, e como tal é designado ao lado de Aarão e Samuel no Sl 99, 6 e em 1 Cr 23, 14 (veja-se também Talmud babilônico, Tratado Bava Batra, 109b). Uma solução histórica dessas questões é impossível e acrescente-se a dificuldade de que são muito incertos nossos conhecimentos sobre a história e a estirpe de Levi, conseqüentemente sobre a instituição e história do sacerdócio daquela época.

“Como todos os fortes marcados para uma grande obra, Hosarsife não se submetia ao cego Destino, sentindo que uma Providência velava por ele e o conduzia à realização dos seus fins.” - G. I.

Os homens são semideuses, por serem filhos de Deus, devendo comandar o Destino, não pensando jamais que o Destino lhes seja imposto. Uma coisa é o Supremo Determinismo, a Ordem Divina, a Lei Geral e outra coisa o Destino, a Trilha que pode sofrer alternativas, segundo a conduta de cada um.

O Supremo Determinismo, ou Ordem Divina, é igual para todos, enquanto que o Destino é específico, é móvel, diz respeito à conduta de cada um. No seio do Todo as partes movimentam e criam, para si mesmas, as mais variantes condições e situações, conforme sejam boas ou ruins as suas obras.

Entre o chamado Criador e a chamada criatura pairam a Lei Geral e a Justiça Geral; mas a criatura é que tem, por natureza, o direito de acioná-las contra ou a favor de si, pelas obras que praticar. E como o espírito ou criatura, deve vir a ser acima de Mundos, Formas e Transições, importa que vá aprendendo a comandar o seu Destino ou Carma.

Os mais medíocres iniciados compreendiam isso; não precisava ser um Moisés, para saber que o Carma ou Destino deve ser comandado, e que, para comandá-lo, somente procurando viver os três sentidos da Lei de Deus. Não afirmou o Divino Molde, de início, que veio para executar a Lei de Deus e não para derogá-la? E poderia alguém derogar a Lei de Deus, eliminar da Ordem Divina a Moral, o Amor e a Revelação?

“Havia séculos que o Sinai e o Horebe eram desta forma o centro místico dum culto monoteísta...” - G. I.

Primeiro devemos dizer que a Ciência dos Mistérios era sumamente monoteísta, ou conhecedora de um Deus Único e Essencial, Ievé ou Informe, ou Impessoal, que Se revelava pelos Seus Altos Mensageiros. Afirmavam que os Santos Espíritos, ou Espíritos Santos, eram os filtros de Deus.

A seguir diremos que nos altos montes, longe das cidades buliçosas e das vibrações grosseiras da generalidade, faziam eles os seus exercícios máximos, as suas grandes experiências agora ditas mediúnicas.

Jesus perfilhou em tudo e de tudo, pois foi entre os Nazireus que aguardou o tempo devido, para o desempenho do Seu Divino Messianato; o maior feito, de caráter teofânico, foi a Transfiguração, tendo-a levado a termo no alto do monte Tabor. O Sermão da Montanha, ou o Poema da Renúncia, foi proclamado no monte dito das Oliveiras.

O levitismo - clericalismo como outros - ou talvez o pior de todos, porque foi aquele que crucificou o Cristo e deu origem ao clericalismo romano que veio a ser o blasfemo do Batismo de Revelação, tudo faria para fazer crer no aparecimento de Deus no alto desértico do Sinai, com o fito criminoso de eliminar o conhecimento da Iniciação Esotérica, do mediunismo de portas fechadas, ao qual Jesus, mais tarde, veio universalizar ou tornar de toda a carne.

Vide nos Profetas, muitas vezes assinalado, que nos altos montes estavam os ajuntamentos deles. Todavia, em construções e comunidades, como havia nas margens do Mar Morto, ou em grutas onde se reuniam em épocas certas, para entrarem em comunhão com os Altos Mensageiros do Senhor.

BIOGRAFIA

Hosarsife foi filho de Termutis, terceira das onze filhas do faraó, irmã de Ramsés II, um dos grandes monarcas do Egito. Concebido no ano 4 do reino de Seti I, Moisés foi filho de um rabino muito amigo da casa faraônica, o que impedia que fosse criado como príncipe; entretanto, sua mãe imaginou uma forma de poder criá-lo dentro do palácio, colocando-o numa cestinha forrada com betume para que a água não penetrasse no interior e, a partir daí, fingindo tirá-lo das águas, pôde tê-lo em seus braços e educá-lo bem. Bem mais tarde, em diálogo com sua mãe a respeito de governar os egípcios, respondeu manifestando desprezo ao povo idólatra, sabendo-se destinado a outras funções.

Por sua linhagem, Moisés foi um levita. Seu pai é da casa de Levi (Ex 2, 1), mas também tanto ele como seu filho Gérson e seu neto Jônatas, serão chamados levitas pelo cargo de sacerdote.

Íntegro e inflexível, atravessou a iniciação de Ísis, onde aprendeu cosmografia e astronomia, e expressou a vontade de desvendar os segredos dos livros sagrados. Diante do espanto do pontífice, ele explica: “Espero e obedeco. Osíris fala como quer, quando quer, a quem quiser. Se o espírito vivo resolver falar, ele me falará”.

Hosarsife cresceu entre as colunas do palácio e do templo de Osíris, onde chegou a ser sacerdote. Ainda bastante jovem, foi comissionado para ser inspetor em Gossem, vendo de perto as condições do povo hebreu, cativo e exposto a trabalhos forçados. Foi uma forma do faraó mantê-lo afastado do palácio, pois temia que pudesse prejudicar seu filho, Meneftá, primo de Moisés e herdeiro do trono.

O jovem escriba surpreendeu-se com os duros trabalhos que cumpriam os judeus e devota-lhes sua simpatia. Ao ver um soldado egípcio espancando um escravo hebreu indefeso, toma a arma dele e deixa-o sem vida. Enterra-o na areia, mas dias depois descobre que fora visto.

Os sacerdotes de Osíris que cometiam assassinato eram severamente julgados. Ele sabia que sua vida estava por um fio, e nesta hora ouve uma voz interior que o impele ao deserto; não como um desertor ou fugitivo, mas como alguém em busca de seu destino. Vai expiar seu crime na solidão do país de Madiã, além do Mar Vermelho. Ali, entre os descendentes de Abraão, levou vida de pastor e preparou-se para sua futura tarefa.

O Templo dali estava consagrado a Osíris, mas também se adorava o Deus Soberano, Eloím. O grão-sacerdote de Madiã era o etíope Jetro, patriarca do deserto, protetor dos líbios, árabes e semitas.

Hosarsife submete-se à expiação comum aos iniciados que cometiam tal falta, que era ir em sono letárgico até a região espiritual onde ficam as almas ainda apegadas à atmosfera. Procurou sua vítima para obter seu perdão e encaminhá-lo à luz. Lavou seu próprio corpo astral do hálito envenenado por seu erro e retornou compreendendo o caráter de certas leis de ordem moral, e a profunda perturbação produzida na alma pela infração destas mesmas leis.

Retorna totalmente renovado: o Egito não é mais a sua pátria. Decidido a lutar pela Lei do Deus Supremo no meio daqueles povos idólatras e nações anárquicas. Adota, então, o nome de Moisés, o Salvo.

Casa-se com Séfora, filha vidente de Jetro. Na casa dele estudou os livros de cosmogonia “As guerras de Jeová” e “As Gerações de Adão”. Percebeu que os grandes iniciados do passado criaram religiões para seus povos, ele teria que forjar um povo para sua religião.

Escreve “Sefer Bereshit”, uma síntese da ciência antiga e quadro da ciência futura, chave dos mistérios, facho dos iniciados, texto para a união da nação.

“O Sepher Bereshit” - G. I.

Nunca mais ninguém saberá, na Terra, o que foi o Livro dos Princípios, o Tratado de Ciência Divina, escrito em três sentidos - Literal, Simbólico e Iniciático ou Interpretativo.

Fizeram do Gênese uma monstruosidade. Isso basta que seja dito, para se compreender as palavras do Autor de **OS GRANDES INICIADOS**:

“Ah! Por certo que era para o futuro condutor do povo de Deus, o Gênese irradiava uma luz diferente e mais forte, abraçava mundos bem mais vastos do que o mundo infantil e a pequenina Terra que a tradução grega dos Setenta ou a tradução latina de S. Jerônimo nos mostram.” - G. I. (Bíblia dos Espíritos)

Utilizou três maneiras para expressar seu pensamento: a) simples, onde a palavra tem o seu próprio significado; b) simbólico, com linguagem figurada; c) hieroglífica, sagrada, transcendental. Moisés redigiu o gênese em hieróglifos, mas deu a explicação verbal aos seus sucessores. *[segundo a doutrina de Hermes, uma mesma lei rege os três mundos, o natural, o humano e o divino, e os iniciados poderão perceber os três mundos com um só olhar]*. No tempo de Salomão houve uma tradução para os caracteres fenícios. Esdras escreve-a em aramaico-caldaico. Quando chegaram os gregos, só restava uma pálida idéia do sentido esotérico do texto original.

Sobe ao Monte Horebe e, numa sarça ardente, escuta a Voz Divina que lhe determina ser o condutor da retirada do povo hebreu do Egito. Então, junto com seu irmão Arão, planeja a grande empreitada: libertar do jugo de uma nação poderosa um povo que será conduzido através do deserto inclemente até uma terra povoada de gente inimiga. Para isso, isolaria o povo no Tabernáculo do Senhor através do temor, impondo o monoteísmo.

Suplicaram a licença para a partida, mas o faraó recusou e, para não sobrem dúvidas de que a intenção tinha sustento divino, sobrevieram as 10 pragas. Foi somente quando desencarnaram os filhos primogênitos de cada família do Egito que Moisés obteve a permissão de partida.

Era primavera, reuniram-se todos na cidade de Tamis e dirigiram-se a Sucote, distante 52 km, seu primeiro acampamento. Iniciaram o êxodo contornando o Mar Vermelho no momento em que Meneftá, agora faraó, estava com os exércitos a oeste, em defesa contra inimigos. Quando soube desta saída, o faraó sai no encalço do povo hebreu que já atravessava o Mar que se abria. Ao comando de Moisés, as águas se fecham em torno do exército egípcio e os hebreus seguem sua viagem. Em três meses chegam ao pé do Monte Sinai, onde serão recebidos os Dez Mandamentos da Lei de Deus. Montam ali seu acampamento e aguardam a descida de Moisés.

“... Uma lei única rege o mundo natural, o mundo humano e o mundo divino.”

Moisés foi o Profeta-Concatenador, ou Codificador do tempo, a fim de preparar ao Senhor Planetário o ambiente propício. A concatenação ou codificação de Moisés foi de sentido Védico-Hermético. O Védico-Hermetismo ensinava assim, que o Um, ou Deus, também em leis regentes como ÚNICA LEI começava, desdobrando-se a seguir em infinitas leis, ou leis menores. (Bíblia dos Espíritos)

As mulheres de Moabe e Midiã fizeram tentativas para incentivar a idolatria entre o povo de Israel, movidas pelos padres egípcios que trouxeram uma estátua de Astarote para ser adorada. Quando Moisés desceu da Montanha com os Dez Mandamentos, encontrou o povo adorando um bezerro de ouro, moldado com o material das jóias deles. Cheio de cólera, ele quebra as Tábuas de pedra nas quais havia escrito em 40 dias a Lei de Deus. Repreende-os e lança tal ídolo ao fogo.

Retorna ao Monte acompanhado dos 70 e da Arca*. Grande tormenta desceu sobre todos os amotinados. Ao seu retorno, os instigadores são passados ao fio da espada: está firmada a autoridade de Moisés, que os conduzirá com braço de ferro, sempre em contato com Jeová, que se manifesta no Tabernáculo* (inacessível aos demais).

(*) Arão coordena os sacerdotes e sua irmã Maria é a profetisa que representa em Israel a iniciação feminina. Havia também o grupo de iniciados que carregavam a **arca** [nas laterais ela tem 4 querubins de ouro, lembrando 4 esfinges, os 4 animais da visão de Ezequiel: leão, boi, águia e homem, representando terra, água, ar e fogo, os 4 mundos do tetragrama

divino. Lá dentro estarão a vara que Deus lhe deu, o Livro de Cosmogonia (Séfer Bereschite), o Livro da Aliança. Moisés chama a arca de Trono de Eloím, porque lá está a missão de Israel, a idéia de IAVÉ]. Os acampamentos tinham sempre a forma quadrada, com três tribos em cada lado, ficando a Arca no centro, guardada numa bela tenda, o **Tabernáculo**.

“Como quer que seja, Moisés contagiou aos setenta o fogo divino, a energia da sua própria vontade. Eles constituíram o primeiro templo antes de Salomão, o templo vivo, o templo em marcha, o coração de Israel, luz real de Deus.” - G. I.

Importa conhecer o seguinte:

1 - Não foi o fogo da sua vontade, e sim o primeiro Batismo Coletivo de Revelação ou Espírito, da História Humana;

2 - A Igreja de Jesus é viva, porque foi um novo Batismo de Espírito, de Revelação, como o provam os capítulos um, dois, sete, dez e dezenove dos Atos, bem assim como os doze e treze da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios;

3 - Ninguém sabe, melhor do que nós, que à Restauração foi dado o nome de Espiritismo, por ser o revivescimento do Batismo de Espírito, levado a termo por Jesus. (Bíblia dos Espíritos)

Muitas manifestações de poder divino terão lugar, (terremotos, descargas elétricas incandescentes, etc) que porão fora dali, desencarnados, todos aqueles que ousem levantar um só dedo contra Moisés. Com estes potentíssimos prodígios, o nome de Deus já estava cravado na consciência deste povo que andou por décadas no deserto, água pouca, disciplina severa.

Aos 39 anos de caminhada, Moisés decide que é hora de entrar na Terra Prometida. Tiveram negados três pedidos de passagem, enfrentando, portanto, com luta, a tomada da cidade liderados por Josué, que recebera as bênçãos para o comando. Jericó será dominada sob seu comando por volta de 1250 aC, bem depois do desencarne de Moisés.

Nem Moisés, nem Arão tiveram o direito de entrar na Terra Prometida. Era essencial fazer uma narrativa de sua grande administração. Reuniu seus chefes e o povo na base do Monte Nebo, e proferiu três grandes orações (que são a maior parte do Livro Deuteronômio, a segunda Lei). Ali está seu canto de adeus e sua bênção ao povo.

Subindo ao cume, “Moisés, servo do Senhor, morreu ali, na terra de Moab, segundo a ordem do Senhor;...Nenhum homem soube até hoje o lugar de seu sepulcro....Nunca a vista se lhe diminuiu, nem os dentes se lhe abalaram... Não se levantou mais em Israel profeta como Moisés”. (Deut, 34)

As pragas do Egito

1- *Sangue (Dam)*: A água do Nilo, das lagoas e riachos se transformara em sangue e deixaram de ser potáveis. Esta praga aconteceu porque os egípcios obrigavam seus escravos a carregar água para eles.

2- *Rãs (Tzfardeah)*: As Rãs infestaram o país e as habitações. Esta praga foi o castigo por terem os egípcios obrigado os judeus a pescar para eles.

3- *Piolhos (Kinim)*: Os piolhos se multiplicavam atormentando os homens e os gados. Esta praga ocorreu porque os judeus eram proibidos de tomar banho.

4- *Animais selvagens (Arov)*: Invasão dos animais selvagens no Egito. Este foi o castigo por terem os egípcios mandado os judeus caçar animais, expondo-os ao perigo de serem comidos por eles.

5- *Peste dos animais (Déver)*: Uma peste matou todo o gado. Esta praga foi o castigo por terem os egípcios mandado os judeus a lugares remotos para apascentar as ovelhas e com fim de separá-los de suas famílias.

6- *Sarna (Shchin)*: Deus trouxe a sarna ao Egito porque os judeus eram obrigados a construir casas de banho.

7- *Chuva de granizo (Barad)*: Uma violenta chuva devastou os campos e as plantações e destruiu as colheitas. Essa praga serviu de castigo para os egípcios por terem obrigado aos judeus a lavrar a terra.

8- *Gafanhotos (Harbeh)*: Uma nuvem de gafanhoto inunda o país, pois os judeus eram obrigados a plantar árvores para que os egípcios gozassem de seus frutos.

9- *Trevas (Roshech)*: Trevas profundas envolveram o Egito por três dias. Este foi o castigo por terem os egípcios posto alguns judeus em calabouços.

10- *Morte dos primogênitos (Behorot)*: Morrem todos os primogênitos do Egito. Esta última praga se alastrou pelo Egito por terem os judeus sido obrigados a jogar os seus filhos recém-nascidos no Nilo. As portas das casas dos judeus foram marcadas com sangue de carneiro para que ali não houvesse desencarnes.

O Pentateuco

Os cinco primeiros livros constituintes do Velho Testamento somente para a palavra Deus apresentam os vocábulos Iave, Elohim, Eloah (poético), Adonai (Senhor), Saddai (Onipotente), Elion (Altíssimo). Foram escritos por Moisés, que se valeu de amanuenses. **Gênesis**: Relata as origens do Universo e do gênero humano até a formação do povo de Israel e a estada no Egito. **Êxodo**: Conta a saída dos israelitas do Egito, conduzidos por Moisés que, aos pés do Monte Sinai recebe de Deus os Dez Mandamentos. O povo faz o pacto, constituindo-se “povo de Deus”. **Levítico**: Regula o culto religioso da época (são os levitas que formam o clero consagrado ao serviço do santuário). **Números**: Recenseamento do povo e fatos acontecidos nos 40 anos da caminhada no deserto. **Deuteronômio**: Segunda Lei, escrita pelo fim da jornada do deserto. Moisés retoma a legislação e adapta para a vida sedentária que teriam ao adentrar na Palestina.

Segundo Schuré: No pensamento de Moisés, outro filho de Hermes, os dez primeiros capítulos do Gênese constituíam uma verdadeira ontologia, segundo a ordem e a filiação dos princípios. Tudo quanto começa deve acabar. O Gênese narra simultaneamente a evolução no tempo e a criação na eternidade, a única de Deus... Essa história, que no Cristianismo se denomina redenção, falta inteiramente no Antigo Testamento. Moisés e os profetas conheciam-na, mas julgavam-na muito elevada para ser divulgada em um ensino popular e por isso reservavam-na para a tradição oral dos iniciados.... Quanto à cosmogonia de Moisés, há nela a áspera concisão do gênio semítico e a precisão matemática do gênio egípcio”.

Simbologias

Para exemplificar o que era a língua secreta dos templos antigos e como se correspondem os três significados (nos símbolos do Egito e nos do Gênese), vamos tomar Ísis, mulher coroada, segurando em uma das mãos uma cruz anseada (símbolo da vida eterna) e na outra um cetro com a flor de lótus (símbolo da iniciação): No sentido próprio da palavra, representa a mulher, o gênero feminino universal. No sentido comparativo, é o conjunto da natureza terrestre, com as suas potencialidades conceptivas. No sentido superlativo é a natureza celeste, a luz espiritual e intelectual por si mesma.

Correspondentemente, em Gênesis é EVA, a mulher eterna, não só esposa de Adão, mas é parte de Deus, já que seu nome está em IEVE. O grão sacerdote de Jerusalém pronunciava o nome divino uma vez por ano, enunciando-o letra por letra: Iod (que exprime a natureza divina e as ciências teogônicas), hè, vau, hè - as três letras do nome Eva significam os três mundos nos quais se realiza a idéia divina e, por conseguinte, as ciências cosmogônicas, psíquicas e físicas correspondentes. É a raça-mãe desta Humanidade, autóctone. Adão (advindos) será composto dos que para cá vieram, expulsos de outra casa cósmica, em processo de separação de joio do trigo.

De Schuré: “... consideremos alguns dos poderosos hieróglifos compostos pelo profeta do Sinai:...Em uma cripta do templo de Jetro, sozinho, sentado sobre um sarcófago, Moisés medita. Vêem-se nas paredes e pilastras hieróglifos, representativos de nomes e de figuras de deuses de todos os povos da terra. Mas Moisés nada vê do mundo exterior. Busca em si mesmo o Verbo de seu livro, a figura de sua obra, a Palavra que será ação. Apaga-se a lâmpada. Diante dos olhos da alma, na escuridão da cripta, flameja este nome: IÈVÈ.”

Na letra I está o princípio masculino, Osíris, criador. Em Eva, a faculdade de conceber. Na união perfeita destes, o Verbo Vivo, criador do universo. Para conhecer melhor a ordem das criações, Moisés concentra-se no signo masculino e aparece-lhe, reluzindo nas trevas, outro nome: ELOIM. Significa Deus dos deuses.

No início de tudo, os céus eram habitados pelo vazio... “e o espírito de Deus movia-se sobre a face do abismo”. Surge, então, Aôr, a Luz divina, luz intelectual, anterior e posterior a todos os sóis. Expande-se no Infinito e reflui sobre si mesma, sustentando as formas astrais dos mundos e das humanidades.

Reluzem, então, os caracteres: RUAH ELOIM AÔR..., “Que a luz seja feita, e foi feita a luz!” deste Universo potencial, força oposta às trevas. Segundo Fabre d’Olivet, temos aí o resumo hieroglífico do segundo e do terceiro versículo do Gênese. Note-se que a palavra Aôr (significativa de luz), é a palavra Ruah invertida: o sopro divino, voltando sobre si mesmo, cria a luz inteligente.

O par divino, Adão e Eva, lavé manifestando sua natureza através dos mundos, habita o reino celeste universal, Heden, substância de todas as terras. A alma humana (Aichá, outro nome de Eva em Gênese) habitava feliz o céu, sem estar consciente dele. Para compreendê-lo, deverá esquecê-lo e depois recordá-lo. Para amá-lo, deverá perdê-lo e reconquistá-lo... e envolve-se de matéria, entra no círculo das gerações.

Para entender-se a simbologia da serpente nesta história, devemos saber que nas iniciações da Grécia, Índia e Egito, a serpente em círculo significa a vida universal, a força que move esta vida, a recíproca atração dos corpos (Eros, para os gregos), a natureza divina, com seus reinos, espécies, no círculo formidável – e inevitável – das existências. A ordem descendente das encarnações é simultânea à ordem ascendente das vidas. A involução produz e explica a evolução.

Moisés considerou os destinos terrestres do homem, percebe que a consciência divina está preste a extinguir-se sob as paixões infernais e na idolatria, no politeísmo. Há que se ter um povo para que Iavé encarne, Verbo vivo na humanidade. Idealiza seu livro, propõe-se ao combate a esta fraqueza. Evoca Iavé e sente-se abraçado por uma nova força: seu nome agora é Vontade. Ali, então, ouve uma voz: “Vai à Montanha de Deus! Vai ao Horebe!”...

Quanto à Páscoa, esta celebração teve início (Êxodo 12, 14) quando do aviso de que Deus passaria para tirar a vida dos primogênitos do Egito, poupando os filhos primogênitos de Israel que fariam um trabalho de imolar um cabrito, pintando o alto das portas com seu sangue. A palavra páscoa significa precisamente *passagem*, a passagem de Deus sobre o Egito, abrindo a oportunidade de passarem pelo Mar Vermelho a caminho da Terra Prometida. A festa da Páscoa permanecerá a principal festa hebraica, e dos hebreus passará aos católicos que celebrarão a imolação do Cordeiro de Deus.

ELIAS

Após o desencarne de Salomão (em 931 aC), o reino hebreu dividiu-se em duas partes, Reino de Israel (10 tribos, ao norte, capital Samaria) e Reino de Judá (2 tribos, ao sul, capital Jerusalém).

Por motivos comerciais, os sírios bíblicos (arameus) vinham se infiltrando na região de Samaria. O rei Onri, de Israel, fez uma sólida aliança com os fenícios, temendo invasões. Tal aliança foi selada pelo casamento da filha do rei de Tiro, a voluntariosa Jezabel, com o herdeiro de Onri, seu filho Acab. Tal foi a contribuição de Jezabel para os negócios do reino durante o reinado do 19 anos do reinado de seu marido, que seu nome ainda hoje é lembrado como sinônimo de mulher imoral.

O pai de Jezabel era sacerdote de Astarté, a deusa fenícia, e ela criou-se nesta atmosfera ritualística, devotada adoradora de Baal. Exerceu uma notável ascendência sobre o marido, influenciando-o em política e tendo palavra decisiva em religião: o culto de Baal difunde-se e quem segue o verdadeiro Deus é perseguido, sendo os sacerdotes mortos.

Um desrespeito tão chocante pelos costumes israelitas não podia passar sem defesa, e ambos, Acabe e Jezabel, viram-se diante de Elias, o tisbita.

Elias é o homem que está, por Deus, presente para dar fim a essa situação. É profeta de estilo de vida ascético, eremita. A iconografia tradicional retrata-o coberto de peles, ou com uma capa branca sobre uma túnica escura. Seu nome significa “Meu Deus é Iavé”. Sua tarefa: restaurar a tradição, pôr termo ao sincretismo, iconoclasta por essência. Seu carisma é claro e potente: segundo Ricciotti – em *História de Israel*, “Aquilo que ele, o profeta, diz em vista de sua missão, é Deus quem o diz; este substitui Aquele e ambos, Quem envia e quem foi enviado, na prática são a mesma coisa. Mesmo enquanto indivíduo, o profeta vive em relação muito íntima com Deus, chegando quase a despir-se da sua personalidade: Deus e a sua missão o conquistaram a tal ponto que ele realiza ações consideradas indecorosas e inconvenientes pela maioria dos homens”.

Seus feitos podem ser lidos na Bíblia, nos livros I e II de Reis, no Velho Testamento. Testemunham gloriosamente o uso nobre e santo dos dons mediúnicos que, produzindo sinais e prodígios, atestam à humanidade da época (e até hoje) a onipotência de Deus.

Quando o número de judeus diminuía demais (pela perseguição e dispersão), Elias anuncia, como punição divina, uma grande seca e, quando ela tem início, ele instala-se ao lado de uma torrente, aonde corvos levam-lhe pão e carne como alimento. Ao secar também tal torrente, o profeta dirige-se a Sarepta, abrigando-se na casa de uma viúva, fazendo ali o prodígio de não faltarem mais óleo e farinha naquele lar, ressuscitando também o filho dela.

Acab, vencido pela seca, um ano depois, manda pedir um encontro com Elias no Monte Carmelo, onde estarão 450 sacerdotes de Baal e o profeta de Deus.

Elias propõe que sejam esquartejados dois novilhos, colocados sobre lenha, e que o nome do Deus de cada um seja invocado; aquele que responder enviando fogo é o Deus verdadeiro. O profeta manda ainda que sua fogueira seja, por três vezes, regada com bastante água, e então faz a invocação e... “o fogo do Senhor baixou do céu, devorou o holocausto, a lenha e as pedras”. Todos os profetas de Baal foram mortos pelo povo. A chuva volta a cair em seguida.

Sempre amparado pelas legiões do Senhor, a darem-lhe alimento e consolo, caminha por 40 dias, até chegar ao Monte Horebe, onde recebe instruções de Deus a respeito de quem ele deverá ungir como reis da Síria e Israel, assim como o outro profeta que ficará em seu próprio lugar: Eliseu.

Josafá, competente rei do reino do Sul, estava em Samaria, e concordou em aliar-se a Acab para reconquistarem Ramote, mas ele não faria nada sem antes ouvir os profetas de Deus. Acab envia 400 profetas de Baal, que anunciam falsamente muito sucesso, mas Josafá insiste em ouvir um hebreu. O único que restara ali era Micaías, e ele, ao profetizar, anuncia a morte de Acab.

Este entra disfarçado na luta, e uma seta penetra-lhe as juntas da ombreira da armadura, tendo os cães lambido seu sangue, exatamente como Elias predissera. Acabam os 19 anos de seu péssimo reinado, iniciando agora o do ineficaz Acázias.

Elias também enfrenta Acázias, (porque ele havia consultado Belzebug, deus de Acara) mandando línguas de fogo descerem do céu sobre os dois batalhões de 50 enviados do rei que tinham a missão de marcarem um encontro com o profeta. Quando chegou um terceiro grupo, seu comandante implora pelas suas vidas e só então Elias acompanha-os até o leito de Acázias, que jazia doente, anunciando-lhe que desencarnará.

Jezabel também encontrou o fim profetizado por Elias: Recostada numa janela, repreendia Jeú, grande comandante das hostes de Israel, e foi empurrada para as ruas por eunucos, pisoteada pelos cavalos daquele chefe, tendo sua carne sido comida pelos cães.

A vida de Elias aproxima-se do fim. Perto de Jericó, caminha às margens do Jordão em companhia de Eliseu. Bate nas águas com seu manto e elas separam-se, a fim de que ele passe com o pé enxuto. Enquanto conversam, “um carro de fogo e cavalos de fogo os separam, e Elias sobe aos céus num turbilhão”.

Não houve túmulo: sua saída da carne sem deixar corpo deixa esta marca indelével mais uma vez na nossa história.

EZEQUIEL

O momento histórico é difícil para o povo judaico: Jerusalém, sitiada por Nabucodonosor, resiste e se ilude achando que com a chegada dos egípcios, seus novos aliados, poderá ficar livre... Isso não acontece porque “Iaweh quebrou o braço do faraó” para que não mais manejasse a espada. No mês de junho de 586 aC, os caldeus conseguiram abrir uma brecha nos muros da cidade, e foi a derrocada.

A maior parte do povo judeu foi levada em cativeiro na Babilônia e o Templo foi destruído. As demais 11 tribos já tinham sido praticamente aniquiladas um século antes (722 aC) pelos assírios, ao norte. Essa dispersão repercute na maneira pela qual se mantém a tradição, e nesta comunidade cativa destacar-se-á Ezequiel, para que a chama mantenha-se acesa. O corpo da Doutrina fica no Torah, que significa lei, ensinamento, direção.

Ezequiel era de estirpe sacerdotal - seu pai era sacerdote - sabe-se pouco de sua juventude. Teve esposa, mas ela desencarnou antes da queda da Babilônia. Foi deportado em 597 e começou seu ministério em 592, aos 30 anos.

Há teses que mostram que há duas fases em seu trabalho: De 592 a 586, em Jerusalém, onde recebe instruções de Deus. Nesta fase ele é duro em suas pregações contra a hipocrisia. Contesta o sentimento geral do povo, que pensava estarem pagando pelo pecado de seus pais. Anuncia a queda de Jerusalém

Já na Babilônia, de 585 a 571 aC, obedece à determinação divina que vem nestes termos: “Tu lhes dirás: ‘Assim diz o senhor Deus’ -, quer ouçam, quer não”. Traz consolo aos exilados, fala da ressurreição ao povo de Israel através da visão dos ossos secos (Ez 37). Transmite sua visão da glória de Deus na volta ao templo na Nova Jerusalém (Ez 43), o mesmo templo que em Ez, 10, 18 é mencionado que fora deixado pelos erros do povo. O povo restaurado, tendo voltado do exílio, terá que ser defendido para evitar que invasores (tanto entendendo-se materialmente falando, como também doutrinariamente).

Esse livro do Velho Testamento contém muitos testemunhos e relatos de manifestações divinas. Quase um terço dele trata das descrições das visões e clarivisões do profeta. Bastante simbólico, encontramos neste livro referências que tem muita afinidade com as futuras visões de João Evangelista, que estão contidas no livro Apocalipse.

A princípio, a maioria do povo incrédulo não dava crédito ao que ouvia nas profecias de Ezequiel. Deus tornou-o mudo até que a cidade fosse tomada. Foram 3 anos nos quais o profeta fez as cabeças duras de Israel entenderem os fatos através de símbolos. Ele havia visto que estavam adorando ídolos; a culpa vinha de seguirem um sincretismo religioso, voltando as costas para o Deus único... a destruição é inevitável, a reconstrução necessária, mas “um resto será salvo”. É desta época a história de Jó; são contemporâneos Isaías e Jeremias.

Na reconstrução, impressionado com a prostração nos rostos, Ezequiel: “Tenho sido para eles um santuário”. Deus avisa-o “Eles virão até vós, para que vejais a sua conduta e as suas obras”. Ezequiel com tenacidade organiza os grupos entre as colônias de deportados fazendo visitas pessoais, mantém contato com compatriotas que permaneceram na Palestina, incita à observância de todos os preceitos, as grandes festas (como a Páscoa) passam a ser respeitadas.

Segundo Ricciotti, em ‘História de Israel’: “A tenacidade na observância de todas essas práticas é da máxima importância, pois ela demonstra uma dupla reação contra os que os deportavam; mas também a outra, bem mais profunda e sutil, contra si mesmos. Era substancialmente a penitência, isto é, aquele estado de ânimo que em hebraico é denominado *shubh*, retorno”.

O profeta enfático se transforma e se torna o organizador metódico, o legista minucioso, o primeiro dos escribas de Iahweh. São os capítulos de 40 ao 48, onde são anotadas todas as disposições que o senhor lhe confiou para a reconstrução de Israel. Na sua visão, o Palácio deve estar a serviço do Templo, e o Templo é reconstruído respeitando plenamente seu enorme valor sagrado.

Em relação à legislação imposta pelo Deuteronômio, Ezequiel impõe uma guinada rigorista, a ponto de levantar polêmicas entre rabinos. Um grande estudioso concluiu que “Ezequiel não renega a legislação, mas sobrepõe a ela um outro plano de engenharia mais elaborada”. “Com efeito, ele quer que a nova nação seja garantida mais rigorosamente pela nova legislação”, escreve Ricciotti.

No ano de 537, Babilônia foi libertada pelo rei Ciro, da Pérsia, e uma caravana de israelitas pôs-se a caminho para voltar à terra de Canaã. Termina o exílio, mas Ezequiel já havia desencarnado. O Senhor confirma àquele pequeno resto a promessa que fizera: “Eles se esquecerão da humilhação sofrida e de todas as apostasias que praticaram contra Mim, quando moravam em sua terra em segurança e não havia quem lhes incutisse medo...” (Ez 39)

Trechos do livro “Ezequiel”, Velho Testamento:

“Eia pois, vai aos do cativeiro, aos filhos de teu povo, e, quer ouçam, quer deixem de ouvir, fala com eles, e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus. (cap 3)

Assim diz o Senhor Deus: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito sem nada terem visto! (cap 13)

Portanto, assim diz o Senhor Deus: Tempestuoso vento farei irromper no meu furor, e chuva de inundar haverá de minha ira, e pedras de saraivada na minha indignação, para a consumir. (cap 13)

Que tendes vós, vós que, acerca da terra de Israel, proferis este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? (cap 18)

Mas se o perverso se converter de todos os pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer o que é reto e justo, certamente viverá: não será morto. (cap 18)

Acaso tenho eu prazer na morte do perverso? Diz o Senhor Deus; não desejo eu antes que ele se converta dos seus caminhos, e viva? (cap 18)

Tirei-os da terra do Egito e os levei para o deserto. Dei-lhes os meus estatutos, e lhes fiz conhecer os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles. (cap 20)

Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas, e as farei repousar, diz o Senhor Deus. A pedida buscarei, a desgarrada tornarei a trazer, a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei; mas a gorda e a forte destruirei; apascentá-las-ei com justiça. (cap 34)

Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis.

Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. Livrar-vos-ei de todas as vossas imundícias; farei vir o trigo, e o multiplicarei, e não trarei fome sobre vós. Multiplicarei o fruto das árvores e a novidade do campo, para que jamais recebais o opróbrio da fome entre as nações.

Então vos lembrareis dos vossos maus caminhos, e dos vossos feitos, que não foram bons; tereis nojo de vós mesmos por causa das vossas iniquidades e das vossas abominações.

Não é por amor de vós, fique bem entendido, que eu faço isso, diz o Senhor Deus. Envergonhai-vos, e confundi-vos por causa dos vossos caminhos, ó casa de Israel. Assim diz o Senhor Deus: No dia em que eu vos purificar de todas as vossas iniquidades, então farei com que sejam habitadas as cidades e sejam edificadas os lugares desertos. Lavar-se-á a terra deserta, em vez de estar desolada aos olhos de todos que passavam.

Dir-se-á: Esta terra desolada ficou como jardim do Éden. (cap 37)

Já não esconderei deles o meu rosto, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor Deus. (cap 40)”

LAO-TSÉ

As introduções à cultura chinesa e sua história espiritual falam habitualmente das três doutrinas: Ju (confucionismo), Tao (taoísmo) e Fo (budismo), sendo que, particularmente na literatura ocidental, “doutrina” e “religião” são colocadas no mesmo plano.

O nome Lao Tsé, velho Mestre, está ligado ao surgimento da filosofia de vida do taoísmo, sendo que o texto-chave é o Tao Te Ching – Cânon do Caminho e da Virtude. A mais antiga nota biográfica sobre Lao Tsé vem de um historiador da corte dos imperadores Tan, em 100 aC.

Seu nome era Erh Li, e na maturidade passa a ser Dan. Nasceu em uma aldeia do Estado de Ch’u, extremo sul da China Imperial.

É nebuloso o fato de ter Lao Tsé entrado em contato com Confúcio, nada podendo ser provado; tem-se de concreto o arrependimento de Confúcio (por ter sido falso profeta) e sua mudança de conduta, passando a ser discípulo de Lao Tsé.

Diz-se que Erh Dan Li tinha uma personalidade marcante e dotada de grande afabilidade e inteligência, recebendo tudo o que seu pai poderia oferecer-lhe em conhecimentos: foi discípulo de grandes mestres de sua época.

De acordo com a tradição, Lao Tzu (Lao Tsé) foi guardião dos Arquivos Imperiais de Loyang (província de Honan) até que, enojado com a hipocrisia e a decadência, foi procurar a virtude em ambiente mais natural.

Partiu em direção a uma região que hoje é o Tibet. Ao atravessar a fronteira (em Hank Pass), o guarda Yin Xi lembrou-lhe de que seus ensinamentos perder-se-iam, pois não haviam sido gravados. Pediu-lhe que os registrasse por escrito para a sua preservação para a posteridade. Lao Tzu nada escrevera antes, pois admitia que a observação da natureza era mestre mais confiável que as palavras dos homens, mas atendeu ao pedido do guarda e deixa uma coletânea de 81 parágrafos que não transmitem princípios doutrinários, mas versos que as pessoas adaptam nas diversas situações, dando uma maneira de aplicação prática de se viver em harmonia, dentro do equilíbrio das polaridades da manifestação do TAO.

O nome Lao Tsé aparece pela primeira vez nos textos do século III aC. Nos primeiros tempos da dinastia Han (começo do século II aC), sua doutrina deve ter alcançado uma posição de absoluto predomínio.

Quando, em 127 aC, a tradição clássica confucionista foi erigida como única doutrina a ser ministrada na Academia Imperial, ocorreu ao mesmo tempo a degradação das tendências doutrinárias não-confucionistas, como sendo heterodoxas. Com isso, também os ensinamentos de Lao Tsé desapareceram do horizonte oficial. Em consequência, não foi mais possível reconstruir a sua tradição nos séculos seguintes.

Na segunda metade do século II, surgiu uma seita que evoluiu para um movimento popular, uma rebelião espalhada pelo país. Com seu líder –Chang Tao Ling- começou uma hierarquia que perdura até hoje. Esse movimento denominou-se taoísmo, Doutrina de Tao, taoísmo religioso. Lao Tsé assou a ser venerado como seu patriarca e foi, inclusive, divinizado.

A ortodoxia neo-confucionista desaloja esta posição no início do século XX sob a alegação de que seriam vários os autores da doutrina, colocando abaixo, portanto, os dados do historiador Sse-Ma Ch’ien... porém, ainda hoje as estátuas do divinizado Lao Tsé são veneradas.

Segundo Wang Pi, temos que na época em que a dinastia Han sucumbia em meio a uma terrível desordem, havia uma divisão em três focos de poder. A síntese arquitetada no século II aC – que associava a Escola confuciana a uma compreensão do universo – perdera a sua força inspiradora original. O mundo chinês estava em crise espiritual... A antiga concepção chinesa do mundo e do homem encontrou aqui as suas primeiras idéias fundamentais (mais tarde decisivas para o desenvolvimento de uma história espiritual) voltando aos antigos escritos taoístas. Gradativamente, o influxo da filosofia budista veio acrescentar-se ao pensamento da elite, de tal sorte que se difundiu o conceito de que “as três doutrinas” eram complementares entre si.

Durante mais de um milênio a religião espalhou-se por toda a China e por partes significativas da Ásia. Com o fim da dinastia Ch’ing em 1911 o apoio estatal ao taoísmo terminou, e a China voltou a entrar numa fase de violentos confrontos internos. Com a revolução de 1949, as práticas religiosas também foram esquecidas e só depois de 1982, com a maior tolerância religiosa permitida por Deng Xiao-ping, é que o taoísmo voltou a expandir-se.

A obra:

O Caminho, o Tao, está expresso em uma obra, **Tao Te Ching** (ou King), coletânea de 81 pequenos aforismos - síntese do pensamento monista chinês.

Tao (modo de vida) Te (ajuste de vida pelo homem) Ching (texto). Há vários sentidos na tradução: “As leis da Virtude e seus caminhos”, “Como as coisas acontecem”, “O Livro que revela Deus”, “O Livro que leva à divindade”. De início, o Tao Te Ching era uma obra destinada aos sábios, aos líderes políticos e aos governantes da China, constando, originalmente de 5 000 caracteres.

O taoísmo é praticado no oriente sob duas formas: Taoísmo Filosófico e Taoísmo Religioso. Os taoístas filosóficos vêem o *Tao* como método de vida, guia para se achar a harmonia entre o ser e a natureza. Os religiosos acreditam na existência de um lugar de grandes e pequenos deuses, estudam a natureza procurando encontrar formas de mudá-la. Estes desenvolveram complicadas cerimônias mágicas e algumas formas de artes marciais.

Na realidade, no Taoísmo encontra-se um dos princípios herméticos, o princípio da Polaridade: tudo na natureza tem o seu oposto, físico ou biológico, os pólos yang e yin.

Sobre o governante ideal: (a necessidade de ter em mente a unidade dos opostos). O governante deve ter a capacidade de conduzir de tal maneira o processo de complementação dos contrários a ponto de não permitir que eles se apresentem como contrários.

“Quando todo o mundo conhece a beleza do que é belo, então é dada a conhecer também a feiúra.

Quando todo mundo conhece a bondade do que é bom, então é dada a conhecer também a maldade.

Dessa forma, o que é e o que não é aparecem à luz, o pesado e o leve mutuamente completam-se, o comprido e o curto entre si medem-se, o alto e o baixo inclinam-se um ao outro, sons fortes e fracos harmonizam-se, o adiante e o atrás se sucedem...” (cap 2)

Quando não se privilegiam os capazes, não haverá rivalidades entre o povo.

Quando não se dá valor aos bens difíceis de conquistar, acabarão as roubalheiras entre o povo.

Quando não se expõe à vista um objeto de desejo, os corações do povo não entram em confusão.

Por isso, o santo, em seu governo, esvaziará os corações do povo e encherá as suas barrigas.

Enfraquecerá as suas vontades e fortalecerá os seus ossos.

Providenciará para que o povo permaneça na ignorância e sem desejos e para que os sábios não se atrevam a imiscuir-se com ele”. (cap 3)

A tradução da palavra *Te* pode ser “Força Verdadeira”, comumente vertida como “virtude”. Neste trecho, *Te* tem o sentido de força, conquistada pelo apreço do que é humilde. Isto vem ilustrado ainda mais claramente por meio da metáfora da água, como imagem da fraqueza que supera a força:

“Nada no mundo é mais fraco que a água, mas nada se lhe compara no seu embate contra o que é forte, porque nada há que possa substituí-la.” (cap 78)

“O fundamento pelo qual o rio e o mar são na verdade os reis de centenas de vales é justamente porque sabem que estão por baixo”.

... “Portanto, se alguém quiser estar acima do povo, deve, por suas palavras, colocar-se abaixo dele, e se alguém quiser estar à frente do povo, é preciso segui-lo...” (cap 66)

Quanto à palavra *Wu Wei*, que acolhe traduções diversas (“não-intervir”, “não fazer”, “não atacar”), para o que se dispõe a governar não quer dizer “não intervenção” nos processos naturais do mundo, mas manter-se afastado, conscientemente, da idéia de que “eu sou aquele que faz isso ou aquilo”:

“Ele não se mostra, por isso brilha.

Não se afirma a si mesmo, e com isso adquire fama.

Não se vangloria, e isso lhe resulta em proveito.

Não se exalta a si mesmo, e com isso ele é o maior.

Por não se meter em emulações, ninguém no mundo terá como rivalizar com ele”.(cap 22)

Quanto a um antecedente Criativo:

“Ele é silencioso e informe, subsiste por si, e não se altera, tudo circunda permanentemente; poderia ser a mãe do mundo”. (cap 25)

“Se encontraste a Mãe, então conheces o filho.

Se conheces o filho, então volta atrás e agarra-te à Mãe.

Assim estarás a salvo, até o fim da tua vida”. (cap 52)

O movimento do Tao é de **retorno**. Muitos aspectos do taoísmo podem ser interpretados como uma fuga do mundo, como uma auto-retração do mundo, mas a mensagem de Lao Tsé pode também ser entendida como a experiência pura do poder Criador, no seio da vida e da comunidade:

“Aquele que se dedica ao estudo cresce diariamente,
aquele que se dedica ao Tao diariamente diminui.

Por meio de diminuições e mais diminuições, chegarás à não-intervenção, e na não-intervenção nada há que não aconteça” (cap 48)

“Aferrolha as tuas aberturas, cerra as tuas portas, e estarás livre de fadiga, até o fim da tua vida” (cap 52).

PITÁGORAS

Nos céus, a Grande Tríplice: Urano, Netuno e Plutão, os três planetas exteriores estão em conjunção. Pitágoras nasceu na ilha de Samos (570 a.C.), filho do rico joalheiro Mnésarcnos e Parthénis, sua esposa. A pítia de Delfos profetizara que o filho deles “seria útil a todos os homens, em todos os tempos”, por isso o menino, estudante ávido, foi colocado em contato com os sábios da época: Hermodamas, Ferecides, Tales e Anaximandro. Buscava entender a unidade que haveria em todos esses novos horizontes mostrados. Sondava os céus, os sinais da natureza. Meditando, alcança o saber que um verdadeiro sábio encontraria a concordância em tudo, a lei de equilíbrio: o segredo do cosmos está na síntese dos três mundos, -natural, humano e divino. Concebeu a purificação e a libertação do homem mediante a tríplice iniciação. Devia agora provar pela Razão o que sua pura Inteligência apreendera no Absoluto.

Seguirá conselho dado a sua mãe, seguirá para o Egito (onde permaneceu por 25 anos), porque os gregos já possuem a ciência dos deuses, mas a ciência de Deus só se encontra no Egito.

“Foi no Egito, portanto, que Pitágoras adquiriu essa vista de alto que permite aperceber as esferas da vida, as ciências numa ordem concêntrica; compreender a involução do espírito na matéria pela criação universal; e a sua evolução, ou ascensão para a Unidade, por essa criação individual que se chama o desenvolvimento de uma consciência.” - G. I.

Tal e qual a lição do Cristo, cuja essência é a ascensão do espírito, até ser vibratoriamente Uno com o Pai. Tudo, desde os mais remotos tempos, em matéria de Iniciação, resumiu-se na Sagrada Finalidade do espírito. Tudo quanto diz respeito a Mundos, Formas e Transições, ainda que nos planos erráticos ou etéricos, tem por exclusiva finalidade a libertação total da alma.

Filha do AMOR, em AMOR terá que se converter, custe mais ou custe menos; e as contingências dos planos erráticos, suas imensas alternativas, segundo o grau de merecimento de cada uma, bem prova a Unidade da Lei de Harmonia.

Os mundos materiais, que se estendem dos sólidos aos etéreos, nada mais representam do que ambientes, onde segundo a lei do peso específico as almas sejam obrigadas a movimentar, para atingir o píncaro da Liberdade.

Durante a romagem evolutiva, no Cosmos, tanto pode ser que andem mais depressa ou menos depressa, mas o certo é que um dia se terão feito livres, de tudo quanto é transitório.

E Jesus, o Molde Divino, o Homem-Amor, no Amor fez residir a Chave da Liberdade. E, afinal, sem Amor, em que dariam as Artes, as Ciências e as Filosofias? (do livro A Bíblia dos Espíritas)

Pelos livros de Hermes sabe-se o que se passou na iniciação de Pitágoras, sob os cuidados do grande sacerdote Sonquis - provas, tentações, terrores, êxtase, morte cataléptica – atravessando as fases que permitiam realizar a doutrina do verbo-Luz, expondo sua paixão impessoal pela sabedoria.

Pôde adquirir a visão sintética da essência da vida, compreendendo a involução do espírito na criação, como também a evolução na ascensão rumo à Unidade, desenvolvendo a consciência individual.

Na sangrenta invasão de Cambises, seguiu com os sacerdotes que foram desterrados para a Babilônia, vindo a conhecer ali o que Zoroastro deixara para a humanidade, e pôde comparar o monoteísmo judaico com o politeísmo grego, o trinitarismo hindu e o dualismo persa – raios da mesma Verdade.

Com a ajuda do grego Demócides, médico do monarca, conseguiu sair dali 12 anos depois, e voltou à pátria que se encontrava agora com as escolas e os templos fechados. Saindo de Samos com sua mãe, vai rumo a Delfos, à Delfos da Pítia, dos Anfictiões. Ele chega ali depois de andar pelos templos de toda a Grécia, onde é sempre recebido como mestre, disposto a restaurar em profundidade, prestígio e força o poder de visão espiritual, a vidência e a clarividência.

Nesta cidade encontra Teocléia: ela era do colégio de sacerdotisas de Apolo, descendente de família de sacerdotes, vidente e audiente que percebeu em Pitágoras o mestre que esperava. A ela foi permitido participar das conversas de Pitágoras com os sacerdotes de Apolo, quando ele lhes falava sobre o Egito e seus mistérios, os magos caldeus da Babilônia e suas ciências ocultas, os horrores de Cambises, os livros queimados.

Pitágoras explica que, em se formando a cadeia mágica das vontades – pela qual o iniciado ou atrai ou repele a morte - eles prolongariam a vida dos povos, a hora fatal de uma invasão sangrenta. Por esta cadeia fariam brilhar o verbo de Apolo, Verbo do Deus único, eternamente manifesto no mundo, diante de todos. A Verdade é a alma de Deus, seu corpo é a luz, visível aos profetas videntes. Os homens apenas vêem a sombra, espíritos glorificados habitam nesta luz.

Teocléia cai em êxtase diante do discurso que deu aos sacerdotes de Delfos uma consciência de sua missão. Ao comando da voz do Mestre, ela sai do corpo contando o que vê em clarividência, sondando o destino da Grécia, e o deles.

Pitágoras estabelece-se no sul da Itália, em Crotona, cidade helênica da Magna Grécia, pois nenhuma das outras repúblicas da Hélade teria suportado suas inovações e, prevendo a queda do helenismo, sabia que seria possível disseminar dali as idéias, a essência purificada da sabedoria oriental para os povos do Ocidente.

Segundo Schuré: “Ele abeberava-se na fonte primeira da Verdade. A essas faculdades transcendentais da alma, intelectual e espiritualizada, ele acrescentava a observação minuciosa da natureza física e a classificação magistral das idéias pela sua alta razão. Assim, ninguém melhor do que ele estava habilitado para a construção do edifício da ciência do cosmos”.

Crotona, então, foi o centro de sua ação: reúne os jovens acostumados à vida voluptuosa e faz com que entreguem suas roupas luxuosas ao templo, deixando as vaidades para trás. Propôs uma confraria de iniciados leigos onde se aprenderia ciências – física, psíquica e religiosa – com uma vida regrada.

Reunidos os jovens, levava-os à ascese de preparação e purificação que conduziam ao conhecimento de sua doutrina. Eles não eram privados dos esportes, mas os cultivavam sem a brutalidade de sempre, – os costumes foram apurados.

Aos 60 anos, Pitágoras, que sabia vencer todos os sentidos e abstivera-se de manter um relacionamento até então, acedeu ao pedido de casamento que lhe fizera Teano, e fundiu as duas vidas. Ela entrara completamente no pensamento de seu marido e, depois do desencarne dele, passa a ser ela o centro da ordem pitagórica. Tiveram três filhos: os meninos Arinesto e Telauges, e a menina Damo, sendo a família um modelo para a ordem.

Pitágoras arranhou inimigos políticos e pessoais. Entre os muitos que tentaram entrar para a sua escola e não foram admitidos estava Cilo, rejeitado que passou a persegui-lo, insuflando com falsos testemunhos a população contra os regimentos da escola e espalhando a idéia de que o mestre era um tirano. Amotinados os populares, cercou a casa e ateou-lhe fogo. Morrem 38 pitagóricos e, segundo alguns, também ele estaria no meio de seus discípulos amados. Outros dizem que ele teria escapado, fixando-se no Metaponto, tendo desencarnado entre 510 aC e 480 aC.

A escola de Crotona

“A Unidade é a lei de Deus. O Número é a lei do Universo. A Evolução é a lei da Vida.” - G. I.

Entrando em Pitágoras, seria possível deixar de entrar na mística dos números? Sendo certo que em Deus tudo é Lei e Justiça, logo se conclui que em Deus tudo começa no UM, desdobrando-se ao Infinito.

O UM é Deus Imanifesto e o Múltiplo é Deus Manifesto. Entre a Unidade e a Multiplicidade está tudo, porque essas palavras querem dizer Criador e Criação, o Todo e a Sua Manifestação.

Como todas as Iniciações tinham uma mesma Chave, temos aí o Estático e o Dinâmico, o Pai e os Filhos. (do livro A Bíblia dos Espíritos)

Os candidatos eram submetidos a duras provas e testes para se verificar a capacidade de cada um de suportar a solidão, como era seu fundamento moral, o autodomínio, o amor próprio. Era dada toda a liberdade para que se expusessem à vontade, sendo observados atentamente pelos mestres o tempo todo. Aos poucos iam passando por provas onde sua coragem seria medida, ou sua capacidade de raciocínio diante de questões filosóficas ou matemáticas, ou ainda sua força de resistência a humilhações públicas. Passando por esta peneira, partiam para o noviciado.

A doutrina pitagórica era revelada em três graus, ou classes iniciáticas:

1 – A preparação (paraskéie):

Durante dois ou até cinco anos, os alunos eram chamados acústicos, ouvintes ou exotéricos (*akoustokoi*). Apenas ouvia. Recebia um direcionamento físico e moral, no culto a Deus e aos espíritos superiores aos homens, recebendo uma visão do que devem ser a vida e as ciências. Exercitavam dialética, raciocínio, intuição, sempre incentivados à amizade (“o amigo é um outro eu-mesmo”). Aprendiam os valores da hierarquia, do amor filial, da castidade (mantida nesta fase) e da higiene. Não eram revelados grandes segredos, mas preparava-se o noviço para a compreensão da evolução universal, as verdades doutrinárias.

“O que fala semeia, - o que escuta recolhe”

2 – A purificação (katharsis):

Finalmente admitidos para morar no interior da habitação, os agora esotéricos começam a iniciação, o estudo da evolução universal, a origem e a finalidade suprema da Alma, da centelha divina. Depois de um juramento de silêncio, inicia-se o estudo dos números, letras, figuras geométricas, enfim, dos signos da álgebra do mundo oculto, contidos no livro “Hieros Logos”, que não chegou aos nossos dias.

As aulas eram ministradas no interior do Templo das Musas, que era circular e que continha os três grupos de três musas cada, representando a ciência das almas nas outras vidas (cosmogonia, a física celeste), a ciência do homem (medicina, magia e moral) e a ciência dos elementos (a física terrestre).

A sensibilidade era cultivada, e aí a música desempenhava papel importante. A máxima “Conhece-te a ti mesmo” era praticada através do silêncio absoluto e d mais profunda reflexão. Aprendia-se a Causa Primordial – o Um e o Todo – e também era mostrado o Caminho rumo ao divino, visando a perfeição.

3 – A perfeição (teleiotès):

As escamas da matérias já caíram... Os *physikoi* (físicos, ou contemplativos) já se purificaram (pela rigorosa reeducação alimentar, num estágio que incluiu a ginástica criteriosa, para que corpo e alma identifiquem-se perfeitamente), agora, pela meditação no silêncio, deve se identificar com o divino, buscando sabedoria e, já filósofo (amigo do saber), expandir o apreendido.

“Conforme as almas que reveste, conforme os mundos que envolve, esse fluido transforma-se, afina-se ou condensa-se.” - G. I.

Toda a Sabedoria Antiga ensinava muito sobre os fluidos. Da Luz Divina ao Éter, e do Éter aos estados de Vapor, Líquido e Sólido, ela sabia dizer que havia um elo, uma linha de trânsito, uma lei que favorecia a mutação dos estados.

E afirmava que o corpo astral ou carro da alma, tinha tudo relacionado com essa lei e esses fenômenos, tanto assim que começava opaco e grosseiro, devendo tornar-se todo Luz e Glória por evolução.

Pitágoras foi grande na observação de tais leis e fatos, naqueles dias recuados, longe da desintegração atômica, que prova as marchas de ida e volta da matéria, desses fenômenos de integração e desintegração que são comuns e contínuos na Ordem Cósmica. (do livro A Bíblia dos Espíritos)

“A Verdade é a Alma de Deus, a Luz é o Seu corpo. Só os sábios, os videntes, os profetas o vêem - os homens não vêem mais do que a Sua sombra. Os espíritos glorificados, que nós chamamos heróis e semideuses, habitaram essa Luz, às legiões, em esferas inumeráveis.” - G. I.

Quem quer que saiba ler e procure confrontar encontrará, no Evangelho de João Evangelista e no Apocalipse, fortíssimos traços pitagóricos. É que **Pitágoras fora o terceiro Grande Concatenador da História das Revelações**. E como as Escolas Iniciáticas tinham uma mesma Chave da Verdade, porque sabiam perfeitamente que a parte de Deus é Eterna, Perfeita e Imutável, também o Essenismo assim professava, daí derivando as parencas doutrinárias ou fundamentais.

Manu e Moisés foram o primeiro e o segundo dos Grandes Concatenadores de Revelações.

A primeira sentença do texto acima diz respeito a Deus em Sua infinita profundidade, e na Sua primeira manifestação, que é a Sua Luz. É muito inteligente conceituar a Verdade como sendo a Alma de Deus, porque a Verdade é o resumo de tudo, quer seja do Absoluto, quer seja do Relativo. (do livro A Bíblia dos Espíritos)

“O Espírito que trabalha os mundos e condensa a matéria cósmica em massas enormes manifesta-se com uma intensidade diversa e uma concentração cada vez maior nos reinos sucessivos da natureza.” - G. I.

Apesar do tempo em que viveu Pitágoras, sem os deslumbramentos científicos deste prodigioso século, o certo é que, com os informes da Revelação, que vivia trancafiada nos Cenáculos Esotéricos, pôde ele dizer coisas assim maravilhosas do Criador e da Criação, partindo dos princípios energéticos e etéricos e subindo a vastíssima escala, atingir o elevadíssimo conceito Cósmico e vislumbrar com inteireza de consciência a estuante escalada biológica da alma.

Muitos pretensos sábios e pretensos místicos do século vinte, saturando seus livros de ensinamentos rebuscados, também os saturam de termos técnicos, também os saturam de contradições e de confusões, ficando longe da grandiosa concepção de alguns dos Grandes Mestres da antiguidade. (do livro A Bíblia dos Espíritos)

O pitagorismo

Pitágoras é um homem universal, que abrange de fato muitas coisas heterogêneas: a doutrina dos números e os elementos da Geometria, os primeiros fundamentos da acústica, a teoria da música e o conhecimento dos tempos dos movimentos das estrelas; a partir daí pode-se atribuir também a Pitágoras o conhecimento da filosofia natural milesiana. Heródoto afirma o caráter religioso da comunidade que ele fundou. Assim subsistiu na Itália meridional durante mais de um século, até a sua destruição, por motivos políticos, nos fins do século."

“Com ordem e com tempo encontra-se o segredo de fazer tudo e tudo fazer bem”

Nos estudos pitagóricos, o princípio essencial de que são compostas todas as coisas é o número; as relações matemáticas unem forma, lei e matéria, elementos. Os números dividem-se em par (que quer dizer perfeito, não opõe limite à divisão por dois, portanto é ilimitado) e ímpar (que é limitado, perfeito, determinado). Ao afirmar-se a existência da Unidade, deduz-se dela também a pluralidade. Não há qualidades, mas quantidades; não quantidades de elementos (água, fogo, etc) mas delimitações do ilimitado. O ponto de partida que permite afirmar que tudo o que é qualitativo é quantitativo encontra-se na acústica: a teoria das cordas sonoras, a relação de intervalos.

Na química trata-se de encontrar fórmulas matemáticas para as forças absolutamente impenetráveis. A significação do número possibilita a investigação exata na física. Foi a astronomia pitagórica que afirmou a esfericidade da Terra (explicando o dia e a noite) e a revolução dos corpos celestes em torno de um foco central.

O processo de libertação da alma é um esforço puramente humano, porque basicamente intelectual. A purificação resultaria do trabalho intelectual, que descobre a estrutura numérica das coisas e torna, assim, a alma semelhante ao cosmo, entendido como unidade harmônica, sustentada pela ordem e pela proporção, e que se manifesta como beleza.

No simbolismo dos quatro primeiros números estão os princípios essenciais. O número UM é a razão (Deus); DOIS é a opinião (matéria); QUATRO é a justiça; CINCO o casamento; DEZ a perfeição, pois é a adição dos quatro

primeiros, representa todos os princípios da divindade evoluídos e reunidos em nova unidade, DOZE é o universo, pois é composto por três mundos particulares (matéria, alma e espírito) encaixando-se uns nos outros pelos quatro princípios ou elementos da natureza. O número SETE (algarismo dos iniciados, muito importante) é composto de 3 e 4, a união da divindade e do homem, representa a lei da evolução. Na geometria, um é ponto, dois é reta, três é plano, quatro é volume.

“A Evolução é a lei da Vida. O Número é a lei do Universo.

A Unidade é a lei de Deus.”

Constava dos estudos para ambos os sexos a ciência da vida conjugal e a arte da maternidade. As mulheres iniciadas recebiam os preceitos e princípios supremos de sua função. Era revelada a elas a transfiguração do amor, no casamento perfeito, que é o penetrar de duas almas no próprio centro da vida e da verdade. Quando o homem e a mulher encontrarem um ao outro pelo amor profundo, pela iniciação, a união de ambos será a força irradiante e criadora por excelência.

“Educai as crianças e não será necessário punir os homens”

Versos Áureos

Esses Versos contêm a essência de seus ensinamentos morais e podem ser divididos, quanto ao conteúdo, em três partes: preparação (culto à divindade); purificação (culto da família, culto da amizade, cultura pessoal); perfeição (os meios de aperfeiçoamento, a iniciação, a verdade oculta, a recompensa).

“Presta aos deuses imortais o culto sagrado, guarda, em seguida, a tua fé.” - G. I.

Deuses imortais significa - As Falanges da Verdade.

No pitagorismo o píncaro da iniciação era a visão do mundo espiritual, a comunhão com o mundo astral, o contato com o chamado mundo invisível. Por isso é que encarreavam as palavras - vidência, clarividência e profecia.

No Cristianismo, as três potestades impassáveis são estas - O Único Pai Divino, os Cristos Planetários e as Falanges Mensageiras. Na Terra são o Pai, o Filho Medianeiro e o Espírito da Verdade ou Santo.

(este comentário sobre este Verso Áureo é trecho do livro A Bíblia dos Espíritas)

Mais alguns deles:

Honra teu pai e tua mãe e teus benfeitores.

Escolhe para teus amigos os melhores homens.

Consulta, delibera e elege a mais nobre conduta.

Deixe falar o mundo e segue sempre teu caminho.

Jamais descuides da saúde do corpo.

Saberás que os males que afetam os homens foram por eles mesmos gerados.

E reflete, à noite, sobre tua jornada: Que fiz? Que ouvi? Que devo lastimar?

Conclui a tua obra e trabalha com fé. Chegarás, cedo e sem trabalho, a conhecer donde procede, onde pára, para onde volta o teu ser.

Deixa que sempre te conduza a Inteligência Soberana.

E quando emancipado da matéria, sejas recebido no éter puro e livre, vencerás, como Deus, a morte com a Imortalidade.

PLATÃO

“Prosseguindo, o instrutor salientou Platão, em cujas obras, por não lhe ser permitido falar abertamente, estão contidas observações iniciáticas superficiais. Mas, afirmou, lembra o fato de a ninguém ser ensinado ou revelado mais do que a sua capacidade o permitisse. Sócrates e Platão foram iniciados órficos; e da VERDADE falaram apenas o que lhes permitia o sigilo esotérico”. (do livro “Lei, Graça e Verdade”)

Platão, cujo verdadeiro nome era Aristócles, nasceu em Atenas, em 428 ou 427 a.C., de pais aristocráticos e abastados, de antiga e nobre prosápia, e lá morreu em 347 a.C. Platão é um nome que, segundo alguns, derivou de seu vigor físico e da largueza de seus ombros (*platos* significa largueza).

Era filho de Áriston e Periccion. Como Periccion já fora casada anteriormente; Antifon, seu filho, foi meio irmão de Platão, que teve ainda mais dois irmãos, Adimanto e Glaucon, que comparecem nos Diálogos, e ainda a irmã Potone. Será Potone mãe de Espeusipo. Este sobrinho de Platão, além de discípulo, será seu continuador na Academia. Periccion era ainda prima de Crítias, um dos chefes dos chamados Trinta Tiranos, e também personagem dos Diálogos de Platão. Periccion e Crítias descendiam de um irmão de Sólon, o eminente legislador de Atenas. É ainda parente de Cármitides, que dá o nome a um Diálogo. Enfim, por parte de seu pai, Áriston, descendia Platão de Cadmus (1045 a.C.), último rei de Atenas e herói nacional.

De temperamento artístico e dialético - manifestação característica e suma do gênio grego - deu, na mocidade, livre curso ao seu talento poético, que o acompanhou durante a vida toda, manifestando-se na expressão estética de seus escritos. Sua mocidade foi a de um ateniense rico, rodeado de todos os luxos, rodeado e festejado por numerosos amigos.

Buscando o belo, em todas as suas modalidades, cultivou a poesia, a pintura e a música. Diz Timóteo de Atenas, em *Biografias*, que Platão tinha voz penetrante. Aos vinte e sete anos já tinha composto várias tragédias e escrevera numerosas poesias.

Aos vinte anos, Platão travou relação com Sócrates - mais velho do que ele quarenta anos - e gozou por oito anos do ensinamento e da amizade do mestre. Sócrates era um homem muito simples, mas grande original. Filho de um escultor, chegou a esculpir um grupo das três Graças, quando adolescente. Deu preferência a esculpir almas e, desde então, consagrou-se à pesquisa da sabedoria. Tinha o costume de apresentar seu saber, sua filosofia, aproximando-se das pessoas (dos sofistas em particular) e, de pergunta em pergunta, fazer com que elas mesmas expusessem a própria ignorância, ou mesmo dessem as respostas às perguntas que foram feitas por eles próprios. No final, sorridente, agradecia por terem lhe ensinado com as respostas. A este método deu o nome de maiêutica.

Quando discípulo de Sócrates, e ainda depois, Platão estudou também os maiores pré-socráticos. Depois da morte do mestre, Platão retirou-se com outros socráticos para junto de Euclides, em Mégara. Foi Sócrates que lhe demonstrou a inferioridade da beleza e da glória, tais como Platão as concebera até então. A Beleza irradiante, eterna, que é o esplendor do Verdadeiro ocupará agora a alma de Platão.

Nada fora por acaso: Sócrates viu em sonho um cisne novo pousado sobre seus joelhos, o qual, agitando logo as asas, elevou-se nos ares, com doces cantos. Ao ser levado a ele, no dia seguinte, Platão como discípulo, disse a todos: - eis aqui o cisne". Ao conhecer o valor da filosofia, Platão ofereceu um riquíssimo banquete a seus amigos e, ao fim da festa, anunciou que saía do convívio de todos, convidando os que quisessem segui-lo, a ficarem até o término. Disse-lhes: “Saibam todos: renuncio até à poesia. Reconheci sua incapacidade para exprimir a verdade que estou buscando. Não farei mais versos e vou queimar, diante de vós todos, os que compus”. Ao colocar fogo nos papéis, clamou por Vulcano: “Vulcano, vem! Platão necessita de ti!”

As circunstâncias haviam ligado Sócrates e Platão ao governo dos Trinta Tiranos (404-403). Era Platão sobrinho de Crítias um dos chefes dos mencionados Trinta. Sócrates fora convidado para exercer funções públicas e aceitou: foi membro do Senado. Sobrevindo a ascensão de um outro governo, era fácil que viesse a ser envolvido e condenado em meio às suas turbulências, como de fato o foi em 399 a.C. Platão, pela sua prudente abstenção, e sendo ainda parente de Cármitides, prócer do partido aristocrático, irmão ainda de Glaucon, conseguiu manter-se ileso.

Sentiu-se, entretanto, desiludido com a realidade. Voltou-se para um plano de reforma das instituições. Seus escritos, mesmo os mais utópicos, tiveram, portanto, origem em situações reais. Neste clima social e político escreverá primeira *República* e depois ainda *Leis*. Metade de sua obra literária futura se referirá à ordem prática e social, convencido de que a difícil tarefa dos negócios do Estado deveria ser entregue aos filósofos, isto é, aos sábios com o devido conhecimento. A aristocracia que pregava era, portanto, diversa, da que então havia.

Daí deu início a suas viagens, e fez um vasto giro pelo mundo para se instruir (390-388). Visitou o Egito, de que admirou a veneranda Antigüidade e estabilidade política; a Itália meridional, onde teve ocasião de travar relações com os pitagóricos (tal contato será fecundo para o desenvolvimento do seu pensamento); a Sicília, onde conheceu Dionísio o

Antigo, tirano de Siracusa e travou amizade profunda com Dion, cunhado daquele. Caído, porém, na desgraça do tirano pela sua fraqueza, foi vendido como escravo. Libertado graças a um amigo, voltou a Atenas.

Depois da morte de Sócrates (399 a.C.), ainda haveriam de passar 12 anos, até que Platão fundasse a Academia em 387 a.C. Neste espaço de tempo teve novas experiências valiosas. Platão passou pela escola de Crátilo, discípulo de Heráclito, e a de Hermógenes, que seguia a doutrina de Parmênides. Isto quer dizer que o jovem Platão se colocava ante duas doutrinas extremamente opostas, a filosofia jônica de Heráclito e Crátilo, extremamente mobilista e positivista, e a de Parmênides de Elea, racionalista e unicista.

Platão, ao contrário de Sócrates, interessou-se vivamente pela política e pela filosofia política. Foi assim que o filósofo, após a morte de Dionísio o Antigo, voltou duas vezes - em 366 e em 361 - à Dion, esperando poder experimentar o seu ideal político e realizar a sua política utopista. Estas duas viagens políticas a Siracusa, porém, não tiveram melhor êxito do que a precedente: a primeira viagem terminou com desterro de Dion; na segunda, Platão foi preso por Dionísio, e foi libertado por Arquitas e pelos seus amigos, estando, então, Arquistas no governo do poderoso estado de Tarento.

Na primeira viagem de Platão à Siracusa, situada, por hipótese, no ano 390 a.C., seria ele então um homem já maduro, aos 37 anos, para dar à iniciativa os desdobramentos que neste curso de tempo lhe foram atribuídos. Dali, de Mégara, foi a Cirene e se fez discípulo de Teodoro, matemático. Dali passou à Itália para conhecer os pitagóricos Filolao e Eurito. Platão contactou, por conseguinte, duas escolas, até aqui não mencionadas em sua biografia, a cirenaica e a itálica ou pitagórica, - das quais receberá importantes elementos para a reflexão. Platão herdará também do pitagorismo sugestões para sua teoria das idéias arquetípicas e o modelo para a criação da Academia.

Navegou três vezes à Sicília. A primeira a fim de conhecer a ilha e as crateras do Etna. Na ocasião, o tirano da Ilha Dionísio, filho de Mermócrates, o fez conversar com ele. Havendo-lhe então falado Platão sobre a tirania, disse-lhe que não era o melhor aquilo que era conveniente a ele, se não estivesse conforme com a virtude. Indignado, o tirano quis tirar-lhe a vida, não o executando porque por ele intercederam Dion e Aristômenes: Entregou-o a Pollis, então vindo como embaixador lacedemônio, para que o vendesse, o qual o levou a Egina, onde o pôs a venda. Aniceris de Cirene, um pitagórico, libertou-o pelo pagamento do resgate. Entretanto, foi também um pitagórico que fez a seguinte observação a respeito de Platão: "Um filósofo, não sabendo lisonjear, deve conservar-se longe dos príncipes".

A viagem ao Egito, - que Platão teria feito, como é referida por Diógenes Laércio -, teria ocorrido depois da volta da Itália, talvez depois do resgate, portanto cerca do ano 387 a.C.

A segunda viagem à Siracusa, em 367 a.C., foi por ocasião da ascensão ao trono em 367 a.C. de Dionísio II, o Jovem. Platão foi chamado por Dion, para aconselhá-lo na reforma política que pretendia realizar. Apesar de hesitar, Platão seguiu mais uma vez para Siracusa, pois era também uma oportunidade para aplicar suas idéias. Diógenes Laércio também se referiu à esta outra viagem: "A segunda vez em que (Platão) passou à Sicília foi para pedir a Dionísio, o Jovem, terra e homens para realizar sua república. Dionísio prometeu-o, mas não cumpriu a palavra. Platão correu grande risco, porque se suspeitava haver ele instigado a Dion e a Teodotas a libertarem a Ilha.

De retorno, reassumiu Platão a direção da Academia, que houvera deixado com o matemático e astrônomo Eudoxo de Cnido. Já estava então a Academia a funcionar há cerca de 20 anos.

Também já a este tempo havia Platão escrito *República*. Dion também se houvera instalado em Atenas.

A terceira viagem a Siracusa (361 a.C.) aconteceu porque Dionísio voltou a convidar Platão para retornar à Siracusa, pois esperava, através do mestre da Academia, a intercessão junto ao rei para a revogação de seu mesmo exílio. Deu-se então a terceira viagem em 361 a.C., de que se tem o seguinte breve relato: "Passou pela terceira vez à Sicília a fim de reconciliar a Dion com Dionísio, mas não o conseguindo, os deixou, e retornou a seu país".

Desencarnou o grande Platão em 348 ou 347 a.C., com oitenta anos de idade. A respeito disso se conhecem várias circunstâncias: "Morreu no ano 13 do reinado de Felipe (da Macedônia), como afirma também Favorino no 3º livro de seus *Comentários*. Durante a festa de casamento de amigos, fatigado pelo barulho dos convidados, desculpou-se e saiu para um dos quartos da casa, "para uma soneca", como disse. Horas depois, o noivo entrou no quarto para ver como estava o mestre, e encontrou-o já bem distante dos ruídos do mundo.

Sobre seu sepulcro gravaram-se diversos epitáfios. No primeiro, há advertências para o nome Aristócles (pois Platão era apenas um apelido) e o qualificativo de divino, que recorda a crença sobre sua origem por obra de Deus Apolo.

"Aqui jaz o divino Aristócles,
Que em prudência e justiça,
Soube exceder a todos os mortais.
Se a sabedoria eleva a alguém,
As suas alturas, este as conseguiu.
A inveja em nada lhe empanou a glória"

A fundação da Academia de Platão foi em 387 a.C. Esta data é especulativa. A fundação se calcula houvesse ocorrido pelos 40 anos de Platão, exatamente o meio de sua vida, que durará outros 40 anos. Tudo se deu depois dos episódios de sua primeira viagem a Siracusa, após a Paz de Antalcidas, portanto, por volta do ano 387 a.C.

Na verdade, a Academia já pré-existia na condição de ginásio de exercícios esportivos e, nela, só depois veio Platão a ensinar, passando o nome à mesma escola. Por sua vez o nome de Academia procede de Academo, um personagem heróico dos tempos da guerra de Tróia, e que dava o nome a um bosque sagrado, onde também se faziam exercícios ginásticos. Evoluiu a Academia de Platão, passando a ter estatutos rigorosos.

Lembra as comunidades pitagóricas, e que de fato lhe terão servido de modelo. Junto da Academia foi adquirido terreno em que se construiu um templo às Musas. Voltando para Atenas, Platão dedicou-se inteiramente à especulação metafísica, ao ensino filosófico e à redação de suas obras, atividade que não foi interrompida a não ser pela morte. Esta veio operar aquela libertação definitiva do cárcere do corpo, da qual a filosofia - como lemos no *Fédon* - não é senão uma assídua preparação e realização no tempo.

Para dar continuidade à obra de Sócrates, ele devia difundir a verdade. Mas Platão não podia ensinar, publicamente, os princípios que os pitagóricos recobriam por um tríplice véu. Os juramentos, a prudência, seu próprio objetivo, não permitiam isso. É a doutrina esotérica que encontramos em seus Diálogos, dissimulada, minimizada, envolta em dialética raciocinadora, algo estranha ao conteúdo, mas ela mesma disfarçada em legenda, em mito, em parábola. Não se trata de um conjunto imponente como o edifício de Pitágoras; apresenta-se em fragmentos analíticos.

Como Sócrates, Platão coloca-se no mesmo plano dos moços atenienses, dos mundanos, dos reitores, dos sofistas. O seu gênio está sempre nos diálogos, em vôos às verdades sublimes.

Como já se disse, fora o terreno da Academia comprado por Aniceris, com o dinheiro, que os amigos atenienses queriam devolver-lhe, quando houvera feito o resgate de Platão exposto à venda em Egina.

A evolução da Academia se deveu evidentemente à capacidade pessoal de Platão, e a sua posição social. Este desenvolvimento consistiu na multiplicação dos mestres, passando a haver um diretor, sendo Platão o primeiro. Nas suas ausências assumem a direção em diferentes oportunidades Eudoxo de Cnido, Speusipo, Xenócrates, Heráclites do Ponto.

Com relação a Aristóteles, entrara para a Academia, como jovem de 17 anos, ali pelo ano 367 a.C., ao tempo em que a instituição já alcançava 20 anos e Platão já fazia a 2ª viagem a Siracusa. Permaneceu Aristóteles nela por 20 anos, por último como professor, até a morte de Platão, havendo seguido depois para Assos, na Ásia. Ali participou, ao que parece, de uma comunidade de discípulos do mesmo Platão, o qual a eles se refere na *VII Carta*, 322

A Academia subsistirá forte, até o fechamento em 529, por obra do imperador cristão de Constantinopla. Teve três fases:

Academia *Antiga*, cujos integrantes se fizeram conhecer simplesmente por *Acadêmicos*, Academia *Média*, Academia *Nova*, sendo sobretudo os integrantes da última denominados *neo-acadêmicos*, em virtude das variações que deram ao platonismo.

Platão foi enterrado ali. Celebraram seus funerais todos os que ali habitavam"

A obra:

“O que Orfeu promulgou por meio de obscuras alegorias, diz Proclo, ensina-o Pitágoras depois de ter sido iniciado nos mistérios órficos, e de tudo obteve Platão um conhecimento pleno, pelos escritos órficos e pitagóricos.” - G. I.

Sempre houve, como já assinalamos por vezes, uma infusão perfeita entre as Escolas Esotéricas da antiguidade. Além de Sócrates e Platão, podemos encontrar em Plotino, Jâmblico, Proclo e muitos outros maiores e menores pensadores daqueles dias, a grandeza espiritual da iniciação esotérica.

Quem é que estuda, comparativamente, os escritos dos Apóstolos, mormente dos mais versados em espiritualidade, que não venha a encontrar profundos traços de Pitágoras e de Platão em seus escritos? João Evangelista, por exemplo, empregou sentenças completas do pitagorismo puro, além de ter aplicado, inclusive, bastantes derivâncias, com acentuadas marcas de platonismo. E no quarto século, ao fabricar Roma a corrupção doutrinária, liquidando a Revelação, o Batismo de Espírito, procurou engendrar o seu clericalismo idólatra e mercenário, usando muito platonismo, pelo fato de ser Platão muito obscuro em matéria de iniciação pura, sendo muito mais escolástico e idealista político do que iniciado órfico. Entretanto, ainda que obscuramente, Platão é um iniciado, e em todos os seus escritos se encontram, mais ou menos veladamente, ensinamentos iniciáticos.

“Havendo penetrado com Hermes, Orfeu e Pitágoras, no interior do templo, melhor podemos julgar da solidez e da direitura dessas largas estradas construídas pelo divino engenheiro que foi Platão. O conhecimento da Iniciação dá-nos a justificação e a razão de ser do Idealismo.” - G. I.

A Humanidade, através de seus vultos melhores, tem feito apenas livrecos, pois o único Livro Perfeito é a Criação, é o Todo Anímico e é o Todo Cósmico. No entanto, como temos visto, nesta passagem rápida pelos Grandes Reveladores e Mestres da humanidade, podemos reconhecer que eles chegaram a vislumbrar palavras e sentenças, períodos e páginas do Sagrado Livro da Vida.

O Cristo, como Reflexo de Deus, dá-nos a prova desta assertiva, pois não escreveu.

Para quem quiser entender, a Verdade falada fica muito distante da Verdade Viva; é por isso que importa procurar informações na Forma, no Exterior, a fim de ir realizando, em Páginas de Vida Eterna, a Verdade Interior. (trecho de “Bíblia dos Espíritos”)

Platão é o primeiro filósofo antigo de quem a humanidade possui as obras completas. Dos 35 diálogos, porém, que correm sob o seu nome, muitos são apócrifos, outros de autenticidade duvidosa.

A atividade literária de Platão abrange mais de cinquenta anos da sua vida: desde a morte de Sócrates, até a sua morte. A parte mais importante da atividade literária de Platão é representada pelos *diálogos* - em três grupos principais, segundo certa ordem cronológica, lógica e formal, que representa a evolução do pensamento platônico, do socratismo ao aristotelismo.

Referindo-se a esses Diálogos, repete Emerson as palavras de Omar sobre o Alcorão: “queimai as bibliotecas, porque o valor delas está nesse livro”. De fato, não há tema de interesse humano em que Platão não tenha tocado, em sua busca dos princípios da justiça: a fraternidade universal, a eugenia, o socialismo, o comunismo, o feminismo, o controle da natalidade, o amor livre, a livre expressão, os duplos e simples padrões de moralidades, a posse pública das riquezas, das mulheres, das crianças – tudo enfocado com o propósito da equidade, da retidão... a retidão no indivíduo e a equidade no Estado. Esse país imaginário, a sua República, é a primeira Utopia da história.

Considera Platão o espírito humano peregrino neste mundo e prisioneiro na caverna do corpo. Deve, pois, transpor este mundo e libertar-se do corpo para realizar o seu fim, isto é, chegar à contemplação do inteligível, para o qual é atraído por um amor nostálgico, pelo *eros platônico*.

O conhecimento sensível deve ser superado por um outro conhecimento, o conhecimento conceptual, porquanto no conhecimento humano, como efetivamente, apresentam-se elementos que não se podem explicar mediante a sensação. O conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, não pode explicar o conhecimento intelectual, que tem por sua característica a universalidade, a imutabilidade, o absoluto (do conceito);

Sócrates estava convencido, como também Platão, de que o saber intelectual transcende, no seu valor, o saber sensível, mas julgava, todavia, poder construir indutivamente o conceito da sensação, da opinião; Platão, ao contrário, não admite que da sensação - particular, mutável, relativa - se possa de algum modo tirar o conceito universal, imutável, absoluto. E, desenvolvendo, exagerando, exasperando a doutrina da maiêutica socrática, diz que os conceitos são *a priori*, inatos no espírito humano, donde têm de ser oportunamente tirados, e sustenta que as sensações correspondentes aos conceitos não lhes constituem a origem, e sim a ocasião para fazê-los reviver, lembrar conforme a lei da associação.

Sócrates mostrara no conceito o verdadeiro objeto da ciência. Platão aprofunda-lhe a teoria e procura determinar a relação entre o conceito e a realidade fazendo deste problema o ponto de partida da sua filosofia.

O sistema *metafísico* de Platão centraliza-se e culmina no mundo divino das idéias; e a estas se contrapõe à *matéria* obscura e incriada. Entre as idéias e a matéria estão o *Demiurgo* e as *almas*, através de que desce das idéias à matéria aquilo de racionalidade que nesta matéria aparece.

O *divino* platônico é representado pelo mundo das idéias e especialmente pela idéia do Bem, que está no vértice. A existência desse mundo ideal seria provada pela necessidade de estabelecer uma base ontológica, um objeto adequado ao conhecimento conceptual. Esse conhecimento, aliás, se impõe ao lado e acima do conhecimento sensível, para poder explicar verdadeiramente o conhecimento humano na sua efetiva realidade. E, em geral, o mundo ideal é provado pela necessidade de justificar os valores, o dever ser, de que este nosso mundo imperfeito participa e a que aspira.

A *alma*, assim como o Demiurgo, desempenha papel de mediador entre as idéias e a matéria, à qual comunica o movimento e a vida, a ordem e a harmonia, em dependência de uma ação do Demiurgo sobre a alma. Assim, deveria ser, tanto no homem como nos outros seres, porquanto Platão é um pan-psiquista, quer dizer, anima toda a realidade. Ele, todavia, dá à alma humana um lugar e um tratamento à parte, de superioridade, em vista dos seus impelentes interesses morais e ascéticos, religiosos e místicos. Assim é que considera ele a alma humana como um ser eterno (coeterno às idéias, ao Demiurgo e à matéria), de natureza espiritual, inteligível, caído no mundo material como que por uma espécie de queda original, de um mal radical. Deve, portanto, a alma humana, libertar-se do corpo, como de um cárcere; esta libertação, durante a vida terrena, começa e progride mediante a filosofia, que é separação espiritual da alma do corpo, e se realiza com a morte, separando-se, então, na realidade, a alma do corpo.

Nada mais fácil do que encontrar as diferentes partes da doutrina esotérica em Platão e também descobrir as fontes. A doutrina das idéias típicas das coisas, no Fedro, é um corolário da doutrina dos números de Pitágoras. Há no Timeu a exposição – embrulhada – da cosmogonia esotérica. Quanto à doutrina da alma, das suas migrações, da sua evolução, ela atravessa toda a obra de Platão, mas em nenhuma parte transparece tão claramente como no Banquete e na Legenda de Er. Platão substituiu a doutrina dos três mundos, exposta em Pitágoras, por três conceitos que se relacionam com o mundo humano e com o mundo divino. Platão colocou na mesma linha as idéias do Verdadeiro, do Bom e do Bem, explicando que são raios que partem do mesmo centro, e que se reúnem neste mesmo centro, ou seja, Deus.

A alma purifica-se na busca do Bem, do Justo, preparando-se para conhecer a verdade, primeira e indispensável condição do seu progresso. O Idealismo é afirmação ousada pela alma das verdades divinas, é a penetração dessas verdades pela experiência da alma, pela visão direta do espírito, pela ressurreição interior. No grau supremo, é a comunicação da alma com o mundo divino.

Isso explica a imensa popularidade e a força irradiante das idéias platônicas. Essa força está no seu fundamento esotérico; por isso a Academia durou séculos, prolongando-se na grande escola de Alexandria.

Títulos das obras mais importantes:

República; Symposion (O Banquete); Fedro; Fédon; Apologia de Sócrates; Críton; Timeu; Crítias; Filebo; Teeteto; Lisis; Laquês; Cármides; Górgias; Parmênides; Eutidemo; Sofista; Protágoras; Crátilo; Íon; Mênon; Eutífron; Leis.

Sobre a Atlântida:

Especulações sobre a existência de um continente perdido há muito tempo habitam as mentes dos homens. Referências sobre a civilização opulenta e sofisticada que sumiu do mapa sem deixar vestígios surgiram nos diálogos Timeu e Crítias.

Teria sido no fim da última glaciação, que marca o fim do período geológico conhecido como Plesitoceno, ocorrido há 11.600 anos. De fato, é geologicamente comprovado que nessa época o nível do mar subiu de 100 a 150 metros em todo o planeta. Violenta e catastrófica, essa subida do mar quase acabou com a humanidade. O fim da última glaciação coincide exatamente com a data indicada por Platão, nove mil anos antes do tempo de Sólon, que viveu em 600 A.C. Junte-se com os dois mil anos que se passaram desde então, e dará a mesma data.

Segundo os gregos do tempo de Platão e Aristóteles, chamava-se de Oceano Atlântico, ou melhor "Oceano dos Atlantes", não apenas aquele que nós chamamos por esse nome, mas incluía-se o Oceano Índico e uma porção do Oceano Pacífico em torno da costa oriental da Ásia.

APOLÔNIO DE TIANA

Não há, no material que existe disponível a nós, menção correta quanto à data de nascimento de Apolônio. O que aparece, isso sim, e várias vezes, é a menção de movimentos que aconteceram no sentido de despistarem os fatos acontecidos em sua passagem pela carne, a fim de que não fosse conhecido e seguido. Será colocada, então, a biografia, mas com essa ressalva, para que a vida e a obra sejam, pelo menos um pouquinho, conhecidas e, pela simples leitura, para que se possa verificar que, nas linhas básicas, a obra de deixar as Verdades Fundamentais teve, aqui, continuidade.

Segundo Schuré: “São raros os adeptos, mais raros aqueles que atingem esse poder. A Grécia conheceu apenas três: Orfeu, na aurora do helenismo; Pitágoras, no seu apogeu; Apolônio de Tiana em seu declínio. Orfeu foi o grande inspirado, o grande iniciador da religião grega. Pitágoras organizou a ciência esotérica e a filosofia das escolas. Apolônio foi o moralizador estóico, o mágico popular da decadência. Nos três, brilha o raio divino, apesar das nuances: o espírito apaixonado pela salvação das almas, a indomável energia revestida de mansidão e de serenidade. Não nos aproximemos muito dessas grandes fronteiras calmas. Elas ardem em silêncio. Sente-se uma vontade ardente, sempre contida, sob a fornalha”.

Apolônio praticamente é um desconhecido da maioria das pessoas, mesmo daquelas que têm uma boa formação religiosa. Aparentemente parece estranho que uma figura tão relevante não seja citada nos livros que versam sobre religião, somente aparecendo o seu nome em documentos secretos e em alguns poucos livros de ocultismo.

Quem foi e que é Apolônio? – Apolônio é uma misteriosa figura que “apareceu” neste ciclo de civilização no início da era cristã (no século I). Os documentos que falam dele geralmente não mencionam a palavra *nasceu*, e sim *apareceu*, isto porque ele, quando esteve diretamente na terra, manifestava natureza divina.

Em muitos pontos, a vida de Apolônio se assemelha à de Jesus. Até mesmo a sua vinda a terra foi anunciada pelo Espírito Santo. Alguns documentos antigos afirmam que ele, certo dia, surgiu na terra sem ascendentes, mas também há documentos que dizem ser ele filho de uma Virgem. O sobrenome Tiana é mesmo nome da cidade onde ele primeiro se apresentou na terra, que ficava na Capadócia.

Dotado de uma palavra fácil, eletrizante e convincente, logo depois se transformou num tribuno, ao mesmo tempo em que sua fama se popularizava, caminhando pelo resto do mundo dando um exemplo justo, bom e perfeito. Foi um espontâneo defensor dos injustiçados, capaz de praticar os mais arrojados e difíceis atos de bravura. Sua firmeza e energia de propósitos, mesmo diante do perigo, demonstravam a todos uma coragem estóica. "Ele fora um Deus em forma de Homem!".

Apolônio viajou muito durante o tempo em que esteve na Terra, desde o Egito até a Mongólia, sempre sendo iniciado nas Ordens na qual ele encontrava; não que precisasse ser iniciado, pois ele já era um Iniciado, mas sim como ele próprio disse para um sacerdote, quando pediu para ser iniciado: "Bem sabes porque não queres iniciar-me. Se o dizes, revelá-lo-ei: o meu crime é justamente conhecer bem melhor do que tu, o rito da iniciação. Vim pedir-te por um ato de modéstia, submissão e simplicidade, a fim de que passasses por mais sábio do que Eu. Apenas isto!".

Logo depois que saiu da sua cidade natal, ele ficou conhecido como um neo-pitagórico. Em Nínive, na Babilônia, encontrou Damis, seu inseparável e fiel discípulo. De lá, ambos foram para a terra dos encantos, a Índia, e percorreram a Mongólia e o Tibet, até que atingiram as colinas do Himalaia. Lá, Apolônio deixou Damis e partiu só para um mosteiro onde ele se tornou o "Senhor portador dos oito poderes da Yoga", que era o mais alto Grau dos mosteiros daquela época, -neste momento, dizem, uma aura de Luz lhe emergiu a cabeça de modo permanente. Depois voltou, encontrou-se com Damis e voltaram para a Grécia, onde começou a fase mais intensa de curar doentes, desde do corpo até alma, paráliticos, cegos e até ressuscitar mortos, como aconteceu com uma moça em Roma.

Uma das missões de Apolônio foi a de ensinar aos seguidores de Jesus como manipular as leis da natureza. Alguns documentos dizem, e é verdade, que Apolônio fez milagres idênticos àqueles feitos por Jesus. O poder dele era tamanho que aonde ele chegava, as guerras eram interrompidas e os exércitos enterravam as suas armas. Também pregava, e para ouvi-lo vinham pessoas de lugares distantes.

Apolônio, por sua vez, ensinou como usar as leis da natureza, explicou o como eram feitos os milagres dele e de Jesus, preparou os primeiros cristãos para disporem dos meios de curas e de todos os outros que Jesus utilizou.

Mostrou o poder das cores, mostrou que tudo na natureza é vibração, fez ver que existe uma polaridade (já constante dos Princípios Herméticos) em tudo quanto há, que as coisas podem ser manipuladas pela luz, pelo som e coisas assim. Ensinou o valor das cores, portanto como usá-las nos templos para obtenção de estados especiais de consciência.

Ensinou como usar a música, que tipo de música é adequado nas diferentes situações, e restabelecer os meios utilizados pelas ciências herméticas. Ensinou simbolismo, ensinou a linguagem simbólica por meio da qual uma pessoa pode entrar em sintonia com planos superiores, com mundos hiperfísicos. Ensinou como se processam as transmutações

na natureza e como conseguir isso, como intervir no astral visando certos resultados. Deixou explicado como captar o poder inerente a cada coisa, a cada cor, a cada forma. Ensinou o poder dos cristais e dos aromas e como usá-los nos diferentes níveis.

Assim estabeleceu formas de ampliação da consciência, permitindo que as pessoas pudessem ter acesso a níveis superiores de consciência, independentemente da interferência de forças espúrias. Trouxe ensinamentos de moral atingiam em cheio a maioria dos governantes dos locais por onde ele passou.

Tendo o poder da profecia, ele também profetizou alguns acontecimentos que logo ocorreram. Era clarividente, interpretava sonhos, dominava espíritos. Assegurava-se que o vento e chuva obedeciam-lhe, e que até os pássaros o escutavam. Aconteceram fatos dados como misteriosos, entre eles, no dia de seu julgamento por desacato, à medida que o secretário escrevia sua acusação, as palavras misteriosamente se embaralhavam.

Apolônio sofreu perseguições terríveis, que culminaram com várias condenações, como numa vez em que ele foi preso, julgado, e então falou para Damis e Demétrio esperarem por ele em tal dia e tal hora na praia. Quando chegou o dia e a hora marcados, ele simplesmente apareceu na praia, ao lado dos dois. Outra vez foi ameaçado de ser esfaqueado por uma matilha de cães ferozes. Quando ia ser atacado pelos cães, ele simplesmente sumiu diante da vista de toda uma multidão. Tamanho fenômeno contribuiu ainda mais para fazer crescer o mito sobre a pessoa de Apolônio.

Depois da sua partida, foi escrito um livro com sua história e com grande parte dos seus ensinamentos, apresentado em forma de um evangelho com oito capítulos.

Após a condenação e desaparecimento, os contrários ficaram livres da presença direta de Apolônio, mas a seu prestígio tornou-se logo lendário. Os perseguidores que já haviam experimentado com relativo sucesso o método do despistamento no seio do cristianismo primitivo, logo passaram a usá-lo entre os seguidores de Apolônio que, em sua quase totalidade, eram cristãos.

Isto funcionou tão eficazmente que até hoje só um "expert" em ocultismo é capaz de distinguir o que não é e o que é autêntico. Assim, nos séculos futuros ele foi quase total e oficialmente esquecido, e o seu nome colocado na galeria dos mitos. Em todas as bibliotecas, foram colocadas obras falsas como sendo de Apolônio, que mais tarde geraram suspeitas pelas incoerências nelas contidas. A incredulidade a respeito daquele Mestre em parte se deve àquele trabalho de despistamento, e em parte à magnitude de tudo aquilo que ele realizou e que o qualificou como uma figura lendária. Assim sendo, quase tudo o que existe escrito sobre Apolônio, e sobre ensinamentos a ele atribuídos, em grande número é falso. Alguns documentos autênticos existem e são zelosamente guardados por algumas sociedades iniciáticas, e reservados aos iniciados nos Mistérios Maiores.

Sua obra:

Do seu evangelho, existe uma pequena parte que já foi publicada. A um não-iniciado é possível a aquisição de apenas um trabalho autêntico, intitulado **Nuctemeron**, mas até mesmo dele existem algumas edições falsas.

O título do livro significa: "O Dia de Deus que Resplandece nas Trevas", (Deus está "aprisionado" em cada pessoa, ainda envolvida em trevas, esse título equivale ao desabrochar da Centelha Cósmica em cada um, ao desenvolvimento da consciência clara do Mestre de Cada Um).

Na obra Nuctemeron, os ensinamentos de Apolônio são distribuídos como em um relógio em 12 horas, ou degraus, e a cada hora corresponde uma instrução especial. Os ensinamentos daquela obra são apresentados em linguagem um tanto velada. São ensinamentos de altíssimo nível iniciático.

Primeira Hora: "Os demônios entoam em conjunto louvores a Deus. Eles perdem a maldade e a ira".

Segunda Hora: "Mediante a dualidade, os Peixes do zodíaco louvam a Deus. As serpentes ígneas enrolam-se em torno do caduceu e o relâmpago torna-se harmonioso."

Terceira Hora: "As serpentes do caduceu de Hermes se entrelaçam três vezes. Cérbero escancara sua tríplice goela e o fogo entoia louvores a Deus pelas três línguas do relâmpago."

Quarta Hora: "Na quarta hora a alma regressa da visita aos túmulos. É o momento em que as quatro lanternas mágicas dos quatro cantos do círculo são acesas. É a hora dos encantamentos e das ilusões."

Quinta Hora: "A voz das Grandes Águas entoia ao Deus das Esferas Celestiais."

Sexta Hora: "O Espírito permanece impassível. Ele vê o monstro infernal vir ao Seu encontro e está sem medo."

Sétima Hora: "Um fogo que dá vida a todos os seres animados, é dirigido pela vontade de homens puros. O Iniciado estende a mão e o sofrimento transforma-se em paz."

Oitava Hora: "As estrelas conversam entre si. A alma dos sóis responde ao suspiro das flores. A corrente da harmonia faz todos os seres da natureza se harmonizarem entre si."

Nona Hora: "O número que não deve ser revelado".

Décima Hora: "A chave do ciclo astronômico e do movimento circular da vida dos homens".

Décima Primeira Hora: "As asas dos Gênios movimentam-se com um misterioso rumorejar. Eles voam de esfera a esfera e levam as Mensagens de Deus de mundo a mundo".

Décima Segunda Hora: "Aqui se realiza, pelo Fogo, a Obra da Luz Eterna".

ALLAN KARDEC, O CHEFE DRUÍDA

Mauro Quintella

Influenciados pela moda que varria a França, os Baudin (Émile-Charles, Clémentine e as filhas Caroline e Julie) começaram a conversar com uma mesa girante em 1853, quando ainda moravam na colônia francesa da Ilha da Reunião, na costa oriental da África.

Como em outros lugares, logo se constatou que a mesa era movida pelas almas dos mortos.

Depois de algum tempo, as reuniões passaram a ser dirigidas por um espírito, que se apresentou como o guia espiritual da família. Interrogado a respeito do seu nome, o ser invisível respondeu:

- Chamem-me pelo que sou, **o zéfiro da verdade**.

Zéfiro era o nome de um vento típico da região. O apelido pegou.

Certa noite, o guia previu que seus protegidos mudariam brevemente para Paris:

- Émile arrumará seus negócios e entrará na Escola Naval. Caroline e Julie tomarão professoras mais competentes e encontrarão seus noivos. E eu procurarei contato com um velho amigo e chefe, desde o nosso tempo de druidas.

Nessa época, os Baudin não tinham a menor intenção de morar na França. No entanto, uma crise no comércio do café e do açúcar, principais produtos das atividades agrícolas e comerciais de Émile-Charles, obrigou-os a mudar para a Corte em 1855. Zéfiro os acompanhou. Ou foi o contrário?

As reuniões continuaram em Paris. Numa noite, Zéfiro escreveu:

- Nosso dia de glória já chegou.

O Sr. Baudin pediu mais explicações. O espírito amigo respondeu:

- Vamos ter, afinal, o convívio de nosso velho chefe druida!

- Aquele que você esperava encontrar em Paris?

- Sim, ele mesmo, em pessoa. Você vai trazê-lo aqui. Caroline vai atraí-lo.

- Você pode me dizer o nome dele?

- Allan Kardec!

Émile achou o nome estranhíssimo e deu o diálogo por encerrado.

As sessões dos Baudin davam-se num clima de total descontração e sem qualquer formalismo.

Na hora combinada, a casa enchia-se de curiosos, convidados pela família ou recomendados pelos amigos do clã.

Nessa época, os espíritos já tinham abandonado as mesas girantes e se comunicavam através da psicografia indireta, escrevendo num quadro de ardósia (uma lâmina de pedra, portátil). Caroline, Julie e Clémentine funcionavam como médiuns, segurando uma cestinha de vime (corbelha, do francês corbeille), em cujo bico amarravam um lápis de pedra. Os participantes faziam perguntas, que eram respondidas na ardósia e lidas em voz alta. Após a leitura das respostas, seguiam-se comentários nos mais diversos tons, revelando o espanto de uns e o contentamento de outros.

Zéfiro, o dirigente espiritual da casa, gostava de pilheriar e alfinetar os consulentes antes de dirigir-lhes a palavra.

Certa noite, o Sr. Denizard Rivail, educador lionense radicado em Paris, compareceu à reunião, acompanhado de sua esposa, Amelie Boudet, a convite do próprio Émile-Charles. O pai Baudin os havia conhecido numa sessão de mesa girante na casa da Sra. Planemaison, na qual Rivail aprofundava seu recente interesse pelos fenômenos espíritos.

O espírito guia dos Baudin os recebeu efusivamente, saudando o professor com as seguintes palavras:

- Salve, caro pontífice, três vezes salve!

Lida em voz alta, a saudação arrancou risadas da platéia.

O Sr. Baudin, meio envergonhado, explicou a Rivail que Zéfiro era muito espirituoso e tinha o costume de brincar com os visitantes. O professor não se agastou e respondeu sorrindo:

- Minha bênção apostólica, prezado filho!

Nova risada geral. Zéfiro, porém, redarguiu que tinha feito uma saudação respeitosa a um verdadeiro pontífice, pois Rivail havia sido um grande chefe druida, no tempo da invasão da Gália pelo Imperador Júlio César.

Os druidas eram os sacerdotes do povo celta, uma etnia que habitava várias extensões da antiga Europa. Essa área compreendia Portugal e Espanha (a oeste), a Cordilheira dos Cárpatos (a leste), a Bélgica (ao norte) e a Itália (ao sul), passando pela Irlanda, Inglaterra, País de Gales, Escócia, França, Dinamarca, Suíça, Áustria e Alemanha.

Júlio César invadiu a Gália (atual França) no Século 58 a.C. e denominou os celtas locais de gauleses. Segundo Zéfiro, ele e Rivail estavam reencarnados nessa época e local.

O termo druida quer dizer consciência do carvalho, a árvore sagrada dos celtas. Os futuros sacerdotes, escolhidos na classe aristocrática, submetiam-se, desde crianças, a intenso aprendizado junto aos druidas mais velhos.

Os druidas não limitavam sua ação à religião, acumulando a função de juizes, professores, médicos, conselheiros militares e guardiões da cultura céltica. O cargo não era exclusivo dos homens, pois também existiam druidesas. Viviam integrados na comunidade e podiam se casar. Estimulavam os homens a combater o mal e a praticar bravuras e as mulheres a serem o ponto de união entre o céu e a terra. Júlio César os perseguiu duramente porque insuflavam a resistência ao domínio romano. Segundo o próprio Imperador, foi na Gália que ele viveu a mais árdua de suas campanhas.

Os celtas dominavam diversas áreas do conhecimento humano, como a fitoterapia, a agricultura, a tecelagem, a mineração, a cerâmica, a pecuária, a metalurgia e a astronomia. Inventaram a roda de madeira, o barril e a carroça. No campo artístico, cultivavam a música, a poesia, a escultura, a ourivesaria e a joalheria. O que unia os povoados, vencendo as grandes distâncias que os separavam, não era a obediência a um único rei, mas a língua, a arte e a religião.

A filosofia religiosa dos celtas era muito avançada. Acreditavam numa Divindade única, que podia ser cultuada como homem (Deus ou o céu) ou mulher (Deusa ou a terra). Como não admitiam templos, seus cerimoniais eram realizados ao ar livre, nos campos e florestas, debaixo de grandes carvalhos.

Além disso, criam na imortalidade da alma, na reencarnação, no livre-arbítrio, na lei de causa e efeito, na evolução espiritual, na inexistência de penas eternas, nas esferas espirituais, na existência de elementais (duendes, fadas, gnomos, etc.) e na proteção dos Espíritos superiores. Um celta não morria, pois a morte era apenas um ponto no meio da estrada.

Só houve uma coisa negativa: os druidas proibiram a palavra escrita como instrumento de preservação da história céltica, por temerem que textos escritos caíssem em mãos escusas. Por isso, todo o conhecimento desse povo era transmitido oralmente e se perdeu muito no decorrer dos séculos.

Com a queda do grande chefe Vercingetórix, no ano de 52 a.C., toda a Gália acabou rendendo-se, pouco a pouco, aos exércitos romanos, mais treinados e portadores de armas mais leves e manejáveis. No final do Século I a.C., todos os domínios celtas, exceto a Irlanda e a Escócia, estavam submetidos a Roma. A falta de unificação política, geográfica e militar das tribos também colaborou para o sucesso de Júlio César.

Com a forte repressão política aos druidas, movida pelo Imperador, a cultura céltica foi perdendo sua força e, no final do Século I d.C., a quase totalidade dos celtas estava "romanizada" ou misturada à multidão de povos que invadiu o continente europeu.

O druidismo passou então a ser uma prática fechada e esotérica. Isso, porém, não impediu que muitos druidas aceitassem as idéias de Jesus de Nazaré, quando o Cristianismo primitivo chegou à Europa. No entanto, o nascente Catolicismo romano não gostou desse sincretismo e ajudou a perseguir os sacerdotes celtas. Pode-se dizer que o desaparecimento dos druidas é diretamente proporcional ao crescimento e fortalecimento da Igreja Católica.

Como os grandes druidas eram conhecidos como as serpentes da sabedoria, São Patrício regozijava-se de ter acabado com as "serpentes" da Bretanha.

A vitória final teria sido de Roma se não existisse a reencarnação. Utilizando-se desse mecanismo natural, o druida Allan Kardec renasceu no Século XIX para dar continuidade ao seu trabalho no campo científico, filosófico e religioso.

O local escolhido foi a cidade de Lyon, na atual França, antiga Gália, no ano de 1804. Seu novo nome seria Hippolyte Léon Denizard Rivail. Já sabendo que era um druida reencarnado, através da revelação do Espírito Zéfiro, Rivail preferiu assinar O Livro com seu antigo nome celta, a fim de separar seu trabalho de educador do de autor espírita. Fechava-se, assim, um ciclo palingenético, pessoal e histórico.

O espírito Kardec/Rivail completava sua tarefa de condutor de almas e as grandes teses druídicas ressurgiam no bojo da novel Doutrina Espírita. Tudo sobre o mesmo solo gaulês. Esses fatos, porém, não aconteceram sem a resistência de uma velha inimiga dos druidas. A Igreja Católica tentou denegrir o Espiritismo de várias maneiras.

JOÃO BATISTA

- Leitura preliminar:

Quem foram os ESSÊNIOS:

“Então Jesus, tirando-o do meio do povo, e tomando-o de parte, meteu-lhe os seus dedos nos ouvidos; e cuspido, pôs-lhe da sua saliva sobre a língua.” - Marcos, cap. 7.

“Ao tempo em que viveu o PORTADOR DA GRAÇA, apenas restavam dos Profetas poucos Cenáculos, nas fronteiras do Egito e beirando o Mar Morto. Realmente, como temos aqui aprendido, a Escola Essênia tinha dois pontos fundamentais de ordem religiosa: o AMOR e a CIÊNCIA, empregando a Revelação como instrumento de pesquisas espirituais.” (trecho do livro *Lei, Graça e Verdade*)

“Fez entender que Henoc, o MAIOR PATRIARCA dos povos hebreus primitivos, tendo viajado pela Índia a mando espiritual, trouxe de lá o primitivo essenismo, ou vedismo, fundando a ORDEM DOS ESSÊNIOS, ou Escola de Profetas de Israel, como veio a se chamar mais tarde. Escolhiam, através de estudos e severíssimas observações, os que deviam ser os profetas. Estes deviam portar-se da melhor maneira, fossem casados ou solteiros, a fim de serem dignos das melhores e mais perfeitas mensagens espirituais. Lembrou o VELHO TESTAMENTO, cheio de repetidas referências a respeito, isto é, repleto de mensagens espirituais, através de elementos nazireus ou escolhidos. Não raro, disse, os pais recebiam mensagens referentes aos futuros nascituros, razão pela qual, desde o ventre materno, já se destinavam ao ministério da Revelação. Tudo, porém, em caráter reservado ou de portas fechadas. A ORDEM ESSÊNIA foi sempre a mais rigorosa em matéria de sigilo a ser mantido”. (trecho do livro *Lei, Graça e Verdade*)

3 – O Precursor e o Precursado surgiram da Escola de Profetas de Israel, a Fraternidade dos Essênios integrou-se no movimento denominado o Caminho do Senhor, vindo seus vultos a se tornarem os baluartes do movimento, enfrentando ódios e perseguições, prisões e martírios. (trecho do livro “Confissões de um Corruptor”)

“Jesus usou de muitos recursos para realizar Suas curas; de recursos que foram tirados, propositalmente, dos documentos deixados pelos Apóstolos. E como tivesse Ele os anjos, espíritos ou almas, subindo e descendo sobre a Sua cabeça, que quer dizer ao Seu redor, qualquer um pode compreender de onde Lhe vinham os ensinamentos e os conselhos.

Paulo diz, numa das Epístolas, que enquanto encarnado, Jesus era um pouco inferior aos anjos; isto é, aos espíritos bons e livres ou de Deus. É uma verdade simples, muito simples, que qualquer de nós, que conheça suas vidas e função no mundo, compreende com toda simplicidade. Quanto aos meios de cura, cumpre dizer o seguinte: A Escola de Profetas de Israel, ou de Nazireus, ou também chamada de Escola Essênica, tinha elementos pertencentes a três categorias:

a - Os **filiados** em geral, solteiros e casados, que viviam a vida simples da agricultura, sem outros deveres que não fossem observar a conduta que a Lei determina, e de estar a par dos movimentos da Escola ou Ordem;

b - Os **Nazireus**, ou Médiuns, que se versavam no exercício profético ou mediúnico. Tudo dependia dos anúncios vindos antes de nascerem, ou da vontade do indivíduo, por causa de faculdades que se lhe manifestavam. A Bíblia contém muitos informes, sobre filhos que foram oferecidos, pelas mães, ao serviço profético, etc.;

c - Os **Terapeutas**, que muitas vezes eram também Nazireus, e que faziam aprofundados estudos de medicina, começando pelo espírito, observando o perispírito e considerando os reflexos no corpo somático.

Não é preciso lembrar que Jesus, o Messias, o Ungido, o Divino Delegado, o que tinha o Espírito de Profecia Sem Medida, tinha tudo aquilo, e mais aquilo que por ora é difícil fazer entender. Quando os leitores se fizerem elementos do Grau Crístico, e receberem um tal Divino Encargo, hão de saber o que é. Enquanto isso não ocorrer, por sim e por não, terão que movimentar a pedra contraditória...” (do livro *A Bíblia dos Espíritos*)

Eram originários do Egito, e durante a dominação do Império Selêucida, em 170 a.C., formaram um pequeno grupo de judeus, que abandonou as cidades e rumou para o deserto, passando a viver às margens do Mar Morto, e cujas colônias estendiam-se até o vale do Nilo. No tempo de Jesus, a agremiação dos Essênios era a última restante das confrarias de profetas organizadas por Samuel. Não lutavam mais, como seus antecessores, apenas conservavam a tradição. Seus dois centros principais eram à margem do Lago Maoris, Egito, (onde ficou João Batista), e em Engaddi, à margem do Mar Morto (onde ficou Jesus). Acima de Engaddi, onde os essênios cultivavam o sésamo e a vinha, um atalho escarpado levava a uma gruta. Os essênios tinham-na preparado para os que quisessem se submeter à prova da solidão. Ali havia alguns rolos de escritos dos profetas, aromáticos fortificantes, figos secos e um fio de água (ali esteve Jesus).

O nome Essênios vem do termo sírio Asaya, que significa médicos.

Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade; aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas querelas que tornaram antagonistas aquelas duas outras seitas. Flávio Josefo, historiador judeu (37 d.C./100 d.C.), autor de: *A Guerra Judaica* e *As antiguidades Judaicas*, recebeu alguns ensinamentos de um mestre essênio com quem viveu durante três anos. Flávio nos diz, a respeito dos essênios: “Existem,

com efeito, entre os judeus, três escolas filosóficas: os adeptos da primeira são os fariseus; os da segunda, os saduceus; os da terceira, que apreciam justamente praticar uma vida venerável, são denominados essênios: são judeus pela raça, mas, além disso, estão unidos entre si por uma afeição mútua maior que a dos outros"

O romano Plínio, o Velho, nos oferece precioso dado para a localização dos essênios: *"Na parte ocidental do mar Morto os essênios se afastam das margens por toda a extensão em que estas são perigosas. Trata-se de um povo único em seu gênero e admirável no mundo inteiro, mais que qualquer outro: sem nenhuma mulher e tendo renunciado inteiramente ao amor; sem dinheiro e tendo por única companhia as palmeiras. Dia após dia esse povo renasce em igual número, graças à grande quantidade dos que chegam; com efeito, afluem aqui em grande número aqueles que a vida leva, cansados das oscilações da sorte, a adotar seus costumes"*

No meio da corrupção que imperava, os essênios conservavam a tradição dos profetas e o segredo da Pura Doutrina. De costumes irrepreensíveis, moralidade exemplar, pacíficos e de boa fé, dedicavam-se ao estudo espiritualista, à contemplação e à caridade, longe do materialismo avassalador. Segundo alguns estudiosos, foi nesse meio onde passou Jesus, no período que corresponde entre seus 13 e 30 anos.

Os essênios suportavam com admirável estoicismo os maiores sacrifícios para não violar o menor preceito religioso. Procuravam servir a Deus, auxiliando o próximo, sem imolações no altar e sem cultuar imagens. Eram livres, trabalhavam em comunidade, vivendo do que produziam. Em seu meio não havia escravos. Tornaram-se famosos pelo conhecimento e uso das ervas, entregando-se abertamente ao exercício da medicina ocultista. Em seus ensinamentos, seguindo o método das Escolas Iniciáticas, submetiam os discípulos a rituais de Iniciação, e conforme adquiriam conhecimentos e passavam para graus mais avançados. Mostravam então, tanto na teoria quanto na prática, as Leis Superiores do Universo e da Vida, tristemente esquecidas na ocasião.

Alguns dizem que eles preparavam a vinda do Messias. Eram uma seita aberta aos necessitados e desamparados, mantendo inúmeras atividades onde a acolhida, o tratamento de doentes e a instrução dos jovens eram a face externa de seus objetivos. Muitos estudiosos acreditam que a Igreja Católica procura manter silêncio acerca dos essênios, tentando ocultar que recebeu desta seita muitas influências. Não há nenhum documento que comprove a estada essênica de Jesus, no entanto seus atos são típicos de quem foi iniciado nesta seita. A missão dos seguidores do Mestre Verdadeiro foi a de difundir a vinda de um Messias e nisto contribuíram para a chegada de Jesus.

Na verdade, os essênios não aguardavam um só Messias, e sim, **dois**. Um originário da Casa de Davi, viria para legislar e devolver aos judeus a pátria e estabelecer a justiça. Esse Messias-Rei restituiria ao povo de Israel a sua soberania e dignidade, instaurando um novo período de paz social e prosperidade. Jesus foi recebido por muitos como a encarnação deste Messias de sangue real. No alto da cruz onde padeceu, lia-se a inscrição: Jesus Nazareno Rei dos Judeus.

O outro Messias esperado nasceria de um descendente da Casa de Levi. Este Salvador seguiria a tradição da linhagem sacerdotal dos grandes mártires. Sua morte representaria a redenção do povo e todo o sofrimento e humilhação por que teria que passar em vida seria previamente traçado por Deus. O Messias-Sacerdote se mostraria resignado com seu destino, dando a vida em sacrifício. Faria purgar os pecados de todos e a conduta de seus atos seria o exemplo da fé que leva os homens a Deus. Para muitos, a figura do pregador João Batista se encaixa no perfil do segundo Messias. Até os nossos dias, uma seita do sul do Irã, os mandeanos, sustenta ser João Batista o verdadeiro Messias.

Vivendo em comunidades distantes, os essênios sempre procuravam encontrar na solidão do deserto o lugar ideal para desenvolverem a espiritualidade e estabelecerem a vida comunitária, onde a partilha dos bens era a regra. Rompendo com o conceito da propriedade individual, acreditavam ser possível implantar no reino da Terra a verdadeira igualdade e a fraternidade entre os homens.

Consideravam a escravidão um ultraje à missão do homem dada por Deus. Todos os membros da seita trabalhavam para si e nas tarefas comuns, sempre desempenhando atividades profissionais que não envolvessem a destruição ou violência. Não era possível encontrar entre eles açougueiros ou fabricantes de armas, mas sim grande quantidade de mestres, escribas, instrutores, que através do ensino passavam de forma sutil os pensamentos da seita aos leigos.

O silêncio era prezado por eles. Sabiam guardá-lo, evitando discussões em público e assuntos sobre religião. A voz, para um essênio, possuía grande poder e não devia ser desperdiçada. Através dela, com diferentes entonações, eram capazes de curar um doente. Cultivavam hábitos saudáveis, zelando pela alimentação, físico e higiene pessoal. A capacidade de prever o futuro e a leitura do destino através da linguagem dos astros tornaram os essênios figuras magnéticas, conhecidas por suas vestes brancas. Eram excelentes médicos também.

"Lei, Amor e Revelação, essa era a base doutrinária dos homens do Caminho; a seguir, entretanto, as práticas mudaram de feição, tomaram rumo totalmente diferente. A festa do pão e do vinho, que era a da confraternização anual, criada pelos antigos Essênios como sendo a da igualdade, pois comer do mesmo pão e beber do mesmo vinho simbolizava a fraternidade comunal, essa foi transformada em instrumento subordinante em meio de compressão, obrigando a sujeições diante dos beaguins do Império." (Confissões de Um Corruptor)

Nos escritos dos rosacruzes, são considerados como uma ramificação da Grande Fraternidade Branca, fundada no Egito no tempo do faraó Akenaton. Em cada parte do mundo onde se estabeleceram, eles receberam nomes diferentes, às vezes por necessidades de se proteger contra as perseguições ou para manter afastados os difamadores. Mestres em saber adaptar seus pensamentos às religiões dos países onde se situavam, agiram misturando muitos aspectos de sua doutrina a outras crenças.

O saber mais profundo dos essênios era velado à maioria das pessoas. É sabido também que liam textos e estudavam outras doutrinas. Para ser um essênio, o pretendente era preparado desde a infância na vida comunitária de suas aldeias isoladas. Já adulto, o adepto, após cumprir várias etapas de aprendizado, recebia uma missão definida que ele deveria cumprir até o fim da vida. Vestidos com roupas brancas, ficaram conhecidos em sua época como aqueles que "são do caminho". Foram fundadores dos abrigos denominados "beth-saida", que tinham como tarefa cuidar de doentes e desabrigados em épocas de epidemia e fome. Os beth-saida anteciparam em séculos os hospitais, instituição que tem seu nome derivado de hospitaleiros, denominação de um ramo essênio voltado para a prestação de socorro às pessoas doentes. Fizeram obras maravilhosas, que refletem até os nossos dias.

Trechos encontrados:

"Deus é Princípio; seus atributos só se manifestam através da matéria para o homem exterior. Deus não é uma pessoa, nem se revela ao homem exterior em qualquer forma de nuvem ou glória."

"Deus é a realidade primordial no mundo do espírito; Deus é a fonte da verdade nas esferas da mente; Deus não se assemelha a um homem nem a uma máquina; O Pai Primeiro é espírito universal, verdade eterna e realidade infinita. Ele é infinitamente mais que a realidade idealizada ou o universo personalizado."

"As formas do homem e da mulher são manifestações da Verdade de Deus, mas Deus não está manifesto na forma do homem ou da mulher como um ser. O corpo do Homem é um templo no qual habita a alma, por cujas janelas vemos as criações e evoluções de Deus. "

"Os corpos físicos dos mortais são os "templos de Deus". É tal a infinitude da perfeição de Deus, que o torna um mistério para a eternidade. E o maior de todos os mistérios impenetráveis de Deus é o prodígio de sua morada divina na mente dos mortais. Mesmo que realmente exista esta comunhão pessoal e íntima entre os Filhos Criadores de Universos e suas criaturas mortais, ainda assim os homens mortais têm algo do próprio Deus Pai que, de fato, mora em seu interior; seus corpos são templos dele. Através da presença de seu espírito que se reparte, o Pai Criador mantém um contato imediato com seus filhos e com os Universos criados. "

Pontos comuns entre os essênios e os pitagóricos: Prece ao levantar do sol. Roupas de linho. Refeições fraternais. Noviciado de um ano. Três graus de iniciação. Organização da ordem. Comunidade de bens, sob a gerência de curadores. Lei do silêncio. Juramento dos mistérios. Mesma divisão no ensino dos conhecimentos.

SOBRE JOÃO BATISTA, NA BÍBLIA:

Mateus 11, 11: "Em Verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista"

João 3, 27: "João respondeu, e disse: O homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu. Vós mesmos me sois testemunhas de que disse: Eu não sou o Cristo, mas sou enviado adiante dele. Aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que lhe assiste e o ouve, alegra-se muito com a voz do esposo. Assim, pois, já este meu gozo está cumprido. É necessário que ele cresça e que eu diminua".

Mateus 17, 10: "E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara de João, o Batista".

A LEI (Moisés) veio apresentar (como João Batista) o Modelo de Comportamento (Jesus).

Sua vida:

João, o Batista, nasceu em Ain Karem, pouco ao sul de Jerusalém; foi filho de Isabel e Zacarias, virtuosos na conduta perante a Lei. Ambos eram idosos e ela era estéril, por isso não tinham filhos.

Estando Zacarias em seus trabalhos de sacerdote, apareceu-lhe Gabriel, para anunciar-lhe que seria pai de um menino, a quem chamariam João... "e ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho, nem bebida forte, será cheio do Espírito Santo, já no ventre materno. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. E irá adiante dele no espírito e no poder de Elias, para converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado."

Como houve certa dúvida da parte de Zacarias, Gabriel avisa-lhe que ficará mudo até que tudo se cumpra. E Isabel concebeu e se manteve oculta por cinco meses, dizendo: "Assim me fez o Senhor nos dias em que suas vistas se volveram a fazer cessar a minha vergonha entre os homens". Compreende-se a oração de Isabel porque, entre os judeus, a esterilidade era considerada como um castigo.

Ao sexto mês de gestação de Isabel, a Gabriel coube anunciar para Maria, prima de Isabel, que ela seria mãe de Jesus: "Será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e seu reinado não terá fim. Gabriel também contou-lhe sobre o filho concebido por sua prima

Isabel, então Maria apressou-se em visitá-la, vencendo os 150 quilômetros que as separavam, a fim de ajudar no que fosse necessário, durante 3 meses.

Maria, grávida de Jesus, aproxima-se de Isabel. Esta sente João estremecer em seu seio. Cheia do Espírito Santo, exclama em alta voz: "Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre. E donde vem a mim esta dita, que venha visitar-me a Mãe do meu Senhor? Porque assim que chegou a voz da tua saudação aos meus ouvidos, logo o menino exultou de prazer em minhas entranhas. E bem-aventurada tu, que creste, porque se cumprirão as coisas que da parte do Senhor te foram ditas".

Ao nascer o bebê de Isabel, quiseram os familiares chamá-lo Zacarias, como o pai; este, quando reafirmou, escrevendo numa tabuinha, que seu nome seria João (Yohanan, que significa o Senhor realiza a graça), recuperou a fala, fazendo com que todos percebessem que a "mão do Senhor estava com ele".

"Ora, o menino crescia, e se fortificava no espírito, e habitava nos desertos, até ao dia em que se manifestou a Israel" - Lucas, cap. 1.

Primeiro, considerar os fatos mediúnicos que revestem os acontecimentos relatados no primeiro capítulo de todos os evangelistas. Segundo, que ninguém foi parar nos desertos, mas sim às margens do Mar Morto, e do Lago Morto, este nas fronteiras do Egito, onde existiam Cenáculos Essênios, a fazer os devidos preparatórios e também para aguardar o tempo de entrar em função, segundo ordens do Espaço. Quando diz a Escritura que alguém foi "cheio de Espírito Santo", diz que caiu em transe mediúnico, nada mais. (Novo Testamento dos Espíritas)

E o menino cresceu. Logo seus pais desencarnaram, passando então a ser criado pela comunidade dos essênios próximo ao Lago Morto, nas fronteiras do Egito. De tempos em tempos, ele e Jesus se encontravam, em convívio familiar. Em termos de aparência exterior, João Batista era do ramo da família que tinha a pele morena, enquanto Jesus era do ramo de tez clara. João tinha a figura de asceta, vestia pele de camelo e um cinturão de couro; até no aspecto recordava a inflamada figura de Elias.

Houve, durante este período, o preparo dos que acompanhariam tanto Jesus, quanto João Batista (em torno de 70 para cada um). Eram médiuns conscientes do momento divino vivido, conheciam os ensinamentos iniciáticos e auxiliavam no que era necessário para que a tarefa tivesse cumprimento. No seio desta comunidade, eles encontravam pousada ao longo de suas caminhadas, a comida necessária, o dinheiro para as pequenas compras; até mesmo o jumentinho que Jesus usou para que se cumprissem as escrituras foi por eles emprestado.

Cumprir salientar, que João e Jesus saíram a público com uma coroa de setenta e dois discípulos, fornecedores de elementos mediúnicos para os devidos e necessários fins. Repetimos, ainda, que com o triunfo de Jesus, os Cenáculos Essênios foram fechando suas portas, para se incorporarem ao Caminho do Senhor. É que, com o advento do Messias, a Escola de Profetas de Israel terminara sua função oculta, ficando na obrigação de trabalhar pela extensão do Consolador sobre a Terra. E se Roma não tivesse feito tamanha traição ao Batismo de Espírito, as graças da Revelação já teriam enchido a Terra e a humanidade estaria muito ilustrada em matéria de espiritualidade. (Novo Testamento dos Espíritas)

"E depois disto designou o Senhor ainda outros setenta e dois" - Lucas, cap 10.

Se ninguém tivesse adulterado as letras, todos conheceriam que João Batista e Jesus saíram dos Cenáculos Essênios com setenta e dois discípulos cada um; que os discípulos de João se agregaram a Jesus, depois de sua morte; e que os Essênios, com o triunfo de Jesus, cerraram as portas e se incorporaram ao Caminho do Senhor. Uma vez tornada ostensiva a Revelação, pelo Batismo de Espírito, tudo estava terminado para as Escolas de Portas Fechadas. (Novo Testamento dos Espíritas)

"Marta e Maria" - Lucas, cap. 10.

Durante a peregrinação de João Batista e de Jesus, repousavam eles na residência dos elementos Essênios, da Escola de Profetas de Israel, que se achavam espalhados pelo povo. Lázaro, Marta e Maria eram gente essênia, tendo Jesus muitas vezes ali repousado, em companhia de alguns discípulos. (Novo Testamento dos Espíritas)

"E trouxeram o jumentinho a Jesus" - Marcos, cap. 11.

O essenismo, a Escola de Profetas de Israel, recebeu João Batista e Jesus, amparou-os até o devido tempo, conforme estava nas profecias, deixou-os ir quando veio a ordem pela Revelação. Nada foi esquecido, tudo foi lembrado e executado da melhor maneira. Para descansar, comer e beber, contavam com a casa dos amigos e companheiros de trabalho. Assim também foi com o caso do jumentinho. (Novo Testamento dos Espíritas)

17- Cumprido o tempo, o Plano Diretor do Planeta mandou João Batista fazer a sua parte e apresentar o Divino Molde e Derramador da Revelação sobre toda a carne; João tinha vinte e nove anos quando saiu para fazer isso. (Evangelho Eterno, cap. VIII)

Sendo ainda Herodes o tetrarca da Galiléia, recebeu João a ordem divina para que iniciasse a pregação: sua palavra se espalharia entre todos, e seu trabalho de atrair gentes para o arrependimento de erros cometidos seria auxiliado pelo batismo com água.

"Os dois batismos" - Marcos, cap. 11.

João Batista usou de uma formalidade para atrair as gentes e poder falar de Jesus, que era o seu dever. Jesus, no Pentecostes, batizou em Revelação, abriu as portas dos Cenáculos Iniciáticos. Nenhum dos batismos salva a quem quer que seja. Porque o de Jesus, que é de Revelação ou Palavra de Deus, apenas adverte, ilustra e consola. Quanto às obras, que cada um tome conta das suas. E quem for mais avisado, que melhor cumpra com os seus deveres. *(Novo Testamento dos Espíritos)*

"Mas que esperassem a promessa do Pai" - Atos, cap. 1.

A promessa do derrame de Espírito ou Revelação, que seria sobre toda a carne, foi feita umas vinte vezes no Velho Testamento; João Batista veio na frente, como Elias reencarnado, e chamou de *batismo* de Espírito ao que se dizia *derrame* de Espírito; e todos podem ler, principalmente nos capítulos quatorze, quinze e dezesseis, de João, o que Jesus disse que deixaria, para tirar a orfandade. E as primeiras palavras de Jesus, ao ressurgir em espírito, foram para lembrar aos discípulos o cumprimento da promessa. *(Novo Testamento dos Espíritos)*

"Conhecendo somente o batismo de João" - Atos, cap. 18.

Todo e qualquer conhecedor das verdades revelacionistas sabe que nenhum dos batismos, por si só, torna o espírito melhor perante si mesmo e perante Deus. O de João, um simples formalismo inventado pelos mestres essênios, para fazer João com isso atrair as gentes e concitar à penitência, preparando-se, portanto, para o batismo de Jesus, que seria a base da edificação doutrinária terrena. E o de Jesus, batismo de Revelação, comunicação de anjos, espíritos ou almas, constituindo fonte graciosa de consolações e advertências, mas apenas isso. Apenas isso, fica entendido, porque a evolução íntima é coisa que os Dez Mandamentos deverão fazer, pelo fato de vivê-la!

Nenhum formalismo, nem o revelacionismo, jamais tornarão alguém PURO e SÁBIO. É o que importa saber, com ou sem Escrituras, porque a Verdade não morreu lá com os Apóstolos, não vai morrer nos livros presentes nem jamais morrerá em tempo algum. Para cada época a Revelação dirá a sua lição. *(Novo Testamento dos Espíritos)*

João Batista e Jesus eram Nazireus, Essênios, Profetas, Videntes, nunca padres. *(A Bíblia dos Espíritos)*

18 - Aos vinte e nove anos, também Jesus recebeu ordem para dar início ao seu trabalho missionário; foi à procura de João, porque um fato mediúnico de importância capital tinha de acontecer, na hora do batismo, como aconteceu; *(Evangelho Eterno, cap. VIII)*

Tal como previsto em Isaías: "Voz que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; os caminhos tortuosos serão retificados, e os escabrosos, aplanados; e toda a carne verá a salvação de Deus".

Num local que é mencionado como Betânia além-Jordão, Betabara, João chamava a todos de *raça de víboras*. Conclamava ao arrependimento e a pensar na ira porvindoura, avisando que as más árvores seriam abatidas e lançadas ao fogo. Ensinava sobre a justiça, a bondade, a renúncia, a virtude vivida, avisando de que seu batismo era de água, mas viria Jesus, o Verbo Exemplar, com outro batismo: "A sua pá, ele a tem na mão, para limpar completamente a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; porém queimará a palha em fogo inextinguível".

O batismo de água

Quando João Evangelista menciona a frase de Jesus "*Digo-te em verdade que se um homem não nascer da água e do espírito, não poderá entrar no reino de Deus*", deixa colocado o que era ensinado desde os Mistérios do Egito: na antiga doutrina da regeneração, renascer pela água e pelo espírito, ser batizado na água e no fogo, indicam dois graus de iniciação, duas fases do desenvolvimento interno e espiritual do homem. Aqui, a **água** representa a verdade percebida intelectualmente, de um modo abstrato e geral. Ela purifica a alma e desenvolve seu germe espiritual. O renascimento pelo espírito, ou o batismo pelo **fogo** celeste, significa a assimilação dessa verdade pela vontade, de modo que ela se torna o sangue, a vida, a alma de todas as ações. Daí resulta a completa vitória do espírito sobre a matéria, o que Jesus chama de Reino de Deus. A água, no esoterismo antigo, simboliza a matéria fluídica, infinitamente transformável, como o fogo simboliza o espírito uno. Jesus, naquela frase, alude a essa dupla transformação do seu ser espiritual e do seu invólucro fluídico. Tivemos o dilúvio de água, teremos o de fogo...

O ano em que João Batista começou a pregar era sabático, quando os campos eram deixados a repousar e muitos trabalhadores tinham tempo para ouvir suas exortações. Eram tantos, que chegou a preocupar as autoridades. Bem no fim deste ano, ou no começo do outro, chega Jesus para, enfim, ter lugar o batismo que iniciaria as atividades de sua missão... "e estando ele a orar, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba", e a partir daquele

instante sobre sua vida será escrito, a fim de cumprirem-se as profecias, ser o Verbo Modelar de Conduta e acontecer o Pentecostes.

João Batista sempre dizia, e ficou registrado no Evangelho de João: “Eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor. O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve, muito se regozija por causa da voz do noivo. **Pois esta alegria já se cumpriu em mim.** Convém que ele cresça e que eu diminua.”

Está em Mateus, pela boca de Jesus, a explicação sobre a missão de seu primo João Batista:

“Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais. Mas, para que saístes? para ver um profeta? Sim, eu vos digo, é muito mais que profeta. Este é de quem está escrito: ‘Eis aí que eu envio o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti’. Em verdade vos digo: Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior que João Batista;... E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava por vir”

O desencarne de João Batista é uma das páginas mais dramáticas. Ele atacara diretamente a Herodes, que tomara ao irmão adotivo, mantido como refém dos romanos, a mulher, Herodíades. Herodes manda prendê-lo, mantendo-o aprisionado na tenebrosa fortaleza de Maqueronte, numa das celas sob o salão em que o tetrarca oferecia banquetes e suntuosas festas. Mas Herodes teme o poder de João, e opõe-se a Herodíades, que quer matar o profeta. A mulher vê a oportunidade de vingar-se durante a festa que Herodes preparara para comemorar seu aniversário; diante de toda a corte, faz sua filha de dezenove anos, Salomé, dançar. A dança encanta o tirano, que promete dar-lhe qualquer coisa. Herodíades sugere à filha que peça a cabeça de João Batista, cuja língua, segundo a tradição, arranca com um alfinete.

Transcrição das gravações de comentários do Pai Divino, Osvaldo Polidoro:

“Jesus disse que dentre os nascidos de mulher ninguém maior que João Batista, mas também disse que quando ele vier de novo terá que restaurar tudo (e comecei restaurando entregando o Espiritismo), mas quando me degolaram ele disse:- “Vocês apagaram uma luz! A lâmpada se apagou”. Foi apagada pelo Herodes.

Ele gostava muito de mim, eu não passei mal na Fortaleza de Maqueronte. Ele ia me visitar.

Ele tinha roubado a mulher do irmão, seduzido a enteada (Salomé). Ela dançou a dança dos véus tão bem que ele disse que daria metade do reino a ela. Ela correu à mãe e perguntou:- “O que devo pedir?” Ela, a quem eu havia dito tudo aquilo, disse:- “Peça a cabeça de João Batista numa bandeja”. Ele se constrangeu todo, mas como palavra de rei não volta atrás, mandou fazer isso.

Nesta encarnação, uma família nascida na Espanha. Passaram pela França e Marrocos. Saíram de lá e vieram parar no Brasil.

Isidoro Lopes inventou a revolução de 24. Eles estavam para ir à Argentina, onde tinham família. Ficaram em São Paulo. O dinheirinho acabou e foram morar em Itaquera, numa casa de meu pai. O Herodes estava lá... Herodíades estava lá... a Salomé estava lá.

Aos 22 anos, (que era a idade que a Salomé tinha), aqui em São Paulo, ela teve um ataque e ficou hemiplégica até desencarnar. A Herodíades era parteira. Trabalhava noite e dia naquela extensão de Itaquera. De Espiritismo, tudo o que ela sabia era “Pai Jacó”. Quantos médicos novos, em partos difíceis, chamaram esta mulher para ela dizer alguma coisa! Ela foi a parteira lá em casa da Nena e do João. Na casa deles eu comi um guisado de cascudo preparado pela Herodíades, que me estimava muito porque via umas tantas coisas.

O Felipe, aquele de quem o Herodes roubou a esposa, estava na carne. Com 6 anos e meio era artista de fazer estátuas e pinturas. Espírito o pegava e dizia uma porção de coisas. Ele tinha um quê de efeitos físicos: A casa era de esquina, sala enorme. No quarto ao lado, a Salomé estava numa cama, parede de meio tijolo separando.

Principalmente quando bebia um bocado (desencarnou numa sarjeta, bêbado) espírito pegava-o. Num dia, numa festinha, ele perguntou:- “Querem ver como dou um murro nesta parede?” Correram para segurar, ele afastou todos e deu um murro na parede. Não machucou a mão, mas a parede ficou rachada por muito tempo, porque a família deixou assim. A casa ainda está lá.

Eis aí como a Terra gira, as pedras se tocam e os espíritos se reencontram! Saíram todos da carne... Por causa dela o Herodes foi procurar o Espiritismo. Espanhol, quantas vezes eu o ouvi dizer:- “La cosa mas linda del mundo es el espíritu!” Era Pai Jacó para todos os efeitos... Quando eu falo, vêm todos aí, até os que estão reencarnados.

A Salomé, de certo modo, expulsou-me daquela casa por causa de um padre que ia lá, e que dizia que ela era uma santa, e que devia tributar a Deus o sofrimento dela para ela dar testemunho, por ser ela uma santa. Eu disse a ela o que foi, e ela não gostou...”

-ooo-

Sua figura impôs-se com força tão excepcional que, depois de seu desencarne, espalhou-se o boato de que ressuscitara. Quando Paulo chegou em Éfeso, na Ásia Menor, encontrou doze discípulos que haviam recebido o batismo de João, mas nunca tinham ouvido falar do Espírito Santo. Creram no apóstolo, que logo os batizou, como está relatado em Atos, cumprindo-se o que fora anunciado: o “mais que profeta” prepararia os caminhos do Senhor, o “primeiro entre os homens”, até onde lhe foi permitido, realizou sua missão.

Com o trabalho de João Batista e de Jesus, toda a carne, a Lotação Humana do Planeta, iria realizar a Divina Civilização, que Deus prometeu pelo Nazireu, Profeta, Vidente ou Médium, Isaías.

Em virtude dos infernais desvios, das mentiras que religiosos profissionais colocaram no LUGAR DA DOUTRINA DA VERDADE, não resultou naquilo que Deus queria e quer para a Humanidade, tal como registra o Livro de Isaías, no cap. 11. (A Bíblia dos Espíritos)

João Batista e a maçonaria:

Enquanto as diferentes religiões dedicavam suas igrejas aos seus diferentes santos, entre os judeus, da sua história primária, todos os seus lugares de louvor eram dedicados a um Deus, Jeová. Assim, a Maçonaria foi dedicada ao Rei Salomão por muitos anos, pois ele foi o primeiro Grande Mestre, mas, posteriormente, do século XI ao século XV, a Maçonaria foi dedicada a São João Batista, e era conhecida como a Loja do Sagrado Santo de Jerusalém. Foi durante o século XV que São João Evangelista foi reconhecido e, a partir de então, a Maçonaria tem sido dedicada aos Sagrados Santos João, incluindo os dois. Até alguns anos atrás não era conhecido que João Batista tinha alguma conexão com a Maçonaria, ou por que ele deveria ser tão honrado, mas, através da descoberta dos documentos Essênios em Qumram, foi estabelecido que ele era um membro da sociedade dos Essênios e que ele ali tinha servido. O fato de ele batizar o qualificava como um praticante. Enquanto não é definitivamente estabelecida que a sociedade dos Essênios era a mesma que a Maçonaria, existe uma grande similaridade entre as duas e o moral dos ensinamentos das suas é o mesmo. A caridade das duas, assim como a prática de Amor Fraternal era idênticas.

Arqueólogo diz ter encontrado caverna de São João Batista (da France Presse, em Tzuba)

O arqueólogo britânico Shimon Gibson, 46, afirma ter encontrado nas montanhas ao noroeste de Jerusalém uma caverna na qual, segundo ele, São João Batista fazia o batismo de seus discípulos. Gibson disse que esta descoberta constitui "a primeira prova arqueológica da realidade histórica dos relatos evangélicos". Outros arqueólogos consideram as conclusões do britânico apressadas, já que a descoberta de um local de culto muito antigo vinculado a São João Batista não prova sua presença física no local.

Os resultados de três anos de trabalho de buscas, entre 2000 e 2003, com o apoio da universidade americana de Charlotte (Carolina do Norte), foram transformados no livro "The Cave of John the Baptist" ("A caverna de João Batista"), publicado recentemente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. A caverna fica "a uma hora de distância a pé de Ein Kerem", local onde nasceu João Batista, segundo a tradição cristã.

Em 1999, o arqueólogo foi alertado sobre a existência da caverna, escondida há séculos por uma espessa vegetação. Gibson, que percorre a Terra Santa desde 1975, teve de arrastar-se para entrar na caverna --com 24 metros de comprimento, 4 de largura e 4,5 de altura--, cheia de terra e escombros.

O arqueólogo decidiu fazer uma escavação depois de descobrir nos muros da caverna uma ilustração de João Batista. Gravada em rocha calcária, a imagem estava "ornada com uma vestimenta de pele de camelo", tal como relatado no livro de Mateus. Ele também encontrou cruzeiros e o desenho rudimentar de uma cabeça decapitada, ilustrando o trágico fim deste personagem contemporâneo de Jesus. "Estes desenhos são obra de monges bizantinos que se reuniam na caverna para contar a história de João Batista", afirma Shimon Gibson.

"Ao contrário dos rituais de imersão praticados na religião judaica, que são individuais e pretendem a purificação do corpo, os rituais praticados pelos discípulos de João Batista eram coletivos e aspiravam a purificação dos corações", afirma o arqueólogo. À direita da entrada, foram descobertas grandes pias que retinham a água da chuva e alimentavam a piscina interna, já que apenas a água vinda do céu podia ser utilizada no ritual. A caverna de São João será aberta ao público no início de 2005.

Introdução às vidas na Igreja Católica

Trechos transcritos de preleções do nosso irmão Osvaldo Polidoro, gravadas:

“Até o séc. X, quando fui o papa Damião*, amarraram-me pés e mãos em rabos de cavalos e tocavam os animais. A gente se cortava em quatro. Enchi as ruas de Roma três vezes com sangue, que era o martírio daqueles que eles julgavam feiticeiros“.

“Isto até o ano 1000. Em 1200 dei o maior santo: São Francisco de Assis. Em 1400 e pouquinho nasci na Tchecoslováquia, fogueira na Alemanha. Vesti vestes sacerdotais outra vez quando como Anchieta e vim fundar São Paulo“.

“Foi uma seqüência de perseguições e assassinatos pelo simples fato de não sermos padres, clérigos, ladrões, idólatras... porque sempre foi da parte de padres, clérigos, fazer com que reis, povos e nações se ajoelhassem diante deles. Quando aparecia alguém que não era padre ou judeu, eles liquidavam em fogueiras ou qualquer outro assassinato, porque eles estavam tirando seus lugares“.

* Esta vida de papa não é encontrada em pesquisa alguma, dentro do que é exposto ao público, visto que foi excomungado e assassinado. Segundo suas próprias palavras: “Fui o papa Damião, no século 10. Quis reformar, fui esquartejado, amarrado em 4 cavalos, correndo pelas ruas de Roma, considerado papa apóstata”

-o0o-

Muita gente que veio a mim, eu os vi antes. Também foi assim quando fui Anchieta, na fundação de São Paulo. Eu vim para cá, à Atlântida Redescoberta, com 18 anos. O Céu muitas vezes me colocou no lugar que hoje é a praça da Sé, e eu fui vendo toda esta gente vir vindo, vir vindo... e veio vindo!

Então, vocês padres, procurem imitar a mim como Francisco de Assis, procurem imitar-me como Anchieta porque... olhe, padraia: Vale a pena, viu? Vale a pena a gente ficar com Deus, e não contra Deus, porque isso é dar soco em ponta de faca. Tenham muito cuidado”.

-o0o-

Desde que ficou dito “*Quando Elias vier de novo, restaurará todas as coisas*” eu fui tomando reencarnações e mais reencarnações, sempre nisto. Então vim quatro vezes como sacerdote católico. Damião é uma, vim como Francisco de Assis, Huss e Anchieta, mas sempre com o propósito de **restaurar, restaurar, restaurar**. Tive sorte em alguma, mas como João Huss - fogueira, Anchieta -tive sorte, mas quatro vezes em Roma, com vestes sacerdotais fui esquartejado, enchi as pedras das ruas de Roma de sangue. Aí, tomando a personalidade que tinha e tomando as vestes sacerdotais no seio deles, quis fazer a revolta contra o erro humano, o clericalismo, **de dentro para fora**. Só que não consegui, mas o testemunho ficou.

-o0o-

Não só para ela, mas para todos: Continuo aqui e quero dizer para você, querida filha, tudo o que você aprendeu no Catolicismo, se eles tivessem ensinado e continuassem ensinando o que eu e outros vultos deixamos no meio deles, no catolicismo, não estariam eles mesmos brigando entre eles, porque lá para trás fui o Papa Damião, fui João Huss, depois fui Francisco de Assis, e aqui, fundando esta cidade, fui José de Anchieta, tudo no meio deles, para juntar esta gente; mas como os ensinamentos de Deus não estavam cobrando interesses de mundo, mas interesses espirituais de cada um de nós, para cada um conhecer Deus dentro de cada um e não longe (como eles dizem), eles me assassinaram várias vezes, porque a Doutrina que eu trazia era Doutrina pura, Deus dentro de nós, e eles sempre apareceram com seus salamaleques e vieram assassinando-nos.

-o0o-

FRANCISCO DE ASSIS

Pedro Bernardone, ainda solteiro já era o mais rico comerciante de Assis, na Itália. Atravessou os Alpes e foi até a França, onde travou conhecimento com culturas estrangeiras, e provavelmente foi aí que conheceu também Pica de Bourlemont, com quem se casou mais tarde. Logo depois do casamento, Pedro voltou para a França em busca de finíssimas mercadorias e seu filho nasceu em Assis, em sua ausência. Em 26 de setembro de 1182, sem esperar o regresso do marido, Dona Pica faz batizado do recém-nascido, impondo-lhe o nome de João em honra de João Batista, pelo qual santo teve sempre grande devoção. Mas para Pedro Bernardone, João nada significava; entusiasmado com os seus negócios e com o que tinha visto na terra francesa, mudou-lhe o nome para Francesco.

Francisco Bernardone tirou todos os proveitos de sua condição social vivendo entre os amigos boêmios. Tentou como o pai, seguir a carreira de comerciante, mas a tentativa foi em vão.

Eram freqüentes, nesta época, guerras e batalhas entre os senhores feudais e as emergentes comunas. Como todo jovem ambicioso de sua época, Francisco desejava conquistar, além da fortuna, também a fama e o título de nobreza. Para tal, fazia-se necessário tornar-se herói em uma dessas freqüentes batalhas. No ano de 1201, incentivado por seu pai, que também ansiava pela fama e nobreza, Francisco partiu para mais uma guerra que os senhores feudais, baseados na vizinha cidade de Perúcia, haviam declarado contra a Comuna de Assis.

Durante os combates, em uma tarde de inverno, Francisco caiu prisioneiro, sendo levado para a prisão de Perúcia, onde permaneceu longos e gelados meses. Para um jovem cheio de vida como ele, a inércia da prisão deve ter sido especialmente dolorosa! Somente seu espírito alegre, seu temperamento descontraído e seu gosto pela música salvaram-no do desespero. Encontrava ainda forças para reconfortar e reanimar seus companheiros de infortúnio.

Ao término de um ano foi solto da prisão, retornando para Assis, onde se entregou novamente aos divertimentos da juventude e às atividades na casa comercial de seu pai. O clima insalubre da prisão, agravado pelos prolongados meses de inverno, haviam enfraquecido o seu organismo, provocando agora uma grave enfermidade. Depois de longos meses de sofrimento sem poder sair da cama, finalmente conseguiu melhorar. Ao levantar-se, porém, não era mais o mesmo Francisco. Sentiu-se diferente, sem poder compreender o porquê.

A verdade é que a humilhação e o sofrimento da prisão, somados ao enfraquecimento causado pela doença, provocaram profundas mudanças no jovem Francisco. Foi o caminho que Deus escolheu para entrar mais profundamente em sua vida. Já não sentia mais prazer nas cantigas e banquetes em companhia dos amigos; começou a perceber a levandade dos prazeres puramente terrenos, mas conservava ainda a ambição da fama. Aderiu prontamente ao exército que o Conde Gentile de Assis estava organizando para ajudar o Papa Inocêncio III na defesa dos interesses da Igreja. Contou para isso com a aprovação entusiasmada do pai, que vislumbrava aí a oportunidade tão longamente esperada de enobrecer sua família. Deus, porém, lhe reservava algumas surpresas... Antes de partir, num impulso de generosidade, Francisco cedeu a um amigo mais pobre os ricos trajes e a armadura caríssima que havia preparado para si. Isso lhe valeu um sonho estranho: viu um castelo repleto de armas destinadas a ele e a seus companheiros. Francisco não conseguiu entender o significado do sonho. Pensou que estava, talvez, destinado a ser um famoso guerreiro! O fato é que o sonho não lhe saía do pensamento.

Ao chegar ao povoado de Espoleto, Deus tornou a lhe falar em sonhos, desta vez com maior clareza, de modo que ele reconheceu a voz divina que lhe perguntava: "A quem queres servir: ao Servo ou ao Senhor?" Francisco respondeu prontamente: "Ao Senhor, é claro!" A voz tornou a lhe falar: "Por que insistes, então, em servir ao servo? Se queres servir ao Senhor, retorna a Assis. Lá te será dito o que deves fazer!" Francisco entendeu, então, que estava buscando apenas a glória humana e passageira. Estava fazendo a vontade de pessoas ambiciosas e mesquinhas e não a vontade do Senhor do Universo.

Em busca de respostas, decidiu viajar para Roma no ano de 1205. Visitou a tumba do Apóstolo São Pedro e, indignado pelo que viu, exclamou: "É uma vergonha que os homens sejam tão miseráveis com o Príncipe dos Apóstolos!" E jogou um grande punhado de moedas de ouro, contrastando com as escassas esmolas de outros fiéis menos generosos. A seguir, trocou seus ricos trajes com os de um mendigo e fez sua primeira experiência de viver na pobreza.

Voltou a Assis, à casa paterna, entregando-se ainda mais à oração e ao silêncio. A família e os amigos estavam preocupados com o jovem Francisco: o que lhe estaria acontecendo? Será que ainda estava em pleno juízo? Seu pai, então, não se conformava! Não era isso que ele tinha sonhado para seu filho! Indignado, forçava-o a trabalhar cada vez mais.

Suas revelações não parariam por aí. Em Assis, dedicou-se ao serviço de doentes e pobres. Num dia do outono de 1205, enquanto rezava na igreja de São Damião, ouviu a imagem de Cristo lhe dizer: "Francisco, restaura minha casa decadente". O chamado foi tomado no sentido literal: vendeu as mercadorias da loja do pai para restaurar a igreja. Como resultado, o pai de Francisco, indignado com o ocorrido, deserdou-o.

Em 1206, passeando a cavalo pelas campinas de Assis, viu um leproso, que sempre lhe parecera um ser horripilante, repugnante à vista e ao olfato, cuja presença sempre lhe havia causado nojo... mas, então, como que movido

por uma força superior, apeou do cavalo e, colocando naquelas mãos sangrentas seu dinheiro, aplicou ao leproso um beijo de amizade. Falando depois a respeito desse momento, ele diz: "O que antes me era amargo, mudou-se então em doçura da alma e do corpo. A partir desse momento, pude afastar-me do mundo e entregar-me a Deus".

Ao final de 1206, Pedro Bernardone, convencido de que nem as razões nem a força podiam torcer o ânimo de Francisco, decidiu recorrer ao Bispo, instaurando-se um julgamento como nunca aconteceu na história de outro santo. O palco do julgamento foi a própria Praça Comunal de Assis, bem à vista de todos. Bernardone exigiu que seu filho lhe devolvesse tudo quanto recebera dele. Francisco, sem vacilar um momento, despojou-se de tudo até ficar nu. Jogou os trajes e o dinheiro aos pés de seu pai, e exclamou: "Até agora chamei de pai a Pedro Bernardone. Doravante não terei outro pai, senão o Pai Celeste". O Bispo, então, o acolheu, envolvendo-o com seu manto.

Muitos começaram, enfim, a compreender o sentido dessa vida e manifestaram o desejo de segui-la. O primeiro foi um homem rico de Assis, Bernardo de Quintaval. Ao perguntar para Francisco: "O que devo fazer para seguir-te?", este decidiu, como em todos os momentos decisivos de sua vida, recorrer ao Evangelho para que o próprio Cristo lhes desse a resposta.

De manhã, bem cedo, foram ambos à missa. Pelo caminho juntou-se aos dois Pedro de Catânia, doutor em Direito e novo companheiro. Por três vezes abriram o livro do Evangelho, e as três respostas que encontraram foram as seguintes:

"Se queres ser perfeito, vende o que tens e dá-o aos pobres. Depois vem e segue-me"(Mt 19,21). *"Não leveis nada pelo caminho, nem bastão, nem alforje, nem uma segunda túnica..."*(Lc 9,3). *"Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me"* (Mt 16,24).

O exemplo de Bernardo produziu frutos. O primeiro é o sacerdote Silvestre, que exclamou comovido: "Como posso eu, sacerdote e velho, ser menos generoso que estes jovens e ricos?" E, sem mais, lançou-se com eles na aventura de viver o Evangelho, tornando-se, assim, o primeiro sacerdote da Ordem Franciscana!

Prontamente aderiram outros: Gil, um modesto lavrador que se tornaria um grande santo; Morico, dedicado ao serviço dos leprosos; Bárbaro, futuro missionário no Oriente; Sabatino, Bernardo de Viridiane, João de Constança, Ângelo, da ilustre família dos Tancredo, aparentado com reis e príncipes; Felipe, grande pregador; e muitos outros... Um deles, João de Capela, apostatou e, finalmente, se enforcou. Muitos consideram que é grande exemplo e motivo de humildade e temor, considerando que ninguém tem a certeza de perseverar até o fim. Todos esses homens foram de tanta santidade no comportamento que se diz que no mundo, desde o tempo dos apóstolos, não houve outros tais. Juntos, formaram um grupo de mendigos voluntários (daí o adjetivo de Ordem Mendicante dado à Ordem Franciscana), que trabalhavam e rezavam, cantavam e pregavam, maravilhando o povo com a novidade do Evangelho sendo vivido diante de seus próprios olhos.

Algumas choupanas cobertas de folhagem, no pitoresco vale do Rivotorto, serviam-lhes de modesto abrigo. "Aqueles que vinham abraçar esta vida distribuíam aos pobres tudo o que tinham. Contentavam-se só com uma túnica, uma corda e um par de calções, e não queriam mais", dirá mais tarde Francisco em seu Testamento. Os novos apóstolos reuniram-se em torno da pequena igreja da Porciúncula, ou Santa Maria dos Anjos, que passou a ser o berço da Ordem.

A regra predominante é a da alegria de servir a Deus e ao semelhante, além de fazer a exortação ao apostolado: a observação prática, vivida, do exemplo de Jesus.

Com a renúncia definitiva aos bens materiais paternos, Francisco deu início à sua vida religiosa, "unindo-se à Irmã Pobreza". No ano de 1210, Francisco e seus seguidores viajaram até Roma para buscar a aprovação do Papa para a regra de vida adotada por eles. Mas como aquele bando de mendigos, maltrapilhos e desconhecidos, seria recebido pelo Severo Inocêncio III? Francisco rezava e confiava. Por coincidência ou providência divina, encontrava-se em Roma, nessa ocasião, o Bispo de Assis, grande admirador de Francisco. Graças a ele, o Papa os recebeu e ficou maravilhado com o propósito de vida daquele grupo, especialmente, com a figura de Francisco, a clareza de sua opção e a firmeza que demonstrava. Reconheceu nele o homem que há pouco vira em sonho, segurando as colunas da Igreja de Latrão (a igreja-mãe de todas as Igrejas do mundo!), que ameaçava ruir. O Papa reconheceu que era o próprio Deus quem inspirava Francisco a viver radicalmente o Evangelho, trazendo vida nova a toda a Igreja, naquele tempo tão distanciada dos ensinamentos de Cristo! Por isso deu ao modo deles viverem o Evangelho a aprovação oficial da Igreja. Autorizou Francisco e seus seguidores a pregarem o Evangelho nas igrejas e fora delas, e despediu-se deles dando sua bênção. Este fato histórico ocorreu a 16 de abril de 1210, marcando o nascimento oficial da **Ordem Franciscana**.

Certa noite, os frades viram um carro de fogo de um esplendor maravilhoso, com um globo brilhante, parecido com o sol, entrar pelo aposento em que estavam, dando três voltas no recinto. Compreenderam que Deus quisera mostrar-lhes, por aquela figura, *"que seu pai Francisco viera 'no espírito e na força de Elias'. Desde então [Francisco] penetrava os segredos de seus corações, predizia o futuro e realizava milagres. Estava patente para todos que o espírito de Elias era presente com tal plenitude, que o mais seguro para todos era seguir sua vida e ensinamentos"*.

Francisco manifestava seu amor a Deus por uma alegria imensa, que se expressava muitas vezes em cânticos ardorosos. A quem lhe perguntava qual a razão de tal alegria, respondia que *"ela deriva da pureza do coração e da constância na oração"*.

O trabalho foi tão bem realizado que, por toda Itália, os irmãos chamavam o povo à fé e à penitência. A sede da Ordem, na capela de Ponciúncula de Santa Maria dos Anjos, estava superlotada de candidatos ao sacerdócio. Para suprir

a necessidade do espaço, foi aberto outro convento em Bolonha. Um fato interessante entre os pregadores itinerantes foi que poucos, dentre eles, tomaram as ordens sacras. Francisco de Assis, por exemplo, nunca foi sacerdote.

Essa divina loucura que assomou Francisco e angariou muitos discípulos, devia atrair também uma jovem, filha do Conde de Sasso Rosso, Clara, de 17 anos. Desde o momento em que ouviu o *Pobrezinho* pregar, compreendeu que a vida que ele indicava era a que Deus queria para ela. Francisco tornou-se seu guia e pai espiritual de sua alma. Como os pais tinham outros planos para Clara Scifi, foi preciso que ela fugisse para a igreja da Porciúncula, onde Francisco cortou-lhe os cabelos e fê-la vestir um simples hábito. Nascia assim a **Ordem Segunda dos Franciscanos**, a das **Clarissas**. Duas semanas depois, Inês, irmã de Clara, seguia-a no claustro, e mais tarde uma terceira, Beatriz. Já em 1217, o movimento franciscano começou a se desenvolver como uma ordem religiosa. E como já havia ocorrido anteriormente, o número de membros era tão grande que foi necessária a criação de províncias que se encaminharam por toda a Itália e para fora dela, chegando inclusive à Inglaterra.

Não havia, a princípio, a clausura. Viviam da caridade alheia, recebendo alimentos e roupas, não podendo, entretanto, receber dinheiro. Trabalhavam com dinamismo ajudando os necessitados. Era uma existência de oração e recolhimento. Os pés descalços das irmãs leigas percorriam longas distâncias na busca do que necessitavam, realizando extraordinária obra de amor praticado. Chegaram a ser advertidas pelo papa Gregório IX (em 1228, depois do desencarne de Francisco de Assis) quanto aos rigores demasiados de suas vidas, ao que lhe respondeu Clara: “Santo padre, absolvei-me de meus pecados, mas não do voto de seguir Nosso Senhor”. À medida que os seguidores de Francisco de Assis se afastavam dos ideais de seu fundador, mais Clara deles se aproximava.

Apesar de pregar sobretudo aos pobres e com eles identificar-se, Francisco tinha o hábito de alertar seus discípulos, exortando-os a não condenar e não desprezar ‘aqueles que viviam na opulência e se vestiam com luxo’. Dizia que *‘também esses têm a Deus por senhor, e que Deus pode, quando quer, chamá-los, como aos outros, e torná-los justos e santos’*. Um desses nobres deu ao *Poverello (o Pobrezinho)* o Monte Alverne, onde ele receberia a maior graça de sua vida. Em 1217, indo a Roma, Francisco encontrou-se com outro luminar da Igreja da época, Domingos de Gusmão, que também havia fundado uma Ordem religiosa para combater a decadência dos costumes. Os dois santos se abraçaram, estabelecendo uma amizade solidificada pelo amor de Deus. Pouco depois Francisco recebia em sua Ordem um dos que seriam sua maior glória e se tornaria um dos santos mais populares do mundo, Frei Antônio de Lisboa — mais tarde, também “— de Pádua” (*Santo Antônio é uma das vidas de João Evangelista*).

Em 1219, ano em que os cruzados partiram para o Egito a fim de combater os muçulmanos, Francisco também seguiu para lá, com a intenção de convertê-los pela palavra. O apostolado iniciou entre os cruzados, que foram advertidos a que não entrassem na Terra Santa, pois antes deveriam honrar no comportamento a cruz que levavam no peito... Seis mil soldados foram dizimados em apenas um dia. Obteve permissão para pregar ao sultão que, impressionado com a sua sinceridade, forneceu-lhe um salvo-conduto para andarem, os franciscanos, na Terra Santa o quanto quisessem, sem serem importunados.

Nesse momento da história, Francisco renunciara à liderança da ordem e, em sua ausência, os irmãos criaram algumas inovações. Uma das maiores dores de Francisco foi ver surgir uma nova tendência entre seus frades, chefiada pelo Superior Frei Elias, que dava uma orientação diferente da do fundador, principalmente em relação aos estudos e ao modo de se observar a pobreza. Francisco chegou a amaldiçoar Frei Pedro de Stacia, um dos frades da nova tendência. Por outro lado, eram tantos os leigos que, ligados pelos laços do matrimônio ou com outros encargos terrenos, não podiam observar inteiramente as regras franciscanas, mas queriam pertencer à sua família de almas, que Francisco fundou uma Ordem Terceira para abranger a todos.

Muitos grandes personagens — como Luís IX, Rei de França (que mandou construir inúmeros hospitais, lavava os pés dos leprosos, comia com os enfermos — São Luis, pela Igreja Católica), e Isabel (Santa Isabel, pela Igreja Católica) filha dos reis de Hungria, Duquesa da Turíngia, Galileu, Galvani, Volta, Isabel de Castela, Bela IV, rei da Hungria, Carlos IV, rei da Boêmia, Dante, Camões, Vasco da Gama, Colombo, Álvares Cabral, Lope de Vega, Calderón de La Barca, Cervantes — a ela pertenceram. Designada pelo papa Gregório IX como **Ordem Terceira dos Irmãos e Irmãs da Penitência**, agregava os devotados à causa. Continuavam a viver em seus lares, mas ocupavam-se com obras de caridade, no ideal franciscano.

Não era incomum que houvesse manifestações mediúnicas no meio dos que seguiam tais ideais. Há registros de que falavam “eloqüentes discursos, que a todos encantavam, inspirados pelo Espírito Santo”. São várias as passagens em suas várias biografias dispostas em bibliotecas que atestam visões e profecias, num cultivo normal dos dons. Jesus aparecia-lhes “revelando tesouros de divina sabedoria”. O dom da cura era amplamente empregado junto aos necessitados que acorriam em busca de amparo.

Por uma narrativa de frei Leão sabemos que certa noite observou Francisco conversando com uma deslumbrante chama, da qual saía uma voz de suavíssimo tom. Mais tarde recebeu a explicação com estas palavras: “Sabe, irmão, ovelhinha de Jesus Cristo, que naquela flama que viste estava Deus, o qual me falava como antigamente havia falado a Moisés...”

Quanto aos animais, foi comum o diálogo com pássaros e outros **animais**, que conviviam muito de perto com os franciscanos. Francisco cantava em dueto com os rouxinóis; libertando lebrezinhas presas em armadilhas, elas corriam para seu colo; desviava no caminho para não pisar em vermes ou formigas; soltava pássaros que logo voltavam ao seu ombro; peixes rodeavam seu barco; algumas aves que vinham em busca de seu calor, recusavam-se a deixar o “ninho” de

suas mãos. Conversou com um lobo que assombrava a cidade, e que se tornou manso, andando por um tempo ao seu lado pela cidade, mediante a promessa de que teria comida. Este animal viveu mais dois anos, portando-se sempre com mansidão.

Segundo Boaventura: “Francisco chegara a uma tal pureza, que a carne estava submetida ao espírito e o espírito submetido a Deus, num admirável concerto; e assim, pela vontade do Senhor, a criatura, obedecendo ao Autor, submetia-se maravilhosamente à vontade e ao comando de seu servo”.

Apoiado pelo amigo cardeal Ugolino, em 1221, Francisco de Assis apresentou uma versão revisada de sua regra de Pobreza, Humildade e Liberdade evangélica e, após algumas modificações, a regra foi aprovada. Eram, portanto, três as ordens franciscanas: Frades Menores (divulgar, através da palavra e dos exemplos, a doutrina), Pobres Damas (trabalho na caridade) e a Terceira (reavivar os sentimentos da paz, justiça, caridade e amor).

Seu biógrafo e contemporâneo, Tomás de Celano, garante: “O Santo diligenciava por viver sempre com alegria no coração, por conservar a unção do espírito e o bálsamo da jovialidade. Evitava com o maior cuidado a tão funesta doença da melancolia”. Música e canto desempenhavam papel primordial nos primitivos tempos da comunidade, fosse na forma de coral, hino, ou cantilenas, atraindo a simpatia do povo. A senha dada era: *Paupertas cum laetitia* (pobreza com alegria).

Procurava caracterizar o que entendia por alegria do espírito, para que não a confundissem com leviandade ou loucura. Para ele era inconcebível que um irmão encontrasse satisfação em prazeres terrenos ou na glória, e também não lhe agradava que andasse algum deles com risadas ou palavreado inútil. A perfeição e o decoro estão na raiz mesma de suas palavras. Dizia: “A ilusão é muito fácil, por isso é tão freqüente. Há no entanto um sinal que permite descobri-la facilmente: é a perturbação da alma. Quando uma água se turva, manifesta que não está pura”.

Ele queria que todos os homens tivessem a imagem concreta de Deus, pois assim se lhe afigurava que maior seria o seu amor por Ele. Estabelecia diálogo com todos os elementos da natureza. Através da água, das flores, das estrelas, dos animais, conversava com Deus.

No Natal de 1223 resolveu fazer uma comemoração como nunca houvera anteriormente, mandando montar na floresta uma manjedoura, com um boi, um asno, tudo como em Belém. A partir daquela noite, o culto do **presépio** se irradiou pelos outros países.

A devoção a Deus não se resumiria em sacrifícios, mas também em dores e chagas. Enquanto pregava no Monte Alverne, nos Apeninos, em 1224, apareceram-lhe ‘no corpo as cinco chagas de Cristo, no fenômeno denominado **estigmatização**. Na figura de um serafim de seis asas, apareceu-lhe Jesus crucificado que, depois de entreter-se com ele em doce colóquio, partiu deixando-lhe impressos no corpo os sagrados estigmas da Paixão. Os estigmas não só lhe apareceram no corpo, como foram sua grande fonte de fraqueza física e, dois anos após o fenômeno, Francisco de Assis desencarnou. Nos últimos tempos de sua vida, houve ainda um problema com suas vistas e, no intento de curarem-lhe tais problemas, recorreram a um especialista da época que fez uma cauterização, queimando-o com uma barra de ferro dos supercílios até as orelhas. Seu estômago já não aceitava alimentos, o quadro já era delicado.

Nos últimos momentos, queria Francisco que Frei Ângelo e Frei Leão permanecessem junto a seu leito para cantar os louvores da “*Irmã Morte*”. Àqueles que se escandalizavam com essa atitude, respondia: “*Por graça do Espírito Santo, sinto-me tão profundamente unido ao meu Senhor Deus, que não posso deixar de me alegrar n’Ele*”. Francisco confessava: “— Eu verdadeiramente creio nunca haver, por graça de Deus, cometido falta sem ter feito disso expiação, confessando o meu pecado e arrependendo-me da minha culpa”.

Desencarnou rezando e cantando um Salmo, no dia 4 de outubro de 1226, aos 45 anos; foi canonizado dois anos após sua morte. Em 1939, o papa Pio XII tributou um reconhecimento oficial ao “mais italiano dos santos e mais santo dos italianos”, proclamando-o padroeiro da Itália.

JOÃO HUSS

Leituras preliminares:

WYCLIFF (1333-1384), teólogo e reformador inglês, era professor da Universidade de Oxford, e atualmente é considerado um dos grandes sábios de sua época; foi discípulo de Ockham, adversário da supremacia do Papa. Desenvolveu alguns tratados sobre o *dominiun*, ou seja, a idéia de que o poder vem de Deus e apenas é legítimo naqueles que se encontram em estado de graça. As suas teses contrariavam os interesses da Igreja Católica: expressava-se contra o poderio papal, os votos religiosos, os benefícios e riquezas do clero, as indulgências e a concepção tradicional acerca do sacerdócio. Atacou severamente o sistema eclesiástico, a opulência clerical, pregando o confisco dos bens da Igreja na Inglaterra e adoção, no clero, dos votos de pobreza material do cristianismo primitivo. Com isso sofreu inúmeras admoestações por parte do clero. Huss considerava-se teologicamente sintonizado a Wycliff, corroborando suas afirmações, mas associou o reformismo religioso ao anseio de independência nacional da Boêmia diante do domínio germânico do Sacro Império.

John Wycliff aproveitava habilmente as fraquezas do clero para ridicularizá-las. Apoiou o Parlamento, que recusou o tributo ao Papa, e a Lancastre, que propunha se retirassem os benefícios dos Bispos. Escreveu a obra ***De Domínio Divino***, onde provava que a autoridade é Deus. Entre seus princípios estabelecia que as relações de Deus para com os homens eram diretas: não eram necessários os intermediários, e isso era um golpe contra Roma. Foi trazido à corte eclesiástica de S. Paulo e teve Lancastre a seu lado, como defensor. Achava mais, que os eclesiásticos deviam ser submetidos ao tribunal civil.

Atacou e ironizou os perdões, indulgências, absolvições, peregrinações, cultos de santos, etc., não se deixou apanhar em qualquer armadilha, e por isso Roma, diferentemente do caso de João Huss, teve o desgosto de não o poder levar a fogueira. Desencarnou tranqüilamente, depois de um ataque de paralisia.

A Reforma Protestante:

O século XVI foi marcado pelo surgimento de novas religiões cristãs, que acabaram com a hegemonia política e espiritual da Igreja católica e abalaram a autoridade do papa. Esse processo de divisão do catolicismo denominou-se Reforma, e às novas Igrejas, protestantes. A reação da Igreja católica a essas novas religiões cristãs chamou-se Contra-Reforma.

A Reforma protestante foi um movimento religioso de adequação aos novos tempos, ao desenvolvimento capitalista; representou no campo espiritual o que foi o Renascimento no plano cultural: um ajustamento de ideais e valores às transformações sócio-econômicas na Europa (A Besta e o Falso Profeta, do Apocalipse, cap 13).

O descontentamento dos humanistas da época levou-os a criticarem a Igreja pelos abusos cometidos. Destacaram-se, além de Wycliff e Huss, Erasmo de Rotterdam e Thomas Morus, que propuseram a depuração das práticas eclesiásticas e a reforma interna, feita pelos próprios membros da Igreja. **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536), uma das vidas de João Evangelista, onde considerado “príncipe dos humanistas”. Desprezou as doutrinas escolásticas e escreveu “Elogio da Loucura”, denunciando algumas atividades da Igreja e a imoralidade do clero.

Da revista Veja

“Ainda são recentes na memória dos povos da península italiana os excessos radicais que o repúdio à dissolução de costumes e à corrupção protagonizadas em Roma pelo papa Alexandre VI pode provocar. Há apenas três anos, depois de liderar um movimento puritano e reformista na opulenta Florença, o frei dominicano **Jerônimo de Savonarola** foi excomungado, torturado, enforcado com correntes e queimado por ordem do papa. Savonarola insurgiu-se contra o clero corrupto em geral e o papa em particular. “A Igreja está atolada, dos pés até a cabeça, na vergonha e no crime. Além dos outros vícios de Alexandre VI, que são conhecidos de todos, afirmo que ele não é cristão, não acredita na existência de Deus”, dizia.

Pregador carismático, cujos sermões exaltados atraíam milhares de fiéis, quando exércitos franceses invadiram Florença, o dominicano aliou-se ao conquistador. De líder espiritual, tornou-se regente. O poder político deu-lhe a oportunidade para pôr em prática seu radicalismo. Recrutando adolescentes para o que chamava “grupos santos”, impôs leis proibindo o uso de trajes pomposos, tabuleiros de xadrez e até retratos femininos em trajes sumários, como se usa agora. Alguns desses “símbolos do pecado” foram queimados em praça pública, nas chamadas fogueiras da vaidade.

Savonarola enfrentou o papa, mas não poderia vencê-lo. Tentou formar um concílio com poderes para depor Alexandre VI por depravação notória e não obteve apoio. Terminou executado em praça pública, mas lançou uma semente, que talvez venha a germinar, de uma Igreja mais comprometida com os ideais cristãos de fraternidade e solidariedade. Se a sua advertência insistente – “A igreja deve ser reformada e renovada” – continuar ignorada, certamente outras insurgências virão.”

Lemos em Atos dos apóstolos a origem da Igreja Cristã, o derrame do Espírito Santo, a perseguição, judaica e romana, contra o Cristianismo, a coragem dos apóstolos, o apostolado. Esta perseguição teve um fim proveitoso para Igreja: só ficou nela quem era de fato CRISTÃO. Alguns admiradores do cristianismo negavam-se a pertencer à Doutrina do Caminho quando viam o espólio dos bens, as torturas romanas, a perda dos privilégios sociais ou o desencarne. A pureza do Cristianismo era abominável aos olhos profanos dos romanos.

Pena que não durou mais do que dois séculos. De perseguido, o cristianismo torna-se a religião oficial do Estado. O astuto imperador romano Constantino, no ano 313 d.C., numa tentativa de unificação do Império e outros motivos políticos, declara o Cristianismo como religião Oficial e abre as portas da igreja a pagãos. Mas a história não deixa enganar. Foi a pior de todas as "conquistas" da Igreja. Ela perdeu a sua identidade de agência do Reino. Todo o império se tornou "Cristão" de uma noite para o dia. Os inconversos também eram batizados e recebidos no rol da igreja, agora chamada de Católica Apostólica Romana, que ganhou muita glória humana, mas muita decadência espiritual. Todo tipo de paganismo, superstições, orgias, idolatrias e mundanismos foram entrando na igreja e encontrando seu espaço, sem restrições e/ou disciplinas. O paganismo supersticioso misturou-se ao "cristianismo oficial". Foi aí que foram introduzidos dentro da Igreja alguns costumes pagãos como segue:

Ano 315: reza pelos mortos; ano 320: uso das velas; ano 375: culto aos "Santos"; ano 431: culto à virgem Maria; ano 503: doutrina do purgatório; ano 606: Bonifácio III se declara Papa; ano 783: adoração das imagens e relíquias; ano 850: uso de água benta; ano 993: canonização dos santos; ano 1074: celibato obrigatório; ano 1076: dogma da infalibilidade da igreja; ano 1090: invenção do rosário; ano 1184: instituição da "Santa Inquisição"; ano 1190: instituição da venda de indulgências; ano 1215: dogma da confissão: (confessar ao sacerdote os pecados); ano 1229: proibida a leitura da Bíblia; ano 1316: instituição da reza - "Ave Maria"; ano 1415: somente os sacerdotes tomam o vinho e aos fiéis é permitida apenas a hóstia.

Estes foram alguns dos costumes pagãos/idólatras que foram incorporados ao Cristianismo pela igreja. Depois, que a "Santa Inquisição" (1184) matou inúmeros pregadores como John Huss, John Wycliff, Savonarola e muitos outros, por anunciarem o Evangelho conforme a Bíblia, a humanidade, desgostosa com a corrupção moral e espiritual do sacerdócio, clamava por uma reforma Religiosa dentro da Igreja Cristã, que se distanciou do que Cristo deixara exemplificado. No dia 31 de outubro de 1517, ao meio-dia, na véspera da "Festa de Todos os Santos", o monge agostiniano, Martinho Lutero, fixou as 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Winttenberg, na Alemanha, dando assim o início oficial da Reforma Protestante, tentando voltar à pureza da fé bíblica, mas acabando por ser o Falso Profeta anunciado no Apocalipse. As teses de Lutero condenavam, entre outras coisas, a venda de indulgências (bula papal que garantia aos fiéis a entrada no céu).

Lutero deu o grito da Reforma, mas outros deram facetas diferentes ao movimento, nos vários países em que se expandiram: Zwinglio (seguidor de Lutero e de Erasmo de Rotterdam) iniciou a Reforma na Suíça, com pregações tão violentas que resultou em guerra civil em 1529. João Calvino publicou ali uma obra em 1536, *Instituição da Religião Cristã*, e aos poucos conquistou toda Genebra com suas idéias, acabando por controlar a cidade. Foi considerado o teólogo do capitalismo ao estimular o lucro e o trabalho, favorecendo a burguesia. O líder da revolução protestante na Inglaterra foi o próprio rei Henrique VIII, que colocou no movimento características eminentemente políticas, sob o nome de anglicanismo.

A reação católica foi conter essa expansão reformista com um movimento que se chamou Contra-Reforma, que incluiu a Reforma Católica: fundam a Companhia de Jesus em 1534, cabendo aos jesuítas a difusão do catolicismo. Em 1545, o papa Paulo III convoca o Concílio de Trento, onde se institui a Inquisição, o Index (lista de livros proibidos, tanto religiosos quanto científicos e culturais) e o Tribunal do Santo Ofício foi reativado, instituições essas que, sob o pretexto de combater hereges, sempre em nome do Cristo, condenou à tortura e ao desencarne milhares de pessoas.

A história de **João Huss** nos mostra o quão longe do ideal bíblico estava a ortodoxia católica e nos permite entender porque a Reforma Protestante procedeu de maneira cismática. A Igreja, naquela época, estava em crise: dividida pelo Cisma do Ocidente, ameaçada pela ressurreição das antigas heresias e a formulação de novos postulados antidogmáticos. Eis que surge na Boêmia um outro foco, muito mais perigoso que o de Wicliff. É que Huss apresenta-se como reformador religioso e como caudilho nacional, papel muito semelhante, desempenhado um século mais tarde, por Lutero na Alemanha. Huss, tradutor das obras de Wicliff, propagou várias teses antidogmáticas: negou a necessidade de confissão auricular, atacou como idólatrico o culto de imagens, da Virgem Maria e dos Santos, e a infalibilidade papal. Com isso, teve a ira do clero contra a sua pessoa. Defendia que: a igreja era formada pelos predestinados, tendo Cristo como cabeça, e não o papa. Somente Deus pode perdoar os pecados. Nem o papa nem os cardeais poderiam estabelecer doutrina contrária à Escritura, e não deveriam ser obedecidos se dessem ordens erradas. O povo errava ao adorar imagens, acreditar em milagres falsos, e em fazer peregrinações supersticiosas. É erro a venda de indulgências. O papa não podia usar força física contra os seus inimigos.

Sua Vida:

Jan (ou João) Huss foi sacerdote tcheco, mártir e precursor da Reforma protestante. Nasceu de uma família camponesa que vivia na pequena aldeia de Hussinec, perto de Fichtelgebirge, na Boêmia, cerca da fronteira bávara e do

limite lingüístico entre o alemão e o tcheco, em 1373. Desencarnou queimado em fogueira da Inquisição em 1415, em Constança. Assinava Jan de Hussinec e, por abreviatura, Huss, que em tcheco quer dizer *ganso* ou *pato*.

Ingressou na Universidade de Praga quando tinha uns dezessete anos. A partir de então, toda sua vida transcorreu na capital de seu país, excetuados seus dois anos de exílio e encarceramento em Constança. Completou o seu curso na Universidade de Praga, onde se formou como bacharel em Teologia (1394) e em Artes (1396). Trabalhou na fixação da ortografia e na reforma da língua literária tcheca.

Em 1400 foi ordenado sacerdote, e no ano seguinte passou a ocupar o cargo de Reitor da Universidade, quando se aproximou da obra do reformador inglês John Wycliffe, passando a considerar-se teologicamente sintonizado com seu ponto de vista. No ano seguinte (1401), tornou-se pregador da Capela de Belém, em Praga, capital da Boêmia, e tinha o apoio do Arcebispo. Ali, pregou com dedicação a Reforma pela qual tantos outros tchecos propugnaram desde os tempos de Carlos IV.

Huss, como professor da Universidade de Praga, distinguiu-se nas discussões mais abstratas e no conhecimento de Aristóteles, da Bíblia e dos Santos Padres. Buscou no escritos de Matias Janov e Chtitny as soluções deles para as inquietudes religiosas. (Matias Janov e Chtitny propagavam a consideração da Bíblia como única fonte de verdade e de fé. Huss era afastado da doutrina católica e sua heterodoxia se reforçou na leitura das obras de Wycliff, particularmente do *Dialogus* e *Trialogus*, trazidas de Oxford por Jerônimo de Praga.

Sua eloquência era tanta, que aquela capela em pouco se transformou no centro do movimento reformador. Ladislau e sua esposa Sofia escolheram-no por seu confessor, e deram-lhe seu apoio. Alguns dos membros mais destacados da hierarquia social começaram a encará-lo com receio, mas boa parte do povo e da nobreza parecia segui-lo: o apoio dos reis ainda era suficientemente importante para que os prelados não se atrevessem a tomar medidas contra o pregador entusiasmado.

No mesmo ano em que passou a ocupar o púlpito de Belém, Huss foi feito reitor da Universidade, de modo que se encontrava em ótima posição para impulsionar a Reforma. Ao mesmo tempo em que pregava contra os abusos que havia na Igreja, Huss continuava sustentando certas doutrinas geralmente aceitas; nem mesmo seus piores inimigos atreviam-se a censurar-lhe a vida ou sua ortodoxia. Huss era muito gentil e contava muito com o apoio popular. A Capela de Belém, onde ele pregava, fora fundada para que nela se falasse em tcheco. Antes disso somente podia se falar em latim. A Igreja, então, ocupava lugar excepcional na Boêmia; a sua opulência e os privilégios de que gozava produziram o enfraquecimento das regras canônicas e da moral. Praga revoltou-se contra os abusos eclesiásticos. Destarte, as preocupações de uma reforma religiosa juntaram-se às reivindicações nacionais. Até na doutrina religiosa havia hostilidade entre alemães e boêmios.

Huss era francamente pela reforma e pela preponderância nacional da Boêmia, embora sem entrar em conflito com as autoridades eclesiásticas. Chegou, mesmo, a ser nomeado pregador sinodal, com o mandato de protestar contra os desregramentos do clero. Mais tarde, ele desmascarava a velhacaria dos que atraíam a Wilsnack numerosos peregrinos, e, de acordo com o Arcebispo, publicou um tratado onde desenvolvia a tese de que um cristão não deve correr atrás de milagres.

Um conflito surgiu nos círculos universitários: Um discípulo de Huss, Jerônimo de Praga, passou algum tempo na Inglaterra, e trouxe consigo algumas das obras mais radicais da reforma inglesa. Sem demora, os alvos dos ataques de Huss e de seus seguidores ampliaram; religiosos começaram a ver nos ensinamentos de Wycliff uma ameaça séria a sua posição e reuniram-se ao grupo dos alemães.

O rei Vaclav, filho de Carlos IV, decidira-se pela neutralidade entre os dois papas que, na época, pretendiam chefiar o mundo cristão. Pediu à Universidade uma decisão a respeito. Os alemães eram partidários de Gregório XII e possuíam três votos, como representantes de três nações polonesas, e a tcheca um voto só. Por instigação de Huss, o rei modificou os Estatutos, ficando a tcheca com os três votos e os outros com um. Mas, cerca de 5.000 alemães, professores e alunos, deixaram Praga. Huss foi, então, nomeado Reitor da Universidade, que se tornou inteiramente eslava.

Ora, o Arcebispo, que era por Gregório XII, acusou Huss de heresia wyclifita e transmitiu sua queixa a Alexandre II, eleito pelo Concílio de Pisa. O Papa, então, pela bula de 1409, exigiu a retratação dos erros wyclifitas, a apreensão dos livros de Wycliff e a interdição de se pregar em igrejas que não fossem as antigas. Huss apelou, mas o Arcebispo fez queimar os escritos de Wycliff e excomungou os seus partidários. Mas o clero inferior, a Universidade, o povo e o rei ficaram com João Huss. A rainha Sofia gostava de ouvi-lo. Surge daí um conflito político e religioso, e João Huss aparece como o chefe do partido nacional. Continuaram as prédicas na Capela de Belém, apesar da bula, e ninguém se incomodou com o interdito contra Praga. Numa segunda fase da luta, entra diretamente em cena o Papa João XXIII, que sucedeu a Alexandre V.

Huss havia parado de pregar. Com o passar do tempo, sua consciência se impôs. Ele subiu ao púlpito e continuou pregando a tão ansiada Reforma. Este foi seu primeiro ato de desobediência. Também se negou a ir a um encontro com o Papa e, em consequência, o Cardeal Colonna excomungou-o em 1411, em nome do Papa. Mas, apesar disto, Huss continuou pregando em Belém e participando da vida eclesiástica, pois contava com o apoio dos reis e de boa parte do país. Assim, Huss colocou um dos pontos mais revolucionários da sua doutrina: um papa indigno, que se opunha ao bem-estar da igreja, não deve ser obedecido. Huss não estava dizendo que o papa não era legítimo, pois continuava favorável ao papa pisano.

Outro incidente turbou a questão ainda mais. João XXIII, o papa pisano, estava em guerra com Ladislau, de Nápoles. Nesta contenda, sua única esperança de vitória estava em obter o apoio, tanto militar como econômico, do restante da cristandade latina. O rei, entretanto, tinha interesse em manter boas relações com João XXIII. Entre outras, a razão para isso era a questão entre ele ou seu irmão Sigismundo, (ainda não fora decidido qual deles seria o imperador legítimo) e era possível que, se a autoridade de João XXIII viesse a se impor, seria ele quem teria de decidir a questão. Por isso o rei proibiu que a venda de indulgências continuasse sendo criticada. Sua proibição, todavia, veio tarde demais. A opinião de Huss e seus companheiros já era conhecida de todos, a ponto de terem surgido passeatas do povo, em protesto contra esta nova maneira de explorar o povo checo. O resultado disso foi um grande tumulto popular em Praga, quando Huss, com o apoio do rei Ladislau, foi festejado como herói nacional.

O tráfico das indulgências e a política guerreira do Papa scandalizaram Huss e seus partidários, embora alguns recuassem, com receio da autoridade papal. Huss, porém, sustentava que o perdão dos pecados só se poderia obter por contrição e penitência sincera, e nunca por dinheiro; que nem o Papa, nem qualquer sacerdote, poderiam levantar a espada em nome da Igreja; que a infalibilidade do Papa era uma blasfêmia.

Houve o discurso inflamado de Jerônimo de Praga e cortejos satíricos onde se ridicularizava a Igreja Oficial. O rei de Nápoles estabeleceu a pena de morte para quem ofendesse o Papa, e logo três moços foram decapitados. Os hussitas enterraram-nos solenemente, e Huss lhes fez o necrológio.

Enquanto isto, João XXIII e Ladislau fizeram as pazes, e a pretensa cruzada foi revogada. Huss, no entanto, foi tido como o líder de uma grande heresia, e até chegou-se a dizer que todos os boêmios eram hereges. Em 1412, Huss foi excomungado de novo, por não ter comparecido diante da corte papal, sendo fixado um prazo curto para ele se apresentar. Se não o fizesse, Praga, ou qualquer outro lugar que lhe desse acolhida, estaria sob interdito. Desta forma, a suposta heresia de Huss resultaria em prejuízo para tal cidade. Por esta razão, o reformador tcheco decidiu abandonar a cidade onde tinha passado a maior parte de sua vida. Entrementes, o imperador Sigismundo, irmão de Ladislau, da Boêmia, entendia-se com João XXIII, para convocar o Concílio de Constança, de cujo programa constava a pacificação religiosa da Boêmia.

Sigismundo prometeu a Huss um salvo-conduto, se consentisse em comparecer ao Concílio de Constança (1414). Huss aceitou. Diante da promessa, veio a Praga e se pôs em caminho. Em Constança recebeu o dito salvo-conduto onde se dizia que ele podia *transire, stare, morari et redire libere*. Mas, com o pretexto de que ele queria retirar-se, prenderam-no e internaram-no no Convento dos Dominicanos, em infecto recinto. Instauraram um processo; o ato da acusação coube a Etienne Palec. Começara a via-crucis de Huss.

No dia 5 de junho de 1415, Huss compareceu diante do Concílio. Poucos dias antes, João XXIII tinha sido aprisionado e trazido de volta para Constança, e Huss tivera seus piores conflitos com ele. Era de se supor que a situação do reformador melhoraria, mas sucedeu o contrário: foi tratado como se tivesse tentado fugir ou se já tivesse sido julgado. Foi acusado formalmente de ser herege e de seguir as doutrinas de Wycliff. (O Concílio condenara as teorias de Wycliff).

Huss tentou expor suas opiniões, mas algazarra foi tamanha que ele não pode, e a questão foi adiada para o dia 7 do mês seguinte. Não havia maneira de resolver o conflito. Queriam que Huss se submetesse ao Concílio, cuja autoridade não poderia ser posta em dúvida. O Concílio pedia unicamente que Huss se submetesse a ele, retratando-se das suas doutrinas, mas não queria escutá-lo. Quanto ao seu tratado *De Ecclesia*; ele nem pode defender-se, porque vozes exasperadas interrompem-no e abafam a sua. Huss, porém, manteve a doutrina de que apenas o Cristo e não Pedro era o chefe da Igreja, e resistiu às promessas e ameaças que lhe fizeram. Logo percebeu qual a sorte que o aguardava: cheio de pena pelos inimigos, escreve cartas de reconhecimento pela amizade que lhe devotaram, e aos amigos, animando-os, por terem se conservado fiéis à Verdade.

O cardeal Zabarella preparou um documento que exigia de Huss a retratação, e Huss respondeu com o Apelo de Jesus Cristo: “Em suas mãos eu deponho a minha causa, pois Ele há de julgar cada um, não com base em testemunhos falsos e Concílios errados, mas na verdadeira justiça”. Encarceraram-no por vários dias para que fraquejasse, mas Huss continuou firme.

Ficou sob a guarda do Bispo de Constança, e transferiram-no, como medida de maior segurança, para o torreão do Castelo de Gottlieben, onde ficou aprisionado com correntes, e assim permaneceu dia e noite. Dali foi para o Convento dos Franciscanos.

A 6 de julho de 1415 é proclamada a condenação de Jan Huss, e logo executada. Foi levado para a Catedral de Constança e ali, depois de um sermão sobre a teimosia dos hereges, ele foi vestido de sacerdote e recebeu o cálice, tão somente para logo em seguida arrebatarem-lhe ambos, sinal simbólico de que estava perdendo suas ordens sacerdotais. Depois disso, cortaram-lhe o cabelo para danificar a tonsura, fazendo-lhe uma cruz na cabeça. Foi degradado e fizeram-lhe um chapéu de papel, onde se lia esta inscrição: *Hic est hoere siarcha (Eis o herege)*. Conduzido a um terreno vazio, despiram-no, amarraram-no a um poste, ajuntaram lenha em torno e atearam fogo. Ouviram-no cantar a litania - *Christo, Fili Dei vivi, miserere nobis*. Quando ia entoar a segunda linha - *pai natus es ex Maria* -, foi envolvido inteiramente pelas chamas e pela fumaça e a voz morreu-lhe na garganta. Suas cinzas foram lançadas ao Reno.

E assim desencarnou queimado, aos 46 anos, quem pregou contra a injustiça, a venalidade e a insinceridade, tendo enfrentado a fogueira com grande coragem. Dizem os historiadores que era uma alma sensível, piedosa, pura, honesta, só se deixando dominar pelo que lhe parecia justo e verdadeiro. E, diziam ainda, sua vida anuncia uma era nova, onde se imporão os direitos religiosos da consciência individual.

Um ano após o martírio de Jan Huss, um discípulo seu também era imolado na fogueira da Inquisição: Jerônimo de Praga (1416). Jan Huss teria proferido a seguinte frase, antes de morrer cantando: *«Hoje vós assais um pato, mas dia virá em que o cisne de luz voará tão alto, que as vossas labaredas não mais alcançarão»*. Séculos depois, de fato, Jan Huss volta como Voltaire, Allan Kardec e Osvaldo Polidoro, cumprindo o trabalho de Restauração da Doutrina, repondo as Verdades Divinas no lugar e entregando o prometido Evangelho Eterno que está profetizado no capítulo 14 do Apocalipse.

O desencarne de Huss provocou revolta entre os seus seguidores, os ultraquistas e os taboritas, (quando não estavam em guerra com as autoridades romanas, os ultraquistas perseguiam os taboritas). Os mais moderados, os ultraquistas, lideraram a resistência contra as cruzadas católicas e negociaram uma paz com a Igreja Católica, no Concílio de Basiléia, entre 1433-1436. Os taboritas, mais radicais, não aceitaram essa paz e foram quase extintos pelos ultraquistas na batalha de Lipan em 1433. Mesmo após o papa Pio II declarar nulo o acordo, os ultraquistas conseguiram manter uma igreja hussita independente, essa durou até a conquista da Boêmia pelos Hasburgos em 1620.

JOSÉ DE ANCHIETA

José de Anchieta nasceu em 1533 nas ilhas Canárias, na cidade de Tenerife. Seu pai era natural de Biscaia, e não há sobre ele nenhuma outra informação. Sua mãe*, natural da *Grã-Canária*, a maior ilha do arquipélago, vinha de uma família nobre entre os nativos. João de Anchieta e Mência Diaz tiveram dez filhos: Teresa, Ana Martin, José, João, Baltasar, Gaspar, Melchior, Beatriz, Cristóvão, Bartolomeu. Na ilha onde nasceu, Anchieta aprendeu a ler e a escrever, além de noções básicas do latim.

(*) Palavras do Pai, em Santana, 5/4/85: “ A Ciganinha, é a Ruth bíblica, Santa Catarina maior, foi 3 vezes minha mãe: mãe de Anchieta, do médico e astrólogo que fui na França; éramos ciganos, ela era vidente”. Ciganinha foi uma vidente que trabalhou ao lado do Pai por um período de sua vida, da qual não temos o nome completo.

Ainda bem jovem, acompanha seu irmão mais velho à universidade de Coimbra, que vivia sua época de ouro. Ali aperfeiçoou seu latim e algumas ciências teológicas (chamadas de "maiores ciências"). Nesta universidade estudou dialética e filosofia, o que lhe facilitou o ingresso na Companhia de Jesus aos 17 anos. Assim, em 1550, José de Anchieta entra para a Companhia fundada por Ignácio de Loyola apenas alguns anos antes, onde ficaria até o fim de sua vida, sempre servindo os princípios da companhia que na época era considerada a "Renovação da Igreja".

Apesar de seus estudos terem ajudado esse ingresso, foram as suas habilidades naturais que o ajudaram a desenvolver os trabalhos para os quais era designado. Começou logo a ser um exemplo vivo de virtude, em especial de devoção, humildade e obediência: Sua primeira atividade entre os jesuítas foi ajudar na celebração de missas; não se contentando com pouco e querendo mostrar trabalho, era comum ajudar em mais de 10 missas diariamente. Parece que nunca ajudou em menos de 8 em um dia só. Essa dedicação, no entanto, causou-lhe logo problemas de saúde, pois passava mais de 14 horas por dia ajoelhando-se e levantando, o que lhe causava dores e uma lesão que o atormentou pelo resto de sua vida. Simão Vasconcelos explica da seguinte maneira essa passagem: *"Mas como o espírito era forte apesar do padecer constante, nunca se persuadiu José que poderia o corpo receber mal, donde a alma recebia gosto tão grande"*

Em 1533, parte Anchieta para o Brasil a serviço da Companhia de Jesus. A sua vinda, muito mais do que missionária, foi devida ao problema de saúde já mencionado. Explica-nos Quirício Caxa: *"Não tendo já os médicos o que fazer, tendo novas os padres da Terra do Brasil ser muito sadia, determinaram com padecer também dos médicos que fossem enviados a ele, e que poderia ser um novo céu e uma nova terra com novos ares e novos mantimentos, e que nela havia alguma disposição de mudança e de salvar-lhe a saúde"*. Assim, aos 20 anos de idade, o missionário trocou o Velho pelo Novo Mundo.

Da doença de Anchieta, no diagnóstico do médico brasileiro Prof Dagmar Chaves, (a “corcunda de Anchieta”), fala o especialista que é do “mal de Pott”. Afirma ele que Anchieta padeceu de tuberculose pulmonar, enfermidade pela qual desencarnaram também Nóbrega e muitos índios.

Conta-se que durante a viagem, ele pediu para que lhe permitissem ajudar os marinheiros, pois não sabia viver sem ajudar em coisa alguma. Permitiram, então, que ele ficasse junto ao cozinheiro, sendo então ajudante de cozinha. Desembarcou na Bahia, mas logo foi enviado à capitania de São Vicente, onde a Companhia de Jesus era mais presente. Neste local encontrou pela primeira vez o padre Manuel da Nóbrega, que seria seu companheiro de muitas aventuras missionárias neste país.

Entre os integrantes da Companhia de Jesus que estavam no Brasil, a grande maioria não sabia o latim com muita perfeição. Nem todos eram padres, muitas vezes eram aprendizes, seminaristas ou simplesmente ajudantes. Sendo assim, Nóbrega encarregou Anchieta de ensinar latim aos *"moços de fora"* (filhos de portugueses que moravam naquela região). O seu talento como professor era muito elogiado: *"Todos tiraram um grande proveito do trabalho seu, porque além de ler, traz consigo a força de fazer sofrer a rudeza e a negligência dos discípulos"*

“Em breve começaram a aparecer os quilates do noviço. As sólidas humanidades que adquirira indicaram-no para a redação das cartas quadrimestrais. Fez-se professor de primeiras letras, de latim, não só de irmãos como de sacerdotes, do padre Manuel de Paiva, por exemplo, superior da missão. Para suprir a falta de livros de ensino perdia parte da noite a trasladá-los. Fazia

peças manuais próprias ao escambo com os vizinhos que ajudaram a minguar a fome. Sua atividade física e sua atividade intelectual não conheciam fadiga.” (J. Capistrano de Abreu, *Ensaio e Estudos*)

Neste contato com os filhos dos portugueses (que muitas vezes eram mestiços com índios), Anchieta pôde começar a aprender, ao mesmo tempo em que ensinava o latim, alguns termos da língua indígena, e aprendeu a falá-la tão bem que podia traduzir o seu catecismo para ela. Aprendeu a sua estrutura e um modo de tradução eficaz, tanto do “tupi” para o português, como vice-versa. Estruturou uma forma de se aprender esta língua de modo que qualquer um pudesse ter conhecimentos básicos dela, mesmo que nunca chegasse a pôr os pés no Brasil. Diversas cantigas e alguns de seus famosos poemas foram escritos na língua indígena.

“O projeto de transpor para a fala do índio a mensagem católica demandava um esforço de penetrar no imaginário do outro, e este foi o empenho do primeiro apóstolo. Na passagem de uma esfera simbólica para outra, Anchieta encontrou óbices por vezes incontornáveis. Como dizer aos tupis, por exemplo, a palavra *pecado*, se eles careciam até mesmo de sua noção, ao menos no registro que esta assumira ao longo da Idade Média européia? Anchieta, neste e em outros casos extremos, prefere enxertar o vocábulo português no tronco do idioma nativo.” (Alfredo Bosi, *Anchieta ou as Flechas Opostas do Sagrado*)

Entrosou os índios nos rituais da igreja, pois estes foram trazidos às missas para que cantassem as músicas que Anchieta compusera na sua língua natal e, desta forma, podiam entender o que cantavam. Compôs também algumas peças de teatro bilíngües, para que portugueses e índios pudessem vê-las, e estas sempre eram populares entre os últimos. De tal forma eram populares que um autor do começo do século chega a afirmar que *“esses autos que inventava eram como literatura para analfabetos”*

Sua capacidade como lingüista não foi pequena. Foi ele quem percebeu que existia uma raiz comum nas línguas que falavam as diferentes tribos indígenas. O propósito destes trabalhos lingüísticos era especialmente a catequese. Mesmo o teatro e as músicas tinham como único propósito o louvor: *“As cantorias dos índios até mesmo as danças, não eram coisas para divertir, mas para solenizar a morte, os sacrifícios (...) ou então como rito nas festas religiosas”*

A prova disto é a invenção de uma palavra nova nos moldes indígenas: *“Scilicet”*. Era uma espécie de preceito de fé criado especialmente para os índios; ela significava *“Não comer carne humana, não ter mais que uma mulher, nunca atacar os portugueses e sempre ouvir aos padres”*

A capitania de São Vicente sofria muitas baixas devido aos ataques constantes dos índios tamoios. Essa tribo mostrava-se cada vez mais agressiva e destruidora, invadiam casas, roubavam cavalos, libertavam escravos (escravos indígenas, provavelmente parentes tamoios) e às vezes roubavam mulheres de portugueses, (em geral mulheres indígenas... e não há como afirmar se elas se casaram por livre e espontânea vontade ou forçadas pelos colonizadores). Nóbrega, no entanto, sabia que a culpa não era somente deles; pelo contrário, os danos que os portugueses faziam a esses índios eram maiores. Como não havia reza ou missa que apaziguasse a situação, ele tentou ir pessoalmente para servir de intermediário nesta situação, levando também Anchieta que, nesta época, além de intérprete e colega, também era seu amigo.

No meio do trajeto, viram um grande grupo de indígenas acompanhados de um francês, (os franceses buscavam o apoio dos tamoios para dominar aquela área). Por dois meses, ficaram em conversas com os índios para entenderem as suas necessidades e os males que os portugueses lhes causavam. Nóbrega resolve voltar novamente para São Vicente para expor os pedidos dos índios e buscar a paz. Anchieta fica como refém, por sua própria vontade. Depois de três meses, Nóbrega volta ao acampamento e traz a notícia de que a paz poderia ser conseguida. Anchieta finalmente pôde voltar para a “civilização”, entretanto, o que aprendera naqueles meses jamais seria esquecido. Da mesma forma, a sua figura começou a ser amada e admirada entre os índios. Suas palavras a muitos consolavam, principalmente porque falava em sua língua.

O poema latino De Beata Virgine Dei Matri Maria foi composto por ele no cativeiro em Iperoig, julho/agosto de 1563. Foi redigido na primavera seguinte, como cumprimento de um voto, ao ser libertado e reintegrado na sua comunidade de São Vicente. Este, entre tantos poemas, são a demonstração do imenso amor dedicado à Mamãe Maria. Num de seus colóquio com a Virgem Maria na cena do Nascimento de Jesus, exprime este sentimento que mais de uma vez se repetirá nos seus escritos:

*“Quem dera encerrar bem dentro do coração,
O coração da mãe que encerrou Jesus!”*

Este afeto encontrará mais tarde sua perfeição estilística numa belíssima ode sáfica dedicada à Purificação de Maria, a “Candelária” de sua ilha de Tenerife, venerada. Denominava Maria como mais bela que Ester, mais forte que Judite, e acentua nove vezes a antítese relativamente a Eva. Mas não fica satisfeito:

Nec te laudando mea mens expletur abunde,

Nec mea sufficiunt laudibus ora tuis – (Nem minha mente se sacia por mais que te louve, nem meus lábios são suficientes para exaltar-te).

Pode parecer incrível, mas os índios da aldeia de Reritiba, que tinha Maria como padroeira, entendiam: *Super caelos elevaris, / Virgo virginum praeclara, / Virgo clemens, Deo cara, Christi Mater*. (Assunta acima dos céus, ilustre

Virgem das virgens, Virgem clemente, de Deus amada, Mãe de Cristo). Este latim para eles era tão familiar quanto o português ou o castelhano. Cantavam-no em coro com o santo missionário, pois a poesia era simples, tendo ritmo nos versos, e a rima que os ouvidos de seus queridos índios tanto apreciavam.

Do domínio que teve sobre os animais foram muitas vezes testemunhas os peixes, as aves, as feras, as serpentes, as quais José chamava na língua do Brasil e elas ouviam, e obedeciam àquele dom que comunicou Deus a nossos primeiros pais inocentes, quando lhes disse Dominai os peixes do mar, as aves do céu, as feras da terra e tudo o que anda sobre o solo.

Em qualquer parte, quando o padre queria, não apenas se achavam peixes, mas eles vinham às suas mãos. E acontecia que algumas vezes, quando estando impedida a pesca em algumas povoações, devido às tempestades e estando reduzidos à fome seus moradores, ele os convocava na orla do mar e perguntava que tipo de peixe queriam, e eles, para brincar, pediam um tipo de pescado que não havia naquela época do ano. E ele dava o que pediam com tanta abundância que quanto cada um queria, prendia nas redes e apanhava nas mãos.

Chamava as aves e elas voavam a seu chamado e pousavam em seu dedo a cantar louvores ao Criador. Por ordem sua, retirou-se um bando de corvos que acabavam com os peixes colocados pelos pescadores na margem e ali ficaram aquelas aguardando a parte da presa que o padre lhes prometera ao afugentá-las.

Outra vez, ia navegando e como o companheiro, por estar enfermo, não pudesse suportar o rigor do sol do meio-dia, mandou que uma ave chamasse as companheiras e lhe fizessem sombra, o que aconteceu, pelo espaço de uma légua de viagem, entre trinados.

Muitas avezinhas saltitavam em seus braços enquanto rezava ou pregava. Duas onças costumavam acompanhá-lo, como se fossem guardas, quando entrava nas selvas para rezar, dando-lhes ele, como pagamento, sua ração da provisão de frutos da terra. Dominou touro feroz, pediu que macaquinhos fizessem momices para alegrar a viagem tão cansativa, conversava com as serpentes, usando-as, enquanto as manuseava, para pregar sobre a bondade de Deus.

Esse seu domínio de modo algum se restringia apenas aos limites dos corpos viventes. Era admirável em serenar tempestades do mar, em curar enfermidades, deter chuvas que causariam algum dano, conseguir chuvas para algum proveito. Mandou que um mudo de nascença falasse, que um padre moribundo se levantasse da cama, que febres saíssem das pessoas. Com a água do batismo curou um leproso; com o contato com suas vestes, um paralítico; com uma bebida de água, um asmático. Somente com seu falar, desvanecia aflições e purificava as almas de algumas tentações.

Numa grande falta de azeite, mandou ao despenseiro que apanhasse uma vasilha seca, e esta deu, pelo espaço de dois anos, tanto azeite quanto foi necessário. Converteu água em vinho para alívio de certa viagem; peixe em toucinho, em condescendência a certo enfermo. Profetizou mortes, chorou algumas que aconteciam naquele instante, confirmadas depois; rezou missa por uma mulher que havia sido martirizada no dia anterior, em outro continente.

Consta de legítimos autores que estava levantado do solo sempre que rezava, rodeado de claríssima luz, soando música celestial naquele instante. Esteve em dois lugares ao mesmo tempo e podia furtar-se à vista das pessoas

A cidade aonde voltaria séculos depois:

A cidade de São Paulo teve o seu início bem simples e singelo. No começo, a atuação de Anchieta na fundação do colégio foi um tanto pequena. Mais tarde, quando foi nomeado diretor do mesmo, passaria a ter um papel de maior destaque, dando uma forte ajuda ao projeto. O primeiro edifício construído foi o próprio colégio, mas uma cidade já estava planejada e foi sendo construída, pouco a pouco, em volta da primeira construção. A edificação do Colégio foi feita com as próprias mãos dos padres e dos índios, como explica Vasconcelos: *"Porém estava já Nóbrega mui debilitado do vigor corporal, padecia de acidentes de sangue e melancolia, e era força cair o trabalho às costas de José. Em um colégio que começava a edificar-se, em cidade que escassamente tinha lançados fundamentos já acudia à instrução dos índios que tinham vindo à capitania em ajuda da guerra."* Em 1554 o colégio começou a ser construído, e em 1555, no dia 25 de janeiro, foi rezada a primeira missa da fundação. Ele abrigaria 13 padres jesuítas e vários alunos, praticamente todos indígenas. O colégio recebeu neste dia o nome de Colégio de São Paulo. Era tão pequeno que Anchieta chegou a escrever para Ignácio de Loyola: *"às vezes mais de 20 de nossos se abrigavam numa barraquinha de caniço e barro, cobertos por palha. Aqui temos 14 pés de comprimento e 10 de largura. E em tudo isso temos a escola, a enfermaria, o dormitório, o refeitório, a cozinha e a despensa."*

Entretanto, o colégio continuou crescendo pouco a pouco, sempre com a presença de Anchieta. Em 1556 inaugurou-se a nova Igreja. Logo, mais construções foram ficando prontas com a ajuda dos indígenas. Os maiores problemas, contudo, não decorriam da pobreza do local, mas das tensões e desavenças que se foram provocando com os bandeirantes. Talvez devido a isso, João Ramalho e Anchieta desentenderam-se até tal ponto que o jesuíta escrevera: *"Não cessam, junto a seu pai, Ramalho, de empregar contínuos esforços para derrubarem a obra que, com a graça de Deus, pudemos edificar"*

A obra:

O Brasil foi o palco de sua vida e obra. Foi sacerdote, missionário, professor, epistológrafo, historiador, gramático e poeta. É considerado fundador ou iniciador da literatura, teatro e poesia brasileiras, além de ter poetado em língua latina, espanhola, portuguesa e tupi. Exerceu funções de médico, enfermeiro. Escreveu sobre zoologia e botânica do Brasil. No

mar, foi piloto. Nos naufrágios, sobrevivente. Seu nome está escrito entre os fundadores das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e outras. **Historiador** – alguns de seus manuscritos se conservam em Roma, no Arquivo da Companhia de Jesus, todos já publicados por Edições Loyola, em 12 volumes.

Essas publicações são o que se salvou de seus manuscritos, quer em português, espanhol, latim ou tupi. De nenhum escritor brasileiro daquela época se salvaram tantas obras em prosa ou verso e em diversas línguas. É admirável que suas obras, hoje impressas, tenham atingido tantos volumes.

A obra de Anchieta foi muito vasta e diversa. Essa atividade, à época, historicamente original, resultou numa aculturação lingüística e espiritual determinante para a formação do futuro povo mestiço nacional. Se, por um lado, as forças do poder colonizador impunham uma nova representação maniqueísta ou dualista do sagrado, por outro, o cristianismo tinha de receber alguns influxos da crença tupi. O jesuíta conseguiu os resultados educacionais mais favoráveis ao objetivo almejado através de um teatro (em língua tupi) que soube se adaptar ao novo ambiente. Nesse princípio de mescla entre o pensamento colonizador e o autóctone, entre essas duas linguagens, nasce a literatura nacional, de um Barroco singularmente moldado às novas exigências do país.

Teatro e poesia

Seus teatros polilíngues foram escritos e representados muitas vezes, entre as peças mais famosas temos *Peça para a Festa de São Lourenço, Assunção, Natal e Vila de Vitória*s. Em termos de poesias, temos exemplares também em ambas as línguas, tupi e português. As principais são: *Ao Santíssimo Sacramento, A Santa Inês e A Bem aventurada virgem mãe de Deus, Maria*.

Lingüística

No campo da lingüística chegou a escrever a primeira gramática da língua tupi que se tem notícia, cujo título era *Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, terminada em 1595. No campo da política escreveu *O Governo de Mem de Sá (De gestis mendi de Saa)*, seu primeiro livro escrito no Brasil e único em latim. Além destes, escreveu outros manifestos contra a escravidão indígena. Em forma de cartas, a sua obra é ainda maior e ainda mais rica, chegando a juntar milhares de páginas.

Outras obras:

Auto da Pregação Universal (1570); *Diálogo do P.^e Pero Dias Martir* (1571); *Na Festa de Natal ou Pregação* (1577); *Na Aldeia de Guapimirim* (1580); *Excerto do Auto de S. Sebastião* (1584); *Arte de Gramática da Língua Tupi* (1595); *Auto da Visitação de Sta. Isabel* (1507); *Cartas, Informações e Sermões* (1933); *De Beata Virgine* (1940); *Capitania de São Vicente* (1946); *Poesias* (1959); *Obras Completas* (1985).

Extraído de uma aula do Curso de Teatro da Academia Brasileira de Letras, temos um trecho retirado da obra de Lafayette Silva, que conta a respeito da apresentação de uma peça no dia 31 de dezembro de 1567, onde toda a capitania se dispunha a assistir. Seria no adro da igreja de São Vicente e o tempo anunciava tempestade. Assomando à janela, sereno e dominador, dirigiu-se aos espectadores que já se retiravam, e pediu que se aquietassem, pois não choveria. A nuvem permaneceu ameaçadora, quieta, durante todo o tempo da apresentação. Só quando todos chegaram em casa a borrasca desencadeou, numa violência jamais vista. *Milagre!*, exclamavam todos... e neste acontecimento temos uma das páginas mais tocantes das origens do teatro brasileiro. Numa representação em Niterói aconteceu algo semelhante: choveu durante todo o tempo, mas apenas na região em torno da igreja. A chuva estendeu-se ao adro apenas depois do final.

Ele escreveu em tupi para fazer-se entender pelos indígenas, mas, segundo padre Vieira, Anchieta “só com a música e harmonia de vozes atraía a si todos os índios da América”. Ninguém foi mais brasileiro que José de Anchieta. Pode-se considerá-lo como iniciador da literatura indianista, que mais tarde seria cultivada por Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Gonçalves Dias e José de Alencar.

Poesia **Ao Santíssimo Sacramento, de Anchieta**

Ao Santíssimo Sacramento / Oh! Entranhas piedosas / De vosso divino amor! / Ó meu Deus e meu senhor / Humanado,
/ Quem vos fez tão namorado / De quem tanto vos ofende? / Quem vos ata, quem vos prende / Como tais nós? / Por caber dentro de
nós / Vos fazeis tão pequenino, / Sem o vosso ser divino / Se mudar. / Para vosso amor plantar / Dentro em nosso coração / Achastes
tal invenção / De manjar, / Em qual nosso paladar / Acha gostos diferentes / Debaixo dos acidentes / Escondidos. / Uns são todos
incendidos / Do fogo do vosso amor. / Outros cheios de temor / Filiar. / Outros com o celestial / Lume deste sacramento / Alcançam
conhecimento / De quem são. / Outros sentem compaixão / De seu Deus que tantas dores, / Por nos dar estes sabores, / Quis sofrer, /
E desejam morrer / Por amor de seu amado / Vivendo sem ter cuidado / Desta vida. / Quem viu nunca tal comida / Que é sumo de todo
bem? / Ai de nós! Que nos detém? Que buscamos? / Como não nos enfrascamos / Nos deleites deste pão / Com que nosso coração /
Tem fartura? / Se buscamos formosura / Nele está toda medida. / Se queremos achar a vida / Esta é! / Aqui se refina a fê, / Pois,
debaixo do que vemos, / Estar Deus e Homem cremos, / Sem mudança / Acrescenta-se a esperança, / Pois na terra nos é dado / Quanto
no céu guardado / Nos está. / A qualidade que lá / Há de ser perfeioada / Deste pão é confirmada / Em pureza. / Dele nasce a fortaleza
/ Ele nos dá perseverança. / Pão de bem aventurança, / Pão de Glória / Deixado para memória / Da morte do redentor / Testemunho de
seu amor / Verdadeiro."

Extrato da obra **CARTA AO GERAL DIOGO LAINEZ, DE SÃO VICENTE**, 16-4-1563

Falamos-lhe que o queríamos batizar para que sua alma não se perdesse, mas que por então não podíamos ensinar-lhe o que era necessário por falta de tempo, e que estivesse preparado para quando voltássemos. Folgou ele tanto com esta notícia, como vinda do Céu, e teve-a tanto em memória, que agora quando viemos e lhe perguntamos se queria ser Cristão, respondeu com muita alegria que sim, e que já desde então o estava esperando [...] O que se lhe imprimiu foi o mistério da Ressurreição, que ele repetia muitas vezes dizendo: “Deus verdadeiro é Jesus, que saiu da sepultura e subiu ao Céu, e depois há de vir, muito irado, a queimar todas as cousas” [...] Chegando à porta da igreja o assentamos em uma cadeira onde estavam já seus padrinhos com outros cristãos a esperá-lo. Ai lhe tornei a dizer que dissesse diante de todos o que queria; e ele respondeu com grande fervor que queria ser batizado, e que toda aquela noite estivera pensando na ira de Deus, que havia de ter para queimar todo o mundo, e destruir todas as cousas, e de como havíamos de ressuscitar todos.

O fim de sua vida:

Em 1578 Anchieta foi feito o 5º provincial do Brasil (espécie de bispo de província, mas sem o status de tal). Continuou em defesa dos índios em diversos outros incidentes, em geral contra os bandeirantes paulistas. Em 1597, uma grave moléstia o atingiu: sentia-se fraco e com as dores costumeiras cada vez piores. Pediu para que fosse levado para dentro da aldeia na qual por 40 anos ensinara aos índios. Desencarnou na presença de outros cinco padres. Com isso concluiu seus 64 anos de vida, sendo que 47 destes a serviço da Companhia de Jesus, e 44 dedicados aos índios do Brasil e sua catequese. Sua morte causou dor, não somente aos padres do colégio e de toda a Companhia no Brasil, mas principalmente aos índios, que, segundo seu ritual, o choraram por sete dias seguidos.

Títulos:

Ganhou o título de **Abaré** (em tupi "*Aquele que ensina as coisas de Deus*"), e o de **Apóstolo do Brasil**. Por ter sido o primeiro e maior educador religioso europeu a catequizar os índios em sua própria terra natal, também lhe valeu o título de **Patrono dos Professores**. Por seu trabalho religioso e artístico pioneiro, foi escolhido como **Patrono da Cadeira nº 1** da Academia Brasileira de Música (em seus autos, usava enormemente a música, que, infelizmente, não ficou registrada).

VOLTAIRE

Voltaire nasceu em Paris, em 22 de novembro (ou 22 de fevereiro, segundo ele) de 1694. Seu nome verdadeiro é François Marie Arouet. Seu pai era tabelião e possuía pequena fortuna, sendo também conselheiro do rei. Sua mãe, Marie-Margherite Daumart, tinha origem aristocrática; desencarnou depois do parto. François foi franzino durante a infância e teve saúde fraca durante toda a vida. Tinha um irmão mais velho, Arnaud, que entrou para um culto herético jansenista. Voltaire encontrou na irmã, oito anos mais velha, uma segunda mãe a quem sempre amará com ternura.

François revelou talento literário e sensibilidade poética logo na infância. Ele comprou livros com a herança de uma senhora que havia visto nele futuro cultural. Com esses livros, e sob a tutela de um abade, começou sua educação. O abade mostrou-lhe o ceticismo e as orações religiosas, mas o pai de François queria um futuro prático para o filho. Achava que a literatura não rendia dinheiro nem prestígio. Com o intuito de tornar o filho advogado do rei, coloca-o num colégio jesuíta. Ali, no colégio Louis-le-Grand, jesuítas ensinaram para Voltaire a dialética, (arte de dialogar progressivamente, para provar idéias). Ele discutia teologia com os professores, que o reconheciam como um "rapaz de talento, mas patife notável". Estudou ali por sete anos, tornando-se amigo de herdeiros das melhores famílias da nobreza.

Seu padrinho o introduziu numa vida desregrada. Conheceu escritores, poetas e cortesãos. Ficava na rua até tarde, divertindo-se com fanfarrões epicuristas. Seu pai, homem sério, não viu com bons olhos as atividades do filho, e mandou-o para a casa de um parente, para mantê-lo quase preso; mas o parente, quando o conhece melhor, gosta tanto dele que lhe dá a liberdade ansiada.

Quando François termina o colégio, seu pai arranhou para que se tornasse pajem do marquês de Châteauneuf, então partiu em missão diplomática com ele para Haya, Holanda (1713). Logo que chegou lá, encontrou uma moça: Olympe Runoyer, a Pimpette. François teve com ela encontros amorosos e queria que ela fosse morar com ele na França. Quando o caso foi descoberto, mandaram-no de volta para a casa de seu pai.

Compôs uma ode a Luís XIII, com a qual participou de um concurso, que não venceu. Luís XIV desencarna e seu filho é muito jovem para ser rei. O poder ficou com um regente. Sem um governador legítimo, a vida em Paris corria sem controle.

François começa a ficar conhecido por ser brilhante e turbulento. É malicioso, irônico, tem os olhos vivos e perspicazes. Tem como amante Susanne de Livry, a quem faz versos galantes, e começa a compor poemas cômicos. Aspira ser grande trágico, e não são poucas as suas tragédias: suas obras, somadas, dão noventa e nove volumes. É um espírito versátil, dono de uma cultura notável. Em 1715 escreve a peça *Édipo* e o poema *Henriada*, um épico sobre Henrique IV. Sua fama aumenta, e todas as coisas espirituosas e maliciosas são a eles atribuídas, inclusive algumas anedotas contra o regente que governava, duque de Orleans. As anedotas contavam que o regente conspirava para usurpar o trono... e, em 1717, o regente manda-o para a Bastilha, a prisão parisiense.

Na Bastilha adota o nome de **Voltaire**. Depois de quase um ano de prisão, o regente coloca-o em liberdade. Produz, em 1718, a tragédia que escrevera, *Édipo*, que fica em cartaz quarenta e cinco noites seguidas, um recorde para a época. Com o lucro de 4000 francos da peça, Voltaire faz investimentos financeiros e empresta dinheiro, que eram bons negócios; assim, fez render seu dinheiro e pôde viver com folga. Em 1722 faz uma viagem à Holanda, onde admira a tolerância e a prosperidade comercial desse país.

Uma briga com o duque de Sully, cavaleiro de Rohan, obrigou-o a exilar-se. O nobre não aceitou seu desafio para um duelo, e dispunha de meios para prendê-lo de novo. O cavaleiro mandou seus homens baterem nele, e manteve-o preso por um curto período, por isso preferiu o exílio na Inglaterra onde permaneceu até 1728. Lá alcançou o sucesso com *Édipo* e *Henriada*, passando, então, (de início a contragosto) três anos na Inglaterra, concebendo profunda admiração pelas instituições inglesas e escrevendo a sua primeira obra filosófica, que intitulou *Cartas Inglesas*. Nesse livro divulgava as idéias de Newton e de Locke, os quais tinha em grande consideração.

Aprendera o inglês. Em Londres, ampliou sua cultura relacionando-se com os poetas Young e Pope, com o escritor Swift e o filósofo empirista Berkeley. Admira-se com a liberdade de expressão dos ingleses, que podem escrever o que querem. Aproxima-se da filosofia inglesa, em contatos com Bacon, Hobbes e Locke e os deístas. Estuda a fundo a obra de Newton, e mais tarde propagará suas idéias na França, com as *Cartas filosóficas*, de 1734. Em 1727 publica, em inglês, *Ensaio sobre as guerras civis* e *Ensaio sobre a poesia épica*.

A maioria de suas obras posteriores – o *Dicionário Filosófico*, *Candide*, as histórias e muitos dentre os poemas e ensaios – relacionam-se também com a exposição da doutrina de que o mundo é governado por leis naturais e a razão e a experiência concreta são os únicos guias seguros que o homem pode seguir. Voltaire desprezava o fácil otimismo segundo o qual os males de cada um fazem o bem de todos e tudo marcha da melhor maneira no melhor dos mundos possíveis. Via, muito ao contrário, o sofrimento, o ódio, a discórdia e a opressão por toda parte. Somente no seu país utópico do Eldorado, que imaginou existir em alguma parte da América do Sul, havia liberdade e paz. Ali não havia monges, padres, processos ou prisões. Os habitantes conviviam sem malícia nem cobiça, adorando a Deus segundo os ditames da razão e

resolvendo os seus problemas por meio da lógica e da ciência. Mas uma vida tão idílica só era possível por estar em terra separada dos “assassinos arregimentados da Europa” por montanhas intransponíveis.

Voltaire absorve rapidamente a cultura e a ciência inglesas. Gosta da tolerância religiosa. Começa a amar a marquesa de Châtelet, Emile de Bretteville. A marquesa é culta, traduzira Newton e apresentou Leibniz a ele. Ela lhe dá proteção no seu castelo de Cirey (ela tinha vinte e oito anos, e ele quarenta). Graças ao exemplo dela e outras damas, prega a igualdade da capacidade mental inata para os dois sexos. No castelo de Cirey, passavam o dia estudando, pesquisando e fazendo experimentos no laboratório. Voltaire, juntamente com Emile, aprofundou-se em física, metafísica, estudos bíblicos e história. O castelo tornou-se um centro cultural. Voltaire aperfeiçoa seu estilo irônico, aparentemente frívolo. Escreve *Alzire*, *Méropé*, *O filho pródigo*, *Maomé*, *O mundano*, *O ingênuo* e *Cândido*. São romances com bom humor; e deles Will Durant diz que os heróis são idéias, os vilões são superstições e os acontecimentos são pensamentos. Viaja com a sra Du Châtelet à Bélgica e à Holanda (1740), edita uma coletânea dos primeiros capítulos de *Século de Luís XIX*, que é apreendida. Neste ano é coroado o príncipe Frederico da Prússia, que o leva a Berlim e quer segurá-lo na corte, mas só o retém por algumas semanas. Vai, então, intercalando temporadas em Cirey e Bruxelas, cumprindo missões diplomáticas oficiosas junto a Frederico II, que insiste para que Voltaire se estabeleça na Prússia.

Aos poucos, Voltaire volta a ter contato com Paris. Graças à proteção de madame Pompadour, torna-se historiógrafo real. Em 1745, Voltaire e a marquesa vão para Paris. Ele se torna candidato à Academia Francesa. Em 1746, é eleito. Em Paris escreve muitos dramas. Inicialmente fracassa, mas depois alcança sucesso com *Zaire*, *Nahomet*, *Méropé*, *Semiramis*. Depois de quinze anos, sua relação com a marquesa torna-se difícil. Em 1748, a marquesa começa um caso com Saint Lambert; em 1749, desencarna. Ainda em 1748, uma impertinência faz com que tenha que se refugiar no castelo de Sceaux, da duquesa de Maine. Passa temporadas em Lunéville, na corte do rei Estanislau. Foi um dos piores momentos de sua vida: minado pela doença, solitário, incerto de moradia. Com o desencarne de Emile, em Lenéville, retorna a Paris e instala-se na casa de sua sobrinha viúva, a sra. Denis. Reata com amigos e volta a frequentar os meios teatrais.

Frederico II, da Prússia, convida-o para fazer parte de sua corte em Postdam. Ele é convidado a ser professor de francês do monarca, que manda o dinheiro para a transferência. O convite deve-se ao fato de ser Voltaire querido por todos, e admirado por sua inteligência e seus escritos. A estada por lá lhe agrada, mas não de todo: foge das cerimônias oficiais. Frederico lhe é gentil e amável, e juntos mantiveram conversas de alto nível. Frederico e Voltaire tornaram-se muito amigos, e Voltaire não poupa elogios ao monarca.

Por causa de uma interpretação divergente de um ponto da teoria newtoniana, Voltaire polemiza com um protegido do rei, Malpertuis, presidente da Academia de Berlim. Voltaire dirige seu ataque a Malpertuis num panfleto, *Diatrise do dr. Akakia*, em 1752. Quando o panfleto foi publicado, rei Frederico manda que todos sejam queimados, e Voltaire deixa a Prússia, escapando da raiva real. Em Frankfurt foi preso pelos agentes do rei. Fica preso durante semanas. Quando vai para a França, descobre que está proibido de entrar em Paris. Vai para Genebra, onde adquire uma propriedade chamada "As delícias". Ali ele termina suas maiores obras históricas, que iniciara em Cirey: *Um ensaio sobre o costume e o espírito das nações e sobre os principais fatos da história, de Carlos Magno a Luís XIII*. e *A era de Luís XIV*. Descobre a natureza e a vida rústica, mas não deixa de montar espetáculos teatrais em casa, para escândalo do Grande Conselho de Genebra.

Nas suas obras históricas, Voltaire não dedicou grande espaço à Judéia e ao cristianismo, relatou com imparcialidade a gigantesca cultura oriental. O Oriente tinha mais tradição que o Ocidente. Sob nova perspectiva, descobriu-se esse mundo, e os dogmas europeus puderam ser questionados. Conhecido como campeão da liberdade individual, considerava como totalmente bárbaras todas as restrições à liberdade de expressão e de opinião. Mas, se havia uma forma de opressão que Voltaire odiasse acima de todas as outras, era a tirania da religião organizada. Trovejou contra a monstruosa crueldade da igreja em torturar e queimar homens inteligentes que se atreveram a pôr em dúvida os seus dogmas. Com referência a todo o sistema de ortodoxia perseguidora e privilegiada, a dotou como lema a frase **écrasons l'infame**. Não era menos violento em seus ataques à tirania política, especialmente quando esta resultava em matança de milhares de criaturas para satisfazer as ambições dos déspotas. “É proibido matar”, dizia ele, com sarcasmo, “e portanto todos os assassinos são punidos, a não ser que o façam em larga escala e ao som de trombetas” (*Dicionário Filosófico*, verbete Guerra)

Os enciclopedistas do Iluminismo Francês, encabeçados por Diderot, pedem sua contribuição. Escreve alguns artigos para a Enciclopédia. De um modo geral, Diderot e d'Alembert concordavam com o racionalismo e o liberalismo de Voltaire. Diderot, por exemplo, afirmava que “os homens jamais serão livres enquanto não seja estrangulado o último rei com as tripas do último padre”. D'Alembert afirmava que a garantia única de progresso residia no esclarecimento universal, sustentando que as verdades da razão e da ciência deviam ser ensinadas às massas, na esperança de que um dia o mundo inteiro pudesse libertar-se do obscurantismo e da tirania. Ocorre então uma ruptura entre Voltaire e Diderot, por desavença de opiniões. Voltaire sai de Genebra e vai para Ferney, onde permanece quase que o resto da vida. Cuidava de sua propriedade rural e escrevia muito. Plantou milhares de árvores. O lugar rapidamente se tornou um centro cultural, a exemplo do que acontecera com o castelo da marquesa. Alguns Iluministas iam para lá, como Helvetius e d'Alembert. Voltaire mantém vasta correspondência com gente de todos os tipos, incluindo muitos governantes.

Em 1755 soube do terremoto em Lisboa, onde desencarnaram em torno de trinta mil pessoas. Lamentou a desgraça do destino dos vivos em um poema. Voltaire sempre lutou contra o preconceito e as superstições, preferindo, em lugar delas, a razão e a cultura elucidativa, portanto colocava-se contra o modo de o povo encarar tais fatos. A adoração a um Ente Supremo e submissão a suas leis eternas, sem conhecê-las por completo, resulta em rituais que não fazem sentido, não tem eficácia. Voltaire tem um tratamento racional para desvendar os mistérios da consciência humana. Critica

Descartes, preferindo a teoria de Locke, o qual coloca que tudo deriva das sensações. A sensação é tão importante quanto o pensamento, e o mundo é uma sensação contínua. Ele faz paralelos com a cultura grega e romana, nos verbetes do *Dicionário Filosófico*. As crenças têm um lado subjetivo muito forte. Esforçando-nos para ver a crença, ela acabará por existir, para nós.

Desde 1757 a correspondência de Voltaire torna-se o eco de seu século, não cessa de lutar por seus ideais. O artigo “Genève” provoca indignação em Genebra, ameaçando o agradável retiro do filósofo. É neste ano que reata a correspondência com Frederico II. Tenta conciliar o grupo dos enciclopedistas, não o consegue e pára de colaborar em junho de 1758. Ao complicarem-se as relações entre Versailles e Berlin a guerra se alastra, compra, então, as terras de Ferney, em terra francesa, porém na fronteira da Suíça, e muda-se acompanhado da sobrinha. Ali escreve *Cândido*, que publicará em 1759; passará a ter vida intensa, dividindo-se entre Délices e Ferney, onde se instalará definitivamente em 1760. Inicia hostilidades públicas com J.J. Rousseau, briga que será longa. Nesta época amplia-se a propaganda deísta, escreve *Le sermon des cinquante* e *Extrait du testament du cure* e, por fim, *Traité sur la Tolérance*.

O *Dicionário Filosófico* foi publicado em 1764. Foi o primeiro livro de bolso da história e alcançou muito sucesso. As idéias nele contidas são revolucionárias, pois criticam o Estado e a religião. Voltaire faz muitas citações de grandes autores, e o livro tem uma parte histórica grande. Voltaire faz parte desse movimento de renovação da cultura e crítica da política absolutista que se chamou **Iluminismo**. Suas idéias foram propagadas na Revolução Francesa pois refletiam os ideais dessa revolução, durante a qual foi muito lembrado. Voltaire não despreza a cultura pagã e a oriental, como fazem outros autores.

As religiões instituídas eram estigmatizadas como instrumentos de exploração, que astutos velhacos tinham inventado para poderem pilhar as massas ignorantes. Dizia Voltaire, deísta: “O primeiro teólogo foi o primeiro espertalhão que encontrou o primeiro tolo” (*Dicionário Filosófico*, verbete Religião). Não satisfeitos em condenar os elementos irracionais da religião, os deístas passaram a denunciar todas as formas de fé organizada, almejando construir uma forma mais simples, dentro destes princípios: 1) Existe um Deus único que criou o Universo e estabeleceu as leis naturais que o regem; 2) Deus não intervém nos negócios do homem, neste mundo; 3) Não se suborna Deus através de simulacros, rituais, etc; 4) O homem é dotado de livre arbítrio, não há predestinação.

Para Voltaire, a metafísica é uma quimera. Pode-se escrever mil tratados de sábios e não desvendar o segredo do universo, ou questões como: O que é a matéria? Porque as sementes germinam na terra?

Para os Iluministas, a ignorância e o medo criaram os deuses, e a fraqueza os preserva. É um empecilho para a civilização. O materialismo é preferencial à teologia. Essas idéias foram defendidas na Enciclopédia, cujo principal autor é Diderot. Os enciclopedistas chamavam Voltaire de fanático, por acreditar em Deus. Voltaire via Deus na harmonia inteligente entre as coisas, mas negava o livre arbítrio e a providência. Respondeu ao Barão d'Holbach, notório ateu, que o título de seu livro *O sistema da natureza* demonstra a inteligência superior.

Voltaire foi um defensor da justiça. Defendeu muitos que estavam em desgraça e lutou contra a tirania. Não se entusiasmava com as formas de governo. Achava os legisladores reducionistas. Como viajou muito, não era patriótico. Não confiava no povo e não gostava da ignorância, que estava muito difundida. Levantava dúvidas, muitas de suas obras são repletas de perguntas. Numa carta a Rousseau, na qual comenta o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade*, respondeu-lhe ironicamente que o seu livro (de Rousseau) fazia desejar voltar a ser animal e andar de quatro patas, mas que ele, Voltaire, já havia abandonado esse hábito há sessenta anos.

Em 1765 Voltaire acolhe a reabilitação de Calas (protestante acusado falsamente em 1763 da morte de seu filho e executado, sendo que Voltaire consegue a revisão do processo três anos depois) como sendo “uma vitória da filosofia”. A partir daí, solicitado ou por iniciativa própria, intervirá em causas desse gênero quase todos os anos, sendo até ajudado pelos reis da Prússia, da Polônia, da Dinamarca e por Catarina da Rússia, como no caso da defesa da família Sirven. Em 1767 publica *Anecdote sur Bélisaire*, *Questions de Zapatta* (contra Sorbonne), *Le dîner du comte de Boulainvilliers* (contra o cristianismo), *L'Ingénu*, *Précis du siècle de Louis XV*, *La princesse de Babylone*, *L'homme aux quarante écus*, *Lês singularités de la nature*.

Lança ao ministério francês a idéia de facilitar o estabelecimento de refugiados genebrinos em Versoix, França, o que ativaria o comércio. Sem ajuda oficial, com sua imensa fortuna, Voltaire conseguiu realizar isso em pequena escala. Como um patriarca, adorado de seus protegidos, cuida de questões administrativas e de obras públicas da região de Gex, onde está Ferney. Em Paris é feita uma subscrição pública para a estátua de Voltaire (Rousseau está entre os subscritos).

Nos anos de 1771/72, pela segunda vez Voltaire compõe um dicionário acerca de suas idéias, convicções, gostos, etc. São nove volumes de *Questions sur L'Encyclopédie*, publicados à medida que terminados. Sem abandonar suas lutas nem sua direção filosófica, deixa diminuir a produção literária; sofre graves acessos de estrangúria em 1773. Anos mais tarde, em 1776, sustenta a política econômica de Turgot até sua queda, a qual deplorará como uma derrota da filosofia do século. Publica a tragédia *Don Pèdre* e dois contos (*Les oreilles du comte de Chesterfield* e *Histoire de Jenni* – contra as audácias do ateísmo e do materialismo modernos). Fruto de trinta anos de crítica apaixonada da Bíblia e de sua exegese, publica nesse ano *La Bible enfin expliquée*.

O Preço da Justiça é uma das últimas obras de Voltaire, escrita em 1777. Opina sobre esta obra os déspotas esclarecidos Catarina II, da Rússia, e Frederico II, Prússia. Dizia ela: “Fico lisonjeada com que a sociedade de Berna aprove essa maneira de pensar (um prêmio sobre a questão dos crimes e das penas). Esteja, senhor, certo de que a minha, em relação ao senhor, não está submetida a nenhuma variação”. Nas cartas desta época, Voltaire passou a assinar-se *Le*

vieux malade de Ferney (o velho doente de Ferney); em carta de 24 de novembro, diz-lhe Frederico II: “Senhor, recebi a carta do dia 27 do mês passado, com *O Preço da Justiça e da Humanidade*. Apressei-me a lê-lo e vi nessa obra a justiça e a humanidade traçadas, ambas, no papel, com a pena mais eloqüente e a prosa mais bela. Seria desejável que juristas pensassem como o senhor sobre esse assunto”.

Aos oitenta e três anos, em 1778 viajou para Paris, para rever a cidade-luz, depois de tanto tempo. Teve calorosa recepção. Assistiu a uma peça sua encenada. Foi até a Academia de Letras de Paris, recebendo uma homenagem. Três dias de visitas e homenagens ininterruptas deixam-no esgotado. Fica acamado três semanas, confessa-se e recebe a absolvição, depois de submeter-se a uma retratação escrita, declarando morrer na religião católica. É a última batalha: a insubmissão, com o risco de ser jogado na vala comum após o desencarne, ou a submissão, com a negação de sua obra e de sua influência. Mal se restabelece, recomeça a roda-viva. Em 30 de março é seu dia de apoteose com sessão de honra na Academia e representação triunfal da tragédia *Irène*. Em 7 de abril é recebido maçom na loja doas Neuf-Soers. Esgota-se redigindo um plano de trabalho para a Academia. Desencarna no dia 30 de maio e, apesar das interdições, é enterrado em terra cristã, na abadia de Scellières, em Champagne. Suas cinzas serão transferidas para o Panthéon em 12 de julho de 1791, em meio à alegria popular.

Frases:

"Posso não concordar com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-lo."

"Paixão é uma infinidade de ilusões que serve de analgésico para a alma. As paixões são como ventanias que enfunam as velas dos navios, fazendo-os navegar; outras vezes podem fazê-los naufragar, mas se não fossem elas, não haveria viagens nem aventuras nem novas descobertas."

Uma coletânea de pensamentos é uma farmácia moral, onde se encontram remédios para todos os males."

"Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."

"A primeira lei da natureza é a tolerância - já que temos todos uma porção de erros e fraquezas."

"Caberá à justiça ser secreta? Só é próprio do crime o esconder-se".

"Vós respondereis, por certo, que não se trata de discutir qual é a punição mais suave, porém a mais útil. O grande objetivo, como dissemos, é ser útil ao público; e, sem dúvida, um homem votado todos os dias a preservar uma região da inundação por meio de diques, ou a abrir canais que facilitem o comércio, ou a drenar pântanos infestados, presta mais serviços ao Estado que um esqueleto a pendular de uma forca numa corrente de ferro, ou desfeito em pedaços sobre uma roda de carroça". (Artigo III, *O Preço da Justiça*)

"Visto haver ainda povos cristãos – mas que estou dizendo! -, sacerdotes cristãos, monges cristãos que usam a tortura como principal argumento, é preciso começar a dizer-lhes que Calígulas e Neros nunca ousaram exercer esse furor contra um único cidadão romano". (Artigo XXIV, *O Preço da Justiça*)

resumos:

Em *O Ingênuo*, um príncipe huroniano chega na França e se submete aos costumes franceses, tornando-se católico, ganhando, por isso, de um abade, um exemplar do *Novo Testamento*. Através de colocações aparentemente simples, questiona fatos e conceitos. O romance mostra as diferenças entre o cristianismo primitivo e eclesiástico.

No romance *Micrômegas*, Voltaire narra a visita de um enorme habitante de Sirius à Terra. Com cem quilômetros de altura, setenta e dois sentidos, essa raça costuma viver quinze mil anos. Sob essa perspectiva, vem à tona a finitude e a pequenez da Terra e seus habitantes. O extraterrestre diz que é na Terra que a felicidade mora, dirigindo-se aos humanos como átomos inteligentes e imateriais. Um filósofo humano expõe ao visitante a brutalidade da existência na Terra, provocando-lhe a ira e decepção. O filósofo consegue dissuadi-lo de matar a todos com suas passadas.

Cândido, sua obra principal, foi escrita em três dias. Conta a história de um simples rapaz, filho de um barão. Seu mestre, Pangloss, inverte a lei da causalidade, ao afirmar que as pedras foram feitas para construir castelos e o nariz para suportar óculos. No entanto, se acha muito culto. O exército búlgaro invade o castelo onde Cândido mora e o transforma em soldado. Entre morrer e ser açoitado, Cândido prefere o açoite. Agüenta as chibatadas de todo o regimento durante um tempo. Os pais de Cândido são assassinados, e o castelo é destruído. O rapaz consegue fugir para Lisboa, e no barco que o leva até lá, encontra Pangloss. Em Lisboa ocorre o terremoto. A Inquisição durou mais tempo em Portugal, que se manteve católica e não aderiu ao protestantismo. Cândido, fugindo dela, vai para o Paraguai, país onde há muita diferença social. Ele é feito escravo, mas depois se torna assessor de seu senhor. Cândido acha ouro no interior virgem do Paraguai, mas é enganado e fica sem quase nada. Vai para Bordeaux com o que sobrou. E Cândido prossegue, sofrendo males a aventuras. Vai para a Turquia.

No livro, Voltaire critica a teologia medieval e o otimismo de Leibniz, que diz ser esse o melhor dos mundos possíveis. Certa feita, um jovem defendeu Leibniz, criticando Voltaire, que perguntou: "Se esse é o melhor dos mundos possíveis, porque existem tantos males e injúrias?" Apesar disso, o mal, para Voltaire, não é metafísico, mas sim social. Deve-se superá-lo com trabalho e com a razão. O homem deve estar sempre ocupado, para não ficar doente e morrer. Voltaire era muito ativo e combateu o ócio. Rousseau via críticas pessoais no trabalho de Voltaire.

KARDEC

SUA TAREFA:

CONSOLIDAÇÃO

Sobre a França do século quatorze, Jesus ordenara,
Que se restaurasse a Excelsa Doutrina, que deixara,
A Verdade que era e é, com nada de inventos já Seus,
Assim como será, eternamente, a Doutrina de Deus!

Vindo João Huss, o berço da restauração, o começo,
Morreu numa fogueira, porque o mundo foi-lhe o tropeço,
Mas deixou a chama do ideal renovador, e vindo o Lutero,
Conseguiu a liberdade de culto, espalhando o Livro Severo.

Logo mais veio Giordano Bruno, inteligência brilhante,
Que enfrentou a Besta, e pelo seu trabalho tão fulgurante,
Morreu queimado, preparando a Kardec o terreno da Codificação,
Dela que foi o berço, para que no Brasil se fizesse a Consolidação. *(de A Bíblia dos Espíritos)*

Durante todo o século XVIII, a França se ergueu como o farol intelectual da civilização ocidental. Para lá iam artistas, professores, filósofos e cientistas. Apesar do esbanjamento e da corrupção da corte, Paris foi, desde muito tempo, a capital européia mais atrativa para os intelectuais do continente. Juntamente com a Alemanha, sua maior rival, era a França que dirigia os rumos do intelecto humano, e foi com o Iluminismo que Paris passou a ser conhecida como “*Cidade Luz*”, pois, depois de tanto tempo à mercê dos ditames do clero e da aristocracia, o homem era agora incentivado a ser independente, a pensar com a própria cabeça. “Todos os homens são iguais” bradou o Iluminismo, que nasceu e teve suas maiores conseqüências em solo francês.

Embora tenha sido, na verdade, um retumbante movimento burguês, com seus lamentáveis e inevitáveis excessos, a *Revolução Francesa* teve o mérito de desmitificar a pseudo-superioridade das classes privilegiadas (a corrupta aristocracia e o hipócrita clero católico), levantando a bandeira contagiante da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, e da “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Evidentemente, a efervescência do período desembocou num paradoxo: surge o império napoleônico; mas os frutos intelectuais da Revolução permitiram limpar a Europa do velho ranço aristocrático, forçando a melhoria dos direitos sociais em todas as nações do ocidente, fortificando, mais do que nunca, o papel do Direito.

Havendo Roma atraído o Batismo de Revelação, o Instituto Divino de Informações, voltou Elias, conforme as profecias, na personalidade de Kardec, para encabeçar a reposição das coisas no lugar, isto é, para restaurar o Cristianismo. E como não há Evangelho sem Consolador, ou Cristianismo sem Batismo de Espírito, o nome dado à Restauração foi - Espiritismo. Sendo normal que Cristianismo é sinônimo de Lei Exemplificada, ao Espiritismo cumpre ser, fundamentalmente, Moral, Amor e Revelação. Porque esses são os sentidos da Lei, que Jesus viveu, para Se constituir o Divino Molde. Como Anunciador ou Revelador, o Espiritismo salientará sempre o sentido Moral da vida, porque o Amor, sem a Moral, pode não filtrar a Vontade de Deus. O Amor Divino, diremos, é Moral Integral. (trecho de A Bíblia dos Espíritos)

Elias voltaria um dia, para repor as coisas no lugar, para fazer a Revelação retornar ao seio da Humanidade. No século quatorze Jesus ordenara o começo da trabalhadora renovadora. E num curso de quatro séculos e meio, vieram à carne antigos Profetas, Apóstolos e demais servidores de Jesus, para a grandiosa obra de retorno ao mundo da Excelsa Doutrina. Os cabeças do movimento foram Wicliff, Huss, Lutero, Joana D'Arc, Giordano Bruno, Kardec, Denis, Delanne, etc., etc. Para o Brasil foi indicado, assim que deixaram a França, o serviço de Consolidação. E foi assim que aconteceu no Brasil do século vinte. *(trecho de A Bíblia dos Espíritos)*

O protestantismo, não sendo catolicismo nem a Igreja Restaurada, é, entretanto, fábrica de discursozinhos falazes e de blasfêmia contra o Batismo de Espírito. Isto se explica muito facilmente, pois tendo havido necessidade de preparar os alicerces da Restauração, antes de vir Elias como Kardec, para trazer de novo o Consolador, foi preciso que viessem Wicliff, Huss, Joana D'Arc, Lutero e Giordano Bruno. E aqueles que não têm conhecimento de causa, tomam os primeiros

passos pela caminhada toda... Se fosse para não haver a grande eclosão mediúnica do Pentecostes, a grande sessão pública de Espiritismo, também não precisaria vir Jesus à carne. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

Observem que Kardec foi a reencarnação de Elias, o Restaurador predito no Evangelho; e perguntem o que esses clericalismos pensam do Consolador que Elias restaurou. Se não foi Jesus, foi o Seu Enviado, o que dá na mesma, não é isso? (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

Elias ou Kardec, ao fazer a Codificação, segundo os ditames dos espíritos, salientou bem a importância da Lógica e do Bom Senso, para haver a melhor interpretação das comunicações. Isto porque, saiba quem quiser saber, jamais cessará a Revelação. O profetismo ou mediunismo, por mais que o desejem os blasfemos das coisas de Deus, nunca deixará de existir. Quem quiser cultivá-lo à base dos três sentidos da Lei de Deus, andará muito bem. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

A Codificação de Kardec, que foi feita do mesmo modo que a Bíblia, reflete, nos seus detalhes, o adiantamento científico da época e, no seu conjunto, demonstra ou comprova, por si mesma, a evolução da Humanidade. As verdades anunciadas, ditas com simplicidade e segundo o tempo, se não representam Toda a Sabedoria, representam pelo menos muito mais evolução e num plano superior de unidade interpretativa e direcional. De qualquer forma, Palavra de Deus é a Revelação; que se busquem os melhores Profetas ou Médiuns; que se use bastante o Discernimento; que se aplique bastante a Lógica da Revelação, para que se tenha cada vez mais Conhecimento da Verdade que livra. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

Entretanto, os textos todos, de todas as Bíblias da Humanidade, provam o fenômeno mediúnico como base de todas as Grandes Revelações. E quem mais sabe, sobre a Restauração do Cristianismo, pode afirmar que atrás de Elias, ou Kardec, o Codificador, estiveram as Legiões do Senhor, os Grandes Iniciados em ação, para que o Espiritismo viesse a constituir a Síntese das Revelações. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

Quando Kardec foi fazer a Codificação, a Restauração Doutrinária, por ter sido a função missionária de Jesus o Batismo de Espírito, disseram os Espíritos Reveladores que o nome devia ser **ESPIRITISMO**.

Isto fica bem saliente, para ser anti-sectário, apenas verdadeiro, acima de religiosismos e conchavismos de homens.

O Espiritismo é Escola de Espiritualidade, nada tendo que ver com sectarismos quaisquer. Ensinará a amar a Deus em Espírito e Verdade, porque isso Deus é e deseja que Seus filhos venham a ser. Ensinará a usar tudo quanto seja mundos, formas e transições, sem os adorar, porque tudo quanto é matéria é apenas ferramenta de uso, nada mais. De modo geral e definitivo, a Doutrina que se fundamenta na Moral, no Amor e na Revelação, aponta ao filho de Deus o seu Templo Interior, onde as luzes do Amor e da Sabedoria, somente elas, realmente poderão iluminar para a eternidade. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

Manu e Moisés, Pitágoras e Kardec foram os maiores concatenadores da História Planetária. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

Viriam à carne Wicliff, Huss, Joana D'Arc, Lutero, Giordano Bruno, Kardec, Denis, Delanne, etc. Iriam, aos poucos, repondo o Pentecostes no lugar... O Instrumento Revelador, o Consolador, de novo começaria o seu serviço de advertir, ilustrar e consolar os filhos de Deus lotados na Terra. Até a França do século dezenove foi feita a Restauração; ordenou o Brasil como local de fazer a Consolidação; e a Extensão sobre a Terra será trabalho de mais tempo e de muita gente. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

“Só então, de iniciado pode tornar-se iniciador, profeta e teurgo, quer dizer, vidente e criador de almas. Porque só aquele que governa a si próprio, pode governar os outros; só aquele que é livre pode libertar.” - G. I.

Eis a chave da Verdade tornada Iniciação. Eis o Cristo, o Espírito Integral. Eis a Sagrada Finalidade, que os Grandes Reveladores, agindo atrás de Kardec, fizeram salientar no Livro dos Espíritos, de modo simples e com todos os pontos de partida aos melhores ou necessários avançamentos no Espaço e no Tempo. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

O Espiritismo, como Súmula das Revelações, por ser a Restauração do Caminho do Senhor, ou do Consolador que fora corrompido em Roma, tudo facilita para os aprendizados. Porque atrás de Kardec estiveram, com os seus nomes modernos, os mesmos Grandes Iniciados, Patriarcas e Profetas de todos os tempos. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

Assim sendo, quem foram os Profetas? Quem foram os Apóstolos? Quem foram os vultos que andaram morrendo queimados nas fogueiras da Inquisição, pelo fato de pretenderem evidenciar a Revelação? Quem foram Wicliff, Huss, Joana D'Arc, Lutero, Giordano Bruno e tantos outros soldados da Verdade? Quem foram Kardec, Denis, Delanne e o grande número de acompanhantes, para que a Restauração Doutrinária surgisse no seio da Humanidade?

Nunca se deve julgar um povo pelos seus elementos fracassados. Nunca se deve julgar uma causa pelos seus passos embrionários. Nunca se deve negar a Verdade, porque tenha ela de apresentar, nos primórdios, apenas o seu exterior.

Israel simboliza a Humanidade inteira, simboliza cada filho de Deus, vindo das camadas inferiores da Vida, da inconsciência espiritual, caindo e levantando, porém, lutando sempre por força de um Supremo Determinismo, para se erguer nos cimos gloriosos da autocristificação. (trecho de *A Bíblia dos Espíritos*)

Ao Espiritismo, Súmula das Revelações que é, ou Instrumento Revelador, que de novo é entregue de maneira generalizada à Humanidade, cumpre facilitar estes ensinamentos. Não sabemos de quem conheça, ou tenha tido conhecimento dos bastidores da Codificação de Kardec; mas sabemos nós, e muito bem, que atrás dela estiveram os mesmos Grandes Reveladores de todos os tempos, agindo sob a tutela do Divino Mestre. Sendo a Codificação as Primeiras

Letras da Renovação da Terra, cumpre estar alerta, para subir em linha reta, isto é, no seio do Senso Profético. Estas palavras definem a Trilha Certa - Moral, Amor e Revelação, Saber e Virtude. (trecho de *A Bíblia dos Espíritas*)

-o0o-

Acresce que Elias começou o trabalho como João Huss, tendo feito a Codificação como Kardec, nem assim tendo terminado a obra, que saltou para o Brasil do século vinte. Lutero é apenas um passo transitivo, nada mais. E no dia em que se derem a reunir, daquele modo que está escrito no capítulo quatorze da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, descobrirão que o Espiritismo foi a consequência lógica dos trabalhos precedentes de João Huss e Lutero.

A grandiosa eclosão mediúnica do século dezenove, de modo algum poderia ou deveria dar-se, antes de o Evangelho estar espalhado pelo mundo. A evolução planetária faz, em todos os mundos, com que haja a infusão entre os dois planos da vida; e para que esta infusão seja cultivada em base de Lei, cumpre não esquecer os ensinamentos evangélicos.

Como a evolução planetária é um fato, e nenhum homem poderia determinar coisa alguma contra as leis de Deus, melhor fora que se entregassem ao santo trabalho de procurar o melhor conhecimento, para virem a ensinar o que podem, do que ficarem, por simples caprichos sectários, na triste situação de blasfemos do Batismo de Espírito. (trecho de *A Bíblia dos Espíritas*)

-o0o-

Elias devia vir, consoante as palavras do Cristo, no devido tempo, para restabelecer tudo. Pelo fato de ser a reposição do Batismo de Espírito, ou Graça consoladora que Jesus deixaria a toda a Humanidade, começando a sua disseminação pelo Povo de Israel, Kardec foi aconselhado a pôr-lhe o nome de Espiritismo.

Em linhas gerais, portanto, Espiritismo é sinônimo de Caminho do Senhor ou Doutrina Excelsa, que Jesus nunca disse ser Sua, porém do Pai ou da Verdade. Suas bases são a Moral, o Amor, a Revelação, o Saber e a Virtude. Quem procurar saber e viver assim, terá bebido na Fonte Crística, superando a lei das encarnações obrigatórias, vindo a ser acima de mundos, formas, transições. E se em algum tempo quiser reencarnar, será por vontade própria, em benefício de seus irmãos menores, como Jesus o fez.

No Espiritismo louvamos todos quantos trabalharam e estão trabalhando pela Humanidade; os Grandes Iniciados não viveram, não foram; eles vivem e são aqueles que auxiliaram a fazer a Restauração, assim como auxiliam a fazer a Consolidação. (trecho de *A Bíblia dos Espíritas*)

ESPIRITISMO - Elias, como o Cristo prometeu, viria restaurar a Doutrina do Caminho da Verdade que Livra. Começou a tarefa como João Huss e não a terminou como Kardec. Espiritismo é SÍNTESE INICIÁTICA TOTAL, não é questão de cientifismos, filosofismos ou religiosismos humanos, isso tudo que terá de mudar muito. Confundir ESPIRITISMO FUNDAMENTAL com os conceitos humanos, por mais honestos que sejam, é cometer erro crasso. A SÍNTESE INICIÁTICA TOTAL leva à VERDADE, ao AMOR e à VIRTUDE, diante do que cientifismos, filosofismos e religiosismos se deverão curvar. Não confundir o Espiritismo com os espíritas, é o melhor modo de evitar dogmatizações e farisaísmos prejudiciais. Faça-se de tudo para não cair em antigos erros clérico-farisaicos, tais como a criação de grupinhos mandonistas, sob os mais diferentes pretextos, e até sem pretextos... (trecho de *Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas*)

DESILUSÃO DOGMÁTICA. Moisés afirmou que viria um outro, para continuar a obra informativa... O Cristo afirmou que muito tinha a dizer, e não disse, porque os contemporâneos não podiam compreender... Na Codificação está afirmado que suas verdades representam as primeiras palavras, de uma sabedoria que ninguém sabe quando será dita a última palavra... A Kardec foi afirmado que não completaria a obra restauradora, devendo voltar... Portanto, evitem os falsos pudores e as manias de donos da VERDADE QUE LIVRA, porque o AMAI-VOS UNS AOS OUTROS jamais endossará farisaísmos quaisquer... (*Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas*)

213 – “Foi bem lembrado a Kardec que deveria voltar em outro corpo, para o término da tarefa restauradora do Caminho do Senhor; graças a Deus, ninguém lhe disse que, na ocasião, teria que perguntar, aos pretensos donos do Espiritismo, sobre como ter que agir, para dar conta de seus deveres”.

214 – “Um ESPIRITISMO ESSENCIAL vem agindo, desde que a Humanidade terrestre se vem desenvolvendo mental-mente; embora, formalmente, faça parte dos “ismos”, que enxameiam a História da Humanidade, em ESSÊNCIA ele é acima de tudo isso. E muito infeliz será, em qualquer tempo e lugar, aquele que blasfemar contra o Sagrado Ministério da Revelação, porque será réu do JUÍZO ABSOLUTO, a fim de pagar até o último centil. O CÓDIGO IMORTAL testemunha o ESPIRITISMO ESSENCIAL e vice-versa”. (retirado de *Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas*)

“Havendo Roma, a cidade dos Sete Montes, corrompido a Excelsa Doutrina do Caminho da Verdade que Livra, estabelecida sobre a Lei de Deus, a Divina Modelagem de Jesus Cristo e a Revelação Generalizada, importa que houvesse REPOSIÇÃO DAS COISAS NO LUGAR. Foi este encargo designado ao Profeta Elias, e disso Jesus falara, e tudo começou com João Huss, não tendo, como não poderia ter, o seu término, com o que fez Kardec, através da Codificação inacabada. A Moral da Codificação é completa, porque é a restauração da Mensagem Crística, mas na parte instrutiva deve obrigações ao fator evolutivo”.

”Kardec não adentrou, porque o Espírito da Verdade não consentiu, no Livro dos Atos, nas Epístolas e no Apocalipse, pois isto custaria dizer verdades que o tempo não comportava, a menos que se quisesse provocar uma nova

sangureira e o truncamento do que foi então possível fazer. Entretanto, no Brasil do século vinte, temos dado cabo da tarefa restauradora, em termos de Consolidação da Restauração, ficando instruções e trabalhos, extensivos para milênios porvindouros”.

”Procurem ler, e entender, o que Deus prometeu no Apocalipse, capítulos 12, 19, 14, 21 e 22, sobre isto, e para antes do findar do segundo milênio:

- 1 – Verdadeira Restauração Doutrinária, apresentando o documentário bíblico;
- 2 – Entrega do Evangelho Eterno, prometido em Apocalipse, capítulo 14;
- 3 – Direção Planetária daquele da Vara de Ferro, citado nos capítulos 12 e 19”.

”O protestantismo, não compreendendo a escalada do movimento restaurador, com Wicliff, Huss, Lutero e Kardec, parou na idolatria da letra, tornando-se também atirador de pedras contraditórias; ele tem o seu clero, tem os seus ignorantes fanatizados, que mais querem ensinar a Deus do que aprender com Deus, por si mesmos tendo gosto em contradizer a Verdade, fazendo um dos piores serviços a bem da contradição”.

Os espíritas, apenas conhecendo mais sobre a Verdade, mas não sendo especiais, também terão suas pedras contraditórias para atirar. Orgulhos, vaidades, chefias, interesses editoriais, etc. Tudo serve para trair a Verdade, em muito ou pouco, quando a vigilância é tragada pela voragem de certos interesses subalternos”.(trecho de *Novo Testamento dos Espíritas*)

Três foram as tentativas de generalizar a Revelação - a primeira por intermédio de Moisés, através dos setenta, e tentativa que o clero levita tudo fez para fracassar, tendo realmente conseguido seu infernal objetivo; a segunda através de Jesus, que deixou o Pentecostes em Perfeita função, tendo sofrido no quarto século o seu colapso, por causa de Roma, de seu imperialismo despótico e sanguinário; e a terceira através de Elias, vindo como restaurador, deixando o Espiritismo, a Codificação, que todavia não ficou completa, devendo ficar completa com o trabalho feito no Brasil do século vinte.(trecho de *Novo Testamento dos Espíritas*)

Para os ultrajar e apedrejar" - Atos, cap. 14.

O Espiritismo, como reposição do Caminho do Senhor, é o mesmo profetismo que pelo Divino Mestre foi generalizado. E todos sabem que desde a primeira reencarnação de Elias, como João Huss, as coisas se têm passado em base de perseguições e de martírios. Quando veio como Kardec, já as coisas estavam melhores, mas mesmo assim foi-lhe recomendado tomar cuidado; por isso mesmo que muitas coisas ficaram para ser ditas mais tarde, na complementação da obra. Entretanto, se temos leis mais favoráveis, nem por isso os inimigos da Revelação puderam compreender ainda, que não adianta lutar contra ela. Podem continuar com a obra blasfema, que os trabalhadores do Senhor levarão de vencida a ignorância e o erro, custe o que custar.(*Novo Testamento dos Espíritas*)

-o0o-

Vida e Obra:

É neste contexto histórico que nasce Hyppolyte Leon Denizard Rivail, este foi o nome civil de Allan Kardec. Ele era filho de um juiz, Jean Baptiste-Antoine Rivail, e sua mãe chamava-se Jeanne Louise Duhamel. Nascido em 3 de outubro de 1804, em Lion, França, fez ali seus primeiros estudos, completados em Yverdon (Suíça), com o Professor Pestalozzi, de quem se tornou um dos seus mais eminentes discípulos, colaborador inteligente e dedicado. Aplicou-se na propaganda do sistema de educação que exerceu tão grande influência sobre a reforma dos estudos na Alemanha e França. Muitas vezes, quando Pestalozzi era chamado a outras cidades, confiava a Denizard Rivail a direção da sua escola. Rivail foi lingüista, conhecendo a fundo o alemão, inglês, italiano e espanhol, tendo também conhecimento do holandês; além disso, tinha maneiras distintas, humor jovial, era bom e obsequioso. Mais tarde fundou em Paris um instituto semelhante ao de Pestalozzi, tendo como sócio um de seus tios.

Com apenas vinte anos de idade (1824), o jovem e talentoso professor Rivail lançava, pela tipografia de Pillet Ainé, de Paris, o seu primeiro livro: “Curso Prático de Aritmética, segundo o Método de Pestalozzi, com modificações”. Eram dois tomos em formato grande, recomendados aos educadores e às mães de família. Essa valiosa obra, que teve várias reedições, abre-se com o “Discurso Preliminar”, onde Rivail recorda um dos seus primeiros e mais queridos mestres: «Devo aqui prestar homenagem a uma pessoa que protegeu minha infância, o sr. Boniface, discípulo de Pestalozzi, professor tão distinto pela sua erudição como pelo seu talento para ensinar. Ninguém mais do que ele possui a arte de fazer-se amado pelos seus alunos. Foi um dos meus primeiros mestres e sempre me hei de lembrar com que prazer meus colegas e eu freqüentávamos as suas aulas. Cheio de amor pela infância, ao mesmo tempo verdadeiro filantropo, fundou uma escola à Rua de Tournon, no bairro de Sain-Germain, que bem mereceu os elogios que lhe dispensam as pessoas mais distintas e merecedoras. É autor de vários trabalhos, entre os quais um “Curso de Desenho Linear”, muito estimado».

Daí se poderia deduzir que Rivail freqüentou a escola da Rua de Tournon. O sr. Boniface deve ter sido parisiense. Ora, ao que parece, Rivail não foi a Paris antes de 1820. De qualquer maneira, foi graças a este mestre que Rivail escreveu sua primeira obra. Declarava: “Desejando tornar-me útil aos jovens e concorrer com todas as minhas forças para aplinar-lhes a trilha árdua dos estudos, aproveitarei, com empenho, os conselhos que de boa vontade me chegarem de pessoas que me são superiores pelo saber e pela experiência, considerando que a aprovação dos homens de bem sempre me será gratíssima recompensa”.

Quem assim se expressava era um jovem de vinte anos, mal saído dos bancos escolares, mas já vivamente interessado em libertar da ignorância, com todas as suas perniciosas conseqüências, a juventude de sua pátria. Com esse primeiro livro, Rivail iniciou sua fase de educador e pedagogo emérito, ali se afirmando como a maior autoridade no método Pestalozzi.

Em 1830 já era médico, doutorou-se aos 24 anos. Teve tais contatos com o mundo das letras e das ciências que chegou a possuir vários diplomas de sociedades científicas e de incremento ao progresso. O estudante de medicina, e depois médico, atuava na vida prática não só como divulgador de conhecimentos teóricos, mas como um propulsor da agricultura e da indústria, através dos aperfeiçoamentos científicos dos meios de produção, como do aperfeiçoamento moral e espiritual das criaturas.

Durante trinta anos, sobrepondo-se às incompreensões e aos reveses, empenhou-se de corpo e alma em instruir e educar um sem número de crianças e jovens parisienses, segundo modernas práticas pedagógicas por ele mesmo criadas, muitas das quais só mais tarde, no século XX, seriam retomadas e largamente difundidas por ilustres reformadores do ensino.

Quando o Prof. Rivail deixou a Suíça, rumo a Paris, ocupou-se em traduzir para o alemão obras de grandes autores clássicos da França, dando preferência aos escritos de Fénelon, alguns dos quais, como “Telêmaco” receberam inteligentes notas e foram publicados posteriormente para uso nos educandários.

Fundou e dirigiu em Paris uma Escola do Primeiro Grau (1825), que não sabemos por quanto tempo subsistiu. Sabemos que ele criava, logo em seguida, um Instituto Técnico e que rapidamente ganhou fama. Situava-se à Rua de Sèvres nº 35 e era semelhante ao Instituto de Yverdon. Posteriormente auxiliado pela Professora Amélie Gabrielle Boudet, com quem se consorciou em 1832, desenvolveu ali notável trabalho de aprimoramento da inteligência de centenas de alunos, aos quais carinhosamente chamava “meus amigos”, dando-lhes repetidas vezes este conselho: “Instruindo-vos, trabalhais para a vossa própria felicidade”.

O associado do Prof. Rivail, ao que parece um tio seu, tinha paixão pelo jogo e arruinou o sobrinho perdendo grandes quantias em Spa e Aix-la-Chapelle. Rivail liquidou o Instituto, restando da partilha 45.000 francos para cada um dos sócios. Essa soma foi colocada pelo casal Rivail nas mãos de amigos íntimos, os quais fizeram maus negócios e cuja falência deixou-os sem nada os credores.

Necessitando de capital para dar prosseguimento à sua obra educativa, o Prof. Rivail empregou-se como “contrôleur” no *Théâtre des Délassements-Comiques*, então funcionando no *Boulevard du Temple*, episódio que os adversários do Espiritismo não se esquecem de lembrar, fazendo-o com ironia e sarcasmo. Afirma o jornalista parisiense René du Merzer, de quem vem a informação revelada logo após o sepultamento de Kardec, que pouco depois o Professor Denizard Rivail abandonava o referido Teatro para trabalhar como guarda-livros na livraria religiosa de Pélagaud e nos escritórios de “L’Univers”, influente folha católica (se assim se pode considerá-la) fundada em 1836.

Para superar esta fase ruim, o casal lançou-se ao trabalho, sendo que Rivail encarregava-se da contabilidade de três casas e, terminando o dia, escrevia gramáticas, livros de aritmética, outros para estudos pedagógicos; traduzia obras inglesas e alemãs e preparava os cursos de Levy-Alvares. Organizou também em sua casa cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia, de 1835 a 1840.

Ocupado durante todo o dia, dedicava as noites à elaboração de novos e importantes livros de ensino e pedagogia, à tradução de obras do inglês e do alemão e à preparação de todos os cursos que ele, juntamente com o Prof. Lévi Alvarés, dava a alunos de ambos os sexos no Faubourg de Saint-Germain: “A educação é a obra de minha vida, e todos os meus instantes, eu os dedico a esta matéria”. Fundando à Rua de Sèvres n.º 35, um **Liceu Polimático**, aí organizou, de 1835 a 1850, cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia e Fisiologia, “empresa digna de encômios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época que só um número muito reduzido de inteligências ousava enveredar por esse caminho”. Lecionou também Matemática e Retórica, sendo vastos os seus conhecimentos filológicos e de gramática da língua francesa, como o demonstram algumas obras de sua autoria. Preconizou o desenho geométrico, a leitura ponderada, os exercícios práticos de redação, e considerou útil o estudo e o exercício da música vocal.

Aplicando todos os seus esforços no desenvolvimento das virtualidades intelectuais e morais da juventude, não lhe pode ser contradita a formação de humanista cristão. Dirigiu críticas ao método pelo qual se aprendia História, em que dava importância demasiada a datas e a fatos políticos, salientando que o verdadeiro objetivo da História deve ser “o estudo dos usos e costumes, do progresso artístico e científico das várias épocas”. A fim de obter maior aproveitamento dos alunos, chegou a inventar um quadro mnemônico que facilitasse o estudo da História da França.

Chef d’ Institution da Academia de Paris, o Prof. Denizard Rivail tornou-se membro de dezenas de Sociedades e Institutos culturais de sua Pátria, quase todos da capital. É bastante longa a lista de obras didáticas que escreveu, só ou com Levy-Alvarés. O ano de publicação é, às vezes, incerto, mas julgamos útil lembrar alguns títulos, para dar idéia de sua **atividade pedagógica**:

“*Gramática normal dos exames*”, ou soluções racionais de todas as perguntas sobre gramática francesa, propostas nos exames da Sorbonne e em todas as Academias da França para obtenção de certificados e diplomas de habilitação e para admissão ao funcionalismo público, resumindo a opinião da Academia Francesa e de vários gramáticos sobre os princípios e dificuldades da língua francesa. Obra escrita em colaboração com Lévy-Alvarés.

“*Curso de cálculo de cabeça*”, pelo método Pestalozzi (para uso das mães de família e dos professores, no ensino de crianças pequenas).

“*Tratado de Aritmética*”- (3.000 exercícios e problemas graduados). Único que contém o método adotado pelo comércio e pelos bancos para o cálculo de juros.

“*Questionário gramatical, literário e filosófico*”, em colaboração com Levy-Alvarés.

“*Manual dos exames para certificados de habilitação*”.

“*Catecismo gramatical da língua francesa*”.

“*Soluções racionais das perguntas e dos problemas de aritmética e de geometria usual*”, propostos nos exames do “Hôtel de Ville” e da Sorbone.

“*Solução dos exercícios e problemas do tratado completo de aritmética*».

Suas últimas obras pedagógicas publicadas foram: “*Ditados normais dos exames do “Hôtel de Ville” e da Sorbonne*” e “*Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas*”. As suas obras são adotadas pela Universidade de França, o que vem coroar, de certa maneira, um quarto de século de atividades **a serviço da instrução pública**.

Depois do “Programa de estudos conformes ao plano de instrução”, editado em 1838, publica um “Projeto de reforma”, em que trata dos exames e dos educandários para jovens, acompanhado de uma proposta concernente à adoção das obras clássicas pela Universidade, a respeito do novo projeto de lei do ensino. *O Projeto* é de 1847 e a indicação “*impresso na casa do autor, Rua Mauconseil, 18*”, leva-nos a crer que Rivail se tivesse mudado da Rua de Sévres. Também é interessante notar que entre os seus títulos citados na obra *Membro da Real Academia de Ciências Naturais de França*, etc. já não figura o de “discípulo de Pestalozzi”. Isto não significa, entretanto, que o autor tivesse esquecido completamente as lições do mestre sobre a “natureza da criança”, o “papel da mãe e do Professor-Jardineiro”.

Vemos que Rivail, ao término de longa atividade e experiência pedagógica, estava preparado para a outra tarefa, a fundação do Espiritismo. Foi graças à sua clareza e concisão - rigor todo cartesiano - que em toda a obra espírita não encontramos um episódio sequer em que Allan Kardec se deixasse arrastar por palavras descontroladas ou por alguma divagação inspirada. E é exatamente isto que constitui a mais profunda característica do Espiritismo. Pensa-se que a vida de Allan Kardec e a fundação do Espiritismo Científico são coincidentes.

À força de escrever obras de aritmética, de geometria, de química, de física, de história, de literatura, etc., Rivail tinha-se tornado homem de grande instrução. Nada lhe era desconhecido. Sua curiosidade baseava-se em sólido método de pesquisas. Embora trabalhando para a educação das crianças do seu país, transforma-se em homem sem pátria, sem ligações particulares. É o *homem universal*. As ciências, o estudo das humanidades, ensinaram-lhe que o homem, para ser verdadeiramente livre, deve tomar consciência de seu universalismo. O espírito de tolerância, de caridade, deve ser mais forte que o de clã, de seita ou de igreja, de grupo limitado no tempo e no espaço.

Ao cessar a publicação de seus trabalhos pedagógicos, Rivail passou a se interessar mais pelos problemas sociais. Ao mesmo tempo sua curiosidade era despertada para os fenômenos *insólitos* que se produziam e eram observados na América, na Inglaterra e na Alemanha. A carreira do Prof. Rivail estava chegando ao fim. Allan Kardec vai surgir.

Quase que paralelamente a estes acontecimentos na vida de Denizard Rivail, ocorre nos E.U.A um conjunto de fenômenos que deram início ao nascimento do moderno espiritismo (este termo, *espiritismo*, foi cunhado em 1857, por Rivail, para distinguir este movimento do de outras escolas espiritualistas – ver texto no início). Trata-se de fenômenos ocorridos em Hydesville, estado de New York, em 1848, na casa da família Fox, que era metodista, e, portanto, longe de ter qualquer queda ou interesse por fatos que poderíamos hoje chamar de paranormais. As fortes pancadas que começaram a ser ouvidas no quarto das irmãs Katherine e Margaretta (e que se fizeram freqüentes por várias semanas) levaram a primeira, então com nove anos, a desafiar “o batedor” a reproduzir as pancadas que ela mesma daria. A prontidão das respostas acabaria por marcar o início desse tipo de comunicação entre vivos e mortos. (segundo a Enciclopédia Mirador-Britannica, p. 4171).

Foi em 1854 que ouviu falar pela primeira vez nas mesas girantes, (a princípio na casa do Sr. Fortier, com quem mantinha relações de amizade em razão dos seus estudos sobre magnetismo). Depois de algum tempo, em maio de 1855, ele foi convidado para participar de uma dessas reuniões, pelo Sr. Pâtier, um homem muito sério e instruído. O professor era um grande estudioso do magnetismo e aceitou participar, pensando tratarem-se de fenômenos ligados ao assunto. Após algumas sessões, começou a questionar para descobrir uma resposta lógica que pudesse explicar o fato de objetos inertes emitirem mensagens inteligentes. As “forças invisíveis” que se manifestavam nas sessões de mesas falantes diziam que eram almas de homens que já haviam vivido na Terra.

“Entretanto – coisa notável! – entre tanta gente de alta cultura, ninguém lobrigou o alcance filosófico das batidas nas mesas e móveis e, em geral, das manifestações dos Espíritos. Só um fato impressionava: a sobrevivência do ser humano, com os seus gostos, os seus cacoetes, os seus impulsos, enfim, a sua personalidade!”

A França, cognominada *a filha primogênita da Igreja*, assistia ao naufrágio da fé, resultante do cheque entre a ciência e a religião. Dona de mais largo e profundo conhecimento das leis da natureza, a humanidade estava preparada para passar da fé imposta à fé raciocinada, isto é, da crença para a certeza. A ciência oficial desdenhava tudo quanto pudesse, direta ou indiretamente, conduzir a um postulado da religião; em contrapartida, a religião, fechada numa filosofia apriorística, verberava toda tentativa intelectual que pudesse atuar como um sopro sobre o castelo de cartas do dogmatismo. O único homem que teve a visão da importância moral e sociológica da fenomenologia espírita foi o Dr. Rivail”

O Codificador intrigava-se mais e mais. Num desses trabalhos, uma mensagem foi destinada especificamente a ele. Um Espírito chamado **Verdade** disse-lhe que tinha uma importante missão a desenvolver. Daria vida a uma nova doutrina filosófica, científica e religiosa. Kardec afirmou que não se achava um homem digno de uma tarefa de tal envergadura, mas que sendo o escolhido, tudo faria para desempenhar com sucesso as obrigações de que fora incumbido.

Não abraçava religião alguma e, como os grandes pensadores de sua época, simpatizava com os pensamentos que formariam o Positivismo.

Efetivamente, deu início à sua pesquisa no ano de 1855, no mês de maio, ao participar de uma reunião na casa da Sra. de Plainemaison, à Rua Grange-Batelière, 18, às 20 horas. Não mais parou, tentando identificar a causa dos fenômenos e as surpreendentes respostas que começaram a ser dadas através da escrita por intermédio das irmãs Baudin.

O desenvolvimento da Codificação Espírita basicamente teve início na residência da família Baudin, no ano de 1855. Na casa havia duas moças que eram médiuns. Tratava-se de Julie e Caroline Baudin, de 14 e 16 anos, respectivamente. Através da “**cesta-pião**”, um mecanismo parecido com as mesas girantes, Kardec fazia perguntas aos Espíritos desencarnados, que respondiam por meio da escrita mediúnica. À medida que as perguntas do professor iam sendo respondidas, ele percebia que ali se desenhava o corpo de uma doutrina e se preparou para publicar o que mais tarde se transformou na primeira obra da Codificação Espírita.

A forma pela qual os Espíritos se comunicavam no princípio era através da cesta-pião que tinha um lápis em seu centro. As mãos das médiuns eram colocadas nas bordas, de forma que os movimentos involuntários, provocados pelos Espíritos, produzissem a escrita. Com o tempo, a cesta foi substituída pelas mãos dos médiuns, dando origem à conhecida **psicografia**. Das consultas feitas aos Espíritos, nasceu “**O Livro dos Espíritos**”, lançado em 18 de abril de 1857, descortinando para o mundo todo um horizonte de possibilidades no campo do conhecimento.

Como disse Henri Sausse: “(...) Sua razão repele as revelações, somente aceita observações objetivas e controláveis. (...) Vários amigos que acompanhavam há cinco anos o estudo dos fenômenos, (...) colocam à sua disposição mais de cinquenta cadernos, contendo as comunicações feitas pelos Espíritos (...). O estudo desses cadernos constituiu, para Rivail, o trabalho mais profundo e mais decisivo. Foi por esse estudo que ele se (...) convenceu da existência do mundo invisível e dos Espíritos”. Ele utilizava o material dos cadernos, com as respostas dadas pelos supostos espíritos, para refazer as mesmas perguntas para outros médiuns, de preferência desconhecido dos primeiros. Com base nas novas respostas, Rivail comparava o conteúdo de ambas, e ficava perplexo com as similaridades freqüentes entre as elas. Ele reformulava as perguntas, e pedia a ajuda de amigos para fazê-las a outros médiuns, em outras localidades. Ele recebia as respostas e compilava-as organizadamente por tópicos e assuntos.

Como poderia ser que pessoas, que nunca se viram, dessem as mesmas respostas para as mesmas perguntas, as quais possuíam, freqüentemente, um grande peso filosófico e uma amplidão de conhecimentos que escapavam à formação ou aos conhecimentos normais dos médiuns?

A única resposta lógica seria a de que *agentes* inteligentes as dariam por intermédio de certas pessoas com uma sensibilidade psíquica especial: os **médiuns**. Além do mais, Rivail notou que poderia existir uma extraordinária discrepância entre o desenvolvimento moral e intelectual de um médium e as comunicações obtidas em estado de transe, que na época se chamava *estado sonambúlico*, ou, algumas vezes, de *mesmerização*, nome devido ao pioneiro da hipnose, Mesmer.

Sendo assim, há a faculdade de comunicar-se com os agentes inteligentes invisíveis, *independente* do grau de desenvolvimento espiritual do médium, havendo médiuns moralmente medíocres (e até mesmo perversos), e outros médiuns de grande desenvolvimento moral, que podem, uns e outros, receberem mensagens de cunho elevado ou banal.

Por estarem numa dimensão diferente da nossa, estes *agentes inteligentes* invisíveis teriam de vivenciar uma realidade própria ao estado vibratório de sua dimensão, o que explicaria algumas características das repostas dadas. Isso abriria um imenso leque de cogitações e de explicações extraordinárias. Mas Rivail não se deixou levar pelo entusiasmo. Ele destacava claramente, desde o início, que muitas das respostas obtidas por meio dos médiuns eram tolas e pueris, e que outras tinham muito a ver com os conhecimentos ou as crenças do próprio médium, embora, durante o transe, ele comumente não tivesse consciência do que dizia ou escrevia.

Assim, Rivail formulou as seguintes conclusões: Primeiro, se são agentes inteligentes *não físicos* que dão as respostas, *nem por isso eles parecem ser muito diferentes dos homens vivos*, pois suas respostas são parecidas às respostas que qualquer homem daria, inclusive dentro do nível de instrução a que tenham chegado, pois há respostas muito bem elaboradas junto a muitas outras muito fúteis. Segundo, algumas vezes as respostas são dadas de forma *não-consciente*, pelo próprio médium. Então, seria o *agente inteligente* do próprio médium que daria certas respostas, em certas ocasiões. Estas repostas não são destituídas de valor. Elas podem apresentar um extraordinário grau de maturidade, mesmo que sejam estranhas ao pensamento normal do médium quando em estado de vigília ou de consciência desperta normal.

Assim, Denizard Rivail colocava, clara e lucidamente, que as entidades, por serem seres desencarnados, nem por isso eram necessariamente mais sábios que os homens encarnados. Eles mesmas diziam que *nada mais eram* do que os *Espíritos* dos homens que já morreram, e por isso mesmo, continuavam tão humanos e cheios de falhas quanto antes. E mais ainda, Rivail antecipou-se extraordinariamente em mais de quarenta e três anos a **Sigmund Freud (1856-1939)**, ao reconhecer uma ação *inconsciente* pessoal agindo sobre a manifestação mediúnica, algumas vezes. Rivail não teria sido um precursor da cética Psicanálise?

Allan Kardec ouviu outros espíritos, além dos que se comunicavam na casa de sr. Roustan. Quando apresentou aos espíritos a forma definitiva da obra fundamental, estes lhe fizeram grandes objeções. É que o Sr. Allan Kardec apresentava o espiritismo como uma religião nova, com o que não concordaram os conselheiros espirituais. Aceitou a crítica

“Foi através da comparação e da fusão de todas aquelas respostas coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação que aprontei a primeira edição de **O Livro dos Espíritos**, publicada a 18 de abril de 1857”, (com 531 perguntas e respostas, divididas por temas). A segunda edição, revista e ampliada, foi considerada por Rivail como definitiva, possuindo 1.019 perguntas e respostas.

A sua obra é um acontecimento tão extraordinário como a Revolução Francesa. Esta estabeleceu os direitos do homem dentro da sociedade, aquela instituiu os liames do homem com o universo, deu-lhe as chaves dos mistérios que asoberbavam os homens, dentre eles o problema da chamada morte, os quais até então não haviam sido equacionados pelas religiões.

A missão do mestre, como havia sido prognosticada pelo **Espírito de Verdade**, era de escolhos e perigos, pois ela não seria apenas de codificar, mas principalmente de abalar e transformar a Humanidade. A missão foi-lhe tão árdua que, em nota de 1º de janeiro de 1867, Kardec referia-se às ingratidões de amigos, a ódios de inimigos, a injúrias e a calúnias de elementos fanatizados. Entretanto, ele jamais esmoreceu diante da tarefa (sobre esse assunto, ver textos do Pai, no início)

Rivail decidiu lançar *O Livro dos Espíritos* utilizando um pseudônimo, **Allan Kardec**, que teria sido seu nome quando encarnado entre os druidas, na região das Gálias, durante o antigo Império Romano (vida que, nesta última encarnação, não mencionava). Com isso, colocando-se no anonimato, desejava que o público e a crítica analisassem a obra com isenção, sem se prenderem na figura do autor, o que de fato aconteceu.

Adeptos do Espiritismo -ou Doutrina Espírita- reuniam-se na casa de Kardec, à Rua dos Mártires, chegando a 30 pessoas. Decidiram fundar a **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas**, em 1º de abril de 1858, tendo sua sede no Palais-Royal, Galeria de Valois, até que, depois de uma primeira mudança, veio a instalar-se em sede própria na Rua e Galeria Sant’Anna, 59, em 1º de abril de 1860. Diversos príncipes estrangeiros e outras distintas personagens freqüentavam a Sociedade, que se tornou núcleo de pesquisa e divulgação do Espiritismo.

De grande profundidade filosófica e psicológica, *O Livro dos Espíritos* possui passagens e reflexões que vão muito além do nível de conhecimento ordinário de sua época de publicação, inclusive no que tange aos aspectos científicos da obra. Cite-se a noção de *evolução das espécies vivas*, dada pelos espíritos e comentada por Kardec, publicada nesta obra um ano antes do livro seminal de Charles Darwin, *A Origem das Espécies*; ou, ainda, da identidade entre matéria e energia (chamada por Kardec de *fluido universal*), que se diferenciam entre si apenas por um estado de condensação da energia, muito antes de Albert Einstein... De igual modo, as noções de percepção de consciência como sendo diferentes manifestações de maturação psíquica lembra e muito as atuais abordagens da Psicologia, principalmente a Psicologia Transpessoal.

É de notar-se a coincidência entre certos princípios do Druidismo e a obstinação de Allan Kardec em subtrair o Espiritismo à tendência das massas menos cultas em transformá-lo numa religião. Neste particular, a concessão máxima que se pode fazer, fê-la Sir Arthur Conan Doyle, chamando-o de religião psíquica, isto é, uma filosofia prática que leva a criatura para uma etapa religiosa muito superior à moral comum, desde que ‘a moral é a média do comportamento do grupo social’ e aquele conduz para um limite superior, no qual, tornando-se altamente consciente, a criatura é, simultaneamente, templo, sacerdote e penitente. Até o último instante Allan Kardec sustentou que o Espiritismo era ‘uma filosofia científica de conseqüências religiosas, mas não uma religião’.

Há momentos em que a apresentação da doutrina em *O Livro dos Espíritos* não fica a dever em nada às melhores teorias da personalidade da Psicologia moderna. A descrição de Kardec do Fluido Universal lembra a do conceito de *orgônio*, ou *orgon*, dado pelo psicanalista Wilhelm Reich, pai da *Bioenergética*. Da mesma forma, os fundamentos e causas do processo da reencarnação é idêntico aos fundamentos e causas postulados por alguns psicoterapeutas (muitos dos quais não conhecem Allan Kardec) e que, por meios de desenvolvimento e pesquisas diversos, a partir do atendimento clínico de pacientes, chegaram à técnica da Terapia de Vida Passada - TVP. E a filosofia de vida que a doutrina estimula a adotar é, em muitos pontos, similar às condições propícias ao desenvolvimento da auto-atualização que é o lema dos psicólogos humanistas, tais como Abraham Maslow e Carl Ransom Rogers.

A noção de *animismo* aponta para o conceito de *inconsciente* que teve em Sigmund Freud um sério teórico, e a de evolução espiritual lembra o processo de *individuação* postulado pelo gênio de Jung. Kardec logo reconheceria que seu estudo sobre a comunicação dos chamados espíritos (como elas mesmas se diziam ser, as forças inteligentes), que ele chamou de *Espiritismo*, não trazia nada de realmente novo, a não ser o fato destes fenômenos serem vistos e entendidos sob a ótica moderna, científica:

(...) *Constituindo uma lei da natureza, os fenômenos estudados pelo Espiritismo hão de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na Antigüidade mais remota. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor da metempsicose (ou seja, da transmigração da alma pela reencarnação); ele a colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais (...) o que não padece dúvidas é que uma idéia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério (...)*” (Kardec, p. 143 de *O Livro dos Espíritos*, ed. FEB).

Deviam falar vários mestres, como de fato falaram; e tudo girou em torno das Revelações Fundamentais, atingindo o Cristo, com o Seu Batismo de Revelação, passando depois para a corrupção romana, tornando a surgir fulgurante com o advento da restauração, com o nome de Espiritismo.

Porém não começou com Kardec, o Codificador, mas sim lá bem atrás, na Europa do século quatorze, com a ordem do Cristo Planetário, de serem iniciados os trabalhos restauradores, de onde surgiram no plano carnal aqueles vultos que se chamaram Wicliff, Huss, Joana D'Arc, Savonarola, Lutero, Giordano Bruno, etc. E dos frutos daí derivados, em liberdade e traduções de livros, houve a possibilidade de vir Kardec, acompanhado de muitos companheiros, trazendo de novo o Pentecostes, a grande eclosão mediúnica dos meados do século dezenove. Era apenas o retorno do Batismo de Revelação ou Espírito, tal com se acha exposto no segundo capítulo dos Atos, que fora a Graça trazida para toda a carne por Jesus Cristo.

Tudo ouvimos, debaixo de um silêncio profundo, naquele dia que correspondia, na crosta, ao lançamento de O LIVRO DOS ESPÍRITOS; porque os encarnados festejavam o retorno da Excelsa Doutrina do Caminho, e o plano espiritual festejava a data comemorativa da **renovação intelecto-moral da humanidade, pelo conhecimento das verdades básicas**. (trecho de "A Volta de Jesus Cristo")

Na seqüência, foram **publicados**: O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho segundo o Espiritismo (1864); O Céu e o Inferno (1865); A Gênese (1868). Além desses, devem ser considerados também: O Que é o Espiritismo; Introdução ao Estudo dos Fenômenos Espíritos e Viagem Espírita em 1862, além da coleção anual dos números da Revista Espírita.

É por isso também que a introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo, de 1864 (obra de cunho filosófico com o objetivo de esclarecer a posição da doutrina frente à mensagem do Cristo) traz um estudo histórico que culmina em um resumo do posicionamento de Sócrates e de Platão como precursores dos mais elevados ideais cristãos e, em suas filosofias, de vários tópicos do Espiritismo, como bem fica evidenciado no diálogo Fédon, de Platão. Já em *O Livro dos Espíritos*, Kardec tece comentários sobre a ancestralidade das idéias básicas do espiritismo (c.f. capítulo V da obra citada) e como os fenômenos ditos espíritos são universais.

Os fenômenos que caracterizam o Espiritismo, especialmente o da comunicação entre encarnados e desencarnados, são mencionados e reconhecidos como existentes em todas as épocas da humanidade, qualquer que seja a cultura considerada. A idéia da reencarnação, por exemplo, é tão antiga e universal quanto a própria humanidade (ver o capítulo V de *O Livro dos Espíritos*), e é a base de diversas tradições filosóficas e religiosas do oriente, como o budismo e o Hinduísmo, por exemplo, e a das religiões pré-cristãs da Europa, como a dos druidas, ou, posteriormente, baseados no cristianismo, o posicionamento de alguns papas da Igreja antes do concílio de Constantinopla, em 533, quando a doutrina da reencarnação foi abolida por motivos políticos, mas que é encontrada em figuras excepcionais da igreja, como em Orígenes de Alexandria, só para citar um exemplo. Ainda houve a presença de alguns movimentos fortemente contestatórios da ação da Igreja de Roma, como a dos Cátaros, embora os conhecimentos antropológicos, históricos e sociológicos de seu tempo não permitissem a Kardec ir muito além na análise destas tradições, filosofias e ocorrências históricas.

Além do mais, diferentemente de outras escolas espiritualistas, Kardec fez absoluta questão de expor seus estudos de forma racional, sem cair nas armadilhas do discurso místico ordinário, (mais levado pela emoção e pela fantasia que pela razão), trabalhou a partir de fatos, fenômenos e percepções reais, com o máximo zelo à análise e ao cuidado da descrição dos fenômenos a partir de sólidos referenciais lógicos. Seu trabalho seria, então, de trazer ao nível intelectual moderno alguns fenômenos que sempre acompanharam o homem em sua história e que foram negligenciados pela ciência mecanicista moderna, principalmente a partir do legado mecanicista de Descartes e de Newton, apesar de ambos terem sido pessoas espiritualizadas, principalmente o segundo, que foi o primeiro grande cientista da era moderna e o último grande mago dos tempos alquímicos.

Com o progresso do Espiritismo, Allan Kardec teve a intenção de publicar um jornal espírita, que seria um poderoso auxiliar na divulgação e na pesquisa espírita. Kardec decide redigir o primeiro número, trocando a idéia de um jornal pela de uma revista, e assim faz aparecer a 1º de janeiro de 1858 a **Revista Espírita**, que mensalmente iria editar por mais de 12 anos. O primeiro número saiu com o comprometimento de suas economias, mas os pedidos de assinatura vieram de todas as partes da Europa, tornando a Revista um sucesso.

Segundo Henri Sausse, "em menos de um ano (...)", a Revista Espírita "(...) estava espalhada por todos os continentes do Globo. (...) De tal maneira aumentou o número de assinantes, que Kardec, a pedido destes, reimprimiu duas vezes as coleções de 1858, 1859 e 1860 (...)".

Dentre os mais célebres admiradores, amigos e estudiosos de Kardec ou do espiritismo, destacamos o famoso astrônomo francês Camille Flammarion, o filósofo H. Bergson, o psicólogo e filósofo William James, o físico William Crookes, o biólogo Alfred Russel Wallace, o físico Oliver Lodge, o escritor Arthur Conan Doyle, dentre inúmeros outros. Podemos expor a importância do trabalho de Kardec por estas palavras do pai da moderna Parapsicologia, o fisiólogo Charles Richet: "*Allan Kardec foi o homem que no período de 1857 a 1871 exerceu a mais penetrante influência, e que traçou o sulco mais profundo na ciência metapsíquica*" (Charles Richet in "Traité de Métapsychique", p. 34).

Da mesma forma, vários outros estudiosos confirmam a importância de Allan Kardec no desenvolvimento dos estudos psíquicos no mundo inteiro. Camille Flammarion, um dos maiores astrônomos da história, sempre lhe foi grato pelos estudos que eram correntes na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, e foi ele quem fez o discurso fúnebre de Kardec, e a lista poderia se alongar com o nome de vários outros célebres pesquisadores, como Ernesto Bozzano, César Lombroso, dentre vários outros.

Em 1º de abril de 1858, Allan Kardec funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que tinha por objetivo “(...) o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. (...)” - Não era intenção de Kardec fundar uma religião, como ocorreu posteriormente a partir do seu legado. Para ele “A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, relativa às manifestações em geral; a outra, filosófica, relativa às manifestações inteligentes e suas conseqüências” (Kardec, in O Livro dos Espíritos, tópico XVII da Introdução).

Em outubro 1861 ocorreu um patético acontecimento, para não dizer repulsivo. Trata-se do famoso “**Auto-de-Fé**”, promovido pela Igreja Católica na cidade de Barcelona, Espanha, onde foram queimadas em praça pública cerca de trezentas publicações espíritas. Estas obras, encomendadas a Allan Kardec pelo bibliotecário e livreiro Maurício Lachâtre, foram enviadas de forma comum, nas condições alfandegárias normais, tendo as taxas de importação sido pagas pelo destinatário às autoridades espanholas; porém a entrega das encomendas não foi realizada. Elas foram confiscadas pelo Bispo de Barcelona, com a seguinte justificativa: “*A Igreja Católica é universal, e estes livros são contrários à fé católica, não podendo o governo* (veja só, voltamos a ter a mistura do poder temporal com o religioso, sendo este último mais forte) *permitir que eles passem a perverter a moral e religião de outros países*”.

Talvez com saudades dos áureos tempos de absoluto domínio das consciências humanas, à base de ferro e fogo, o douto Bispo de Barcelona, em doentia demonstração de esnobismo típica de quem se acha no direito pertencer à seleta instituição dos únicos representantes da vontade de Deus na Terra, fez reacender as fogueiras que tantas vítimas inocentes fizera em séculos anteriores, onde, pelas mãos de um carrasco, as obras foram queimadas certamente no lugar das pessoas que deveriam lá estar: os espíritas franceses em geral, e um homem em particular: Allan Kardec. Em tudo a pantomima seguiu as regras de uma execução inquisitorial, como podemos ler pelos autos do processo:

“Assistiram ao auto-de-fé: um padre, com seus hábitos sacerdotais, tendo, em uma das mãos, a cruz e, na outra, uma tocha; um tabelião encarregado de redigir o processo verbal do auto-de-fé; o assistente do tabelião; um funcionário superior da administração das alfândegas; três serventes da alfândega, com a função de alimentar o fogo; um agente da alfândega, representando o proprietário das obras condenadas; uma incalculável multidão se fez presente, enchendo os passeios, cobrindo a esplanada onde ardia a fogueira. Depois de o fogo ter consumido os trezentos volumes e brochuras espíritas, o sacerdote e seus auxiliares retiraram-se cobertos pelas vaías e maldições dos inúmeros assistentes, que bradavam: **Abaixo a Inquisição!** Depois, muitas pessoas, em protesto, aproximaram-se e apanharam as cinzas”.

Eis uma observação de Kardec, na Revue Spirite de 1864, p. 199, com respeito à divulgação do Espiritismo como uma religião pelos *doutores da Lei* da era moderna: “*Quem primeiro proclamou que o Espiritismo era uma religião nova, com seu culto e seus sacerdotes, senão o clero? Onde se viu, até o presente, o culto e os sacerdotes do Espiritismo? Se algum dia ele se tornar uma religião, o clero é quem o terá provocado*”.

Kardec passou o resto da de sua vida no mister de divulgar os resultados de seus estudos e os de outros colegas. Empreendeu inúmeras viagens pela França e pela Bélgica entre 1859 a 1868, e escreveu várias brochuras e pequenos artigos para a divulgação do Espiritismo.

Princípios básicos da Doutrina Espírita

1. Existe uma Inteligência Suprema, Absoluta, não cognoscível, Causa Primária de todas as coisas, que se chama Deus, Jeová, Iavé, Alá, Brahman, O Uno, Grande-Espírito, etc. Não há efeito sem causa. A causa de um universo ordenado é, pois, uma causa acima do universo: Deus.

2. Deus está acima de qualquer definição. Como nos fala Plotino, Deus está, por ser Absoluto, *acima* de qualquer definição, pois Ele/Ela é *infinito* em seus atributos e perfeições. Além, portanto, das limitações do pensamento intelectual humano. Qualquer que seja a palavra usada para se ter uma idéia de Deus, ela sempre estará expressando algo de limitado, humano. Mas, ainda assim, podemos dizer, numa etapa didática de analogia possível ao homem, que Deus é eterno, imutável, imaterial, único, soberanamente justo e bom e Infinito em todas as suas perfeições. Mesmo estas definições são coisas sem muito sentido para se definir Deus. Expressam pálidas idéias humanas, e seu sentido pode variar de uma para outra pessoa. E é por isso que assim falam os espíritos: “*Creia, não queirais ir além do fato intuitivo da existência de Deus. Não vos percais num labirinto que vos confundirá e do qual não podereis sair. Isso não vos tornará melhores, mas um pouco mais orgulhosos, porque acreditastes saber sobre algo que, na verdade, vos escapa e do qual nada, em realidade, sabes. Deixai, pois, de lado todos estes sistemas que apenas vos dividem; tendes bastantes coisas que vos tocam mais de perto,*

a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertar delas, o que vos será mais útil e mais benéfico do que pretenderdes penetrar com vossas limitações no que é impenetrável” (Resposta dada pelos espíritos à pergunta nº 14 de *O Livro dos Espíritos*)

3. O homem é, em sua essência, um princípio inteligente, a que normalmente chamamos “Alma” ou “Espírito”, independente da matéria, em íntimo contato com o corpo, que lhe é instrumento de aperfeiçoamento, e que possui todas as faculdades morais e psíquicas inerentes ao ser humano.

4. As doutrinas materialistas são, em grande parte, responsáveis pelo estado de náusea e desesperança que aflige, em grande parte, a humanidade.

5. O Espiritismo, enquanto Ciência (aspecto tão enfatizado por Allan Kardec, mas, atualmente, um tanto negligenciado pelos espíritas brasileiros, que transformaram a doutrina em quase que unicamente uma religião), prova a existência da alma por meio dos atos inteligentes do homem e pelos atos inteligentes das manifestações mediúnicas.

6. A alma humana, ou espírito, sobrevive ao corpo, embora traga em si traços deste corpo, e conserva a sua individualidade após a morte deste.

7. A alma do homem é ditosa ou infeliz depois da morte, em consequência direta de seus atos durante a vida, que se inscrevem em sua consciência moral.

8. A existência de um Ser Supremo, Deus, a alma e a sobrevivência e individualidade da alma após a morte do corpo, bem como o estado de felicidade ou infelicidade futuras, constituem princípios básicos fundamentais de, praticamente, todas as religiões. Por isso todas as religiões são válidas. Elas representam modalidades do entendimento do transcendente, de acordo com os diversos estados de consciência do ser humano.

9. Todas as criaturas vão, sucessivamente, evoluindo no plano moral e intelectual, pelas diversas etapas por que passam nas várias reencarnações, num *continuum* que vai surgindo em progressão, dos reinos inorgânicos até os mais incorpóreos e espirituais.

10. A Terra não é o único planeta habitado, nem o mais aperfeiçoado. Existem infinidades de **mundos** habitados, que oferecem vários âmbitos de evolução e aprendizado para os espíritos.

11. Há uma lei de causalidade moral, conhecida como Lei do **Carma**, que interliga as várias vidas sucessivas do espírito, de modo a lhe dar o meio condizente com os atos praticados anteriormente, mas onde pode atuar agora, por meio de seu livre-arbítrio.

Kardec tinha plena consciência do fato de que os conhecimentos adquiridos em seus estudos eram apenas o primeiro passo de uma longa jornada, e, como nos fala o grande escritor Léon Denis em sua obra *“Depois da Morte”*, no capítulo XX, “A doutrina de Allan Kardec, nascida - não será demasiado repeti-lo - da observação metódica, da experiência rigorosa, não se torna um sistema *definido, imutável, fora e acima das conquistas futuras da ciência*. Resultado combinado de conhecimentos dos dois mundos, de duas humanidades de planos paralelos penetrando-se uma na outra, *ambas, porém, imperfeitas e a caminho do entendimento de verdades mais profundas*, do desconhecido, a Doutrina dos Espíritos *transforma-se sem cessar, pelo trabalho e pelo progresso, e (...) acha-se aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro*”. A Verdade é muito ampla para estar contida apenas nas obras do primeiro período da codificação. Neste sentido é bom lembrar mais algumas palavras do próprio Kardec:

“O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai encontrar-se com as bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos reais, nenhum tomou o título de sacerdote ou de sumo sacerdote” (...) “O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; proclama-a para seus adeptos assim como para todas as pessoas. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão de reciprocidade”. (Kardec, in “Obras Póstumas”).

(O texto referente à sua volta está mais adiante)

-o0o-

Sofrendo há algum tempo do coração, Allan Kardec projetava, após o lançamento do livro *A Gênese*, inaugurar a nova sede da **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas**, cujos preparativos estavam adiantados, e que ocuparia uma Vila, inaugurando ali a primeira **livraria** espírita do mundo. A data escolhida foi o dia 1º de abril, mas seu coração bateu pela última vez no dia 31 de março de 1869, numa cena marcante: era manhã, e ele preparava sua mudança, quando atendeu um portador que vinha retirar uma encomenda de livros. Pegou o pacote em sua escrivaninha e ao dirigir-se ao portador, sentiu forte dor no peito e caiu ao chão. Socorrido pelo seu médico e amigo Delanne, este já o encontrou desencarnado.

Sua esposa, Amelie Boudet, cumprindo o ideal de Allan Kardec, antes do enterro do corpo retirou-se do velório para, junto dos amigos espíritas, inaugurar a livraria espírita.

Em seu túmulo está escrito:

“Nascer, Morrer, Renascer ainda e Progredir sem cessar, tal é a Lei.

De 1855, quando do início das pesquisas, até 1869, Allan Kardec trabalhou incansavelmente para deixar o **início da restauração** da Doutrina do Caminho do Senhor: o Espiritismo.

Em seu livro Obras Póstumas está o aviso de que voltaria em novo corpo e em novas condições, para, então, concluir a sua obra. Não entrara nas Epístolas, em Atos dos Apóstolos e Apocalipse.

Frases:

“Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.

Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; a potência de uma causa está na razão da grandeza do efeito.

Sejam quais forem os prodígios realizados pela inteligência humana, esta inteligência tem também uma causa primária. É a inteligência superior a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome pelo qual o homem a designe.

Reconhece-se a qualidade dos espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vazio das idéias é quase sempre compensado pela abundância de palavras.

Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito.

Reconhece-se o verdadeiro espírito pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para domar as suas más inclinações.

Melhorados os homens, não fornecerão ao mundo invisível senão bons espíritos; estes, encarnando-se, por sua vez só fornecerão à Humanidade corporal elementos aperfeiçoados. A Terra deixará, então, de ser um mundo expiatório e os homens não sofrerão mais as misérias decorrentes das suas imperfeições.

Onde quer que as minhas obras penetraram e servem de guia, o Espiritismo é visto sob o seu verdadeiro aspecto, isto é, sob um caráter exclusivamente moral.

Pelo espiritismo a humanidade deve entrar em uma nova fase, a do progresso moral, que é a sua consequência inevitável.

Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa, como se formam obreiros, antes de lhes confiar um trabalho.

Antes de construir, é preciso que nos certifiquemos da solidez dos materiais. Aqui os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e abnegação

Trecho de “Obras Póstumas”, 17 de janeiro de 1857, em casa de Sr. Baudin,

“Primeira notícia de uma nova encarnação”

“... Segundo o que vejo, és muito capaz de levar a bom termo a tua empresa e tens que fazer grandes coisas. Nada, porém, de exagero em coisa alguma. Observa e aprecia tudo judiciosamente. Não te deixes **arrastar** pelos entusiastas, nem pelos muito apressados. Mede todos os teus passos a fim de chegares ao fim com segurança. Não creiais em mais do que aquilo que vejas; não desvies a atenção de tudo o que te pareça incompreensível; **VIRÁS A SABER A RESPEITO MAIS DO QUE QUALQUER OUTRO**, porque os assuntos de estudo serão postos sob as tuas vistas.”

“Mas, ah! **A VERDADE NÃO SERÁ CONHECIDA DE TODOS, NEM CRIDA, SENÃO DAQUI A MUITO TEMPO!** Nessa existência não verás mais do que a aurora do êxito da tua obra. **TERÁS QUE VOLTAR, REENCARNADO NOUTRO CORPO, PARA COMPLETAR O QUE HOVERES COMEÇADO** e, então, dada te será a satisfação de ver em plena frutificação a semente que houveres espalhado pela Terra.”

“SURGIRÃO INVEJOSOS E CIOSOS QUE PROCURARÃO INFAMAR-TE E FAZER-TE OPOSIÇÃO: NÃO DESANIMES; NÃO TE PREOCUPES COM O QUE DIGAM OU FAÇAM CONTRA TI; PROSSEGUE EM TUA OBRA; TRABALHA SEMPRE PELO PROGRESSO DA HUMANIDADE, QUE SERÁS AMPARADO PELOS BONS ESPÍRITOS, ENQUANTO PERSEVERARES NO BOM CAMINHO...” (103)

Z.

Trecho de OBRAS PÓSTUMAS (Allan Kardec) 10 de junho de 1860 (Em minha casa – médium, a Sra. Schmidt)

“A Minha Volta”

“...(Espírito da Verdade)

Prossegue em teu caminho sem temor; ele está juncado de espinhos, mas eu te afirmo que terás grandes satisfações, antes de voltares para junto de nós **“POR UM POUCO”**.

Pergunta – Que queres dizer por essas palavras: **“POR UM POUCO”**?

Resposta – **NÃO PERMANECERÁS LONGO TEMPO ENTRE NÓS. Terás que volver à Terra para concluir a tua missão, que não podes terminar nesta existência.** Se fosse possível, absolutamente não sairias daí; mas, é preciso que se cumpra a lei da Natureza. **AUSENTAR-TE-ÁS POR ALGUNS ANOS** e, quando voltares, será em condições que te **permitam trabalhar desde cedo.** Entretanto, há trabalhos que convém que os acabes antes de partires; por isso, dar-te-emos o tempo que for necessário a concluí-los.

NOTA – Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que ainda tenho a fazer e levando em conta o tempo da minha ausência e os anos de infância e da juventude, até à idade em que um homem pode desempenhar no mundo um papel, a minha volta deverá ser forçosamente no fim deste século ou no princípio do outro”. (111)

REVISTA ESPÍRITA (ALLAN KARDEC) Março 1865 – pg.82 e 83

“Meu bom amigo, tende confiança em nós e muita coragem. Esta crise, posto que fatigante e dolorosa, não será longa e, com os cuidados prescritos, podereis, conforme os vossos desejos, **COMPLETAR A OBRA**, de que a vossa existência foi o principal objetivo. Entretanto eu sou aquele que está sempre junto de vós, **COM O ESPÍRITO DA VERDADE**, que me permite tomar a palavra em seu nome, como o último de vossos amigos vindos entre os Espíritos!”

Demeure

“Sou eu, Demeure, amigo do sr. Kardec. Venho lhe dizer que estava ao seu lado quando lhe ocorreu o acidente, que poderia ter sido funesto sem uma intervenção eficaz, para a qual tive a honra de contribuir. **Segundo minhas observações e os ensinamentos que colhi em boa fonte, é-me evidente que quanto mais cedo se der a sua desencarnação, tanto mais cedo poderá dar-se a sua reencarnação, a fim de completar a sua obra.** Contudo, antes de partir, é preciso dar-lhe uma última ajuda nas obras que deve completar a teoria doutrinária da qual é o iniciador...” Demeure

Trecho de O Livro dos Espíritos (Allan Kardec)

“A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes. Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor do bem e se unirão por um laço fraterno, que prenderá o mundo inteiro. Estes deixarão de lado as miseráveis disputas de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de espíritos superiores”.

-ooo-

Kardec reencarnou em Portugal (em 1898) e viria para cá muito novo, mas muita gente viu e, por isso, desencarnou para reencarnar no Brasil, em 1910.

Ao voltar ao mundo João Huss, na personalidade de Kardec, arrastou como determinismo cíclico-histórico-profético, o novo batismo de Espírito, a nova ordem apostolar, repondo no lugar aquilo que sentenciam os dois primeiros capítulos do Livro do Atos e os capítulos doze, treze e quatorze da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. O Evangelho seria, de novo, encaminhado pela Revelação, enchendo a Terra de grandes sinais e prodígios, como nos dias apostolares.

Após o trabalho feito, pela equipe do século dezenove, outros deveriam ser feitos, pelas equipes sucessoras. E como estava previsto, o trabalho-matriz seria deslocado para as novas terras da América do Sul, nas paragens renovadas da antiga Atlântida.

E cumprindo-se os avisos, no início do século XX, volta à carne, em outras condições e com o nome de OSVALDO POLIDORO, para completar a obra de Restauração e entregar o Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas, profetizado em Apocalipse, 14, 1 a 7.

OSVALDO POLIDORO

Oswaldo Polidoro nasceu em Itaquera, bairro do Carmo, no dia 5 de junho de 1910, filho de Roque Polidoro e Melânia Pagini, que tiveram ainda os filhos: Juliano (1909), Cristina (1912), Ferdinando (1913), Danilo (1916), Palmira (1921), João (1920), Alda (1917) e Genoefa (1927).

As terras em que moravam (que perfaziam grande parte de Itaquera) eram de seu pai, Roque Polidoro, do avô Antônio Polidoro e do primo de seu pai, Ângelo Polidoro. Viviam com a atividade de fabricar tijolos, mandando-os para São Paulo, a qual estava em pleno desenvolvimento e expansão. Há uma rua em Itaquera que leva o nome de seu pai, rua Roque Polidoro.

Morou em Itaquera até 1929, quando seus pais se separaram e sua mãe mudou-se para São Paulo, só retornando em 1961, quando então passou a morar na rua Alarico Toledo Piza, Itaim Paulista, até o fim de seus dias.

Levou uma vida muito simples: começou trabalhar muito jovem, e já tinha servido o exército quando veio a Revolução de 32, - como voluntário serviu em Quitaúna pela defesa dos interesses de São Paulo. Trabalhou até a aposentadoria ligado ao ramo de serralheria, sendo chefe da assistência técnica da Metalúrgica Cosmopolita. Seu salário era sempre aplicado na impressão de todo o material que escrevia (boletins, livretos e livros) expandindo a doutrina do Divinismo, sua Obra Maior.

Quem o conheceu dá testemunho de que estava sempre lendo, estudando, escrevendo, trabalhando espiritualmente, servindo, todo dia dirigindo sessão, ensinando. Foi autodidata, lia muito, tinha um cérebro privilegiado, a palavra fluente atingia a consciência de quem o ouvia.

Quando escreveu o livro *“Que fizeste do Batismo do Espírito?”* tinha apenas 17 anos. Nesta obra - e em todas, foram mais de 100 livros – convida a Humanidade para um comportamento dentro dos padrões Divinos, segundo os Dez Mandamentos, dentro do intercâmbio sadio entre os dois planos da vida. Passou a vida inteira chamando a todos os que passavam à sua frente para uma conduta digna: Moral, Amor, Revelação, Sabedoria e Virtude. A Verdade foi a sua Bandeira, e foi incansável na expansão destes conceitos, não medindo nem esforços nem distância para atender os compromissos assumidos. O livro *“Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas”* - por ele escrito - deixa entregue a todos a linha mestra da Sabedoria Divina, cumprindo o profetizado na Bíblia, vide Apoc. 14, 1-6.

De início trabalhava em uma livraria, sala emprestada. Logo amigos assumiram o compromisso do aluguel de um salão para atender a todos com mais conforto, ter mais liberdade nos horários. Em seguida, foi-lhe ofertada uma sede para assumir trabalhos regulares e, nesta rotina de atender das 14 h até quase meia-noite, seguiu décadas a fio, só parando uns anos antes de sua morte. Quando em casa, não cessava de trabalhar: os livros e sua obra escrita tomavam seus minutos restantes, quase não tinha momentos de lazer.

Quando foi convidado pela maçonaria para assumir a Presidência da República (em certo momento crítico de nossa história), negou dizendo: “Não vim para as coisas do mundo. Casei-me com a Verdade, e é com Ela o meu compromisso”.

Desencarnou aos 90 anos, no dia 25 de dezembro de 2.000, em sua cama, no bairro de Itaim Paulista, São Paulo.

Sua obra floresceu. Ele deixou abertas duas sedes, e seus seguidores abrem agora novas sedes divinistas onde expandem o que aprenderam, sempre dando de graça o que de graça receberam. Seus livros estão sendo reeditados, os boletins e livretos (milhares deles) estão sendo catalogados e a Doutrina está sendo ensinada, buscando forjar uma civilização digna, correta, idônea, verdadeirista... através do exemplo do dia a dia, buscando cada um o Reto caminho, convidando (nunca impondo) a todos para ser bom irmão de seu irmão.

Oswaldo Polidoro foi, durante toda a sua vida, um exemplo a ser seguido, o maior baluarte da Verdade nessa Humanidade.